FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.940 | DOMINGO, 6 DE MARÇO DE 2022 | R$ 7,00

Karime Xavier/Folhapress

'UCRÂNIA BRASILEIRA' ESPERA RECEBER REFUGIADOS

As estudantes Helen (à esq.) e Letícia Petel vivem na região rural de Prudentópolis (PR), cidade que concentra 75% dos descendentes de ucranianos no país e aguarda quem foge da guerra A13

A pandemia em 5.mar

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	82,7 %
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	72,5 %
Dose de reforço	30,7 %

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel 428 ↓ -48,4%*

Em 24 h 645

Total 651.988

Casos ↓ -60,9%* (estável)

*Variação em relação a 14 dias

Ucrânia e Rússia trocam acusações de violar trégua

Putin faz ameaça velada de anexação; operação para retirada de civis é adiada

A Ucrânia adiou ontem o plano de retirar civis do país por um corredor humanitário e acusou a Rússia de violar o cessar-fogo instaurado em partes do território para permitir a operação. Moscou, por sua vez, disse que Kiev descumpriu o acordo.

O dia foi marcado pela escalada retórica de Vladimir Putin, que voltou a equiparar as sanções ocidentais a um ato de guerra e fustigou o governo oponente com a hipótese de retirar seu status de Estado —uma ameaça pouco velada de anexação.

Em conversa televisionada na estatal Aeroflot, o presidente russo já havia dito que visa destruir parte das forças ucranianas e atribuíra a "bandidos" no vizinho o colapso da trégua para esvaziar Mariupol e Volnovakha, no sudeste ucraniano.

Nesta segunda (7), delegações dos dois países devem participar de uma terceira rodada de negociações até agora inócuas. Mundo A10 a A14

***Análise* Igor Gielow**
Sujeito oculto da guerra, China espera o butim A15

Mihai Barbu/AFP

Refugiado chega de trem a Bucareste, na Romênia

No centenário de Pasolini, sua obra ainda engaja e revela horror de bomba C4 e C5

MÔNICA BERGAMO
Mais jovem do país a cruzar o Atlântico, Tamara Klink planeja livro e nova viagem C2

Privatizar Eletrobras traria R$ 25 bi, mas tempo urge

Se a oferta da Eletrobras vingar, será uma das maiores operações em Bolsa na história das empresas brasileiras, com cerca de R$ 25 bilhões —atrás apenas da Petrobras em 2009, que captou US$ 69 bilhões (R$ 353 bilhões pela cotação atual).

Mas a companhia que abastece 3 de cada 10 lâmpadas ligadas no país precisa ter sua privatização concluída neste semestre, antes de a campanha eleitoral afastar investidores. Analistas se dividem entre euforia e descrença. Mercado A17

Chanceler russo foi de temido a boicotado na ONU

No cargo desde 2004, Sergei Lavrov chefia a diplomacia russa com fidelidade canina a Vladimir Putin. Antes temido, ele se vê em xeque pela defesa da invasão da Ucrânia. Seu discurso por vídeo na ONU foi boicotado. Mundo A11

Reinaldo José Lopes
Guerra ocorre no berço dos idiomas

Só falamos português graças ao que ocorreu na fronteira entre Ucrânia e Rússia por volta de 5.000 anos atrás. Dez das 20 línguas com mais falantes nativos são da família linguística indoeuropeia, originária dessa região. Ambiente B6

Mundo A12 e A13

Relatos da fuga

Seis pessoas, de cinco nacionalidades, contam saga para deixar a Ucrânia

Esporte B7

Futebol russo assiste à debandada de atletas estrangeiros após ofensiva bélica

Estados e DF elevam em 18% gastos com a educação Cotidiano B1

Compadre de Putin em Kiev, oligarca é alvo de sanções Mundo A11

Marcelo Queiroga
No Brasil, 'open health' é questão de coragem, tempo e decisão
Opinião A3

EDITORIAIS A2

A ação possível
Sobre sanções aplicadas pelo Ocidente à Rússia.

Desastre educacional
Acerca de resultados de exame do ensino em SP.

Conflito turva esquerda e direita brasileiras

Os entornos de Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) se dividiram em relação à invasão da Ucrânia. Vladimir Putin é rotulado à esquerda ou à direita, a depender da convicção ideológica dentro de cada ala. Apoio ou rechaço à Rússia têm surgido dos dois lados da política nacional. Política A4

Arthur do Val desiste de candidatura após áudios sexistas Política A5

ISSN 1414-5723

9 771414 572018 33940

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Marcelo Benez (*comercial*) e Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*)

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

A ação possível

Imperfeitas, sanções constituem melhor arma contra Putin; alternativa seria a 3ª Guerra Mundial

Em pouco mais de uma semana desde que decidiu unilateralmente invadir a Ucrânia de forma brutal, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, não obteve ainda uma vitória militar decisiva contra o vizinho.

O russo logrou, contudo, um feito talvez tão ou mais impressionante do que a eventual queda de Kiev: ele viu seu país ser desligado do sistema internacional, setor por setor, gerando um isolamento nunca antes visto na globalização.

Mesmo as sanções que punem o Irã há anos, devido a suas ambições nucleares, nunca chegaram perto da ação contra a agressão russa. Trata-se, pelo valor de face, de uma demonstração saudável de que talvez não haja mais espaço no mundo para tal tipo de comportamento sem consequências duras.

Mas a questão tem mais nuances do que os clarões das bombas permitem ver neste momento.

Primeiro, há uma série de impactos secundários das medidas que já ameaçam afetar a economia mundial, da qual a Rússia constitui uma peça importante da engrenagem por seu peso no mercado energético e de alimentos.

A flutuação dos preços futuros nesses setores, com a inevitável inflação que será exacerbada pelos temores, é só um primeiro sinal. O exame de restrições de fato ao fluxo de hidrocarbonetos russos pelos Estados Unidos prenuncia um terremoto em potencial.

Há considerações éticas. O mundo ocidental vive uma onda de cancelamentos de tudo o que for russo, inclusive de pessoas que vivem há anos longe do reino de Putin.

É errado punir artistas exclusivamente por sua nacionalidade, da mesma forma como seria absurdo banir autores clássicos como Fiódor Dostoiévski, para ficar em apenas um nome.

Para além da discussão sobre se houve exageros, há limites práticos para o efeito das sanções. Até aqui, não impediram o derramamento de sangue nem sinalizam qual possa ser o desfecho da guerra.

Isso dito, são o instrumento possível de uso pelo Ocidente no momento, combinado com um apoio cada vez mais intenso aos ucranianos na forma de envio de armas.

A ideia de os Estados Unidos (e seus aliados europeus) instalarem uma zona de exclusão aérea em território com predomínio russo, como desejava o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, implicaria nada menos do que empurrar o mundo para uma Terceira Guerra. Talvez do tipo nuclear, como Putin sempre lembra.

O russo parece ter entendido o jogo, embora no mesmo dia tenha sugerido que mais restrições poderiam equivaler a uma escalada de conflito. Por ora, resta ao Ocidente esperar os efeitos de suas medidas.

Desastre educacional

Exame paulista evidencia impacto devastador da pandemia e urgência de medidas de recuperação

Os dados do Saresp, o exame que avalia as habilidades acadêmicas dos alunos da rede paulista, confirmaram as piores expectativas quanto aos impactos da pandemia no aprendizado. Como se esperava, o longuíssimo período sem aulas presenciais levou a um desastre educacional, a demandar ações urgentes do poder público.

Os resultados da prova, aplicada em dezembro a cerca de 640 mil alunos do 5º e 9º ano do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio da rede estadual, evidenciam que crianças e jovens não só não progrediram tanto quanto deveriam como tiveram retrocessos nas duas áreas avaliadas, língua portuguesa e matemática.

Os números mais preocupantes vieram dos concluintes do ensino médio, cujas notas médias nas duas disciplinas foram as menores desde que o exame foi implementado, em 2010. Só 3,2% dos alunos apresentaram um desempenho considerado adequado em matemática; em português, foram 24%.

Assim, a esmagadora maioria dos que terminam a educação básica se mostra incapaz de identificar uma simples figura geométrica ou identificar o objetivo central de um texto curto.

Já a regressão em relação à avaliação anterior foi mais acentuada no 5º ano do fundamental.

A média em língua portuguesa caiu 8,6% na comparação com a prova de 2019, retrocedendo para um patamar semelhante ao de 2012. Cerca de metade desses estudantes não consegue compreender a mensagem de um cartaz com poucas frases e uma ilustração.

Em matemática, a queda foi ainda mais expressiva, de 9,1%, com o menor rendimento desde 2013.

Além de atestar os efeitos nocivos do fechamento prolongado das escolas, a piora geral do nível de conhecimento evidencia também as falhas do ensino remoto. Seja por suas limitações intrínsecas, seja por problemas e atrasos na implementação, o fato é que o modelo digital não conseguiu impedir a marcha à ré estudantil.

Agora que os alunos retornam às salas de aula, impõem-se, em primeiro lugar, corrigir as defasagens de ensino acumuladas e impedir o abandono escolar daqueles que apresentam maior dificuldade.

Para tanto, as medidas emergenciais propostas pela Secretaria da Educação paulista —mudanças no currículo, reforço escolar, avaliações bimestrais e reorganização temporária de turmas— parecem um caminho para evitar que uma geração de estudantes venha a ter o seu futuro comprometido.

Quando tudo parece um prego

Hélio Schwartsman

Se a única ferramenta de que você dispõe é um martelo, torna-se tentador tratar tudo como um prego. A frase resume bem a chamada lei do instrumento, o viés cognitivo identificado pelo psicólogo Abraham Maslow que nos leva a superestimar os poderes das ferramentas que nos são familiares. Cientistas deveriam estar sempre atentos às vulnerabilidades do raciocínio humano e cuidar para não cair presa delas. Na prática, não é tão fácil.

Uma das grandes questões do momento é saber se será necessária uma quarta dose de vacina contra a Covid-19. Não são poucos os que acreditam que sim, pois há inúmeros trabalhos mostrando que anticorpos neutralizantes não duram muito mais do que alguns meses, o que nos condenaria a reforços periódicos. Uma interessantíssima reportagem publicada no New York Times, porém, mostra que as coisas podem não ser assim.

Trabalhos que avaliaram a imunidade celular, não só anticorpos, sugerem que a proteção vacinal pode durar anos. Não seria uma imunidade esterilizante, que nos impede de contrair a infecção, mas bastaria para prevenir quadros graves e morte provocados mesmo por diferentes cepas do Sars-CoV-2. A crer nessa teoria, populações mais vulneráveis, como idosos e imunossuprimidos, talvez necessitem de reforços, mas, para a maioria, três doses seriam suficientes.

Não há cientista na área que não esteja ciente das diferenças entre imunidade celular e humoral, e que a primeira tende a ser mais duradoura. Por que, então, se deu tanta atenção aos anticorpos? É aí que entra Maslow. Fazer pesquisas com anticorpos é fácil. Basta uma gota de sangue e kits de testes. O estudo de células T é bem mais difícil. Exige equipamentos e pessoal especializados e é muito mais caro. Se a sua verba de pesquisa só dá para os kits de anticorpos, é neles que você vai se fixar. Cientistas devem buscar a verdade, mas também precisam olhar para suas carreiras.

helio@uol.com.br

O pacote de guerra de Bolsonaro

Bruno Boghossian

Jair Bolsonaro já demonstrou ser um político pouco habilitado para situações de emergência. Depois que o mundo viu surgir um vírus mortal, o presidente deu de ombros e, por mais de dois anos, sustentou um desinteresse ímpar. Quando a chuva devastou cidades do sul da Bahia, no fim do ano passado, ele preferiu manter uma programação de passeios de jet-ski em Santa Catarina.

A serenidade do capitão se repetiu com a guerra na Ucrânia. Na largada, o Palácio do Planalto esboçou reações tímidas à invasão e se recusou a lançar um alerta para os brasileiros que viviam no país. O primeiro avião da FAB para retirar refugiados da região só deve decolar para a Polônia na segunda-feira (7).

Apesar da apatia, ninguém pode acusar Bolsonaro de ignorar potenciais ganhos políticos em momentos de crise. Assim que surgiram os primeiros sinais de que a guerra teria impacto no fornecimento de fertilizantes ao Brasil, o presidente correu para usar esse perigo a favor de um velho desejo: liberar a exploração mineral em terras indígenas.

Uma proposta do governo com esse objetivo existe desde 2020. Na quarta-feira (2), Bolsonaro citou a guerra como justificativa para aprovar o projeto e buscar potássio em áreas protegidas. No dia seguinte, o líder do governo começou a trabalhar para desengavetar o texto.

O projeto vai além dos fertilizantes. Facilita o garimpo, o agronegócio e obras de infraestrutura nas terras demarcadas. Além disso, a extração de potássio poderia levar anos para começar. Cansado de comer pelas beiradas, Bolsonaro explora a urgência da guerra como pretexto para obter avanços em sua agenda.

O presidente também cresceu o olho sobre as bombas de combustíveis. Na quinta (3), ele disse que a Petrobras deveria reduzir sua margem de lucro para amortecer o impacto da alta do petróleo sobre os consumidores brasileiros. A proposta faz sentido como medida emergencial, mas Bolsonaro também aproveita o momento para ganhar espaço em sua queda de braço com a petroleira.

Vida e/vs. obra

Ruy Castro

Neste fim de semana, dei um tempo a Vladimir Putin e, alertado por Kathryn Schulz na The New Yorker, fui rever o desenho de Walt Disney "Bambi" (1942), em busca da sequência em que a mãe do herói é abatida por um caçador. No filme, nunca vemos o matador, mal ouvimos o tiro e muito menos ela nos é mostrada morta. Mas a lágrima solitária derramada por Bambi provocou milhões de outras, uma por cada espectador de qualquer idade, em todas as décadas desde então.

"Bambi" foi inspirado num romance de 1922, "Bambi – Uma Vida na Floresta", do jornalista e escritor vienense Felix Salten (1869-1945), ele próprio motivo de uma biografia recém-lançada nos EUA, "Felix Salten: Man of Many Faces", de Beverley Driver Eddy. É um dos casos mais espantosos de como um escritor pode conciliar vida e obra tão discrepantes. Ou, quem sabe, nem tanto.

À primeira vista, Salten seria o autor menos indicado para escrever "Bambi". Era caçador, colecionador de armas e se orgulhava de ter matado pelo menos 200 cervos e corças nos bosques de Viena. Por ele ser judeu, seu livro seria queimado pelos nazistas, mas, mesmo depois da anexação da Áustria, em 1938, Salten pregava uma "conciliação" com a Alemanha. Por essas e outras, sua relação com alguns amigos —Arthur Schnitzler, Karl Kraus, Stefan Zweig— era turbulenta. Kraus chegou ao confronto físico com ele. E Salten era também autor de livros de pornografia infantil.

No livro, a floresta de Bambi está longe de ser um paraíso. Seus habitantes se matam entre si pela sobrevivência e, talvez como na vida real, a piedade não existe. Os animais vencidos são deixados agonizando até morrer —um deles, Tambor, o querido coelho do filme, destroçado por um bando de corvos. Mas o pior é a mãe de Bambi. Assim que, ao nascer, Bambi consegue se pôr de pé, ela o dá como pronto para viver e o abandona.

Prefiro o filme. No mundo de Walt Disney, mãe é mãe.

Teatros de guerra

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Os russos ainda usam a expressão "teatro de guerra" para o conjunto das suas operações militares. Isso se liga a um jargão chique de generais, o "theatrum belli" do século 17 e dos escritos de Von Clausewitz, o pensador da morte dos outros, para quem "só o vencedor é sempre amigo da paz".

Nada disso, porém, serve mais para designar o que a imprensa vem chamando de guerra. Não à toa o próprio Vladimir Putin proibiu a mídia local de dar esse nome à invasão da Ucrânia. Na mente de lobos predadores de carneiros, o fundamento da política não é a agregação de homens por deliberações racionais, mas a divisão violenta entre amigos e inimigos, portanto, a guerra. Só que Putin busca um nome mais palatável para a violência.

No viés imperial do bilionário autocrata, os ucranianos não deveriam ser considerados inimigos, e sim súditos virtuais da potência invasora. É o que especialistas chamam de "guerra de escolha", essa que não visa à defesa de um território, mas à agressão por motivos escusos.

No caso da Ucrânia, o maior país europeu, com o primeiro lugar em reservas de urânio, há o motivo do roubo. Esse tipo de ataque se faz para dominar e explorar, como sempre aconteceu, aliás, com todas as guerras coloniais europeias e com os atuais massacres americanos no Oriente Médio. Não há mocinhos.

A novidade é que o alvo de agora é um "exterior próximo", como definiu Putin, e branco. Do lado agressor, reaviva-se, na figura de um miliciano no poder, o nacional-imperialismo dos czares, que não engoliu a independência ucraniana. No agredido, a excepcional resistência, que seria em princípio o sentimento pátrio frente ao ressentimento russo.

Na verdade, é também a exasperação da direita radical que se enriquece no governo (Volodimir Zelenski é um dos cem bilionários do escândalo financeiro dos Pandora Papers, em 2021). Uma das unidades militares ucranianas de elite, denominada Azov, assume-se como nazista. No êxodo, proliferam relatos de discriminação contra quem não tem cor branca nem olhos azuis. Sofrimento do povo à parte, nenhum dos dois lados é flor que cheire a democracia.

Na fábula do lobo e do cordeiro, ganha o mais forte. O que não mais subsiste é a imagem midiática do teatro da guerra dirigido por generais. Fingindo que não servem a mafiosos, eles continuarão nas salas de mapas, narrando a morte alheia, pois outra não é a dramaturgia das armas.

Apenas nos bastidores financeiro-empresariais se entrevê a verdade nada teatral do que se encenou: a paz não como amor à vida, mas etapa lógica da partilha elitista do roubo.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

'Open health' é questão de tempo, coragem e decisão

Similar bancário pode ser exemplo à saúde privada

Marcelo Queiroga
Ministro da Saúde

A pandemia de Covid-19 deixou clara a necessidade de fortalecer a capacidade de resposta dos sistemas de saúde em nível global. A discussão sobre o reforço no financiamento da saúde não pode ser apartada da cobrança de eficiência e sustentabilidade. Nesse cenário, impõem-se mudanças no modelo de remuneração e transparência em relação à adoção de políticas públicas e entre os diversos segmentos do setor privado.

Em duas décadas, assistimos à forte concentração empresarial, com verticalização e assimetria entre beneficiários, prestadores, operadoras de planos de saúde e administradoras de benefícios. Ou seja, há necessidade de mudanças. O sistema financeiro brasileiro pode ser exemplo para a saúde privada. A adoção do open banking trouxe redução de 16% na concentração empresarial em um setor extremamente concentrado.

O desejado crescimento do setor privado, externado por bem-sucedidos IPOs, com um maior número de investidores aportando recursos para a saúde, demanda nossa atuação pela melhoria do ambiente de negócios, de modo que esse movimento se intensifique com transparência e capilaridade.

Com a saúde não seria diverso. O "open health" traria novo ambiente de negócios no setor privado de saúde brasileiro. A proposta de o país adotar um sistema moderno, eficaz, transparente e que traga mais concorrência ao mercado de planos de saúde é um enorme avanço para a saúde suplementar do Brasil, com reflexo no Sistema Único de Saúde, sobretudo em face da existência de renúncia fiscal. O necessário aprimoramento do processo regulatório estimularia transparência e concorrência, em observância às melhores práticas médicas e à necessidade crescente de incorporação de tecnologias inovadoras.

A criação de um modelo de compartilhamento de dados entre os planos de saúde, semelhante ao bem-sucedido open banking, aumentará a concorrência, facilitará a portabilidade e reduzirá custos para os usuários —sem que estes tenham sua privacidade ameaçada ou fiquem reféns de qualquer sistema de intermediação.

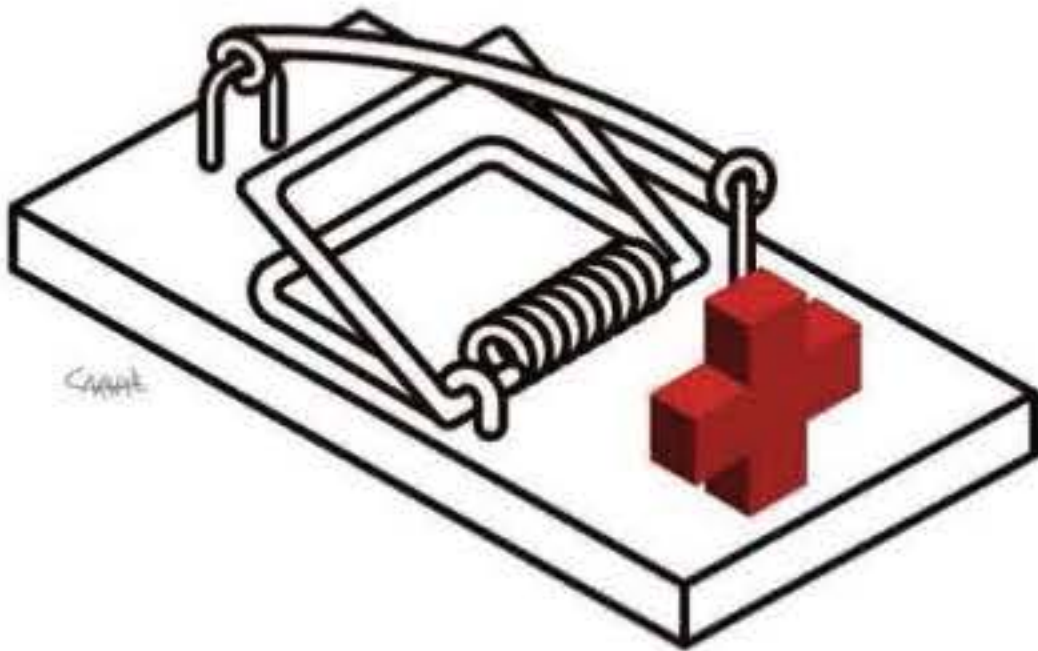
Em síntese, o "open health" terá dois pilares: o financeiro e o assistencial. A Rede Nacional de Dados em Saúde (RNDS) deve servir de repositório dos dados de saúde dos brasileiros. A ideia é que tenhamos, de fato, um prontuário eletrônico, que daria mais eficiência ao sistema. Os dados pertencem a cada um de nós, e sua inviolabilidade é assegurada, pois estarão preservados e sob a guarda do Estado —não do médico ou dos planos de saúde.

Já os dados financeiros, em sintonia com o que ocorre no Banco Central com o open banking, trarão uma espécie de cadastro positivo da saúde. De forma anônima, as operadoras poderão ver os perfis dos usuários, sua assiduidade financeira, que tipos de cobertura têm e quais as características dos seus contratos e quanto pagam. Hoje, para migrar de um plano para outro (portabilidade), recorre-se ao Guia de Planos da ANS, e essa migração só é possível entre planos similares, além de se sujeitar a carências e regras de adesão.

Com o "open health", esse "matchmaking" será feito em ambiente digital seguro —no qual as operadoras de saúde avaliarão o perfil do beneficiário, e esse, por sua vez, avaliará as coberturas, podendo optar pela portabilidade, sem intermediários, de forma rápida e ágil. Ocorreria algo semelhante a uma transferência por meio do Pix, com segurança, rapidez e eficiência.

O Banco Central ousou ao implantar o open banking, mas o ambiente econômico criado pela medida trouxe o apoio do setor bancário e da sociedade. Ocorrerá o mesmo com o "open health". Logo teremos um ciclo virtuoso no sistema de saúde brasileiro, com mais eficiência, transparência e concorrência, propiciando o aprimoramento do SUS, assim como a redução da inadimplência do ressarcimento por parte de algumas operadoras do atendimento de seus beneficiários no setor público.

De posse desses dados, os brasileiros que optarem por contratar um plano de saúde poderão negociar condições mais favoráveis, evitando intermediação onerosa e ineficiente, que reduz a concorrência e amplia a concentração no setor da saúde suplementar.

No Brasil, a adoção do "open health" é questão de tempo, coragem e decisão.

Carvall

Filantropia: é preciso ir além das emergências

Volume recorde de investimento não pode ser o teto

Inês Mindlin Lafer e Cassio França
Psicóloga, é presidenta do Conselho do Gife (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas) e diretora do Instituto Betty e Jacob Lafer
Cientista político, é secretário-geral do Gife

As desigualdades acentuadas pela pandemia de Covid-19 ressaltaram a importância do Investimento Social Privado (ISP) e da filantropia. O Brasil voltou ao Mapa da Fome, com 20 milhões de pessoas nessa situação e outras 120 milhões em algum nível de insegurança alimentar. Nesse contexto, as organizações da sociedade civil têm trabalhado intensamente em respostas rápidas para as emergências.

A conjuntura da crise sanitária marcou fortemente a atuação de investidores sociais e filantropos no país. Institutos, fundações e empresas se mobilizaram e até mesmo mudaram muitos parâmetros dos seus repasses de doações para alcançar quem mais precisa. Contudo, após o volume inédito de R$ 5,3 bilhões aportados pelo setor em 2020, segundo o mais recente Censo Gife (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas), a tendência é que esse total não seja alcançado nos próximos períodos. De acordo com o levantamento, o previsto para o ano de 2021 foi de R$ 4,2 bilhões, e a expectativa para os anos de 2022 e 2023 é manter esse mesmo volume.

O Censo Gife, o mais completo levantamento realizado bianualmente sobre o tema, mostra que as empresas ganharam destaque: em 2020, os investimentos sociais cresceram 470% em relação a 2019. Entretanto, são as próprias empresas que sinalizam maior redução de repasses em relação ao previsto para 2021 —20% delas indicam alguma diminuição. Considerando que as empresas aportaram 63% dos R$ 2,3 bilhões destinados à Covid-19, o estudo aponta uma tendência de redução no volume total alocado pelas empresas em investimentos sociais.

O contexto da pandemia não parece ter influenciado as estratégias de atuação adotadas pela maior parte das organizações, tanto nas formas de repasse a terceiros quanto nos modelos de execução de iniciativas próprias. Esse indicador retrata um setor que pode se beneficiar muito de inovações, especialmente no que diz respeito a práticas de "grantmaking" —repasse de recursos financeiros, de forma estruturada, para organizações ou iniciativas de interesse público, diferenciando-se, assim, da operacionalização de projetos próprios.

A mais recente edição do Censo Gife traz uma fotografia, com peso de registro histórico, da mobilização do ISP nas respostas emergenciais —e cabe destacar como essas ações foram fundamentais para as necessidades geradas por essa conjuntura tão alarmante. Mais do que isso, o panorama comprova que o ISP brasileiro tem capacidade de mobilizar uma quantidade de recursos que antes parecia ser pouco provável. Portanto, o ineditismo de 2020 mostra que é possível mobilizar R$ 5,3 bilhões de recursos privados para fins públicos, assim como indica que parcerias do ISP com organizações da sociedade trazem impactos sociais positivos.

O volume recorde de investimentos não pode ser o teto para a atuação dos investidores sociais. É preciso investir mais, de forma qualificada, diversificada, sistemática e primando por valores de justiça social, redução das desigualdades, promovendo a equidade racial e o fortalecimento da democracia para, de fato, contribuir com o enfrentamento dos desafios de um país como o Brasil.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO QUAIS LEMBRANÇAS VOCÊ, LEITOR(A) DA FOLHA, TEM DE GUERRAS ANTERIORES?

Nasci em 1968 e não passei incólume aos temores gerados pela Guerra Fria. No anos 1970, pensava na guerra o tempo todo. Haveria a Terceira Guerra Mundial? Isso era reforçado pela certeza de que o mundo acabaria no ano 2000. Até preceito bíblico era apregoado: "Mil passarás, dois mil não chegarás". A Guerra Fria impunha-me um futuro —e isso me acompanhou na infância.
Luiz Divino Maia (Belo Horizonte, MG)

*

Eu tinha 9 anos quando vi a foto da menina vietnamita correndo nua, queimada, com soldados atrás, e eu fiquei em choque, senti muita pena dela. Aos 9 anos achava que nunca ninguém deveria deixar criança assim nua e desamparada. Essa foto ficou na minha cabeça e daquele momento em diante tive consciência que sempre haveria alguém sofrendo no mundo por causa de outros.
Roberta Matilde Dantine Burger de Freitas (São Paulo, SP)

*

Sou latino, vivo na Europa desde 1984. Incrível como a guerra mostra o racismo hoje. Quando os americanos invadiram o Iraque, com mentiras na ONU, destruíram o país, Afeganistão, Síria etc. Os governos ocidentais não reagiram como agora, e vejo o tratamento dado a ucranianos com relação à população de países bombardeados pelos EUA.
Pedro Paulo (Madri, Espanha)

*

1991. Rio. Estava trabalhando em albergue para conseguir a passagem de volta para Salvador. Fui para ver a 2ª edição do Rock in Rio. No dia 17, véspera do início do evento no Maracanã, já madrugada, estava acordado, em companhia de uma hóspede, quando a TV informou o ataque das tropas aliadas ao Iraque. Música, guerra, juventude...
Reinofy Borges Duarte (Salvador, BA)

*

Nasci no ano do início da Segunda Guerra, em São Paulo, e ainda me lembro do racionamento de alimentos essenciais. Meu avô, italiano que fugiu para o Brasil com a família em 1922 por causa da Primeira Guerra, me levava com três primos da mesma faixa etária (4 a 6 anos), de madrugada, para nos postarmos em longas filas às portas ainda fechadas das padarias. Quando conseguíamos, leite e pão eram racionados, controlados por cartões perfurados em cada núcleo familiar.
Maria Angela Borsoi (São Paulo, SP)

*

Quando estava no 3º ano, a Segunda Guerra estourou. Aí chegaram às casas dos japoneses que moravam em Santos com ordem expressa de retirada. Filhos no colo, roupa do corpo, tiveram que sair e largar tudo o que tinham, ninguém tinha riqueza, o que eles tinham de bem era uma máquina de costura (toda casa de japoneses tinha uma). Meu pai tinha barco de pesca, ele teve que largar também tudo, muitos pescadores foram para o interior, tiveram que aprender a cavar terra para sobreviver, porque não foram para casa de parente ou conhecido. Casas foram saqueadas.
Isaltina Uehara (São Paulo, SP)

*

1980. A Braspetro explorava petróleo no Iraque. Muitos brasileiros estavam lá. E selecionaram professores para trabalhar dois anos em Basra, às margens do rio Shatt al-Arab, fronteira com o Irã. Meu marido foi escolhido e fomos, em março, com filhos de 6 e 3 anos. Depois, ouvimos sobre a tensão entre Irã e Iraque. Mas língua e censura impediam o acesso a informações seguras. Na tarde de 22 de setembro, ouvimos sons estranhos e soubemos que a guerra começara. O Brasil, como hoje, não tinha plano de retirada. Passamos três dias sob bombardeio e sem abrigo, sob tensão e medo. No quarto dia, fomos retirados para o Kuait pela Cruz Vermelha. Saímos com só com uma mala. Os ônibus foram revistados e vimos muita destruição. Ficamos no Kuait por mais de 15 dias até voltar ao Brasil. Hoje, ao ver a recepção emocionada de parentes no aeroporto, lembro quando fomos nós. Só não pensava ver essas cenas de novo.
Ana Maria Gini Madeira (Belo Horizonte, MG)

*

Com 45 anos, já me lembro de mais guerras do que gostaria. Lembro vagamente da Guerra das Malvinas, mas tive infância marcada pela Guerra Fria e o medo da 3ª Guerra Nuclear (quem viu o filme "O Dia Seguinte" sabe). Minhas memórias mais fortes são da Guerra do Golfo e da guerra civil iugoslava, no anos 90. A do Golfo porque parecia filme, videogame na vida real, lembro até de um jogo (Desert Storm) que o colocava lutando lá. Da Guerra Civil Iugoslava me impressionavam povos antes irmãos se matando diante das câmeras. Até hoje tenho memórias dela ao escutar "Miss Sarajevo", do U2. E é impossível não lembrar das Guerras do Iraque e Afeganistão.
André Ulisses D. Batista (João Pessoa, PB)

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 26.fev a 4.mar - Total de comentários: 12.222

Comentários	Tema	Data
293	Putin é um criminoso indesculpável, mas expôs nudez da verdade (Reinaldo Azevedo)	3.mar
283	Putin invade segunda maior cidade da Ucrânia; Zelenski rejeita negociar rendição (Mundo)	27.fev
210	A 'complexidade' da questão russa não deve nos impedir de ver o óbvio (Joel Pinheiro da Fonseca)	28.fev

OUTROS ASSUNTOS

Arthur do Val

Até então, o playboy burguês, cristão e homem de bem usava eventos esportivos e viagens de turismo para expor mulheres do mundo ao ridículo com piadas de conotação sexual ("MBL analisa áudios atribuídos a Arthur do Val que dizem que ucranianas são fáceis porque são pobres", Mônica Bergamo, 5/3). Agora mulheres vulneráveis em situação de guerra são os alvos. Imperdoável!
Cassiana Amorim (Brasília, DF)

*

Vai dizer que foi mal interpretado ou que tiraram de contexto. Mulheres fugindo da guerra, e o cara pensando em sexo.
Esleide Gomes (São Paulo, SP)

*

Querer curtição com refugiadas de guerra é abominável!
Valderi Silveira Pinto Júnior (Suzano, SP)

Cancelamento de russos

Está certíssimo o autor ("Cancelar russos devido à guerra na Ucrânia também é uma barbárie", João Pereira Coutinho, Ilustrada, 5/3). Lembra o que aconteceu aqui durante a Segunda Guerra quando apedrejaram lojas e negócios de alemães (a maioria era contra o nazismo). É absurdo o cancelamento de russos só por serem russos. Parece que a insanidade e o arbítrio de Putin estão contaminando o outro lado.
Heloisa Gomes (Rio de Janeiro, RJ)

*

Uma questão me aflige: a grande pianista ucraniana Valentina Lisitsa é conhecida como "The Queen of Rachmaninoff". Ela é especialista na obra do grande compositor russo. Que acontecerá com ela? Será cancelada? Abandonará o título nobiliárquico? Oh céus.
Janaina de Moraes Santos (São Paulo, SP)

política

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Tiro e queda

Mario Frias, secretário especial da Cultura, incluiu visitas a clubes de tiro como parte de um roteiro oficial em SP no mês passado com recursos públicos. No pedido de viagem "em caráter emergencial", ele informou que visitaria os clubes de tiro Assault, em São Bernardo do Campo, e Anvil, em Campinas. Em sua agenda pública, porém, ocultou os clubes e deixou apenas reuniões com apoiadores e políticos. Dois membros do gabinete viajaram com ele e participaram de sessões de tiros.

TROPA Felipe Carmona Cantera, secretário de Direitos Autorais, e Raphael Azevedo, chefe de gabinete, acompanharam Frias em visita ao clube de tiro no Grande ABC em 7 de fevereiro. Eles estavam com o vereador de São Bernardo Paulo Chuchu (PRTB), braço direito de Eduardo Bolsonaro (União-SP).

CONTA Entre diárias e passagens, o gasto conjunto foi de cerca de R$ 10 mil, segundo o Portal da Transparência e o Painel de Viagens. Procurada pelo Painel, a Secretaria da Cultura não respondeu aos pedidos de esclarecimentos.

SINGULAR O ex-ministro da Educação Abraham Weintraub prevê que manterá um patamar mínimo de 3% a 4% nas pesquisas para governador de SP até o meio do ano, quando se inicia a campanha eleitoral. Filiado ao Brasil 35, ele vai se apresentar como o único candidato verdadeiramente conservador no estado.

AMBIÇÃO Caso sua candidatura não decole até agosto, Weintraub deve acionar seu plano B: tentar mandato de deputado federal. Aliados preveem que ele tem potencial para reunir até 1 milhão de votos.

BONDE Com a candidatura de Arthur do Val a governador de SP inviabilizada em razão dos seus áudios de teor sexista, a aposta é que o Podemos vai embarcar de vez na campanha de Rodrigo Garcia (PSDB), que já tinha apoio de parte considerável do partido.

PARA CONSTAR Uma possibilidade menor é a de lançar um nome apenas para oferecer um palanque no estado para o ex-juiz Sergio Moro, candidato a presidente. Mas essa hipótese hoje é tida como bastante remota.

FRONT Procurada por colegas da Assembleia Legislativa de São Paulo, a deputada Isa Penna (PSOL) tem tomado a frente de iniciativas relacionadas a pedidos de cassação de Arthur do Val (Podemos).

HISTÓRICO Em dezembro de 2020, Isa foi apalpada no plenário pelo deputado Fernando Cury (expulso do Cidadania), que teve seu mandato suspenso por seis meses. A deputada então encabeçou um movimento pela punição ao parlamentar, e por isso agora tem sido procurada por colegas.

DIRECIONADO Os programas de TV do PT, que começam a ser veiculados no final deste mês, terão como uma das prioridades o eleitorado feminino, no qual o presidente Jair Bolsonaro (PL) historicamente enfrenta mais dificuldade.

NOSTALGIA Os spots de 30 segundos basicamente se resumirão a Lula, ou outra autoridade do partido, lembrando de como era o Brasil durante os governos do PT. Nos que forem voltados às mulheres, devem figurar a presidente do partido, Gleisi Hoffmann, e a ex-presidente Dilma Rousseff.

INSPETOR O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), começou a telefonar pessoalmente para prefeitos das cidades do estado que apresentam os menores índices de vacinação de crianças contra a Covid-19. Ele tem cobrado explicações e lembrado que as doses estão disponíveis há bastante tempo.

CARÃO Doria também dá broncas ao vivo. Na semana passada, passou um pito ao prefeito de Lorena durante a inauguração de um Poupatempo. A cidade aplicou apenas 41% das doses recebidas para a população infantil.

CIMENTO 1 Defensores da candidatura presidencial de Eduardo Leite, seja pelo PSDB ou pelo PSD, apontam que ele teria mais facilidade de agregar apoios do que o governador de SP, João Doria.

CIMENTO 2 Segundo um dos seus principais apoiadores entre os tucanos, o atual governador do Rio Grande do Sul teria condições bem mais favoráveis para juntar o União Brasil e o MDB em uma eventual coligação eleitoral.

ME INCLUA... Os principais candidatos à Presidência têm se esquivado de falar sobre o projeto aprovado na Câmara que libera os jogos de azar no Brasil, e que está no Senado. Embora conte com o entusiasmo de setores do empresariado, a proposta entra em choque com eleitores evangélicos.

...FORA DESSA Até agora, Lula (PT), Sergio Moro (Podemos), João Doria (PSDB) e Ciro Gomes (PDT) evitaram se manifestar. Simone Tebet (MDB) afirma que votará contra no Senado, e o presidente Jair Bolsonaro (PL) promete vetar a matéria, caso seja aprovada.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
363.733 exemplares (janeiro de 2022)

Guerra confunde direita e esquerda no Brasil em embates ideológicos

Bases de Bolsonaro e Lula divergem internamente sobre posição no conflito, que embaralhou certezas e interesses na política local

GUERRA NA UCRÂNIA

Joelmir Tavares

SÃO PAULO A guerra na Ucrânia e suas complexidades embaralharam direita e esquerda no Brasil e evidenciaram diferentes visões dentro dos grupos mais amplos que se organizam em torno dos dois principais pré-candidatos à Presidência, Jair Bolsonaro (PL) e Lula (PT).

Como a invasão da Rússia ao país vizinho no Leste Europeu é um conflito que combina em alta voltagem elementos ideológicos, geopolíticos e econômicos, as expectativas de alinhamento imediato ou repúdio claro a um ou outro lado do embate acabaram sendo turvadas por questões locais.

No pano de fundo está, genericamente, o embate entre o líder russo Vladimir Putin e o governo dos Estados Unidos, via Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Com isso, vieram à tona discussões sobre assuntos como União Soviética, Guerra Fria, imperialismo e globalismo.

Os próprios Bolsonaro e Lula receberam pressões em diferentes sentidos, já que interesses variados estão em jogo. Na cacofonia das redes sociais, rótulos usados para carimbar instantaneamente um "bolsonarista" ou "comunista" não resistiram às primeiras horas do confronto, iniciado no dia 24.

O atual presidente, tratado inicialmente como favorável à Rússia por causa de sua controversa visita a Putin uma semana antes da eclosão do confronto, sofreu críticas pela suposta aliança com um mandatário que teria perfil esquerdista, algo de que vozes inclusive na esquerda discordam.

E o ex-presidente, que lidera as pesquisas de intenção de voto para o pleito de outubro, viu setores aliados estimularem uma legitimação da ação de Putin e tomarem partido contra os Estados Unidos, pelo histórico de busca de hegemonia global do país governado pelo democrata Joe Biden.

"É um conflito geopolítico e territorial, e não ideológico", sintetiza a deputada federal Jandira Feghali (PC do B-RJ). "Putin não é um homem de esquerda. Não está em jogo uma disputa entre capitalismo e comunismo", segue a correligionária de Lula.

Para a parlamentar, que considera a atuação do governo Bolsonaro no caso desastrosa ("sem autoridade para dar uma contribuição"), não cabe debate sobre um princípio que ela julga elementar: o respeito à soberania e à autodeterminação dos povos.

"A nossa posição [dos comunistas] é a de lutar pela paz e buscar uma solução diplomática. O que entendo como mais urgente é o cessar-fogo e a redução das hostilidades. Sanções [contra a Rússia] não funcionam nem militarmente nem economicamente", segue.

Jandira afirma, no entanto, que "essa guerra não tem um dono só" e que "a responsabilidade da Otan tem que ser considerada". "A Otan não deveria nem existir mais, deveria ter acabado quando acabou a Guerra Fria. O único ponto de consenso é que, se há um país imperialista hoje, são os Estados Unidos."

O tom da deputada lembra o de uma nota da bancada do PT no Senado que antecedeu a posição oficial do partido, de teor mais brando, e acabou excluída e desautorizada. O comunicado, cuja divulgação foi atribuída a erro, criticava a "política de longo prazo dos EUA de agressão à Rússia".

A postura está longe, porém, de ser unanimidade na esquerda, que ao longo dos últimos dias também divergiu sobre uma condenação explícita à ofensiva russa. Líderes do PSB destoaram de nomes do PT, PSOL e PC do B ao repudiarem a invasão sem meias palavras, como mostrou o Painel.

"Não tenho simpatia pela Otan, é um entulho da Guerra Fria, mas é um assunto dos ucranianos", disse o governador Flávio Dino (PSB-MA).

"De um modo geral, a esquerda fica em muita dúvida [sobre condenar a Rússia e ficar indiretamente do lado dos EUA], por causa da nossa formação anti-imperialista, mas é em razão dessa formação que devemos sustentar a autodeterminação dos povos", completou.

O dilema sobre o posicionamento também foi visível na base de Bolsonaro, normalmente ágil na disseminação de "narrativas" uníssonas em defesa do presidente.

O vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), filho e estrategista digital do mandatário, contestou no Twitter o ex-ministro do governo de seu pai e presidenciável do Podemos, Sergio Moro, por comparar a retórica de Bolsonaro no caso com o discurso do polo oposto.

O ex-juiz escreveu que "a posição do presidente no conflito converge com a da oposição na extrema esquerda, que age como se não houvesse um agressor e uma vítima". Perfis bolsonaristas rebateram, lembrando que o Brasil votou na ONU a favor da resolução contra a Rússia pela invasão.

Além de Moro, outros pré-candidatos ao Planalto que compõem a chamada terceira via enxergaram em atitudes dúbias um flanco para atacar ao mesmo tempo os dois favoritos da corrida eleitoral.

Sobre Lula pesam acusações dos presidenciáveis a respeito de afinidade com países favoráveis à Rússia, como Venezuela, Nicarágua e Cuba. O ex-presidente reforçou sua posição contrária à guerra e em defesa da soberania ucraniana, sem, no entanto, deixar de aludir indiretamente aos EUA.

"As grandes potências precisam entender que não queremos ser inimigos de ninguém. [...] É inadmissível que um país se julgue no direito de instalar bases militares em torno de outros países", disse o petista na quinta-feira (3), durante viagem ao México.

O empresário Otavio Fakhoury, que é apoiador de Bolsonaro, discípulo do escritor Olavo de Carvalho e presidente estadual do PTB em São Paulo, diz que o embate na Europa contribuiu "para embananar tudo".

Ele próprio tem lado: diz que prega a soberania da Ucrânia, não isenta a União Europeia com "suas agendas globalistas" e discorda da defesa de parte da direita nacional a Putin sob a justificativa de que ele apoiaria a autoridade do Brasil sobre a Amazônia.

"Tem gente [no campo conservador] achando que é bom defender o Putin. Eu digo que esse suposto respeito dele pela nossa soberania é conversa pra boi dormir. As pessoas não entendem, precisam estudar mais. A Rússia já tem ramificações na região amazônica há pelo menos 50 anos", afirma.

Fakhoury, curiosamente, fica ao lado das alas da esquerda que culpam os EUA pela guerra, mas em uma chave diferente. O bolsonarista ataca especificamente Biden, que "é um fraco", e diz que o conflito "não teria começado" se o líder ainda fosse Donald Trump, que "com aquele jeito duro garantia a paz".

O empresário minimiza as análises iniciais que apontaram como uma das causas das cisões na direita o flerte de grupos locais mais radicalizados com o ideário das direitas ucraniana e russa.

O mote de "ucranizar o Brasil", visto entre militantes pró-Bolsonaro nos últimos anos, busca inspiração em movimentos de desobediência civil ocorridos no país europeu, que incluíram em alguns casos ações violentas na intenção de afrontar as instituições e provocar mudanças no poder.

A deputada federal Carla Zambelli (União Brasil-SP), da tropa de choque de Bolsonaro no Congresso, afirma que "não há constrangimento nenhum" por ver setores da direita com posições díspares da sua, que é a de preservação da soberania da Ucrânia e da solução por vias diplomáticas.

E ressalva: "Quem defende a erosão das soberanias nacionais não é de maneira nenhuma defensor da liberdade e da autonomia dos povos, portanto não pode ser considerado conservador".

Ela diz que Lula "a todo momento muda de discurso" sobre a ação russa, enquanto Bolsonaro adota comportamento "que combina muito com a história diplomática do Brasil".

Mensagens contra a invasão russa em frente à embaixada ucraniana em Brasília Pedro Ladeira - 2.mar.2022/Folhapress

> "Se algum direitista eventualmente advogar em favor da morte de democracias ou [em favor] de uma ordem global, tenho certeza de que haverá resistência do campo conservador. Nós somos defensores da autodeterminação dos povos, das soberanias nacionais, da democracia, da liberdade
>
> **Carla Zambelli (União Brasil-SP)** Deputada federal

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

Keep calm, é uma guerra

Invasão russa na Ucrânia testa novos limites para a mídia e seu controle

José Henrique Mariante

A guerra provoca uma avalanche de notícias. O que é realmente novidade, o que já foi dito ou escrito, o que foi esquecido ou deixado de lado? Repórter da TV Globo, em Londres, lembra do emblemático cartaz britânico da Segunda Guerra, "Keep Calm and Carry On", mantenha a calma e siga em frente. A peça, guardada para tempos mais difíceis, como uma eventual invasão nazista da ilha, nunca foi usada de verdade. Restou décadas na gaveta até virar souvenir.

Difícil saber o que não está sendo usado na Ucrânia neste momento. Na quinta-feira (3), a BBC anunciou que voltou a transmitir em ondas curtas para alcançar a população do país e de partes da Rússia afetadas por internet sabotada, ciberataques e censura. O sistema de rádio de longo alcance não era usado havia 14 anos na Europa. O império britânico já foi vasto, assim como as transmissões de sua estatal.

Na sexta-feira (4), em movimento bem mais drástico, a empresa comunicou que estava desmobilizando a equipe da BBC News na Rússia diante da mudança abrupta da legislação local. Horas depois, ponderou que seus jornalistas continuariam em Moscou, ainda que seus relatos não pudessem ser publicados.

A Duma, o Parlamento russo, aprovou pena de 15 anos de prisão para quem veicular desinformação em conteúdos jornalísticos profissionais ou postagens privadas em redes sociais. Chamar a guerra de guerra ou invasão é promover fake news na visão do Kremlin, por exemplo. O que ocorre agora, na versão oficial, é uma "operação militar especial" no país vizinho. Sabe aquela situação extrema e hipotética que sempre é citada em debates sobre controle de mídia e liberdade de expressão? A Rússia está no meio de uma delas.

O Facebook foi bloqueado no país, e o Twitter teve sua atuação restringida. Outras redes estão sob ameaça. A Folha *noticiou o fato como "censura militar", termo usado pelo jornal independente Novaia Gazeta, de Dmitri Muratov, ganhador do prêmio Nobel da Paz no ano passado, ao explicar porque tirou do ar reportagens que produziu sobre o conflito.*

O que acabou pouco destacado no noticiário é que o Facebook não é tão popular na Rússia, e que Instagram e WhatsApp, muito mais usados no país, continuam operando, assim como o YouTube. Também não se falou muito sobre quase todos os canais de comunicação russos estarem suspensos na União Europeia e terem conteúdo etiquetado em outras partes. Por pressão de reguladores de governos, mas também por iniciativa das próprias redes, que já não escondem a moderação seletiva.

A guerra é de informação também, nenhuma novidade, mas o patamar alcançado parece inédito. A atual invasão não é o primeiro conflito a ser movido, influenciado ou deturpado pelas redes sociais, porém nunca a produção de conteúdo multimídia foi tão disseminada. Analistas falam da primeira guerra do TikTok. É a única que o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, está supostamente ganhando, pela proficiência nos meios digitais, pelo talento de comediante e também por não ter alternativa. Não é qualquer um que, no meio de tanta confusão, dá pito na Otan no mesmo tom com que conclama revoltas populares.

As frases de efeito, porém, não saem apenas da linha de frente. Estão presentes nos discursos de políticos, órgãos públicos e empresas. Um tuíte do governo britânico na última semana bradava como se fosse um tabloide, em letras capitais coloridas, "DOIS PODEROSOS OLIGARCAS PUNIDOS". Iates e jatinhos passaram a ser caçados pelo globo. A Suíça, até outro dia paraíso de contas secretas, congelou bens de amigos de Vladimir Putin. O CEO da Cisco escreveu que a empresa está com a Ucrânia. Elon Musk teve seu dia de atendente de telemarketing e entregou internet por satélite ao país. A lista de cancelados só cresce, vai de soprano a esportistas.

Ainda é cedo para saber quem merece crédito por induzir tamanha onda ativista: a estratégia americana de escancarar ao máximo informações de inteligência, as severas sanções econômicas, o mecanismo global das redes, ainda não totalmente compreendido, ou o medo da ação de hackers. Não dá para acreditar apenas em súbita indignação planetária. Os sentimentos não são tão elevados, ainda que a mídia ocidental faça força para lembrar que o conflito é no meio da Europa, com refugiados de olhos azuis, na descrição patética, na verdade racista, de grandes emissoras internacionais. Uma reação "nimby", como alguém já classificou no Twitter. Na Primavera Árabe ou na Síria, longe das grandes Redações, eram apenas massas se matando.

Agora não, é diferente. Por essa e outras razões que restarão talvez por décadas em gavetas, o mundo inteiro se sente em guerra. Que pelo menos mantenha a calma e os dedos longe dos botões vermelhos.

Arthur do Val retira candidatura após áudios

Deputado, que apoia Moro ao Planalto, desiste em SP e afirma não querer atrapalhar terceira via por falas sexistas

Tayguara Ribeiro

SÃO PAULO O deputado estadual Arthur do Val (Podemos) retirou a sua candidatura ao Governo de São Paulo, neste sábado (5), depois do vazamento de áudios sexistas sobre as mulheres ucranianas.

O parlamentar divulgou em rede social um pedido de desculpas ao dizer que o conteúdo das falas não foi correto com as mulheres brasileiras, ucranianas e com "todas as pessoas que depositaram confiança no meu trabalho".

Ele afirmou que entrou em contato com a presidente do Podemos, Renata Abreu, e pediu para retirar a sua pré-candidatura ao governo paulista.

Arthur do Val, que apoia a candidatura de Sergio Moro à Presidência da República, disse que não pretende atrapalhar a terceira via.

Arthur do Val (Podemos) após desembarcar em SP Yuri Murakami/Fotoarena/Agência O Globo

"Faço isso por entender que nesse momento delicado da política nacional é necessário preservar o árduo trabalho de todos aqueles que se dedicam na construção de uma terceira via. O projeto não merece que minhas lamentáveis falas sejam utilizadas para atacá-lo."

Segundo o parlamentar, os áudios que enviou foram um "erro num momento de empolgação", mas ele buscou desvincular suas falas do teor da viagem feita à Ucrânia.

Antes mesmo de divulgar a retirada da sua pré-candidatura, Arthur do Val sinalizou a possível desistência em um vídeo no Youtube.

"Eu não quero atrapalhar a terceira via. Eu não quero atrapalhar o partido. Se isso for melhor, tudo bem, eu retiro, não tem problema."

O deputado afirmou ainda ter o desejo que as pessoas o julguem "pelo que eu fiz e não pelo que eu não fiz".

"Foi errado o que eu falei. Não é isso o que eu penso. O que eu falei foi um erro num momento de empolgação", disse ao chegar no aeroporto.

"Estou há três dias sem tomar banho. Eu fui [à Ucrânia] para fazer uma coisa, mandei um áudio infeliz e a impressão que passou foi a de que eu fui fazer outra coisa. Se as pessoas quiserem me julgar pelo meu áudio, acho que as pessoas têm esse direito. Só peço que as pessoas entendam o contexto", afirmou.

Nos áudios, Arthur do Val diz que as ucranianas são "fáceis" de pegar por serem pobres — e que a fila de refugiados da guerra tem mais mulheres bonitas do que a "melhor balada do Brasil".

"Elas olham e vou te dizer: são fáceis porque elas são pobres. E aqui, cara, minha carta do Instagram, cheio de inscritos, funciona demais. Funciona demais. Depois eu conto a história", afirma.

As falas provocaram uma crise com desdobramentos para a campanha de Moro, até então defensor de sua candidatura em São Paulo.

Moro indicou rompimento com Arthur do Val ao dizer que lamentava "profundamente as graves declarações" atribuídas ao deputado, youtuber também conhecido pelo apelido de Mamãe Falei e ligado ao MBL (Movimento Brasil Livre).

O deputado viajou à Ucrânia com a justificativa de conversar com a população local diante da guerra, contrapondo-se ao presidente Jair Bolsonaro (PL), que declarou neutralidade no conflito com a Rússia.

Em nota nas redes sociais, neste sábado, o MBL afirmou que "repudia o teor dos áudios do seu integrante", mas que isso não invalida o motivo da viagem à Ucrânia.

> Faço isso [retirada da candidatura] por entender que nesse momento delicado da política nacional é necessário preservar o árduo trabalho de todos aqueles que se dedicam na construção de uma terceira via. O projeto não merece que minhas lamentáveis falas sejam utilizadas para atacá-lo
>
> **Arthur do Val**
> deputado estadual pelo Podemos

"Arrecadamos mais de R$ 250 mil para os refugiados que foram e estão sendo distribuídos", diz o texto.

O youtuber foi o segundo deputado estadual mais votado de São Paulo nas eleições de 2018, com 478.280 votos. Em 2020, foi candidato a prefeito pela primeira vez e ficou em quinto lugar, com 9,8%.

Eleito deputado pelo DEM, Arthur do Val foi expulso do partido por críticas a João Doria (PSDB) e sucessivas brigas no plenário. Depois, se filiou ao Patriota para disputar as eleições municipais.

O presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, Carlão Pignatari (PSDB), disse que a conduta do deputado será investigada com rigor. Afirmou que "a atitude é inaceitável e que será tratada com rigor e seriedade pelas esferas de investigação do Parlamento".

A deputada estadual Isa Penna (PSOL) entrou com representação contra o deputado dizendo que houve quebra de decoro e ofensa à dignidade de todas as mulheres. Ainda neste sábado, o conselho de ética já recebeu o pedido.

Falas são repudiadas por diplomata e comunidade

BRASÍLIA E SÃO PAULO Diversos representantes da comunidade ucraniana no Brasil se manifestaram repudiando os áudios sexistas de Arthur do Val.

O encarregado de negócios da Embaixada da Ucrânia no Brasil, Anatoliy Tkach, afirmou: "Os comentários são inaceitáveis, dessa natureza são inaceitáveis".

A Representação Central Ucraniana-Brasileira pediu ao presidente da Assembleia de São Paulo a cassação do mandato de Arthur do Val.

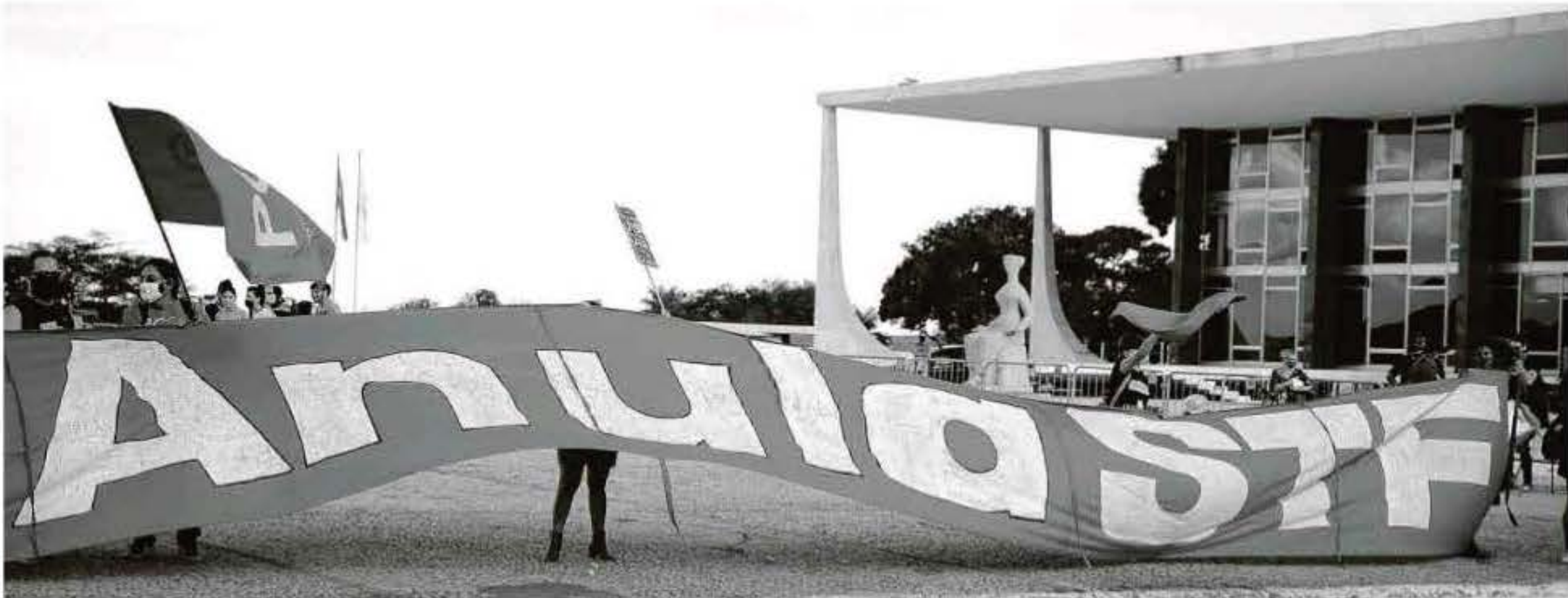
A entidade reúne organizações civis e religiosas que representam 600 mil brasileiros descendentes de ucranianos.

"O deputado Arthur do Val revelou-se uma pessoa de índole perigosa para o exercício de funções públicas onde sempre há que se tratar com mulheres em situação de vulnerabilidade", diz a entidade.

A ex-embaixatriz da Ucrânia no Brasil, Fabiana Tronenko, divulgou um vídeo de repúdio. "Eu peço que você tenha mais respeito com as mulheres ucranianas, porque elas não são fáceis porque são pobres. Elas são mulheres, são decentes, são pessoas honradas."

A Sociedade Ucraniana do Brasil afirmou que "aproveitar-se de fragilidades de qualquer nível em um estado de guerra é, além de condenável, desumano".

COMO CHEGAMOS AQUI?

Em decisão inesperada há um ano, o ministro do Supremo Tribunal Federal Edson Fachin anulou as condenações do ex-presidente Lula na Lava Jato, devolvendo os direitos políticos ao petista e mudando completamente o xadrez da eleição presidencial de 2022. Desde então, Lula acumulou vitórias nos tribunais, sendo a mais significativa a ocorrida logo depois, com o julgamento da corte que declarou que o ex-juiz Sergio Moro foi parcial ao conduzir procedimentos em Curitiba. Outro marco simbólico para o petista ocorreu na última semana, quando o ministro Ricardo Lewandowski suspendeu a única ação penal ainda ativa contra o ex-presidente

Apoiadores de Lula fazem manifestação em frente ao Supremo no dia de um dos julgamentos, em 2021 Pedro Ladeira - 14 abr 2021/Folhapress

FOLHA EXPLICA

Entenda vitórias de Lula 1 ano após decisão que liberou candidatura

Casos do ex-presidente tiveram mais um marco na semana, com medida de Lewandowski

Felipe Bächtold

SÃO PAULO Com o arquivamento de acusações e a declaração de prescrição de casos, hoje é improvável que Lula volte a ser condenado criminalmente na Lava Jato e operações relacionadas. O ex-presidente permaneceu preso por 580 dias entre 2018 e 2019 em decorrência de sentença do caso tríplex de Guarujá (SP).

À época, foi solto graças a uma decisão do Supremo que reviu prisões de condenados que estejam recursos pendentes em instâncias superiores.

A disputa acerca dos casos tem deixado os tribunais e migrado para a arena política, com o lançamento das pré-candidaturas de dois símbolos da Lava Jato: Moro e o ex-procurador Deltan Dallagnol, ambos filiados ao Podemos.

Lula e o PT comemoram as decisões afirmando que a Justiça reconheceu que houve perseguição. Apoiadores da Lava Jato dizem que os arquivamentos refletem brechas no Judiciário e não são um atestado de inocência.

A contenda de narrativas deve ter novos capítulos no pleito deste ano, quando Lula e Moro devem se enfrentar. O ex-presidente lidera as pesquisas eleitorais, à frente de Jair Bolsonaro (PL).

★

A reviravolta

Em 8 de março de 2021, Edson Fachin decidiu de maneira individual anular as duas sentenças expedidas contra Lula em Curitiba e enviar os casos para a Justiça Federal no DF.

Fachin argumentou em decisão que não havia ligação direta daquelas acusações com a Petrobras —requisito que fixava os casos da Lava Jato na Vara Federal paranaense. Outras duas ações penais que ainda estavam em tramitação no Paraná também foram incluídas na ordem.

O ministro citou em sua decisão precedentes do Supremo nesse sentido que haviam beneficiado outros réus antes do petista. Com a anulação das condenações nos casos do tríplex e do sítio de Atibaia, Lula deixou de ser ficha-suja, fator que havia barrado sua participação nas eleições presidenciais de 2018.

A medida de Fachin seria posteriormente confirmada por seus colegas na corte.

À época, porém, a decisão do ministro era vista como um modo de ele evitar que a corte julgasse outro pedido do ex-presidente, de consequências mais amplas: a declaração de parcialidade de Moro à frente de casos da Lava Jato.

Fachin entendia que, com a anulação dos casos no Paraná, o julgamento sobre a conduta de Moro havia perdido objeto. A tese não vingou.

Juiz declarado parcial

Mesmo com a oposição de Edson Fachin, o julgamento sobre a imparcialidade de Moro foi adiante no STF por iniciativa do ministro Gilmar Mendes, um dos principais críticos do ex-juiz.

A sessão sobre o assunto começou logo no dia seguinte. Após pedido de vista, o julgamento foi concluído no dia 23 de março, com o voto decisivo da ministra Cármen Lúcia. Ela mudou posicionamento declarado em 2018 e também votou contra o ex-juiz.

Os ministros entenderam que um conjunto de atitudes mostrou que Moro agia de modo parcial. Foram incluídos no rol a interceptação telefônica de advogados e a divulgação de trechos de delação do ex-ministro Antonio Palocci nas vésperas da eleição de 2018.

Recurso contra essa decisão acabou levado ao plenário do Supremo, onde votam os 11 integrantes da corte. O julgamento só foi encerrado em junho, com o placar de 7 a 4 a favor da tese de Lula.

As mensagens de procuradores no aplicativo Telegram, hackeadas em 2019, foram citadas nos votos de Gilmar e Lewandowski, embora o Supremo até hoje não tenha decidido quanto à validade do uso delas em julgamento.

As prescrições

Após as decisões do STF, os processos foram enviados do Paraná para o Distrito Federal. Os procuradores no DF podiam pedir a revalidação das denúncias elaboradas anteriormente em Curitiba.

A iniciativa da acusação não prosperou no caso do sítio de Atibaia (SP), que havia sido sentenciado no Paraná pela juíza substituta Gabriela Hardt.

Em agosto, a juíza Pollyana Kelly Alves, da 12ª Vara Federal do DF, rejeitou a denúncia reapresentada pelo Ministério Público. Considerou que a Procuradoria deixou de readequar a acusação em consonância com as decisões do STF e que o caso prescreveu.

Ela não se manifestou sobre o mérito das acusações, ou seja, se os denunciados eram culpados ou não.

A prescrição ocorre quando o Estado perde a possibilidade de punir devido ao tempo decorrido desde os fatos ou desde o início do processo.

No caso do ex-presidente, a contagem do prazo cai pela metade por ele ter mais de 70 anos de idade.

A outra declaração de prescrição ocorreu no mais importante dos processos da Lava Jato, o do tríplex. Foi devido a essa ação penal que o petista foi preso em 2018.

Em dezembro passado, a Procuradoria no DF afirmou em manifestação à Justiça que não haveria como reapresentar a denúncia devido à prescrição dos fatos. Pouco mais de um mês depois, a juíza Pollyana Kelly Alves confirmou o entendimento e mandou arquivar o caso.

'Árvore envenenada'

A declaração de parcialidade de Moro não provocou efeitos só sobre as duas sentenças expedidas por ele e por Gabriela Hardt.

Outros casos que tramitavam fora do Paraná também foram afetados pela anulação de provas que tinham sido obtidas a partir de decisões do ex-juiz.

A única ação penal aberta contra Lula em São Paulo foi um deles. Acórdão do Tribunal Regional Federal da 3ª Região a respeito citou a tese dos "frutos da árvore envenenada". Essa figura é usada no direito para ilustrar a necessidade de anulação de atos expedidos em decorrência de uma medida anterior com vícios.

Esse processo abordava doações da empreiteira ARG, que possuía negócios em Guiné Equatorial, ao Instituto Lula.

Em setembro, o juiz federal no DF Frederico Botelho Viana mandou trancar outra ação penal, que tramitava desde 2019 contra Lula e que tratava de negócios da Odebrecht. Também houve reflexos da decisão que invalidou as provas em investigação com a atuação de Moro.

Arquivamentos de investigações

Também no caso de investigações que estavam em aberto houve desdobramentos da anulação das provas obtidas a partir de ordem de Moro. Um exemplo é o inquérito que apurava negócios de um dos filhos de Lula, Fábio Luís, com a telefônica Oi. A investigação, que se converteu na 69ª fase da Lava Jato, em 2019, foi arquivada em janeiro porque tinha partido de elementos considerados nulos.

Também houve o arquivamento de inquérito sobre o não pagamento de impostos nas reformas no tríplex e no sítio.

Decisão favorável ao ex-presidente também ocorreu em caso que não envolveu a declaração de parcialidade de Moro. Uma investigação aberta a partir de um trecho da delação do empreiteiro Léo Pinheiro, da OAS, sobre suposto tráfico de influência no exterior, foi arquivada no ano passado.

As absolvições

Lula chegou a ser réu, não de maneira simultânea, em 11 ações penais.

As absolvições começaram em 2018, quando a Justiça Federal no DF arquivou ação penal na qual Lula era acusado de comprar o silêncio do ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró. Em 2019, a Justiça Federal também decidiu absolvê-lo sumariamente no caso do chamado "quadrilhão do PT", em que líderes petistas eram acusados de integrar organização criminosa. A ex-presidente Dilma também foi beneficiada dessa decisão.

Um ano depois, houve o trancamento de ação penal em que Lula era acusado de receber propina para influenciar contratos entre o BNDES e a Odebrecht em Angola.

Já após a anulação das sentenças por Fachin, houve absolvição em um dos casos da Operação Zelotes, em que era acusado de beneficiar montadoras na edição de uma medida provisória.

A decisão de Lewandowski

Na última quarta-feira (2), o ministro Lewandowski decidiu suspender a tramitação de ação penal a qual Lula respondia no DF junto com seu filho mais novo, Luís Cláudio.

Era a última ação penal contra o petista que ainda não havia sido suspensa, trancada, anulada ou que houvesse a absolvição pela Justiça.

Esse processo trata da compra de caças suecos pelo governo brasileiro e aborda repasse a Luís Cláudio de R$ 2,55 milhões de um escritório apontado como sendo de lobistas. A acusação afirma que o filho apresentou textos tirados da internet para provar que produziu relatórios em atividade de consultoria.

No ano passado, com base nas mensagens dos procuradores, a defesa questionou a atuação do Ministério Público também nesse caso, falando em conluio com os integrantes da força-tarefa no Paraná.

Lewandowski concordou com os argumentos. Citando trechos dos diálogos, disse que os procuradores "agiam de forma concertada", para urdir a acusação de forma artificiosa.

Desdobramentos ainda pendentes

O caso da Operação Zelotes ainda precisará ser analisado pelos demais ministros da corte. Em tese, poderá voltar a tramitar e ser sentenciado.

Houve decisão recente do Supremo também em outra antiga pendência judicial do ex-presidente: a ação que tramitava em Curitiba referente à compra, pela Odebrecht, de terreno para o Instituto Lula.

Esse caso também foi enviado para o DF em 2021 e teve o andamento suspenso por Lewandowski.

Em fevereiro, o ministro e os colegas Gilmar Mendes e Kássio Nunes Marques votaram por barrar provas do acordo de colaboração da Odebrecht nessa ação.

Lewandowski, entre outros argumentos, afirmou que Moro atuou na "recepção do acordo" como prova de acusação". Com a anulação dos atos de Moro e a retirada da delação, essa ação também tende a ficar esvaziada.

Há ainda outro caso com origem em Curitiba e que não teve decisão definitiva de arquivamento. Ele trata de doações da Odebrecht ao Instituto Lula e havia sido iniciado no Paraná em 2020, já após a exoneração de Sergio Moro.

Em 2021, Lewandowski também determinou a suspensão da tramitação no DF.

Onde estão as vítimas da guerra

Alheios podem ter dificuldades por não estar no perde-ganha das potências

Janio de Freitas
Jornalista

A guerra econômica, financeira, cultural e esportiva dos Estados Unidos e da União Europeia à Rússia realiza um sonho de 105 anos das potências ocidentais.

Desde a extinção do czarismo, só por uma vez a punição destrutiva foi tentada, na guerra civil fomentada por nações ocidentais contra a revolução comunista em 1917, com o Exército Branco dos restauradores derrotado pelo Exército Vermelho.

Mas derrubar Putin e, no mesmo passo, a potência russa, só para os Estados Unidos tem o velho sentido.

O que pesa sobre Putin é mais do que o ataque brutal aos ucranianos. É também o fato de ser uma lembrança ativa da União Soviética.

Na competição da tecnologia armamentista, na corrida pelo uso estratégico do espaço e pela influência em numerosos países e regiões, a Rússia pós-comunista manteve os projetos da nação alheios à mudança do regime. Política com que a União Europeia conviveu sem maiores asperezas, apesar de alguma contraposição em apoios militares.

Aos europeus, no entanto, o reverso econômico e social das punições à Rússia custará muito mais do que aos americanos. Ainda maiores, só os danos sociais lançados sobre meros espectadores. Os favelados do Brasil, os trabalhadores brasileiros de baixos salários, os desempregados e aposentados, às dezenas de milhões, já estão sofrendo danos muito maiores do que os americanos e os europeus: "...disparada de preços de petróleo, trigo e outros produtos caminha para a maior alta semanal em 50 anos", dito melhor, em meio século.

Com os brasileiros, seus iguais no restante do mundo.

Os preços dependem de motivo para subir. Se alguns o tiverem, os demais os seguem. Os salários, não. Quando enfim aumentados, será a "correção salarial", mentira urdida para encobrir a diferença entre o índice de inflação, dito corretivo, e o verdadeiro aumento do custo dos assalariados por viver e ter família.

Há, nisso, poderosa dose de sem-vergonhice. À qual, até onde pode ir meu testemunho, só se negaram os governos de Getúlio, Jango, Sarney, Itamar, Lula e Dilma. Os demais 19, desde o fim da ditadura de Getúlio em 1945, foram unânimes na política econômica de classe e na demagogia.

Os palpites sobre o futuro são incontáveis, mas a imensidão de possibilidades da guerra e de suas consequências ridiculariza os tantos cartomantes de ocasião.

Uma observação séria do professor de relações internacionais Felipe Loureiro, por exemplo, aponta para a incerteza até das pretendidas punições. É grande o risco de seu excesso ou mau direcionamento levar a resultados como a unidade interna, para resistir a toda pressão externa. Lembrou ele o caso extremo do Japão, que, sufocado sob as sanções dos Estados Unidos contra seu expansionismo asiático, partiu para a guerra com o ataque a Pearl Harbor.

No sexto dia da guerra, uma TV europeia —não é preciso dizer o país— iniciou assim uma crônica de guerra: "Dois lados. Há sempre dois lados na guerra". Feita essa elucidação, era dispensável ouvir mais. Os dois lados lá estão na Ucrânia e no mistério do futuro.

O problema é que, sendo duas guerras, os dois são três: Rússia, Ucrânia e, na sua ofensiva sem tiros, a aliança de Estados Unidos e União Europeia, que tem objetivos também à parte da tragédia ucraniana.

E lembrando ainda o lado dos alheios à guerra e sujeitados à maior dificuldade de viver por não estar no perde-ganha das potências.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Onda de mulheres vices reflui, e eleitas em 2018 traçam novos planos neste ano

Vice-governadoras eleitas há quatro anos não têm espaço garantido nas disputas majoritárias

Victoria Azevedo e João Pedro Pitombo

SÃO PAULO E SALVADOR Quatro anos depois de uma onda que abriu espaço para uma presença recorde de mulheres em disputas majoritárias, as eleições de outubro indicam que haverá menos espaço para candidaturas femininas aos cargos mais importantes em disputa em 2022.

No ano em que a conquista do voto feminino no Brasil completa 90 anos, o país vive um panorama de maior pragmatismo dos partidos, o que fortalece a aposta em nomes da política tradicional, em sua maioria homens, para a disputa nacional e também nos estados.

O principal sintoma do menor espaço está nas vice-governadoras. Das sete que foram eleitas em 2018, nenhuma vai concorrer ao mesmo cargo este ano. Duas são cotadas para concorrer a governos estaduais, mas sem garantia de apoio aos seus nomes pelas coalizões nos estados.

O avanço do número de vices há quatro anos aconteceu na esteira da decisão do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) que definiu que ao menos 30% do fundo público de financiamento de campanhas deve ir para candidaturas femininas. Naquele ano, foram 67 candidatas a vice, contra 45 em 2014.

Para os demais cargos majoritários, a situação não é diferente. Até fevereiro, foram lançadas ao menos 24 pré-candidaturas a governos estaduais, mas apenas 10 dentre os maiores partidos do Congresso. Para o Planalto, são pré-candidatas a senadora Simone Tebet (MDB) e a líder sindical Vera Lúcia (PSTU).

Única governadora eleita em 2018, Fátima Bezerra (PT), do Rio Grande do Norte, concorrerá à reeleição. Também são cotados nomes como os da prefeita de Caruaru, Raquel Lyra (PSDB), em Pernambuco, e o da ex-prefeita de Boa Vista, Teresa Surita (MDB), em Roraima.

Dentre as vice-governadoras, Izolda Cela deve assumir o governo do Ceará em abril, com a renúncia do governador Camilo Santana (PT) para concorrer ao Senado. Mesmo com a missão de completar o mandato, ela ainda disputa com outros três postulantes a pré-candidatura ao governo do estado pelo PDT.

Regina Sousa
Filiada ao PT, é vice-governadora do Piauí. Regina deve assumir o comando do estado em abril com a renúncia do governador Wellington Dias (PT) para ser candidato ao Senado — mas não é cotada para concorrer à sucessão

Luciana Santos
É presidente nacional do PC do B e vice-governadora de Pernambuco. Luciana é pré-candidata ao Senado, mas sua candidatura ainda depende de consenso na bancada aliada do governador Paulo Câmara (PSB)

Fotos Reprodução Instagram

Eliane Aquino
É vice-governadora de Sergipe. Filiada ao PT, anunciou que é pré-candidata a deputada federal, a despeito de poder legalmente concorrer ao mesmo cargo

Jacqueline Moraes
Primeira vice-governadora do Espírito Santo, Jacqueline Moraes irá disputar um assento na Câmara dos Deputados. Ex-camelô e ex-vereadora, é filiada ao PSB

De perfil técnico e com uma trajetória ligada à educação, Izolda começou a ganhar força nos últimos dias, sobretudo por um nome que enfrentaria menos resistência da ala do PT cearense que defende candidatura própria em detrimento da manutenção da aliança com o PDT.

Não é o caso de Lígia Feliciano (PDT), da Paraíba, que adotou nos últimos meses um discurso de oposição ao governador João Azevêdo (PSB), candidato à reeleição. Apesar de se assumir como candidata ao governo, está isolada politicamente frente aos três principais grupos políticos do estado.

Assim como Izolda Cela, a vice-governadora do Piauí, Regina Sousa (PT), também deve assumir o comando do governo do estado em abril com a renúncia do governador Wellington Dias (PT) para ser candidato ao Senado.

Mas Regina não é cotada para concorrer à sucessão: o PT escolheu o secretário estadual da Fazenda, Rafael Fonteles, como pré-candidato ao governo, em uma chapa que deve ter outro homem, o deputado estadual Themístocles Filho (MDB), como candidato a vice.

À **Folha** Regina celebra a provável ascensão ao cargo de governadora em abril e diz que não pleiteou concorrer à sucessão por uma decisão pessoal: "Se quisesse concorrer, teria apoio. Mas não tenho mais muito apetite para fazer política".

As articulações em curso devem resultar em uma chapa sem presença feminina, ao contrário de 2018 e 2014, quando Wellington Dias teve mulheres como vice. Para Regina Sousa, o cenário é resultado das negociações para manter a aliança que sustenta o governo petista no Piauí.

"Pesa essa questão da coalizão. Não é uma coisa simples, e às vezes, a gente perde espaços. Ninguém governa sozinho", diz.

Das outras quatro vice-governadoras eleitas em 2018, ao menos três anunciaram que são candidatas a deputada federal, a despeito de poderem legalmente concorrer ao mesmo cargo. São elas Eliane Aquino (PT), de Sergipe, Daniela Reinehr (PL), de Santa Catarina, e Jacqueline Moraes (PSB), do Espírito Santo.

Luciana Santos (PC do B), vice-governadora de Pernambuco, é pré-candidata ao Senado. Mas sua candidatura ainda depende de um consenso na base aliada do governador Paulo Câmara (PSB), que tem outros pré-candidatos ao cargo.

Presidente nacional do PC do B, ela afirma que seu partido dá espaço e valoriza candidaturas de mulheres para cargos majoritários. Por outro lado, lembra que a escolha para candidaturas de governador e senador, por exemplo, são fruto de ampla composição de diferentes forças políticas.

"Quanto mais ampla a frente, mais a subjetividade do machismo se apresenta e, portanto, há mais dificuldade para viabilizar as mulheres em posições de candidaturas majoritárias", afirma.

Apesar de reconhecer o crescimento da presença de mulheres nas majoritárias em 2018, Luciana destaca que será difícil repetir este cenário nas eleições de outubro.

"Estamos em um ambiente de muitos retrocessos sob a presidência de Bolsonaro, há uma ausência completa de políticas que promovam o papel da mulher. O cenário não é muito alvissareiro em função desse retrocesso", diz.

Eliane Aquino (PT), vice-governadora de Sergipe, tem uma avaliação semelhante. Ela diz que falta continuidade na trajetória política de parte das mulheres que assumem cargos eletivos, resultado da falta de espaço em ambientes de decisão nos partidos.

"A mulher ocupar a posição de vice em uma chapa majoritária é importante. Mas daí para chegar nos espaços centrais de poder é outra luta", diz Aquino, que se lançou pré-candidata a deputada federal.

Primeira vice-governadora do Espírito Santo, Jacqueline Moraes (PSB) também vai disputar um assento na Câmara dos Deputados —segundo ela, esse é o "trajeto normal" dos vice-governadores no estado.

Ex-camelô e ex-vereadora, Jacqueline também reforça que, historicamente, os partidos políticos não dão espaço às mulheres. Em 2016, idealizou a campanha Não Seja Laranja, que condena práticas que colocam a mulher como uma espécie de figurante do processo eleitoral e político. Em 2019, a **Folha** revelou a existência esquemas de candidaturas laranjas nos estados de Pernambuco e Minas Gerais.

Para Jacqueline Moraes, ainda há uma série de obstáculos a serem superados. "Assumi o governo três vezes nesses últimos quatro anos e sempre escutei coisas do tipo 'a senhora vai dar conta?', 'a senhora tem medo?' como se fosse uma incapacidade. Existe o conceito de que a mulher não dá conta do recado e esse é um estereótipo que precisamos quebrar", diz.

No campo bolsonarista, deve ser candidata a deputada federal a vice-governadora de Santa Catarina Daniela Reinehr (PL), rompida com o governador Carlos Moisés (sem partido) desde 2020.

Professora da Universidade Federal de Pernambuco, a cientista política Priscila Lapa reforça que a consolidação de um ciclo político conservador entre 2019 e 2022 tende a deixar em segundo plano a pauta da participação das mulheres na política.

"A gente vinha numa crescente das agendas femininas, seja com mais mulheres candidatas, seja com candidaturas mais competitivas. Mas em 2022 devem prevalecer pautas mais pragmáticas. A variável do voto feminino perde fôlego em comparação com 2018", avalia.

Por outro lado, ela destaca que o bolsonarismo abriu espaços para a ascensão de mulheres no campo conservador, caso da ministra Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos), que deve ser candidata ao Senado.

"É um perfil de candidata que defende que a mulher na política não necessariamente representa o rompimento com a tradição."

Juliana Freire

Em 1917, o czar não entendeu nada

A Revolução Russa de fevereiro foi bonita

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Não se sabe o que acontece no Kremlin, muito menos o que se passa na cabeça de Vladimir Putin. Passados 105 anos, sabe-se bem o que acontecia nos palácios do czar Nicolau 2º em 1917.

No dia de hoje pelo calendário gregoriano, a Rússia Imperial estava em guerra contra a Alemanha e ia mal. A vida doméstica de Nicolau ia pior. Uma de suas filhas e o príncipe herdeiro Alexei estavam doentes (era sarampo). A czarina Alexandra ainda não havia se recuperado do assassinato, em dezembro, do monge Rasputin, curandeiro de seu garoto hemofílico. Ela vivia chapada por tranquilizantes. A corte russa era um serpentário de intrigas e pensava-se até num golpe. Num desses planos, Alexandra seria mandada para um mosteiro.

Nos últimos dois anos, além de Rasputin a Rússia tivera quatro primeiros-ministros, cinco ministros do Interior, três chanceleres, outros três ministros da Guerra e quatro da Agricultura.

Bailava-se nos palácios, mas faltava comida em São Petersburgo e formavam-se longas filas diante das lojas num inverno que levava a temperatura a -15°C. Como aconteciam alguns protestos e greves, Alexandra aconselhou ao marido: "Eles precisam aprender a ter medo de você. O amor não basta".

No dia seguinte, 8 de março, o tempo estava bom (-5°C) e dezenas de milhares de trabalhadores, a maioria mulheres, tomaram as ruas de São Petersburgo. Se o negócio era botar medo, veio um mau sinal: os soldados relutaram em reprimir a manifestação. Muita gente cantava a "Marselhesa". Nada a ver com os bolcheviques, que eram poucos. Lênin estava na Suíça, Trotsky em Nova York e Stálin na Sibéria. Essa data de março marca o início da Revolução de Fevereiro. Era o dia 23 pelo calendário juliano, vigente à época na Rússia.

As greves alastraram-se, paralisando 200 mil trabalhadores e começaram casos de confraternização de soldados com operários. Com novas manifestações, dessa vez com cerca de 200 mil pessoas, a czarina disse ao marido que aquilo era coisa de desordeiros e, se a temperatura caísse, eles ficariam em casa.

Um chefe bolchevique da cidade achava coisa parecida: bastaria que houvesse mais pão. O czar descansava a cabeça lendo Júlio César. Nisso, adoeceu mais uma filha e na cidade saqueavam-se padarias, mas os teatros funcionavam.

Nicolau mandou atirar e morreram 200 pessoas. Três regimentos de elite da cidade amotinaram-se, varejaram o arsenal, levaram 40 mil rifles e seguiram para a cadeia onde estavam os presos políticos, libertando-os. Um general que passava de carro a caminho de um almoço no palácio ficou a pé. Indo para a costureira, a poeta Ana Akhmatova reclamava porque não conseguia um táxi. São Petersburgo foi tomada pela revolta, o chefe de polícia foi morto.

A bailarina Mathilde Kschessinska, que muitos anos antes tirara a virgindade de Nicolau, foi avisada que a coisa ia mal, juntou algumas coisas e abandonou seu palacete. No dia seguinte a casa foi saqueada. (Meses depois ela veria uma bolchevique com seu casaco de arminho.)

No dia 12 de março (27 de fevereiro pelo calendário juliano), os motins tomaram conta dos quartéis. Segundo o historiador Richard Pipes, esta deveria ser a data da Revolução de Fevereiro. Quando a notícia chegou a Nicolau, ele disse que eram maluquices que "nem me incomodei de responder". Sua mulher achava que estavam acontecendo "coisas terríveis" e passou pela sepultura de Rasputin. Ele previra que, se morresse ou se o czar o abandonasse, perderia a coroa em seis meses.

Passaram-se apenas dois meses e o regime caíra. Os ministros foram presos e levados para uma fortaleza, escoltados por um rebelde que lá estivera preso.

Na noite de 15 de março, Nicolau 2º abdicou. Como não havia entendido o que acontecia, passou a coroa para um irmão, achando que mais tarde iria para a Inglaterra. Nada disso aconteceu.

Stálin chegaria a São Petersburgo em março, Lênin em abril e Trotsky em maio. Em outubro, com um golpe, os bolcheviques tomaram o poder e a Revolução de Fevereiro ficou fora de moda.

Hungria 1956

A repulsa dos Estados Unidos e das nações europeias diante da invasão da Ucrânia honra a nova ordem mundial, mas o estímulo à resistência armada deve levar em conta um mau precedente.

Em 1956, o povo húngaro foi estimulado para rebelar-se contra a invasão soviética e deixado à própria sorte.

O primeiro-ministro Imre Nagy asilou-se na embaixada da Iugoslávia. Foi deportado, devolvido e acabou enforcado.

Brasil e EUA

O Brasil e os Estados Unidos já tiveram períodos de aproximação e de distanciamento. Nunca, porém, viveram um período no qual o que falta é interlocução. No caso da guerra da Ucrânia, o que faltou foi conversa.

O embaixador americano em Brasília deixou o posto há mais de um ano e sua sucessora ainda não chegou.

Há três anos, Bolsonaro dizia que mandaria seu filho para a embaixada e o palácio espalhava que o presidente Donald Trump mandaria um de seus filhos para o Brasil.

Madame Natasha

Natasha está tentando transformar seus frascos de perfume em coquetéis molotov para defender o idioma. Ela concedeu mais uma de suas bolsas ao ministro Ricardo Lewandowski. Trancando a ação com que o lavajatismo moveu contra Lula pela compra dos caças suecos, ele disse o seguinte:

"Não há como deixar de levar em conta a incontornável presunção de que a compra das referidas belonaves ocorreu, rigorosamente, dentro dos parâmetros constitucionais de legalidade, legitimidade e economicidade mesmo porque, até o presente momento, passados mais de sete anos da assinatura do respectivo contrato, não existe nenhuma notícia de ter sido ele objeto de contestação por parte dos órgãos de fiscalização, a exemplo da Controladoria-Geral da União, do Ministério Público Federal ou do Tribunal de Contas da União".

Ele quis dizer que a compra dos aviões foi legal e ninguém reclamou. Não precisava de uma frase com 79 palavras. Natasha e o dicionário Houaiss são do tempo em que belonave era navio e não voava.

Aviso ao agro

País de vocação e história agrícolas, a Ucrânia tem excelentes institutos de pesquisas. Assim como o antissemitismo trouxe para o Brasil destacados cientistas a bola está rolando para os pés do agronegócio.

Mourão e o Rio

Foram muitos os motivos que levaram o general da reserva Hamilton Mourão a disputar uma vaga no Congresso pelo Rio Grande do Sul e não pelo Rio de Janeiro. Afinal, lá ia bem nas pesquisas.

Com o patrimônio do próprio nome, não queria se expor a alianças radioativas.

Eremildo, o idiota

Eremildo é um idiota e não vai à praia porque é grátis. Ele não se impressionou com a decisão do governo de zerar o imposto de importação de 16% dos jet-skis.

O que ele não entende é porque o mesmo governo cobra 14,4% na importação de telefones celulares.

Projeto sobre fake news é alvo de pressão de big techs

Especialistas veem risco de judicialização em proposta em trâmite na Câmara

Danielle Brant

BRASÍLIA Em meio à ofensiva das plataformas para tentar flexibilizar o projeto de fake news em tramitação na Câmara, especialistas dizem haver risco de judicialização de pontos da atual versão, como o do compartilhamento de dados para uso em publicidade.

A proposta atual, aprovada em dezembro por um grupo de trabalho de deputados, ainda deve sofrer ajustes. O relator, Orlando Silva (PC do B-SP), já se reuniu com a maior parte das bancadas partidárias e pretende conversar com senadores e com o governo antes de entregar o parecer final ao presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) —o que deve ocorrer até o fim de março.

As gigantes de tecnologia intensificaram a pressão e publicaram, em diferentes veículos de comunicação, anúncios afirmando que o projeto traria consequências negativas às pequenas empresas que usam publicidade online em seus negócios.

O anúncio direciona para uma carta aberta publicada no site da Meta —dona do Facebook, Instagram e WhatsApp, entre outras. No documento, assinado por Facebook e Instagram, Google, Mercado Livre e Twitter, as empresas afirmam que o texto relatado por Orlando Silva "passou a representar uma potencial ameaça para a internet livre, democrática e aberta que conhecemos hoje".

Segundo o texto, pequenas e médias empresas não poderão mais anunciar a custo baixo na internet.

O argumento é que o artigo 7º do projeto afeta a publicidade dirigida feita pelas plataformas, o que não ocorre nem na LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados).

Especialistas veem eventual conflito do texto como está na versão atual com as regras estipuladas pela LGPD, que versam sobre a utilização de dados por qualquer empresa.

Na avaliação de Camila Borba Lefèvre, advogada do escritório Vieira Rezende, o projeto relatado por Orlando Silva pode dar margem para judicialização ao trazer uma exceção à LGPD, sem alterar essa lei.

"Essa lei vem dizer que os dados não podem ser usados pelas plataformas em combinação com terceiros provedores de outros serviços. Isso é muito estranho e está em contradição com a LGPD."

É a mesma avaliação de Pedro Henrique Ramos, advogado e conselheiro da associação IAB Brasil, que atua em publicidade digital e tem cerca de 230 empresas associadas.

"Isso afeta diretamente a publicidade. Quando eu tenho jornal, por exemplo, e eu combino dados para poder oferecer publicidade, eu já não poderia oferecer a publicidade porque aquilo não é minha função principal, minha função principal é oferecer o jornal. Então, isso é uma vedação inédita no mundo", afirmou.

Segundo ele, o dispositivo cria insegurança jurídica. "No direito, você utiliza a regra da lei mais recente ou da lei mais especial. Nesse caso, você vai ter um conflito, porque a lei mais especial seria a LGPD. Ao mesmo tempo, você tem uma lei específica que vem depois da LGPD. Vai dar briga se passar esse artigo, com certeza."

Cris Camargo, CEO da IAB Brasil, exemplifica. "Você tem uma perda de receita. Eu quero vender pneu. Eu já tenho uma lista de possíveis compradores de pneu que compraram meu carro há quatro anos. Como eu faço para dirigir essa publicidade dentro de outros portais, veículos de comunicação? Você cruzaria, talvez, as bases, os dados, chegaria nessa audiência. Então, você perderia esse possível impacto", ponderou.

Todo mundo senta à mesa para conversar, menos eles [Facebook]

Orlando Silva (PC do B-SP)
deputado e relator do projeto

Além disso, diz, a outra ponta, que recebe o dinheiro da publicidade, também é afetada. "Tem uma perda em toda a cadeia, desde o anunciante perde negócio, a agência de publicidade não vai poder oferecer esse tipo de solução", complementou.

Ela destaca ainda que a versão atual do PL dificulta o impulsionamento de mensagens.

Já a advogada Patricia Peck, sócia-fundadora do Peck Advogados, reconhece que os requisitos dispostos na versão atual do texto impactam os modelos de negócios de hoje, mas ressalta que são como efeitos colaterais de medicamentos.

"Se você tem hoje um modelo de mercado em que você construiu toda uma forma de publicação de conteúdos e anúncios que, quando você impulsiona, isso pode ser, de alguma forma, desvirtuado com a utilização de fake news, ou seja, posso acabar tendo mais audiência, mais tráfego e mais ganho financeiro devido à própria disseminação de fake news, existe uma distorção dentro do modelo", argumenta.

Eles criticam ainda pontos como a remuneração de conteúdo jornalístico, afirmando que não há regras claras, o que poderia favorecer "apenas os grandes e tradicionais veículos de mídia, prejudicando o jornalismo local e independente, e limitando o acesso das pessoas a fontes diversificadas de informação".

Orlando Silva afirmou que o Facebook não quer diálogo. "Eu estou aqui [na última quinta, 3] na porta de entrada de uma reunião com o TikTok. Amanhã [sexta, 4] eu tenho uma reunião com o YouTube. Na semana passada, com o Google. Todo mundo senta à mesa para conversar, menos eles", afirma.

Segundo o relator, a empresa não quer se submeter às regras de publicidade aplicadas no mercado brasileiro.

O deputado citou as conversas que manteve com diferentes partidos, frentes parlamentares e com a sociedade civil para negociar o texto. "A publicação que eles compraram a peso de ouro nos jornais é inclusive uma fake news, como se houvesse uma ameaça aos micro e pequenos empresários do Brasil. É risível a posição."

Em resposta às críticas de Orlando Silva, a Meta afirmou manter diálogo constante sobre o texto com o Congresso e lembrou que participou de audiências públicas e reuniões.

"No texto atual proposto, o artigo 7º, que não versa sobre desinformação e foi inserido sem passar por nenhum debate, impede o uso responsável de dados pessoais para entrega de anúncios e serviços online, prejudicando empresas de todos os portes, mas principalmente os pequenos negócios", disse, em nota.

Pessoas tentam atravessar ponte destruída para deixar a cidade de Irpin, próxima à capital Kiev Aris Messinis/AFP

Ucrânia acusa Rússia de desrespeitar cessar-fogo e adia retirada de civis

Moscou, por sua vez, afirma que nacionalistas ucranianos interromperam trégua parcial no país

SÃO PAULO Autoridades russas e ucranianas trocaram acusações neste sábado (5) em torno do não cumprimento do acordo de cessar-fogo parcial na Ucrânia. Mais cedo, Moscou disse que interromperia ataques para estabelecer os chamados corredores humanitários e permitir a fuga de civis.

O desrespeito ao período de trégua fez a Ucrânia adiar o plano para a retirada de pessoas nas cidades de Mariupol e Volnovakha, no sudeste do país. Em meio à troca de acusações, autoridades ucranianas afirmam que as negociações com Moscou para a saída de civis continuam.

O pacto entrou em vigor, em tese, às 10h no horário de Moscou (4h em Brasília) e incluía somente Mariupol e Volnovakha, que estão cercadas pelas forças russas. Ainda pela manhã, entretanto, o Legislativo de Mariupol acusou as tropas russas de não respeitarem o prometido, e, mais tarde, a prefeitura da cidade pediu aos moradores que retornassem aos abrigos "por razões de segurança".

Em Volnovakha, a retirada de civis também foi frustrada. De acordo com a ministra para Territórios Ocupados, Irina Vereshchuk, a região foi alvo de bombardeios que impediram o deslocamento dos civis.

"Apelamos à Rússia que acabe com o bombardeio e devolva o cessar-fogo para que crianças, mulheres e idosos possam deixar os assentamentos", disse Vereshchuk, segundo o jornal Pravda da Ucrânia.

Moscou, por sua vez, diz que o acordo não foi cumprido pelos ucranianos. Em conversa televisionada com funcionárias da companhia estatal aérea Aeroflot, o presidente russo, Vladimir Putin, negou que forças do país tenham interrompido o cessar-fogo.

Putin acusou "bandidos e neonazistas ucranianos" de impedirem as pessoas de sair. "Estamos em negociação", disse, sobre as conversas das delegações russa e ucraniana que ocorreram na Belarus, com uma terceira rodada a ser realizada em breve.

Mikhail Mizintsev, chefe do Centro de Comando de Defesa Nacional da Rússia, reforçou a posição do líder russo e disse que trégua foi interrompida por "nacionalistas ucranianos". "Posições das Forças Armadas russas foram bombardeadas em Mariupol e houve disparos contínuos em Volnovakha", disse Mizintsev. "Um prédio residencial foi explodido em Mariupol e até 200 pessoas podem estar sob os escombros, incluindo idosos e crianças".

Décimo dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano

Sob domínio dos separatistas russos étnicos e agora reconhecidas por Moscou

Ocupado por tropas russas

Ataques relatados

Incursões militares russas relatadas

Cidades seriam palco de corredores humanitários para retirada de civis, mas autoridades relataram que bombardeios russos continuam

Maior usina nuclear da Europa

Fontes: BBC, Graphic News, The New York Times e Google Earth

Ele disse ainda que a Rússia cumpriu com todos as condições estabelecidas para o cessar-fogo e que as Forças Armadas ucranianas aproveitaram a pausa para se reagrupar.

O governo ucraniano pretendia auxiliar a retirada de cerca de 200 mil pessoas em Mariupol e de outras 15 mil em Volnovakha. Ainda não há informações sobre quantas conseguiram deixar as cidades. De acordo com a RIA, agência russa de notícias, os civis teriam cinco horas para cruzarem os corredores humanitários.

Considerada estratégica por Moscou, Mariupol é uma cidade portuária no sudeste da Ucrânia localizada a 150 km de Rostov-do-Don, a principal cidade do sul da Rússia. Ela foi atacada desde o primeiro dia da guerra e é um porto importante no mar de Azov, uma divisão secundária do mar Negro.

A cidade também é considerada o último ponto de resistência a evitar o estabelecimento de uma ponte terrestre unindo Rostov à Crimeia, anexada em 2014 por Putin.

Rússia e Ucrânia haviam concordado em estabelecer os corredores humanitários na quinta (3), durante encontro de delegações dos dois países para negociações na Belarus. Neste sábado, apesar das trocas de acusações, o conselheiro do Ministério do Interior ucraniano, Anton Heraschenko, disse que mais acordos devem ser estabelecidos para a implementação de novas rotas de saída em outros territórios do país.

O movimento pode facilitar a eventual ocupação militar de áreas e favorecer o plano presumido do presidente Putin de remover regiões da soberania ucraniana. Embora a Rússia tenha anunciado o cessar-fogo parcial, forças de Moscou continuaram com suas ofensivas sobre Kiev.

Autoridades pediram que os moradores da capital permaneçam em abrigos e alertaram para o risco de confrontos nas ruas da cidade. Em Bucha, próximo à capital, tropas russas foram acusadas de abrir fogo contra veículo de civis, segundo a mídia local. Duas pessoas teriam morrido no ataque, incluindo uma adolescente de 17 anos, e outras quatro teriam sido feridas.

Também neste sábado, as tropas de Putin ocuparam o prédio da Câmara Municipal de Energodar, segundo divulgou o líder da cidade, Dmitro Orlov, para quem o município — onde fica a usina de Zaporijia, tomada por russos nesta sexta (4) — continua sob controle ucraniano. Até agora, mais de 1,3 milhão de pessoas já deixaram a Ucrânia desde o início da invasão russa, segundo dados do Acnur (Alto Comissariado da ONU para Refugiados). A Polônia é de longe o país que mais vem acolhendo refugiados do conflito.

Putin diz haver risco de Ucrânia perder status de Estado

Igor Gielow

SÃO PAULO Em encontro com lideranças políticas neste sábado (5), o presidente da Rússia, Vladimir Putin, afirmou que há risco de a Ucrânia perder seu status de Estado.

"A liderança atual precisa entender que, se continuar fazendo o que está fazendo, põe em risco o futuro do Estado ucraniano", disse Putin, em uma fala que soa como ameaça velada de anexação do território do país vizinho pela Rússia.

Também neste sábado, o presidente russo afirmou que o objetivo declarado de desmilitarizar a Ucrânia passa por "destruir parcialmente as forças" do país vizinho, notadamente seu poder aéreo.

"Isso leva um determinado período", disse. "Eu ouvi muitas pessoas falarem que a operação estava com problemas. Isso não é verdade", disse, durante um coreografado encontro com funcionárias da empresa aérea estatal Aeroflot em Moscou. É a segunda vez que ele fala sobre o tema: havia dito em pronunciamento na TV que a invasão corria "de acordo com o plano".

Se está passando recibo ou dizendo a verdade, ninguém saberá. Os relatos de dificuldades de avanço das forças russas, devido a erros táticos como a dispersão inicial de forças, além de questões logísticas com linhas de suprimentos, avolumam-se entre analistas ocidentais — os seus colegas russos estão hoje em moratória de comentários, dada a censura no país.

De todo modo, a ideia se encaixa em diversos cenários da meta do Kremlin com a ação. Desde a mais benigna, uma tentativa de forçar um acordo que retire de vez áreas russófonas do controle de Kiev e obtenha uma garantia formal de não adesão do rival à Otan, aliança militar ocidental.

Ou até a ocupação do país.

Ele também voltou a dizer que as sanções ocidentais contra a Rússia são equiparáveis a uma escalada militar. "As sanções que estão sendo impostas são semelhantes a uma declaração de guerra, mas graças a Deus não chegamos a isso", disse, completando que elas são "uma ameaça para todos".

O líder russo, Vladimir Putin, durante entrevista com funcionárias da Aeroflot, em Moscou Mikhail Klimentiev/Sputnik/AFP

Repetiu o argumento de que colocou suas forças nucleares em alerta no domingo passado (27) porque políticos de países da Otan, como o premiê britânico Boris Johnson, haviam dado declarações belicosas contra a Rússia e afirmou que está preparado para as sanções.

No seu primeiro comentário sobre a negativa da Otan em tentar estabelecer uma zona de exclusão aérea sobre a Ucrânia, pedido do governo sob ataque, Putin disse que a medida seria catastrófica.

"Isso teria consequências catastróficas para a Europa, e o Ocidente entendeu isso. Acho que foi o caminho mais acertado", disse o presidente russo. Tal medida implicaria fazer a Otan lutar contra a Rússia, inevitavelmente.

Chanceler russo, Lavrov foi de temido a boicotado na ONU

'Sr. Não' se tornou uma das principais faces da defesa da invasão da Ucrânia

Thiago Amâncio

SÃO PAULO "Você pode dançar com a Rússia e vai até tirar algo disso. Mas com certeza não consegue dançar tango com Lavrov, porque ele não tem autorização para tal", disse em 2017 Rex Tillerson, secretário de Estado americano no início do governo Donald Trump, sobre Serguei Lavrov.

Tamanha é a fidelidade do ministro das Relações Exteriores da Rússia a Vladimir Putin que é difícil arrancar qualquer coisa dele sem a anuência do presidente russo, afirmava Tillerson na ocasião.

É isso, afinal, o que segura Lavrov há quase 18 anos, desde que assumiu a diplomacia russa, em 2004 —para ter uma ideia, Tillerson foi só um dos sete secretários de Estado dos EUA a ocupar o posto no período do russo no cargo, de Colin Powell a Antony Blinken, passando por Hillary Clinton e Mike Pompeo.

Nas últimas cinco décadas como diplomata, primeiro pela União Soviética e depois pela Rússia, Lavrov conquistou respeito, poder e dinheiro —e tem visto isso derreter desde que se tornou o responsável por defender mundo afora a invasão russa da Ucrânia, iniciada no dia 24 de fevereiro.

O dinheiro, ao menos por enquanto, está congelado. Um dia depois do início da guerra, União Europeia, Estados Unidos, Reino Unido e Canadá aplicaram sanções contra Lavrov, bem como contra o próprio Putin, com o congelamento de bens —para os EUA, os dois estão proibidos também de viajar.

Mas o episódio mais simbólico desse momento de baixa ocorreu na segunda (28), com uma sequência de constrangimentos. O primeiro foi quando não embarcou para Genebra, para participar das reuniões do Conselho de Direitos Humanos da ONU e da Conferência sobre o Desarmamento, que discutiram a guerra.

Ao menos oficialmente, a viagem foi cancelada "devido a uma proibição sem precedentes de seu voo no espaço aéreo de uma série de países da União Europeia, que impuseram sanções contra a Rússia", afirmou a missão russa na ONU.

Serguei Lavrov durante encontro em Genebra 21.jan.22/Ministério das Relações Exteriores da Rússia via Reuters

Segundo agências de notícias do país, o secretário-geral das Nações Unidas, o português António Guterres, até tentou negociar para que o emissário de Moscou pudesse realizar a viagem, sem sucesso.

Lavrov, então, discursou por meio de vídeos gravados previamente, nos quais denunciou a proibição da viagem, de acordo com ele usada por líderes europeus para "escapar de um diálogo cara a cara, o que eles claramente têm medo".

Mas ao fim pouca gente escutou as queixas do chanceler, já que, nos dois discursos, dezenas de diplomatas se levantaram e deixaram a sala enquanto as gravações eram exibidas, em protesto contra as ações russas na Ucrânia.

A cena era algo antes impensável para Lavrov, considerado um ás da diplomacia e que por mais de dez anos foi embaixador da Rússia nessa mesma ONU, de 1994 a 2004. O decano costumava ser conhecido como ótimo negociador e conversava bem com jornalistas de todo o mundo.

Mas a boa fama foi mudando com o passar dos anos, desde que ele assumiu o comando da diplomacia russa. Assim como o chefe, Lavrov tem retomado uma certa retórica de Guerra Fria e parece saudoso dos tempos em que a Rússia dava as cartas.

Na quarta (2), por exemplo, disse que uma Terceira Guerra Mundial envolveria armas nucleares e que "é preciso por um fim à arrogante filosofia do Ocidente de se achar superior". Falas assim se repetem com certa frequência.

Nascido em 1950 em Moscou, filho de pai armênio e mãe russa, o ministro é da mesma geração que Putin. Herdou o apelido de "sr. Niet" (sr. não) do chanceler soviético Andrei Gromiko, que ocupou o posto por 28 anos. A brincadeira, disfarçada de crítica, é de que ele só sabe dizer "não" em negociações —e assim tem acumulado vitórias diplomáticas para o Kremlin.

Você pode dançar com a Rússia e vai até tirar algo disso. Mas não consegue dançar tango com Lavrov, porque ele não tem autorização para tal

Rex Tillerson
então secretário de Estado dos EUA, em 2017

Uma delas foi após a anexação da Crimeia, em 2014. Embora a Rússia tenha sofrido algumas sanções e sido expulsa do G8, a atuação de Lavrov foi considerada bem-sucedida por ter evitado o completo isolamento de Moscou —a guerra atual deixou claro como a retaliação pode ir muito além, com sanções ao próprio presidente, por exemplo.

Além disso, a intervenção militar russa na guerra civil na Síria em apoio ao regime Bashar al-Assad é considerada fundamental na manutenção do ditador no poder, mesmo sob oposição dos americanos.

Sua gestão também conseguiu angariar aliados de todos os espectros ideológicos para o Kremlin —do apoio explícito do ditador venezuelano Nicolás Maduro à simpatia do presidente brasileiro, Jair Bolsonaro (PL), que fala em manter "equilíbrio" no conflito.

Mas foi por costumes não muito diplomáticos que Lavrov se tornou pop dentro da Rússia, a ponto de hoje ser possível achar camisetas com seu rosto em lojas de suvenires em Moscou e na internet.

Em 2008, teria usado palavrões com o então secretário de Relações Exteriores do Reino Unido, David Miliband, segundo a imprensa britânica, numa discussão sobre quem deu início à guerra na Geórgia.

"Quem é você para querer me dar aula, porra?", teria dito. Numa época de ânimos menos acirrados, o palavrão em conversa diplomática de alto escalão pegou mal, e o Kremlin correu para se explicar.

Lavrov parece ter especial implicância com os britânicos e, no mês passado, duas semanas antes do começo da guerra na Ucrânia, armou uma espécie de pegadinha para a atual chefe da diplomacia do Reino Unidos, Liz Truss.

Em reunião, perguntou se ela reconhecia a soberania russa em Rostov e Voronezh, que fazem parte da própria Rússia —não há qualquer questão diplomática envolvendo as regiões. Mas a diplomata caiu na armadilha e disse que não, que o Reino Unido não reconhecia a soberania russa naquelas áreas.

Foi o bastante para Lavrov ridicularizar a colega e dizer que o Ocidente não entende o conflito na Ucrânia. "Estou honestamente desapontado que tenhamos tido uma conversa entre um mudo e um surdo. Nossas explicações mais detalhadas caíram em solo despreparado", disse ele depois do encontro.

Compadre de Putin na Ucrânia, oligarca é acusado de traição

Mayara Paixão

GUARULHOS Por anos, o oligarca Viktor Medvedchuk, 67, foi a principal ponte entre Vladimir Putin e a política de Kiev. O empresário de mídia e energia, 12ª pessoa mais rica da Ucrânia segundo a Forbes, teve —e tem— acesso direto ao presidente russo graças também a um relacionamento pessoal: são compadres.

Putin apadrinhou a caçula de Medvedchuk, Darina. Já foi visto na luxuosa mansão do oligarca e vice-versa. O que fez esse milionário ganhar projeção foi a postura pró-Moscou e anti-Ocidente, cada vez mais rara no país do Leste Europeu, mas central na agenda do líder russo.

Fosse outra época, Medvedchuk poderia ser apontado como aposta do Kremlin para assumir um governo fantoche em Kiev. Em meio à invasão russa da Ucrânia, porém, está isolado, na mira da Justiça e vendo seu partido, o Plataforma de Oposição, desidratar.

Medvedchuk entrou na mira do que analistas têm descrito como uma tentativa de desoligarquização ucraniana promovida por Volodimir Zelenski —movimento que estaria mais ligado a acenos ao presidente dos EUA, Joe Biden, do que com uma agenda moral.

O empresário viu uma série de reveses recentemente: em fevereiro de 2021, ele e a esposa, Oksana, tiveram os bens congelados por três anos devido a suspeitas de que teriam se aproveitado do conflito na região do Donbass para lucrar vendendo carvão para Moscou. Também foi estatizado um oleoduto que, segundo Kiev, estaria ligado a ele —Medvedchuk nega.

Três canais da rede do empresário também foram bloqueados para, disse Zelenski, "lutar contra o perigo de uma agressão russa na arena da informação" e "proteger a segurança nacional". Medvedchuk acusa o presidente de asfixiar a liberdade de imprensa. Por fim, em maio, sob a suspeita de que ele financiou separatistas, veio o decreto de prisão domiciliar. O oligarca foi indiciado sob acusação de traição.

O oligarca, porém, fugiu de sua casa, lugar designado para a prisão domiciliar, assim que a guerra estourou, disse o governo no dia 27. A defesa alega que ele apenas se dirigiu para um local mais seguro, fugindo de possíveis atos violentos de nacionalistas que rechaçam sua agenda pró-russa, mas não há notícias sobre seu paradeiro desde então.

Medvechuk e Putin na Rússia 18.jul.19/Kremlin via TASS

Suas redes sociais estão em silêncio, só ecoando os assuntos que Medvedchuk tenta inserir no debate. No Twitter, no qual se descreve apenas como "político" —ele é membro do Rada, o Parlamento ucraniano—, intercalam-se cinco assuntos: pedidos de renúncia de Zelenski, o clamor por uma eleição legislativa antecipada, a defesa de que o país se afaste da Otan, a aliança militar ocidental, e argumentos favoráveis aos Acordos de Minsk.

Medvedchuk é próximo de Putin desde o início dos anos 2000, quando foi chefe de gabinete do presidente Leonid Kuchma. Mas seu protagonismo alçou outro patamar mais de uma década depois, em meio à queda do líder pró-Moscou Viktor Iushchenko.

Devido aos laços com o russo, ele serviu de elo diplomático entre Kiev e Moscou. Desse período, vangloria-se por ter libertado mais de 480 prisioneiros de guerra —a informação não pôde ser confirmada de forma independente.

Daí a defesa enfática que faz dos tratados que visavam a um cessar-fogo para a crise de 2014, mas que nunca entraram plenamente em vigor nem colocaram fim às tensões.

Seu partido, o Plataforma de Oposição, repaginado em 2018 para concorrer às eleições, também tem como ponto central da agenda os Acordos de Minsk. Um porém à abordagem está no humor popular: em pesquisa do instituto Rating feita na Ucrânia no início de fevereiro, 75% dos respondentes disseram que é preciso revisar os tratados ou retirar-se de forma definitiva deles. E apenas 11% disseram conhecer bem a essência do texto.

"Os Acordos de Minsk são impopulares na sociedade ucraniana, pelo receio de que poderiam levar ao aumento da influência de Putin", diz Vicente Ferraro, mestre em ciência política pela Higher School of Economics de Moscou. "Com a diminuição das forças pró-Rússia no território [devido às autoproclamadas repúblicas do Donbass], a polarização diminuiu, e figuras como Medvedchuk perderam força."

O oligarca acusa Zelenski de inabilidade para enfrentar a crise e falta de traquejo político. O Plataforma de Oposição recebeu 13% dos votos em 2019, conseguindo 43 dos 450 assentos do Rada e se tornando a maior força de oposição. Mas a legenda vem perdendo força. Sondagens nas semanas pré-guerra, em fevereiro, mostravam-na com 8,5% das intenções de voto.

Medvedchuk fala com frequência da história em comum entre russos e ucranianos. Ao Financial Times, em 2017, questionado sobre se compartilha com Putin a defesa de que ucranianos e russos são "um só povo", disse que já discutiu isso com o líder do Kremlin. "Somos dois povos, mas povos amigos e irmãos."

O amigo ucraniano de Putin nasceu em Abanski, hoje na Rússia. Formou-se em direito e atuou como advogado de dissidentes da antiga União Soviética —porque assim foi designado pelo regime.

Um desses casos ganhou projeção. Amigos e biógrafos do poeta Vasil Stus dizem que Medvedchuk não atuou para defendê-lo, mas para condená-lo a dez anos de gulag. Numa transcrição da audiência, o então advogado diz considerar correta a qualificação das ações do escritor feitas pelo júri. Medvedchuk nega ter agido para ajudar na condenação.

Austin B., 50
Nigeriano-ucraniano

28.fev
Kharkiv - Lviv (Ucrânia)
Viajou com a esposa e 4 filhos; demorou 2 dias para conseguir um táxi até a estação

1. mar
Lviv - Uhzhhorod (Ucrânia)

2. mar
Uhzhhorod - Chop (Ucrânia)

3.mar
Chop - Budapeste (Hungria)

Walther Lang, 47
Brasileiro

25.fev
Kiev - Yaremche (Ucrânia)
Demorou dois dias para conseguir um carro para levar ele e os 4 filhos à estação

26.fev
Yaremche - Lviv (Ucrânia)

27.fev
Lviv - Fronteira com a Polônia
Atravessou a fronteira em um ônibus humanitário enviado por artistas poloneses

28.fev
Fronteira- Varsóvia (Polônia)

2.mar
Varsóvia - Milão (Itália) - Lisboa (Portugal) - São Paulo (Brasil)

Tetiana Sukhoparova, 52
Cracóvia

23.fev
Kremenchuk - Krakovets (Ucrânia)
Caminhou 20 km até a fronteira

26.fev
Krakovets - Korczowa (Polônia)

26.fev
Korczowa - Cracóvia (Polônia)

1.mar
Cracóvia - Porto (Portugal)
Um amigo de seu genro enviou um avião privado para resgatá-la

O nigeriano-ucraniano Austin B., com a mulher e os quatro filhos em estação de trem de Budapeste Fotos Otávio Almeida/Folhapress

Refugiados contam o que passaram para escapar da guerra na Ucrânia

Países vizinhos prepararam uma recepção calorosa a quem foge do conflito; o problema é chegar. Há estradas bloqueadas e bombardeios, e, nas fronteiras, congestionamentos e aglomerações levam a esperas de até dias sob frio intenso. Conheça histórias de quem conseguiu sair do país

Flávia Mantovani e Larissa Figueiredo

'Doeu ver meus filhos sofrendo por algo que não entendiam'

AUSTIN B., 50
nigeriano-ucraniano

BUDAPESTE Nascido na Nigéria, Austin foi para a Ucrânia aos 23 anos estudar economia na região do Donbass, hoje ocupada pela Rússia. Acabou ficando, casou-se com uma ucraniana e teve com ela quatro filhos em Kharkiv, de onde saiu com destino a Budapeste.

★

"Temos vivido dias muito difíceis, especialmente por sermos uma família com quatro crianças. Para elas, foi uma viagem muito estressante. Não podíamos descansar, não havia água, lugar para dormir.

Passamos dois dias tentando conseguir um táxi para nos levar, com nossos filhos e as malas, até a estação de trem.

Não podíamos prever o que aconteceria no minuto seguinte. A qualquer momento poderíamos ser as próximas vítimas. Minhas crianças choravam o dia todo. Eu estava desesperançado e com o coração partido, meus filhos sofrendo por algo que eles nem sequer conseguiam entender.

Apesar de tudo, considero que eu e minha família tivemos muita sorte. Pessoas estavam sendo mortas nas ruas. A situação é mais séria do que se vê no noticiário. Na mídia, não se pode mostrar todas as explosões, todos os sons.

Nós, que vivemos tudo isso, sabemos que a situação é mais grave do que se pode imaginar. O projeto dessa guerra é uma destruição completa da Ucrânia. Eu realmente espero que as outras nações europeias e os EUA possam fazer algo a esse respeito.

Agradeço a possibilidade de termos conseguido deixar nossa casa e entrado naquele trem. Estou muito feliz de podermos estar aqui hoje e que, mesmo dormindo no chão de uma estação de trem, minhas crianças se sintam livres para voltar a brincar."

'Só digeri tudo aquilo ao atravessar a fronteira'

WALTHER LANG, 47
brasileiro

SÃO PAULO Depois de passar uma noite em uma garagem em Kiev, Lang e a esposa ucraniana saíram da capital em um comboio de dez carros com amigos dela, rumo a uma região montanhosa. Ela decidiu ficar, e Walther voltou para o Brasil.

★

"Saímos do abrigo em um comboio basicamente de mulheres, pois os homens ucranianos não podem sair de Kiev. Só parávamos para abastecer, e mesmo assim foram mais de 25 horas de viagem, porque tinha muitos bloqueios, postos de controle, fomos pegando só vias secundárias.

A gente foi em um carro com placa da Belarus e sempre éramos parados. Os policiais já chegavam com metralhadora à vista, faziam pegadinhas.

Chegamos a uma estação de esqui, que funcionava normalmente, e em uma reunião decidimos o que fazer da vida, já que não existe mais trabalho, negócio, não existe nada.

Minha esposa resolveu ficar com um grupo de amigas. Elas estão em um lugar protegido, onde não há nada estratégico. Para mim, um homem com um passaporte que não é tão comum, a situação iria ficar cada vez mais complicada. Decidi dar um tempo e monitorar a situação do Brasil.

Comprei uma passagem de trem até a Polônia, mas quando paramos em Lviv descobri que não existe mais o sistema ferroviário convencional. São só trens humanitários, que levam principalmente mulheres e crianças. Minha esposa descobriu um ônibus humanitário enviado por artistas poloneses. Vi um irlandês com a mulher chinesa e uma criança e os chamei para irem junto. Saímos correndo.

Enquanto esperávamos, ficamos dentro de um teatro. Parecia a Disney: era aquecido, tinha comida, chá quente, almofada. Alguém começou a tocar piano, todo mundo cantou músicas em ucraniano.

Como o ônibus tinha placas dizendo que era uma ação humanitária, chegou rápido. Tinha um rapaz russo com a gente, e na fronteira tiraram ele do ônibus, não sei que fim levou. Na saída da Ucrânia, o veículo quebrou e só voltou a andar após duas horas.

Quando atravessamos, comecei a digerir tudo. Chorei bastante, não conseguia me controlar. Quando você está lá, só pensa na próxima ação: 'tenho que carregar o celular', 'não posso perder o trem...'.

Fiquei na hospedaria de um brasileiro, que parecia um paraíso. Lá conheci uma mulher que passou dias perambulando com a filha de 12 anos e a mãe de 60, fugindo de ataques, correndo na neve com malas pesadas. Praticamente só há refugiadas mulheres."

Continua na pág. A13

A estudante indiana Krishna Madhukumar

Continuação da pág. A12

‘Paguei US$ 1.000 numa passagem que custa US$ 50’

TETIANA SUKHOPAROVA, 52
ucraniana

SÃO PAULO Moradora do leste ucraniano, Tetiana foi resgatada com a ajuda da filha, Alesya, que mora nos EUA, e do genro brasileiro, o influenciador Anderson Dias, que conseguiu um avião emprestado para buscá-la na Polônia. O jogador Lucas Rangel se dispôs a dar carona a Tetiana até a fronteira. Quem conta a história é Alesya.

*

"As tropas não chegaram na nossa cidade até agora, mas tem sirenes de bomba, as pessoas estão escondidas nos porões e bunkers. Mas isso pode mudar a qualquer momento.

Minha mãe não queria sair, mas eu pedi a ela que o fizesse. Encontramos nas redes sociais um jogador de futebol brasileiro que iria dirigir até a fronteira com a Polônia e se dispôs a buscá-la. Eu liguei no meio da noite e disse: 'Desce, tem alguém esperando você'. Ela teve que arrumar uma mala em cinco minutos.

O trajeto normalmente leva 14 horas, mas eles dirigiram por quase 24 horas. A guerra tinha acabado de começar.

Mas, na fronteira, a fila estava tão grande que eles tiveram que abandonar o carro e andar 25 quilômetros, ela ficou com os pés ensanguentados. Quando chegaram tinha milhares de pessoas, sem controle, nenhuma fila, todo mundo em pânico. A temperatura era de -6°C e não havia lugares para se abrigar. Pensei que ia perder minha mãe, que tudo seria culpa minha.

Falei para ela tentar entrar em um ônibus, oferecer dinheiro. Todos respondiam 'não, não, não'. Consegui o número de alguém e ela acabou subindo em um ônibus. Pagou US$ 1.000 por um bilhete que custa US$ 50. Ela viajou no chão por várias horas, mas quando atravessou eu sabia que agora estava segura."

‘Brasileira se tornou minha boa samaritana’

DON-CALEB AKONJOM, 22
nigeriano

BUDAPESTE O modelo saiu de Kiev com a namorada ucraniana. Quando estavam desistindo de atravessar a fronteira, uma brasileira os viu e deu uma carona até a Hungria.

*

"Depois que começaram os ataques, passamos dois dias sem saber o que fazer, até que decidimos ir embora. Mas se locomover era difícil mesmo dentro de Kiev. As pessoas lutavam e se empurravam para entrar nos metrôs e trens.

Conseguimos ir até Lviv e, de lá, um motorista nos levou até a fronteira com a Polônia. Pagamos US$ 150 para percorrer um trecho curto. Ele nos deixou e precisamos andar por 35 quilômetros. Fazia -3°C, tivemos que parar para fazer fogueiras para nos aquecer.

No caminho encontrei um amigo voltando do posto de controle. Ele me disse que esperou dois dias na fila e que havia gente há mais tempo.

Minha namorada ficou comigo na fila de estrangeiros, que não andava. Decidimos sair de lá e caminhar de volta, para ver aonde o vento nos levaria. Aí encontramos Clara, uma brasileira que entrou na Ucrânia para resgatar pessoas que não estava encontrando.

Clara dirigiu com a gente ao longo do país, para acharmos uma forma de sair. Acabamos entrando pela Hungria, onde havia menos tráfego, e esperamos 16 horas. Eu a chamo de boa samaritana, ela tomou conta da gente até o fim."

‘Pelo menos tenho um país que está me esperando’

JOSELIN NAYELI, 19
equatoriana

SÃO PAULO A jovem vivia numa residência estudantil em Ivano-Frankivsk e saiu de lá com outros sete equatorianos. A primeira tentativa deu errado, e eles tiveram que mudar o plano.

*

"A situação em Ivano-Frankivsk não estava tão perigosa, mas tinha filas nos caixas eletrônicos, os alimentos iam desaparecendo pouco a pouco.

Eu estava no fim do mês, com pouco dinheiro, foi difícil achar alguém que nos levasse pelo que podíamos pagar. Muita gente estava disposta a ajudar, mas do outro lado da fronteira. O problema era chegar. Por pressão e estresse, não traçamos um bom plano.

Tentamos passar pela Polônia e fomos de van, mas tivemos que caminhar 25 quilômetros até a fronteira. Saímos às 6h e chegamos às 13h. O clima não era nada favorável, começou a nevar.

Procuramos a fila, mas só víamos gente amontoada. Fecharam as portas, e algumas pessoas começaram a pular e a protestar. A fila não se mexia, o frio era demais e já eram 3h. Caminhamos meia hora até um abrigo e no dia seguinte decidimos voltar para casa. Dessa vez, iríamos tomar decisões com calma.

Uma professora ucraniana nos ajudou a conseguir dois táxis até a fronteira com a Eslováquia. Demoramos sete horas para conseguir passar, mas lá estava melhor do que na Polônia, ao menos deixavam passar estrangeiros, não apenas ucranianos.

Por enquanto, nos deram duas semanas de férias da universidade. Vou voltar para o Equador, tomara que essa situação termine rápido.

Pelo menos eu tenho um país que está me esperando. Mas e as pessoas ucranianas? O que elas vão fazer?"

‘Em um momento pensei que nunca conseguiria escapar’

KRISHNA MADHUKUMAR, 22
indiana

BUDAPESTE A estudante de medicina vivia num albergue em Kharkiv. Após cinco dias vivendo no subsolo, ela e outras estudantes decidiram atravessar o país rumo à fronteira.

*

"Desde que o primeiro ataque a bombas atingiu Kharkiv, no dia 24, eu e as outras estudantes, todas mulheres, fomos para o bunker do hostel onde morávamos. Não podíamos sair nunca às ruas, pois ouvíamos a todo instante os avisos de bombardeio e mísseis passando pelos ares.

Dia após dia ficava cada vez mais complicado viver naquelas condições, com pouco acesso aos banheiros e passando muito tempo no escuro.

Depois de cinco dias, decidimos sair dali. Todo mundo queria deixar a cidade, e estavam dando prioridade a ucranianos, retirando estudantes [internacionais] de dentro dos trens. Tivemos que pagar US$ 200 para poder embarcar.

Foi uma viagem muito arriscada. Felizmente, conseguimos chegar a Lviv, onde pegamos outro trem para chegar aqui em Budapeste, depois de quase quatro dias viajando.

Posso contar tudo agora com alívio, mas foi uma experiência potencialmente mortal. Em um momento pensamos que tudo estava acabado, que nunca conseguiríamos.

Agora estamos à espera de que a embaixada indiana na Hungria nos receba, onde podemos conseguir alojamento. Também sabemos que teremos voos gratuitos para que retornemos à Índia."

Don-Caleb Akonjom, 22
Nigeriano

25.fev
Kiev - Lviv (Ucrânia)

26.fev
Lviv - Shehyni (Ucrânia)
Caminhou 35 km até a fronteira

27.fev
Shehyni- Uzhhorod (Ucrânia)
Pegou carona com uma brasileira que entrou na Ucrânia para resgatar pessoas

27.fev
Uzhhorod - Nyiregyháza (Hungria)

28.fev
Nyiregyháza - Budapeste (Hungria)

Joselin Nayeli, 19
Equatoriana

24.fev
Ivano - Frankivsk - Shehyni (Ucrânia)
Caminhou 25 km a pé até a fronteira

26.fev
Shehyni - Lviv (Ucrânia)
Decidiu voltar porque não conseguiu atravessar

26.fev
Lviv- Ivano-Frankivsk (Ucrânia)

28.fev- Ivano-Frankivsk - Uzhhorod (Eslováquia)

1.mar
Vyšné Nemecké - Bratislava (Eslováquia)
Atravessou a fronteira a pé

Krishna Madhukumar, 22
Indiana

28.fev
Kharkiv - Lviv (Ucrânia)
O trem passou por várias cidades sob ataque

1.mar
Lviv - Uhzhhorodr (Ucrânia)

2. mar
Uhzhhorodr - Chop (Ucrânia)

2. mar
Chop - Zahony (Hungria)

3. mar
Zahony - Budapeste (Hungria)

A aposentada Otilia Koçouski em sua casa em Prudentópolis, no Paraná Karime Xavier/Folhapress

‘Ucrânia brasileira’ coloca guerra até no currículo escolar

Cidade no Paraná tem 75% dos habitantes descendentes do país e se mobiliza para tentar receber refugiados

Andrea Torrente

PRUDENTÓPOLIS (PR) São 11,5 mil quilômetros de distância até Kiev, mas a guerra na Ucrânia foi sentida de modo particular numa cidade do interior paranaense. "O conflito teve um impacto muito grande na comunidade, as famílias estão sofrendo como se [os atingidos] fossem pessoas daqui", diz Leopoldo Volanin, 51, diretor de uma escola na zona rural de Prudentópolis.

Na volta do recesso do Carnaval, já depois da invasão militar por Moscou, a instituição em que ele trabalha inseriu no currículo aulas sobre história e relações geopolíticas entre Rússia e Ucrânia.

Os 480 estudantes do colégio estadual Padre José Orestes Preima acompanham as notícias do front também pelas redes sociais. "Se meus tataravós não tivessem vindo da Ucrânia, nós hoje estaríamos no meio da guerra", diz Helen Elisa Petel, 15, da quarta geração de descendentes de ucranianos no Brasil.

Prudentópolis recebeu o apelido de Ucrânia brasileira porque 75% da população, de 52 mil habitantes, tem ascendência no país do Leste Europeu. A identificação fez com que o prefeito, Osnei Stadler (União Brasil), colocasse o município à disposição para receber refugiados —o Itamaraty oficializou na quinta (3) o protocolo para a emissão de vistos humanitários.

"Vai ser um enriquecimento para todos nós", afirma o professor Volanin sobre a decisão do Executivo, dizendo que ele também está de portas abertas para receber eventuais estudantes que fugirem para o Brasil. A escola que ele dirige fica na colônia Esperança, a 15 quilômetros do centro, no meio de uma estrada de chão batido que corta bosques e lavouras.

Ao longo da Linha Esperança moram cerca de cem famílias, quase todas com descendentes do país do Leste Europeu. Uma vez por semana, os alunos têm aula de língua ucraniana, e motivos que remetem à cultura de lá, como pêssankas (ovos pintados à mão, ofertados para proteger do mal e desejar bons votos) e figuras com trajes típicos decoram os muros. As mangas dos uniformes têm azul e amarelo, cores da bandeira.

Um letreiro na entrada do colégio exibe a expressão "bem-vindo" em cirílico, e em um painel no corredor os alunos escreveram "Acabem com a guerra" e "Queremos paz" na língua do país.

Estima-se que cerca de 600 mil descendentes de ucranianos vivam no Brasil, 80% dos quais no Paraná. Mais de 130 anos após as primeiras ondas migratórias, que remetem a 1896, a cultura eslava ainda predomina na região de Prudentópolis.

"Quando chegamos, sentimos que estávamos na nossa terra, com as pessoas falando ucraniano. Claro que é uma situação diferente da atual, porque se passaram mais de cem anos [desde o começo da imigração], mas eles estão guardando nossa cultura, inclusive aspectos que lá já passaram", diz Vitalii Arshulik, 32.

Ele é missionário da Primeira Igreja Batista e em 2017 trocou a cidade de Lustsk, perto da fronteira com a Belarus, pelo Paraná. Com a vida estabelecida, conta que avisou parentes e amigos que sua casa está de portas abertas para receber refugiados —ainda que saiba que as chances de isso acontecer são pequenas por enquanto.

"Entre meus amigos e conhecidos, ninguém quer vir. Preferem fugir para países próximos, como Polônia, Moldova, Hungria e Alemanha. O preço da passagem para o Brasil é muito alto", diz. Seu irmão Mikhailo, dois cunhados e um primo já foram convocados para se alistar no Exército, e o restante da família não quer abandoná-los.

Neto de ucranianos, o professor André Schparyk, 39, tem primos espalhados pelo país europeu e também se diz disposto a abrigar eventuais refugiados. "A gente é brasileiro, nascido aqui, mas sente bastante. É nossa família."

Para ir além das intenções, entidades civis e religiosas instituíram junto com a administração municipal na última quinta (3) uma comissão encarregada de conceber um plano concreto de ajuda humanitária aos refugiados, batizado de Humanitas Brasil Ucrânia. O programa prevê a criação de um cadastro de pessoas e empresas dispostas a contribuir financeiramente ou a acolher imigrantes.

"Existe a expectativa acerca da possível vinda de refugiados, e os trabalhos da comissão serão direcionados para a preparação da organização para esse acolhimento", informou a prefeitura, que alertou à população que toda ajuda se dê por meio da comissão, para prevenir ação de golpistas.

Enquanto isso, a invasão russa ecoa pelos aparelhos de rádio e TV na colônia de Nova Galícia, a 8 quilômetros do centro de Prudentópolis. No povoado de cerca de 60 casas, habitadas principalmente por idosos, não há internet nem sinal de celular.

Em uma modesta casa de madeira numa rua de saibro entre campos de madeira reflorestada, a aposentada Otilia Maria Koçouski, 78, conta ser bisneta dos ucranianos Anastasia e Basilio. "Toda noite coloco o rádio ao lado da cama, pego o terço e rezo pela paz", diz. Às vezes, ela tira o pó da gaita e toca músicas ucranianas que aprendeu na infância para alegrar o dia.

A vida ali parece ter parado no tempo. Na cozinha, o fogão é a lenha, e as paredes da sala estão decoradas com ícones religiosos e rushneks, panos bordados que enfeitam os quadros, traços marcantes da cultura ucraniana.

"As cores vivas são uma tradição dos imigrantes eslavos no Brasil, assim como paredes repletas de imagens de santos", afirma o arquiteto Fábio Domingos. Ainda há casas típicas preservadas nas áreas rurais, mas à medida que as gerações mais antigas desaparecem os imóveis dão lugar a construções modernas.

O aposentado Ambrosio Martinik, 78, neto de ucranianos, mora na rua de Otilia, em frente à pequena Igreja de São Miguel —um dos 43 templos do município em estilo bizantino, nos quais missas são celebradas em ucraniano e português. Como o padre aparece uma vez por mês, é a família dele que cuida do espaço. "Em toda parte rezam [pela paz], aqui também."

A invasão russa despertou um sentimento de união na comunidade. Nos últimos dias, integrantes do grupo folclórico Vesselka e da Irmandade dos Cossacos têm realizados atos no local. "A Rússia quer negar a cultura, a religião e as ricas tradições dos ucranianos", disse Meron Mazur, bispo da Eparquia da Imaculada Conceição de Prudentópolis, em uma mensagem aos fiéis.

MG
São Paulo
Prudentópolis
Curitiba
oceano Atlântico
SC
100 km

Zelenski recorre aos EUA para obter aviões russos

Sábado é marcado por movimentação diplomática em torno do conflito

SÃO PAULO O presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, realizou uma reunião por vídeo com senadores dos Estados Unidos e pediu ajuda para conseguir caças a fim de reforçar a sua Força Aérea.

O líder ucraniano "fez um pedido desesperado para que países europeus providenciem aviões russos para a Ucrânia", disse Chuck Schumer, líder da maioria do Senado, sobre a reunião que aconteceu neste sábado (5).

"Farei tudo que eu puder para ajudar", completou o democrata, em um comunicado. Mais de 280 senadores estiveram presentes na conversa.

Não está claro, porém, como Washington poderia auxiliar na transferência dessas aeronaves russas, que teriam que vir de países europeus que já disponham delas.

O avião que Zelenski tem em mente é o MiG-29, que é operado por dois países da Otan (aliança militar do Ocidente), Polônia e Eslováquia, seus vizinhos. Antes da guerra, a Ucrânia tinha 37 desses modelos soviéticos, mais antigos do que as aeronaves em operação na Rússia.

A União Europeia já havia prometido financiar a entrega de caças para os ucranianos, mas a promessa esbarra em diversos desafios logísticos.

Mesmo que pilotos de Kiev busquem os aviões, o risco de eles serem abatidos ao entrar no espaço aéreo é grande. Está fora de cogitação voarem com pessoal da Otan para não confrontar os russos diretamente e arriscar uma guerra maior.

Então os aparelhos deveriam ser desmontados parcialmente e embarcados em caminhões, mas isso pode ser identificado pelos serviços de vigilância russos, sujeitando comboios a um ataque aéreo.

Não se sabe quantos aviões Zelenski já perdeu na campanha de Putin. O ucraniano tinha insistido em criar uma zona de exclusão aérea para tentar proteger-se de bombardeios, mas a Otan rejeitou a ideia pelo mesmo problema: não poderia fazê-lo sem enfrentar em combate os russos.

Na reunião com os senadores dos EUA, Zelenski voltou a pedir que seja implementada a área de exclusão aérea.

Senadores publicaram mensagens de apoio ao ucraniano após a conversa, como Marco Rubio e Lindsey Graham, ambos do partido Republicano.

O líder da minoria no Senado, Mitch McConnell (também republicano), está trabalhando junto ao democrata Schumer para conseguir auxílios para a Ucrânia, afirmou uma fonte com conhecimento sobre a reunião.

Caça russo MiG-29, que pertence à Força Aérea de Belarus; o modelo foi citado por Volodimir Zelenski em reunião com senadores dos EUA Vasily Fedosenko 23.set.2015/Reuters

O pacote incluiria um total de US$ 10 bilhões (mais de R$ 50 bilhões) em ajuda econômica, humanitária e de segurança para a Ucrânia.

No encontro com o secretário de Estado dos Estados Unidos, Antony Blinken, o chanceler ucraniano, Dmitro Kuleba, reiterou o pedido por aviões e também solicitou que seus aliados enviassem aparato de defesa anti-aérea.

"Se eles continuarem a providenciar para nós as armas necessárias, o preço será menor. Isso salvará muitas vidas", afirmou.

O front diplomático neste sábado (5) também foi marcado pela movimentação do primeiro-ministro de Israel, Naftali Bennett. Ele fez uma rodada de conversas com alguns dos líderes com papel central na guerra da Ucrânia.

Presencialmente, em Moscou, encontrou-se com o russo Vladimir Putin. Depois, por telefone, falou com o ucraniano Volodimir Zelenski. Na sequência, voou para Berlim para se reunir com o alemão Olaf Scholz. Mais cedo, antes de ir à Rússia, Bennett conversou com o francês Emmanuel Macron.

Israel, lar de uma população expressiva de imigrantes russos, ofereceu-se para mediar o conflito entre a Rússia e a Ucrânia —embora as autoridades tenham minimizado as expectativas de um avanço nas negociações.

Apesar de ser aliado dos EUA, ter condenado a invasão russa, expressado solidariedade a Kiev e enviado ajuda humanitária à Ucrânia, o governo de Israel afirmou que manterá as conversas com Moscou na esperança de ajudar a aliviar a crise.

Além disso, o país do Oriente Médio está atento ao apoio militar de Moscou ao ditador Bashar al-Assad na vizinha Síria, onde Israel ataca regularmente alvos militares iranianos e do Hizbullah. O contato com Moscou evita que forças russas e israelenses se ataquem por acidente.

De acordo com o porta-voz de Bennett, que segue a religião judaica, o premiê não violou o descanso sagrado do sábado ao viajar a Moscou e conversar com outros líderes porque o judaísmo prevê exceções quando o objetivo é preservar a vida humana.

A China, por sua vez, voltou a pedir diálogo aos envolvidos no conflito no Leste Europeu.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores do gigante asiático, o chanceler Wang Yi conversou com Blinken e reiterou que Kiev e Moscou precisam se engajar em um diálogo direto.

Segundo nota do ministério, o chanceler disse ao americano que qualquer resolução da guerra precisa atender os "interesses de segurança das duas partes", mas voltou a

Terceira rodada de negociações será na segunda, diz Kiev

REUTERS Os governos de Rússia e Ucrânia realizarão uma terceira rodada de negociações nesta segunda-feira (7) sobre o fim das hostilidades, disse o negociador ucraniano David Arajamia em um post no Facebook neste sábado (5), sem fornecer mais informações.

Na quinta-feira (3), ambos os lados do conflito concordaram em abrir corredores humanitários para permitir que civis saíssem de algumas zonas de combate, embora a implementação da medida tenha fracassado.

Glossário da guerra na Ucrânia

De bomba termobárica a Kharkiv, de Acordos de Minsk a Nord Stream 2, saiba o que significam termos e nomes em russo e ucraniano que dominam o noticiário internacional desde o começo da invasão por parte de Moscou

Acordos de Minsk
dois acordos de cessar-fogo assinados entre Kiev e Moscou há sete anos, depois de separatistas apoiados pela Rússia ocuparem regiões do Donbass; os pactos eram vistos como possibilidade de o conflito atual não escalar para uma guerra, o que não aconteceu

Aeroflot
em operação desde 1923, é a maior companhia aérea da Rússia e foi banida de voar sobre Europa, EUA e Canadá após o início da guerra. Neste sábado (5), Putin falou com comissárias de bordo em um centro de treinamento da Aeroflot (pág. A10)

Alexei Navalni
principal opositor de Putin, o ativista chamou o líder de "czar insano" devido à guerra e pediu que seus compatriotas se manifestem contra a invasão da Ucrânia

Antonov-255
maior avião do mundo, o cargueiro que esteve duas vezes no Brasil foi destruído por bombardeio russo; tinha 88 metros de comprimento e era um exemplar único, fabricado pela URSS

Babi Yar
local em Kiev palco de um dos maiores massacres de judeus na 2ª Guerra, com 34 mil vítimas dos nazistas; torre de TV na região foi alvejada pelos russos no conflito atual

Belarus
ex-república soviética hoje comandada pelo ditador Aleksandr Lukachenko, aliado de Putin; abrigou duas rodadas de negociações

Bomba de fragmentação
bombas recheadas de explosivos menores que, ao serem lançadas, espalham-se e atingem uma grande área, tornando-a um campo minado com potencial explosivo por anos; observadores afirmam que a Rússia está usando na guerra em curso este armamento, proibido por 119 países

Bomba termobárica
arma que, ao explodir, forma uma parede de fogo que suga o oxigênio ao redor e incinera tudo o que estiver em seu caminho; a Rússia teria usado uma na invasão, segundo grupos de direitos humanos

C

Ciberguerra
novo tipo de conflito que se desenvolve em paralelo à guerra tradicional, refere-se a ataques pela internet —por exemplo, quando sites do governo ucraniano ficaram inacessíveis

Cirílico
alfabeto usado com pequenas variações na Rússia, na Bulgária e na Ucrânia

Crimeia
região ao sul da Ucrânia anexada pela Rússia em 2014, em movimento contestado por grande parte da comunidade internacional e pela ONU

D

Desnazificar
refere-se à política dos Aliados para a Alemanha nazista após a 2ª Guerra; no conflito atual, Putin afirmou que as tropas russas "desnazificariam" a Ucrânia. Ainda que o país tenha células de extrema direita, o Estado não é extremista

Dmitro Kuleba
chanceler da Ucrânia, afirmou que a Rússia deve ser julgada no Tribunal Penal Internacional de Haia pela guerra

Donbass
região no leste da Ucrânia que engloba os territórios de Donetsk e Lugansk, agora reconhecidos pelo Kremlin como áreas russas; Putin falava que havia um genocídio contra a população russófona do Donbass, narrativa que usou como argumento para a invasão

Duma
Parlamento russo, composto por 450 deputados, dos quais 351 foram punidos pela União Europeia devido à invasão da Ucrânia

E

Eslavos
refere-se aos povos da área que compreende, entre outros países, Rússia, Ucrânia e Belarus

G

Gazprom
gigante de energia, a estatal russa exporta gás natural para a Europa; o preço da energia em países europeus deve subir devido à guerra

Gomel
segunda cidade mais populosa da Belarus, próxima à fronteira com a Ucrânia, onde ocorreu a primeira negociação entre as delegações russa e ucraniana

I

Ivano-Frankivsk
cidade histórica no oeste da Ucrânia, cujo aeroporto foi um dos primeiros alvos da invasão russa

K

Kharkiv
segunda maior cidade da Ucrânia, com 1,4 milhão de habitantes, foi bombardeada com grande intensidade pelas tropas russas

Kherson
cidade portuária de 290 mil habitantes, ponto estratégico da Ucrânia por ser um importante porto no Mar Negro, está sob controle do Exército russo

L

Lviv
cidade próxima à fronteira com a Polônia, considerada a principal porta de saída de quem foge da guerra; sua estação de trem está lotada há dias

M

Mariupol
se for controlada pelos russos, a cidade portuária estratégica pode estabelecer uma área de domínio do Kremlin que se estende do sul ao leste da Ucrânia; o local foi cercado por soldados de Moscou e, segundo o prefeito, pontes e trens foram destruídos para impedir a população local de fugir

Míssil balístico
armamento que seria empregado numa eventual guerra nuclear entre Rússia e potências ocidentais; voa em altas altitudes numa trajetória predeterminada e pode ir de um continente a outro

Míssil de cruzeiro
projetado para liberar grandes ogivas em longa distância com alta precisão, também parte do arsenal russo

N

Nord Stream 2
gasoduto que liga a Rússia à Alemanha e está pronto, mas sem entrar em operação; devido à guerra, teve sua licença congelada pelo premiê alemão, Olaf Scholz

O

Odessa
cidade portuária estratégica da Ucrânia; moradores obstruíram as ruas com barricadas de sacos de areia e blocos de concreto para se defender da iminente invasão

Olena Zelenska
mulher do presidente ucraniano, tornou-se porta-voz da narrativa oficial sobre a guerra com posts em que fala de seu orgulho de ser ucraniana; considerada o "alvo número 2" de Putin, de acordo com o marido, Volodimir Zelenski

P

Palianitsa
para desmascarar infiltrados russos, os moradores de Kiev obrigam os suspeitos a pronunciar esta palavra, nome de um pão tradicional ucraniano que russos dificilmente conseguem falar corretamente

Q

Quarta Teoria Política
criada por aquele que é tido como guru de radicais russos, Aleksandr Dugin, que defende uma opção às três ideologias dominantes no século 20, liberalismo, comunismo e fascismo; segundo sua proposta, o sujeito principal da história seria o povo, não o indivíduo ou o Estado; no contexto europeu, ela se reflete no "eurasianismo", expansão da presença de Moscou para todas as regiões de influência histórica do povo russo —não importa se pertencentes a outros países soberanos, como a Ucrânia

R

Roman Abramovich
bilionário russo dono do time de futebol britânico Chelsea; depois do início da guerra, entregou o controle do clube e o colocou à venda

Rostov-do-Don
principal cidade do sul da Rússia, importante porta de entrada para quem decide fugir da guerra na Ucrânia

Rublo
a moeda russa sofreu forte desvalorização depois das sanções impostas pela UE devido à invasão da Ucrânia

S

Sberbank
maior banco da Rússia, informou que deixará o mercado europeu em meio a sanções que o país enfrenta

Serguei Lavrov
chanceler russo e decano da diplomacia, foi boicotado por mais de cem diplomatas quando discursou sobre a guerra em dois fóruns das Nações Unidas (leia mais sobre ele na pág. A11)

Serguei Kislitsia
representante da Ucrânia na ONU, comparou as ações da Rússia com as da Alemanha nazista

Serguei Choigu
ministro da Defesa russo, está na lista de proibição de viagens à UE e aos EUA e teve seus ativos congelados

Servo do Povo
série de TV que tornou o então ator Volodimir Zelenski conhecido; na comédia, ele interpreta um professor de ensino médio que fica famoso após um vídeo em que o personagem fala contra a corrupção viralizar; o professor acaba eleito presidente e tenta combater a corrupção no governo e os privilégios da elite. É também o nome do partido de Zelenski

Shaktar Donetsk
time de futebol ucraniano da primeira divisão, hoje baseado em Kiev, que conta com 13 jogadores brasileiros; o time não atua em Donetsk desde 2014, devido a conflitos anteriores na região

Swift
sistema que interliga mais de 11 mil instituições financeiras em 200 países, dando suporte a trilhões de dólares em pagamentos; diversos bancos russos foram desconectados do Swift em meio às sanções

T

Tass
agência de notícias do governo russo fundada em 1904 e parte da máquina de propaganda do Kremlin; reportagens no site da agência usam o eufemismo "operação militar especial" para se referir à guerra na Ucrânia, por exemplo

Ucranizar
termo usado por bolsonaristas que defendem usar táticas da extrema direita ucraniana no Brasil, ou seja, promover desobediência civil violenta, com o objetivo de expurgar o que na visão deles são as elites corruptas do país, bem como a esquerda progressista

Ursula von der Leyen
política alemã, é a primeira chefe mulher da Comissão Europeia e vocal opositora da guerra, encabeçando ações como o fechamento do espaço aéreo europeu para aviões russos

Valeri Gerasimov
chefe das Forças Armadas russas, está agora na lista de proibição de viagens e congelamento de bens no Reino Unido e nos EUA

Vitali Klitschko
ex-campeão mundial de boxe e atual prefeito de Kiev, a capital da Ucrânia

Volodimir Zelenski
presidente da Ucrânia eleito democraticamente em 2019 numa onda antipolítica, o ex-ator de 44 anos era um comediante de TV sem experiência em cargos públicos e hoje lidera a resistência ucraniana à invasão russa

Wang Yi
ministro das Relações Exteriores da China; Pequim é aliada de Moscou e, até agora, absteve-se de condenar a invasão em reuniões do Conselho de Segurança da ONU

Zaporíjia
maior usina nuclear da Europa, foi tomada pelos russos após ser alvo de bombardeios que resultaram em incêndio no local; fornece 25% da energia da Ucrânia

China toma notas enquanto velocidade da guerra agonia rivais

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO Nesses 11 dias que abalaram o mundo, adaptando o título do clássico de John Reed sobre o golpe revolucionário bolchevique de 1917, muitas verdades de consumo instantâneo surgiram sob as lagartas dos tanques de Vladimir Putin na Ucrânia.

Uma das mais repetidas é a suposta ressurreição da Otan, a aliança militar ocidental criada em 1949 para deter o rolo compressor de Stálin sobre as ruínas europeias.

Suposta pois, como aliança militar, a Otan não cumpre seu objetivo de fundação. Mostra-se fraca e insegura.

A definição é de quem está com as bombas sobre a cabeça, o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski. Ele se queixava de que o clube não havia topado fazer uma zona de exclusão aérea sobre seu país, o que colocaria ocidentais e russos um na mira do outro.

Para o mundo, claro, é melhor que seja assim: uma Otan que fosse inclinada a agir militarmente nos garantiria uma Terceira Guerra Mundial, o que dá a Putin uma vantagem de saída algo assustadora.

E mesmo esse risco segue no radar, a depender da leitura que o russo fizer de movimentos como o envio de armas ofensivas para Kiev ou mesmo de sanções mais duras, como ele já ventila.

Por ora, os EUA, secundados pelos aliados, apostam na Primeira Guerra Mundial das Sanções, com o isolamento sem precedentes da Rússia do sistema internacional.

É um cabo de guerra. Até agora, por toda a destruição prevista de sua economia e talvez base de apoio interna, Putin não piscou.

Mesmo quando associou as sanções a atos de guerra, na sexta (4) e no sábado (5), ele o fez desdenhando do efeito até aqui. Mas se a carestia vertical na sociedade, dos oligarcas bilionários aos moradores dos rincões russos, apertar (como tudo indica que irá), a ideia de um presidente acuado com armas nucleares não soa confortável.

Seja como for, a esta altura, sua campanha, problemática como está sendo para ele por não ter quebrado Kiev de forma rápida, prossegue num crescendo de violência.

A perspectiva de um conflito mais longo apavora a todos. Ucranianos, pelo evidente sofrimento de sua população.

O Kremlin, por abrir a porta para a exaustão militar que obrigue a escaladas de violência que podem ou não condizer com seu objetivo —algo que, aliás, é sempre presumido, pois ninguém sabe até onde Putin irá, o que é aterrador.

O Ocidente, pois sem uma derrota rápida de Putin os efeitos da quimioterapia das sanções começarão a afetar o paciente como um todo.

Há sinais disso aqui e ali, e quando o jogo chegar, de fato, aos setores de hidrocarbonetos será mais fácil mensurar o estrago fora da Rússia.

Sujeito oculto desse jogo, a China mira o distanciamento. Quando tudo acabar, se não for com o apocalipse, será o principal ator a observar.

Aliado de Putin, a quem abraçou como irmão numa cruzada contra as pressões ocidentais, Xi Jinping tem se mantido discreto. Não condenou a guerra e criticou as sanções, como seria óbvio, mas tem adotado uma linha de buscar ponderação.

Xi está tomando nota das lições que vê, e Washington resolveu desenhar ao reunir o Quad nesta semana.

A aliança com Japão, Índia e Austrália lembrou os chineses que a reação à invasão é um modelo a ser seguido no caso de Taiwan, a ilha que Pequim vai tentar reabsorver.

À falta de sutileza se soma o fato de que a China teria muito mais a perder do que a Rússia num embate desses.

Se alguma acomodação entre a ditadura e os EUA sairá desse entrechoque, que no outro extremo verá um mundo dividido em blocos e os russos no colo dos chineses por falta de opção, é algo a ver.

Mas as condições de navegabilidade para Xi são razoáveis enquanto espera o butim, até porque o Ocidente não sairá bem dessa crise por mais que se venda como unido.

Amarildo

Novo choque global; e o Brasil?

Reação ao conflito geopolítico revelará o futuro próximo do país

Ana Paula Vescovi
Economista-chefe do Santander Brasil

Nada mais indesejável do que uma guerra entre Rússia e Ucrânia, sem prazo para acabar e com repercussões e perdas globais (econômicas e de vidas). Mas, se o Brasil reagir da forma adequada, poderemos nos posicionar bem para enfrentar os problemas que virão.

Os impactos econômicos tendem a ser relevantes, pois afetam suprimentos estratégicos (como trigo, milho, fertilizantes, petróleo e gás, entre outros) para regiões relevantes, como a Europa, que tem grande dependência energética da Rússia.

A logística pode ficar mais complexa e menos eficiente, com possíveis quebras de fornecimento, o que implica produtos finais mais caros. Além de maior insegurança e menos investimentos (ou pior, mais investimentos bélicos). O mundo crescerá menos, com mais inflação, menos empregos e menor mobilidade entre países.

O Brasil é um importante produtor de petróleo e de milho, cujos preços já vêm registrando forte valorização desde a pandemia. A oferta desses bens não deve ser ampliada repentinamente, pois depende de investimentos de prazo mais longo ou de condições climáticas, disponibilidade de terras e acesso a bens intermediários. Como o país é importador de fertilizantes, terá acesso mais restrito a esses insumos, comprometendo a produtividade das próximas safras.

Ainda assim, poderá haver melhora temporária de termos de troca no Brasil, com alta mais forte dos preços de exportações ante os das importações a curto prazo. Contudo, a entrada potencial de mais divisas não é algo certo. Ao contrário do que indicavam os fundamentos, o real se depreciou desde a pandemia, muito por causa da persistência dos riscos domésticos (fiscal, institucional e político eleitoral).

Agora, ocorre o oposto. Os fundamentos sinalizam potencial depreciação do real. Primeiro, se a curva de juros doméstica já embute expectativas do aperto monetário aqui, a curva de juros nos EUA precifica pouco, com investidores apostando numa taxa final baixa, inferior à do juro neutro (2,5%) estimado pelo banco central norte-americano (Fed). Assim, os diferenciais de juros em favor do Brasil tendem a se reduzir à frente.

Outro fator é a retirada de liquidez nos mercados globais, mediante forte vencimento de títulos na carteira do Fed. O enxugamento da liquidez global potencialmente reduzirá preços de commodities e os ganhos de termos de troca. Ademais, o Brasil crescerá menos que as economias avançadas, a considerar os impactos defasados do aperto monetário. Por fim, em momentos de aversão ao risco, investidores tendem a buscar ativos considerados seguros, como títulos da dívida dos EUA.

Contudo, seria possível que o real caminhasse novamente em direção contrária aos fundamentos, desta vez em favor da sua valorização, caso o país viesse a ser bem-sucedido na redução de seus riscos domésticos.

O caminho seria traçar políticas públicas adequadas, considerando que preços de commodities mais altos e mais inflação elevam as receitas públicas de modo ilusório e temporário. Isso está associado à perda de poder aquisitivo das famílias e à queda de lucratividade ou inviabilidade da muitas empresas não exportadoras. Por maus motivos, ganham governos e exportadores de commodities, perde a grande maioria da população.

Tornar a cobrança de impostos mais simples, previsível e parecida para todos os setores ajuda a reduzir os custos de pagamento pelas empresas. Contribui para gerar decisões empresariais focadas na racionalidade do próprio negócio (e não para o aproveitamento de brechas). E ainda tem o benefício de aproximar o Brasil das melhores práticas internacionais, melhorando o nosso ambiente de negócios. A redução linear do IPI e a gradual eliminação do IOF caminham nessa direção.

Estão ainda em discussão mudanças na cobrança do ICMS sobre combustíveis. Regulamentar a Constituição, que indica alíquotas uniformes, instituir valores específicos e permitir a cobrança monofásica seriam importantes avanços. Reduziria sonegação e a competição desleal. Tais iniciativas, já mencionadas pelo Ministério da Economia, demandam cautela para não piorar as contas públicas.

Outra fonte de redução de riscos seria o processo eleitoral sinalizar tanto a retomada das reformas estruturais à frente quanto o aprimoramento das políticas sociais. As reformas pró-mercado ajudam na recuperação da confiança e na redução da taxa de juros estrutural.

A saída para o conflito entre Rússia e Ucrânia, seja qual for, muito nos dirá sobre a (re)configuração das forças geopolíticas e seu impacto para as futuras gerações.

A reação do Brasil muito nos dirá sobre as oportunidades futuras. Com sinalização firme quanto à solidez político-institucional e dos valores históricos do país nas relações internacionais, e a adoção de políticas adequadas, será possível reduzir sobremaneira impactos sobre os brasileiros, assegurando a contenção dos choques de preços e um ajuste mais rápido das contas públicas e da inflação.

Raio-X da Eletrobras

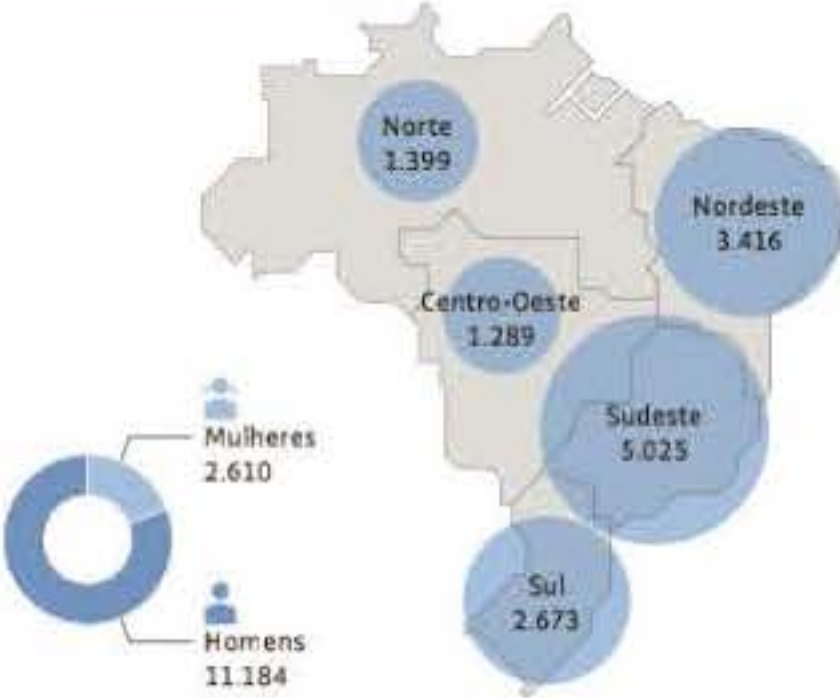
A Eletrobras, maior holding do setor elétrico na América Latina, controla 6 subsidiárias, é a principal patrocinadora do Cepel (Centro de Pesquisa de Energia Elétrica) e em nome do governo brasileiro detém metade da Itaipu Binacional

*Balanço do terceiro trimestre de 2021
Fontes: Relatório Anual da Eletrobras de 2020 e site da empresa e subsidiárias

Funcionários

A empresa tem cerca de 13 mil funcionários em todas as regiões do país, com forte presença masculina

Número de funcionários por região e gênero

Norte 1.399
Nordeste 3.416
Centro-Oeste 1.289
Sudeste 5.025
Sul 2.673
Mulheres 2.610
Homens 11.184

Geração

A empresa responde por quase um terço da capacidade instalada do sistema de geração de energia do Brasil

Capacidade instalada, em MW

Eletrobras 50.648 → 31% participação no total nacional

O parque gerador está concentrado em hidrelétricas

Capacidade instalada por fonte, em MW

	Brasil	Eletrobras	Participação da Eletrobras na geração nacional, em %
Hídrica	108.508	46.258	43
Eólica	15.870	704	4
Gás natural	14.326	1.146	8
Biomassa	13.939	-	-
Óleo	4.429	199	4
Solar	3.110	1	0
Carvão	3.017	350	12
Nuclear	1.990	1.990	100

Privatização da Eletrobras corre contra o tempo para buscar R$ 25 bi

Operação na Bolsa de Valores precisa ser feita antes de a campanha eleitoral esquentar

Alexa Salomão

BRASÍLIA Para dimensionar o que é a Eletrobras, pense que, de cada 10 lâmpadas ligadas no país, ao menos 3 são abastecidas pela energia gerada pela companhia.

Maior empresa de energia da América Latina, dona ou sócia das mais importantes hidrelétricas do Brasil, como Belo Monte e Furnas, e responsável por quase 44% do sistema de transmissão do país, a estatal foi colocada numa corrida contra o tempo para ser privatizada.

O processo precisa ser concluído ainda no primeiro semestre, antes de a campanha eleitoral entrar na fase decisiva e afastar investidores. A venda foi modelada para ocorrer por meio de capitalização em Bolsa. Serão emitidas ações e recibos de ações (ADRs), respectivamente no Brasil e nos Estados Unidos.

Hidrelétrica de Xingó, localizada no rio São Francisco, na divisa de Alagoas e Sergipe 2.out.19/Divulgação

Se vingar, a oferta será uma das maiores operações em Bolsa na história das empresas brasileiras, cerca de R$ 25 bilhões, pelas estimativas. Só vai perder para a icônica emissão da Petrobras em 2009, quando a estatal de petróleo captou US$ 69 bilhões (R$ 353 bilhões pela cotação atual).

A oferta busca diluir a participação da União, que precisa cair de 72% para 45%, arrecadar recursos para pagar outorga ao Estado e transformar a empresa numa corporação. Nenhum acionista poderá ter mais de 10% do total das ações.

Mas a operação também é vista como uma rentável oportunidade de investimento, segundo consultores financeiros. Relatório do banco UBS, por exemplo, estima que o preço da ação, hoje na casa de R$ 35, pode dobrar em um ano, indo a R$ 70, com ganhos de eficiência numa gestão privada.

Estão previstas ofertas prioritárias para já acionistas, empregados e aposentados. Haverá espaço para operadores institucionais e pequenos investidores. Como ocorreu em outras privatizações, será possível usar metade dos recursos depositados no FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), via fundos, para participar da oferta.

Analistas de mercado que acompanham o processo oscilam entre a euforia e a descrença pelo tamanho da oferta e o prazo diminuto para a sua conclusão. A maratona burocrática não é fácil, avalia Marcos de Vasconcellos, assessor de investimentos e colunista da **Folha**.

"Pelo porte da operação e pela dimensão e características da Eletrobras, uma estatal de abrangência nacional, é muito difícil que possa ser concluída num período tão curto, em ano eleitoral", diz Vasconcellos. Ele lembra que bastaria um grupo de funcionários descontentes engavetar um ou dois documentos vitais para retardar o trâmite e inviabilizar a privatização neste ano.

No final de fevereiro, os acionistas aprovaram a operação numa assembleia extraordinária, etapa vital para dar continuidade ao processo, alimentando o otimismo de quem está de olho nas ações. O momento considerado mais sensível é a próxima reunião do TCU (Tribunal de Contas da União), que deve ocorrer entre o final de março e o início de abril.

O rito permite que se peça vista do processo, ao menos duas vezes, o que, no limite, poderia estender os trabalhos no órgão por 60 dias —o que inviabilizaria a oferta no prazo desejado pelo governo e acionistas.

Um dos itens sob análise será o preço mínimo da ação. Os valores, calculados por consultorias contratadas pelo BNDES, são sigilosos. Já houve debates no TCU sobre o valor da empresa. O ministro Vital do Rêgo Filho questionou a fórmula de cálculo e disse que a empresa valeria R$ 130 bilhões, não os R$ 67 bilhões definidos. Foi o único voto contra.

"A privatização chegou no apagar das luzes de um ano eleitoral e estamos diante de um quadro dantesco de entrega de um patrimônio já amortizado, pago, que teremos de pagar outra vez para continuar usando", diz o ministro. "Quem vai fazer a festa é o mercado financeiro."

O PT jogou mais uma bola para o Tribunal de Contas. Ajuizou no fim de fevereiro, no STF (Supremo Tribunal Federal), mandado de segurança, em caráter liminar, para que o órgão analise questionamento sobre o valor da empresa, que foi enviado pelo Congresso.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que lidera as pesquisas para a eleição a presidente, já declarou que o PT é contra a operação.

"Nós entendemos que a empresa é de capital aberto, mas a Eletrobras também é uma empresa com o papel de garantir o abastecimento, o desenvolvimento e a soberania do Brasil —deve ter controle do Estado", afirma a deputada Gleisi Hoffmann, presidente do PT.

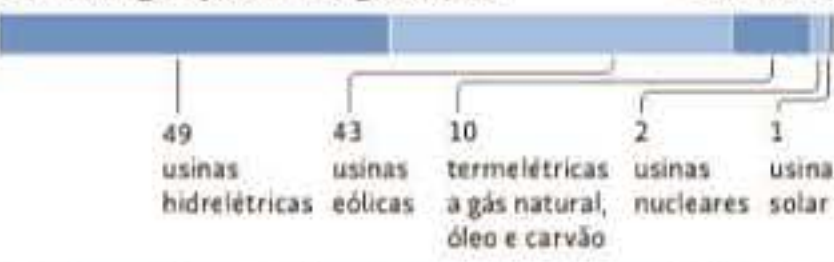
"Nossa expectativa é que a privatização não ocorra neste ano", afirma a deputada. Se ocorrer, e o PT ganhar a eleição, haverá como reverter o processo, avalia Gleisi. "Foi uma operação em Bolsa, podemos fazer outra, e até recomprar as ações."

> Quem vai fazer a festa [com a privatização] é o mercado financeiro
>
> **Vital do Rêgo Filho**
> ministro do TCU

No mais recente balanço financeiro anual, referente a 2020, a Eletrobras teve lucro de R$ 6,4 bilhões, uma queda de 42,6% em relação aos R$ 11 bilhões do ano anterior. A divulgação do próximo resultado está prevista para 14 de março.

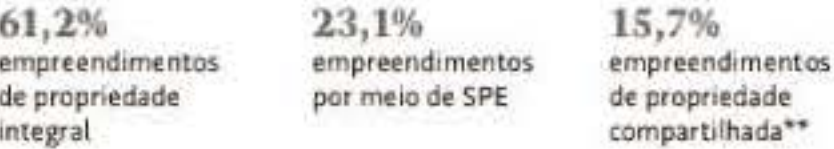
Resultados dos últimos anos oscilaram muito. Em 2016, comemorou-se um lucro de R$ 3,4 bilhões, após quatro anos de prejuízos. Em 2017, nova queda, com prejuízo de R$ 1,7 bilhão. Desde 2018, a estatal apresenta resultados positivos, em parte atribuídos a reestruturações pontuais, incluindo a venda de distribuidoras deficitárias.

Patrimônio

O patrimônio inclui as maiores usinas de geração de energia do país

A maior parcela das usinas pertencem totalmente à Eletrobras

61,2% empreendimentos de propriedade integral

23,1% empreendimentos por meio de SPE

15,7% empreendimentos de propriedade compartilhada**

Entre os maiores projetos hidrelétricos destacam-se

Belo Monte
- Altamira (PA)
- SPE que inclui Eletrobras, Eletronorte e Chesf

11.230 MW

Tucuruí
- Tocantins (PA)
- Eletronorte

8.340 MW

Itaipu (Binacional)
- Foz do Iguaçu (PR)
- Eletrobras

7.000 MW (parcela do Brasil)

Complexo Paulo Afonso
- Paulo Afonso (BA)
- Chesf

4.279 MW

Jirau
- Porto Velho (RO)
- SPE que inclui Eletrosul e Chesf

3.750 MW

Santo Antônio
- Porto Velho (RO)
- SPE que inclui Furnas

3.568 MW

Xingó
- Entre Piranhas e Canindé do São Francisco (AL e SE)
- Chesf

3.162 MW

Itumbiara
- Entre Itumbiara e Araporã (GO e MG)
- Furnas

2.082 MW

Na transmissão

A Eletrobras é a maior empresa de transmissão de energia elétrica do país, sendo responsável por quase metade das linhas com alta tensão***

76, 1 mil km de linhas próprias

66,4 mil km de linhas corporativas

9,7 mil km de linhas via participações em SPE

**Inclui metade da capacidade instalada de Itaipu ***Tensão maior ou igual a 230 kV
Fontes: Relatório Anual da Eletrobras de 2020 e site da empresa e subsidiárias

Operação não garante redução na conta de energia elétrica

Privatizações sempre foram polêmicas e ruidosas, acompanhadas por batalhas judiciais e mobilizações de funcionários. Mas a forma como a privatização da Eletrobras foi conduzida pelo governo e capturada no Congresso atraiu questionamentos até de históricos defensores da desestatização.

Os parlamentares incluíram na MP (medida provisória) da privatização emendas que impuseram despesas futuras bilionárias para a nova Eletrobras e vão elevar a conta de luz, quando a meta da privatização era reduzir. No jargão político, essas emendas estranhas são chamadas jabutis.

A nova empresa terá que subsidiar térmicas a carvão —na contramão do mundo, que investe em fontes verdes. Terá de bancar térmicas a gás no interior do país, onde não há produção de gás.

Então, ainda terá de arcar com a construção de gasodutos para abastecer essas térmicas e fazer as linhas de transmissão para levar a energia do interior para as cidades maiores.

Por mais 20 anos, vai continuar mantendo o Proinfa, programa de incentivo a energias alternativas, que já não são tão alternativas. Tudo isso vai para a conta de luz.

"Empresa estatal, quando privatizada, ganha produtividade apenas por se livrar das amarras do controle público, Tribunais de Contas, Ministério Público. Mesmo sem mudar diretores e funcionários, funcionará melhor apenas pela eliminação da paralisia das canetas", diz Jerson Kelman, ex-diretor das agências que monitoram os setores de energia e água, Aneel e ANA.

"Mas os jabutis inseridos no projeto de privatização da Eletrobras constituem lamentável captura do processo de planejamento energético por parte de um Congresso dominado por interesses paroquiais e fisiológicos."

Como essas medidas atendem a interesses políticos, alguns especialistas em energia as consideraram uma espécie de preço extra para garantir o apoio dos parlamentares e fazer a privatização andar.

Continua na pág. A18

PAINEL S.A. | *Joana Cunha*

painelsa@grupofolha.com.br

Roberto Noronha

Vulnerabilidade do Brasil em fertilizantes, agora, está escancarada

SÃO PAULO A Unigel, que no fim do ano fez dois contratos no mercado livre de gás para suprir as fábricas de fertilizantes arrendadas da Petrobras em Sergipe e na Bahia, quer acelerar a expansão para tentar ajudar a reduzir a dependência brasileira em relação ao importado, segundo Roberto Noronha, CEO da empresa.

*

Recentemente, em 2021, vocês deram início a dois contratos no mercado livre de gás. Qual é a importância disso no contexto atual com a guerra? A matéria-prima principal para fazer ureia é o gás natural. Esses contratos são fundamentais. Não há como produzir sem ter contrato de suprimento constante. Essas unidades precisam ter fluxo constante de gás o ano todo. E esse é um gás produzido no Brasil.

Qual é o seu grau de preocupação sobre a dependência do Brasil em relação ao fertilizante importado? Eu tenho falado para o governo brasileiro que a vulnerabilidade do Brasil, agora, está meio que escancarada.

O governo russo está recomendando a suspensão da exportação de fertilizante. Os quatro maiores mercados são China, Índia, Brasil e EUA, destes, três, que são China, Índia e EUA, têm uma dependência entre 20% a 25%. O Brasil depende de algo como 80% de fertilizantes importados.

É vulnerabilidade para o principal componente do PIB brasileiro, que é o agronegócio. Então, me preocupa, sim.

E a empresa? Nós investimos pesado para colocar essas unidades que estavam hibernadas para funcionar e, a nossa ideia é seguir expandindo para tentar reduzir um pouco a vulnerabilidade. Nós, obviamente, não previamos essa crise, que é inegável.

Entramos antes de que se pensasse que pudesse ter o problema. Agora, nós estamos aqui como solução parcial, porque não temos como atender a demanda toda. Porém, vamos tentar fazer as expansões de forma extremamente rápida para tentar minimizar o problema.

Quanto tempo demora para ligar uma hibernada? Depende do estado da hibernação. Vou pegar o exemplo da planta hibernada em Três Lagoas, nós da Unigel conseguimos fazer reativação muito rápido.

Precisa comprar equipamentos, contratar, treinar gente, negociar matéria-prima, licença, há um processo.

Em um prazo curto, se eu conseguisse entrar hoje na unidade, acredito que em 12 meses, possivelmente, conseguiria colocar a empresa de pé. Não é do dia para a noite.

Uma outra planta hibernada pode ser mais rápido porque não tem que concluir investimento. Depende da situação. Se pegar um projeto já pronto, é mais rápido.

E qual é o investimento? Ele aumenta com a guerra? Antes da guerra, nós investimos mais de R$ 500 milhões para reativar as duas unidades.

Estamos investindo nesse segmento agro, de fertilizantes, uma planta nova de ácido sulfúrico, que vai alimentar uma nova planta de sulfato de amônio. Em 12 meses vamos estar construindo uma planta totalmente nova e reativando uma em Sergipe.

E esse investimento, estamos estimando a planta de ácido sulfúrico outros R$ 500 milhões e a reativação da planta de sulfato de amônio, pelo menos, mais uns R$ 50 milhões a R$ 100 milhões.

Não há muito a ser feito na emergência? A fábrica que existe não é da Unigel. Podemos ajudar no processo. Treinamos uma equipe imensa para produzir ureia.

Poderíamos, eventualmente, tentar fazer alguma coisa em curtíssimo espaço de tempo, mas tem toda uma negociação por trás. Tem muita coisa que tem que ser discutida com o atual dono da fábrica. Seria com a Petrobras.

Pensando no longo prazo, que política pública o Brasil poderia fazer para ajudar a resolver essa dependência? Participei de algumas reuniões da confecção do plano nacional de fertilizantes. O importante para o Brasil incentivar investimentos no setor, no meu caso particular de nitrogenado, seria ter matéria-prima competitiva, porque isso significa que você consegue produzir e competir com o importado.

Se olhar para trás, por que nunca houve investimentos maciços em fertilizantes nitrogenados? Ter isonomia tributária, ter custo de logística mais competitivo, como o ministro está tentando fazer com a reativação de ferrovias, tudo isso ajuda.

Mas a essência do problema, para mim, está na matéria-prima competitiva. O Brasil tem recurso, tem o gás, tem a demanda de fertilizante, tem tudo para dar certo. Muitos países que não têm isso conseguem produzir. É uma questão de alinhamento.

Vocês têm alguma pretensão de exportar no radar? Não. Como a demanda do mercado brasileiro é muito maior do que a nossa capacidade de oferta, não temos interesse de exportar ureia. Nem sulfato de amônio, que o Brasil também é um mega importador.

Qual é a sua opinião sobre o posicionamento de Bolsonaro ao evitar criticar Putin pela invasão da Ucrânia sob a justificativa da dependência dos fertilizantes? O Brasil importou da Rússia 1,4 milhão de toneladas de ureia no ano passado. Existe, sim, um volume importante. Não significa que essa ureia não possa vir de outros países. Sobre o posicionamento do presidente, prefiro não comentar. Nós da Unigel estamos produzindo a plena carga, 1,15 milhão de toneladas ano e com intenção de seguir investindo para ampliar a produção.

Raio-X

Diretor-presidente na Unigel, membro do conselho diretor e do comitê executivo da Abiquim (Associação Brasileira da Indústria Química). É bacharel em engenharia mecânica pelo ITA e também em direito pela USP. Tem pós-graduação em finanças pela FGV e em administração avançada pelo Insead

Privatização da Eletrobras corre contra o tempo para buscar R$ 25 bi

Continuação da pág. A17

Também ajudou a reduzir a resistência dos políticos incluir na privatização que a nova Eletrobras fará repasses regulares para fundos regionais voltados à manutenção da estrutura hidrológica, vital para a geração de energia.

Na prática, eles poderão anunciar em suas bases os repasses que vão beneficiar rios como o São Francisco, os da Amazônia e bacias que sustentam o sistema de Furnas.

Para tentar aliviar a conta de luz, há dois procedimentos na regra da privatização.

O primeiro é o compromisso de a nova empresa repassar, por 30 anos, recursos para a CDE (Conta de Desenvolvimento Energético), que serão usados para abater a tarifa do consumidor residencial ligado a uma distribuidora.

No primeiro ano da privatização, a regra prevê repasse de R$ 5 bilhões, que resultam direto em abatimento da tarifa residencial. A estimativa é de queda de 2,5% na conta de luz. Como o governo corre para concluir a operação neste ano, antes das eleições, a medida, mesmo sendo bem-vinda, é considerada eleitoreira.

A privatização também vai acabar com a chamada cota, nome dado a um tipo de contrato de energia criado no governo de Dilma Rousseff. Esse contrato garantiu um pagamento fixo para o gerador e passou para o consumidor as despesas variáveis.

Desde lá, quando chove, não tem despesa extra e é ótimo para o consumidor. Mas, em caso de seca, a produção da hidrelétrica cai, o dono da usina produz menos e precisa comprar energia mais cara no mercado para entregar o que prometeu — e essa despesa vai para conta de luz.

Como os últimos anos foram de seca, com elevados gastos excepcionais para geradores, a conta de luz explodiu. O processo de descotização também foi alvo de críticas por ser gradual e ter os benefícios diluídos para o consumidor.

Em relatório divulgado em julho de 2021, a Fiesp avaliou que o modelo de descotização e os jabutis dos parlamentares levariam a um aumento no custo da energia entre R$ 100 bilhões e R$ 150 bilhões.

O modelo de privatização tem ainda dois problemas que comprometem a redução do custo da energia, segundo especialistas. Primeiro, não oferece nenhum mecanismo para aliviar o peso de energia para a indústria, um custo que chega ao consumidor embutido no preço final dos produtos.

O gasto com energia representa 48% do custo do leite, 25% do cimento, 32% do frango, 10% do custo do açúcar e de materiais de construção da casa popular, segundo a Abrace, entidade dos grandes consumidores de energia.

A energia elétrica responde, em média, por 12% do custo mensal familiar. Na cesta de consumo de 16,7 milhões de famílias com renda de até dois salários mínimos, essa despesa sobe para cerca de 15%.

"O custo invisível da energia vai continuar no preço dos produtos", diz Paulo Pedrosa, presidente da Abrace.

Outro risco para a redução no preço da energia, avaliam especialistas, é o porte final da nova empresa. Mesmo sem Itaipu, que será transferida para outra estatal, a Eletrobras vai ter 26% da geração. Será um gigante. A segunda no ranking, a Engie, tem menos de 6% do mercado.

Inicialmente, as usinas de Tucuruí e Mascarenhas, que são grandes geradoras, seriam privatizadas em separado, reduzindo o peso da nova companhia e incentivando a concorrência. Sem uma discussão mais ampla, porém, elas foram incluídas no pacote da privatização.

> **"Minha opinião é que, a esta altura, não dá para parar o processo, pois o prejuízo seria alto, mas a oferta da Eletrobras vai entrar para história como a pior privatização já feita"**
>
> **Elena Landau**
> economista e ex-diretora da Desestatização do BNDES

"Minha opinião é que, a esta altura, não dá para parar o processo, pois o prejuízo seria alto, mas a oferta da Eletrobras vai entrar para história como a pior privatização já feita", diz Elena Landau, economista e sócia do escritório de advocacia Sergio Bermudes.

Na avaliação de Elena, que foi diretora de Desestatização do BNDES, pelo porte da Eletrobras, sua privatização permitiria a reorganização estrutural da área de energia no Brasil, após um amplo debate. Foi o que ocorreu na privatização do Sistema Telebras, diz ela, o que levou à popularização e à queda no preço do telefone.

Entre os defensores da desestatização, o que se espera é que, livre da ingerência política, a Eletrobras ganhe eficiência e consiga oferecer produtos e serviços mais modernos a preços competitivos.

"A privatização é por natureza controversa. Você pode dizer 'se a estatal é tão boa, por que o Estado não fica com ela e rentabiliza os seus benefícios?' — é um debate legítimo", diz Luiz Augusto Barroso, diretor-presidente da consultoria PSR e ex-presidente da Empresa de Pesquisa Energética, responsável pelo planejamento do setor elétrico no Brasil.

"A questão é que o Estado não consegue manter a empresa competitiva dentro de uma indústria em transformação, então, por que não vender e cuidar das atribuições características do Estado, como educação, saúde e segurança pública?"

A reportagem procurou o BNDES e o Ministério das Minas e Energia para contrapor as críticas. Ambos responderam que estão cumprindo o período de silêncio. Esse prazo, estabelecido em lei, normalmente ocorre 60 dias antes da data fixada para uma operação em Bolsa. A data da oferta da Eletrobras ainda não foi definida.

Colaborou Lucas Bombana, de São Paulo

O que prevê a privatização da Eletrobras

A companhia deixa de controlar Eletronuclear, dona de Angra 1 e Angra 2, e Itaipu, que serão transferidas para uma nova estatal, a ENBPar. A mudança reduz a participação de mercado da nova empresa

31% é a participação da Eletrobras na geração hoje

26% é a participação estimada após a operação

Serão emitidas ações para também reduzir a participação do governo, que terá direito a uma golden share, ação especial que dá direito a veto

Participação da União

O governo recebe...

R$ 67 bilhões por abrir mão do controle da companhia

À vista
R$ 25 bilhões como valor de outorga

Em 30 anos
R$ 7 bilhões a fundos regionais para revitalização do São Francisco, redução de custos na região amazônica e preservação das bacias do sistema Furnas

R$ 32 bilhões para CDE (Conta de Desenvolvimento Energético), que banca subsídios setoriais **R$ 5 bilhões** no primeiro ano, o que levaria a uma redução de 2,5% na conta de luz

A MP (medida provisória) da privatização incorporou emendas com demandas alheias à operação, chamadas jabutis, que elevam o custos da empresa no longo prazo e serão repassados à conta de luz, entre eles:

- Subsídio a térmicas a carvão
- Contratação de térmica a gás no interior do país
- Construção de gasodutos para levar o gás ao interior
- Construção de linhas de transmissão para escoar energia das térmicas no interior
- Prorrogação do Proinfa, programa de energias alternativas

Os investidores terão acesso a...

R$ 25 bilhões é o valor estimado para arrecadação via emissão de ações e ADR em bolsas

R$ 6 bilhões podem ser reservados para compras com FGTS

A operação pode movimentar entre **R$ 23 bilhões e R$ 28 bilhões** pelas projeções

R$ 5 mil é o valor mínimo que um investidor pode aportar para entrar na operação

10% do total das ações é o máximo que um único acionista pode adquirir

Há estimativas de que o valor da ação possa até dobrar um ano após a privatização, com reestruturações, ganhos de eficiência e fim da ingerência política

R$ 35 é o valor da ação da Eletrobras

R$ 70 é o preço potencial em 12 meses após a capitalização, segundo estimativas

Preço mínimo da ação para a oferta será aprovado pelo TCU entre março e abril e tende a ficar na casa de R$ 30

Fontes: Proposta da administração para a assembleia extraordinária de acionistas que aprovou a privatização e relatórios dos bancos BTG e UBS

Para onde vai a desgraça na Ucrânia

Em vez de horror da Tchetchênia, guerra pode ser mais arrastada e daninha para o mundo

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

A gente lê e ouve dizer que os militares russos podem fazer com Kiev o que fizeram em Grozni, na Primeira Guerra da Tchetchênia (1994-96). Os russos quase cercaram e passaram a bombardear a capital da Ucrânia e outras cidades a fim de impor uma rendição.

Pode ser. Mas Grozni é outra história. Se Vladimir Putin fizer na Ucrânia o que Boris Ieltsin fez na Tchetchênia, terá perdido a guerra de vez.

Ainda assim, Kiev logo ficará sem combustível, talvez sem eletricidade, água, celular, internet e terá pouca comida, como ora a cidade portuária de Mariupol. O povo vai lutar nas ruas ou, no caso extremo e tchetcheno, entre escombros? A resposta importa além da preocupação humanitária ou da curiosidade mórbida.

Homem retira sua bicicleta de prédio residencial destruído por bombardeios russos em Irpin, nos arredores de Kiev

Homem retira sua bicicleta de prédio residencial destruído por bombardeios russos em Irpin, nos arredores de Kiev

Duração e tipo de conflito vão dizer algo sobre a crise econômica na Rússia e no resto do mundo. A situação é alarmante. Como se viu, a gente já discute se pode faltar fertilizante para as lavouras que sustentam o Brasil e também suas exportações. Já temos garantido um pouco mais de inflação de comida e combustíveis.

A invasão de Grozni levou uns quatro meses. Morreram cerca de 25 mil civis, cerca de 6% da população (mas mesmo as melhores contagens são disparatadas). A Rússia perdeu pelo menos 5.000 soldados.

A Tchetchênia não era a Ucrânia. Era e é uma república russa, ainda que sob porrete imperial, com uma população de "etnia" diferente e 95% muçulmana. O país era tão pobre, na média per capita, como então a Índia (um terço da renda per capita brasileira. Aliás, a Ucrânia é um pouco mais pobre do que o Brasil). Quase ninguém no "Ocidente" ligava para os tchetchenos, tratados como aqueles subdesenvolvidos esquisitos que sempre morrem muito, como muçulmanos em geral e sírios, iraquianos, afegãos, líbios, tutsis, sudaneses, etíopes etc.

Os ucranianos são católicos ortodoxos, "irmãos dos russos", na propaganda putinista, e "louros de olhos azuis", como se ouviu em tanto relato racista sobre esta guerra. Moram em uma espécie de estado tampão na porta da Europa central, quintal deste novo e admirável mundo velho da disputa de zonas de influência. A Rússia tem bala nuclear.

Os relatórios sobre o conflito na Tchetchênia contam de saques, estupros, tortura, execuções, o pacote habitual mesmo de guerras louras de olhos azuis recentes na Europa, como no desmantelamento da Iugoslávia, nos 1990. Os militares russos apanharam. Foram para a guerra com recrutas mal alimentados, abastecimento precário, equipamento caindo aos pedaços e generais cretinos no comando. A União Soviética tinha acabado de ir à breca, a Rússia empobrecera pavorosamente.

A Rússia tem artilharia e aviação para reduzir a Ucrânia a uma paisagem lunar com ruínas e cadáveres em dias. Apesar do morticínio já atroz, tem sido "comedida", como diz qualquer analista militar. Aparentemente, quer tomar Kiev e a segunda maior cidade, Kharkiv, daí riscar uma linha até o sul, perto da Crimeia, cortando o país pelo meio, tomando o leste, cercando e aniquilando o que sobra das melhores tropas ucranianas, além de ocupar o litoral inteiro, diria um resumo rápido de relatórios de centros de estudos militares e estratégicos.

Em ritmo comedido, isso deve levar semanas —dez dias já tumultuaram o comércio de petróleo, trigo e milho. Em menos de um mês, a população russa vai ver lojas vazias, verificar o quanto empobreceu e terá noção dos anos de dureza por vir. Mas pode ser um colapso não muito diferente do Brasil pós-2013. Difícil imaginar que isso possa abalar Putin. Há mais risco de a desgraça se arrastar do que uma reprise tchetchena: um Vietnã em cápsula, virado do avesso, com veneno de crise econômica.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Brasil fracassou ao tentar ser potência em fertilizantes

Vale chegou a investir US$ 7 bilhões em projeto de mineração de 2009 a 2011

Luiz Antonio Cintra

O peso dos fertilizantes russos e a demanda brasileira

CAMPINAS (SP) A dependência do Brasil da importação de fertilizantes é uma das principais fragilidades do país diante da guerra entre Rússia e Ucrânia.

A situação, no entanto, poderia ser diferente. Uma tentativa de mudar esse cenário foi empreendida pela Vale, que investiu US$ 7 bilhões em mineração de nitrogênio, fósforo e potássio entre 2009 e 2011.

O plano —frustrado— almejava colocar o Brasil no clube restrito dos fornecedores globais, a trinca Canadá, Rússia e Belarus.

Localizadas no Brasil, Argentina e Canadá, as minas que a Vale foi adquirindo produziriam os três itens mais usados pelos produtores rurais brasileiros, que anualmente repõem os nutrientes consumidos pelas lavouras.

Sem esses nutrientes, a produtividade —principalmente da soja, do milho, da cana e do café— ficaria prejudicada. Ou mesmo inviabilizada, do ponto de vista econômico.

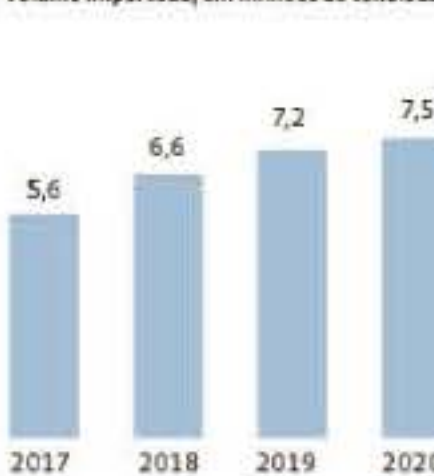
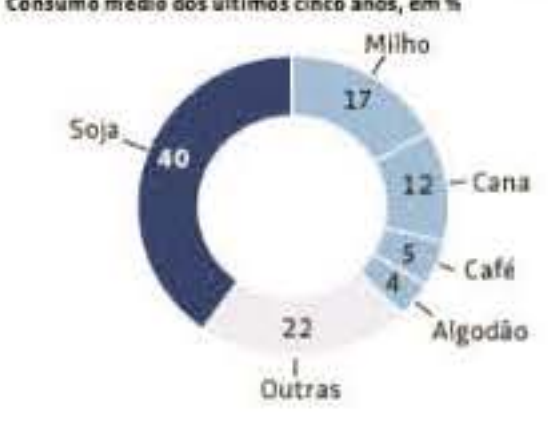
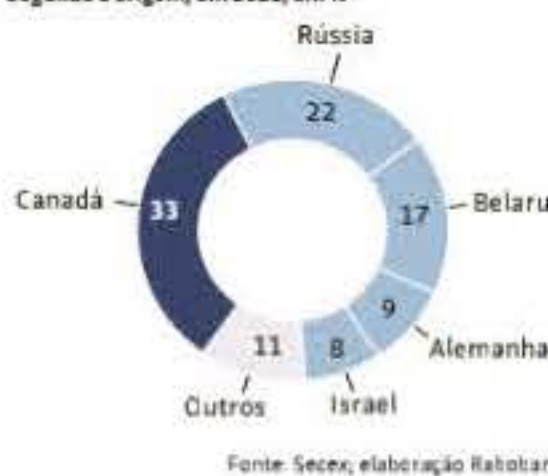
Àquela altura, a entrada repentina da Vale na extração de fertilizantes surpreendeu os especialistas, dadas as diferenças abissais entre esse negócio e seu foco original, na mineração para abastecer a metalurgia e a siderurgia.

Já em 2016, alguns anos após o pico das cotações das commodities (2011-13), em prazo curtíssimo para uma mineradora, a Vale acelerou a desmontagem desses projetos, argumentando que haviam deixado de ser economicamente viáveis.

Segundo o economista Ricardo Machado Ruiz, professor do Cedeplar (Centro de Desenvoldimento e Planejamento Regional), da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), a entrada da Vale no ramo de fertilizantes se adequava ao projeto do então CEO Roger Agnelli, que dirigiu a empresa entre 2001 e 2011.

O plano era aprofundar a internacionalização e a especialização em mineração desenhada ainda na gestão do antigo embaixador e ex-presidente da Vale Jorio Dauster.

"A Vale chegou a entrar pesado em fertilizantes. Só na Argentina, o projeto Rio Colorado chegou a ter investimentos próximos a US$ 5 bilhões, mas é preciso tomar cuidado com esses valores porque os minerais oscilam muito", diz Ruiz.

Na avaliação do economista, a entrada no segmento de fertilizantes em 2009 chamou a atenção dos especialistas por serem operações muito distintas. "A Vale pretendia ser um global player nessa área. Entrou em nitrogênio, fósforo e potássio para poder fornecer fertilizantes, um nicho em que só é possível ser um fornecedor relevante no mundo se vender os três itens do [fertilizante] NPK", diz o economista.

A queda das commodities depois de 2014 pegou a empresa altamente endividada.

"Com a saída da Vale, perdemos uma empresa que tem o Brasil como base econômica e política, com projetos de pouco mais de US$ 7 bilhões, saindo da indústria de fertilizantes porque estava sobrealavancada, focando o seu negócio principal, em uma estratégia empresarial defensiva que as circunstâncias na época exigiam", diz Ruiz.

Para o professor da UFMG, foi uma oportunidade e tanto que o país deixou passar.

"Com a Vale, o Brasil tinha a possibilidade de se tornar um player em um setor estratégico para a economia, porque temos um agrobusiness que responde por parte da nossa produção e exportação, e que é importante particularmente para as exportações e a balança comercial", resume o economista, que foi conselheiro do Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica).

Procurada, a Vale não se manifestou até a publicação da reportagem.

"A saída da Vale mostra a incapacidade dos governos brasileiros de formular soluções para setores críticos, apostando que a globalização seria algo incontestável", argumenta Ruiz.

"Numa lógica empresarial, a Vale tomou a decisão correta. Incorreta foi a incapacidade do Brasil de formular uma política com fontes confiáveis para insumos estratégicos como os fertilizantes."

A conta da inoperância agora bate na porta com as dificuldades de importação de fertilizantes em decorrência da guerra entre Rússia e Ucrânia, tirando o sono de produtores rurais no Brasil todo, em particular os do cerrado, cujo solo menos rico em nutrientes exige maiores doses de fertilizantes aplicados anualmente.

Resta a saída precária encontrada pela ministra Tereza Cristina, da Agricultura, que desembarcará no Canadá em busca de mais fertilizantes, enfrentando um jogo em que a demanda encontra hoje um mercado "travado", como dizem os especialistas.

A agricultura brasileira foi pega no contrapé, já que muitos produtores fecharam 2021 com a expectativa de que os gargalos logísticos e de produção surgidos na pandemia estariam solucionados a partir do segundo trimestre.

"No início do ano, os nitrogenados já estavam caindo, e era esperado que, passado o período do plantio da safra no hemisfério Norte, os preços dos fertilizantes começassem a cair. Mas a entrada da Rússia na guerra provocou um revés no mercado, e será muito difícil resolver esse problema a curto prazo porque a falta de fertilizante é generalizada", diz José Carlos Hausknecht, da consultoria MB Associados.

"A ministra disse que até outubro não teremos problemas, mas até outubro não plantamos nada, por isso não irá faltar. E estamos com os estoques muito baixos", afirma.

Já a Anda (Associação Nacional para Difusão de Adubos) estimou em nota do dia 3 que o país tem estoque para três meses, deixando claro que esses produtos estão no mercado, não em estoques oficiais que poderiam ser distribuídos de forma organizada.

"Estamos há anos com a capacidade de produção de fertilizantes estagnada. Temos todo o problema do custo Brasil que dificulta a exploração, além de nossas reservas não serem suficientes", afirma Hausknecht.

"Poderíamos usar o gás natural para fazer os [fertilizantes] nitrogenados, mas o custo do gás aqui é muito elevado, acaba ficando mais barato importar do que produzir."

A dificuldade de concorrer se ampliou em 1997, quando o governo Fernando Henrique Cardoso isentou de impostos os fertilizantes importados, que são tributados somente no caso de circulação por mais de um estado brasileiro.

E a situação é mais complicada porque a Belarus também está embargada —empresas brasileiras que negociarem com o país podem sofrer represálias dos EUA e União Europeia, que impuseram sanções em 2020 por considerar que o ditador Aleksandr Lukachenko, aliado de Vladimir Putin, fraudou a eleição presidencial.

Para o analista sênior Bruno Fonseca, do Rabobank, especialista em insumos agrícolas, a estratégia do governo federal de minimizar a escassez é apropriada, já que a duração da guerra é imprevista.

"Será difícil conseguir repor tudo o que a Rússia nos fornece, é um volume muito grande, mas provavelmente vamos conseguir aumentar as compras no Canadá com preços mais altos", resume Fonseca.

No caso mais crítico, do cloreto de potássio, Canadá, Rússia e Belarus somam 80% da necessidade brasileira. "E, no cloreto de potássio, vamos ter de competir com os EUA", diz Fonseca, que cita a Europa como outro concorrente de peso.

Uma das maiores consumidoras de fertilizantes e de alimentos do mundo, a China está construindo suas bases agrícolas e de exploração mineral na Eurásia e na África, o que, na avaliação de Ruiz, da UFMG, poderá criar um problema para o Brasil em alguns anos.

"Com essa estratégia, a China pode se tornar global player em agribusiness, usando fertilizantes da Rússia. Com isso, pode ocorrer um deslocamento da oferta russa para a Eurásia e a África", diz Ruiz.

"Não poderíamos ter deixado o agribusiness brasileiro com um flanco desse tipo aberto. Hoje, temos desconfiança sobre a oferta mundial, e o governo brasileiro sofre pressões e restrições de oferta de grandes produtores de fertilizantes, em particular da Rússia, que, aliás, recentemente comprou aqui a Eurochem."

Com a Vale, o Brasil tinha a possibilidade de se tornar um player em um setor estratégico, importante para a balança comercial

Ricardo Machado Ruiz
economista da UFMG

Ucrânia quer emitir coleção de NFTs para financiar suas forças armadas

LONDRES | FINANCIAL TIMES A Ucrânia pretende se tornar o primeiro país desenvolvido a emitir sua própria coleção de NFTs (tokens não fungíveis), enquanto procura capitalizar uma enxurrada de doações em criptomoedas para financiar sua guerra contra a Rússia.

Mykhailo Fedorov, vice-primeiro-ministro da Ucrânia, anunciou o plano em um tuíte na quinta-feira (3).

A medida é o mais recente sinal de que o governo ucraniano está adotando os ativos digitais como forma de financiar suas forças armadas na batalha e ocorre depois de o país arrecadar mais de US$ 270 milhões (R$ 1,36 bilhão) em "títulos de guerra".

Desde que o conflito começou, a conta oficial da Ucrânia no Twitter apelou por doações em criptomoeda, divulgando endereços para as pessoas fazerem transferências em bitcoin, ethereum, solana e polkadot. Criptomoedas totalizando quase US$ 50 milhões (R$ 253 milhões) foram doadas ao governo, de acordo com uma análise de transações da empresa de dados Elliptic.

O movimento mais recente fará com que o governo ucraniano entre no mundo dos NFTs. As vendas dos ativos digitais aumentaram no ano passado, tornando-se um mercado global no valor de US$ 40 bilhões (R$ 202 bilhões).

Não está claro em que consistirão esses NFTs ou se serão transferidos gratuitamente ou vendidos em leilão, para captação de recursos adicionais.

Um NFT de um homem fumando pixelizado, usando uma bandana azul e óculos de sol, de uma coleção popular chamada CryptoPunks, no valor de cerca de US$ 200 mil (R$ 1 bilhão), também foi enviado para a carteira de criptomoedas da Ucrânia esta semana.

Uma organização autônoma descentralizada (DAO), apoiada pelo grupo ativista russo Pussy Riot, arrecadou US$ 6,6 milhões (R$ 33,5 milhões) com a venda de um NFT da bandeira ucraniana para um grupo de doadores.

Isso ocorre quando a União Europeia está considerando medidas para garantir que a Rússia não use criptomoedas para contornar as sanções econômicas.

Cidades disputam título de 'Vale do Silício' brasileiro

Sandwich Valley, em Bauru, e Vale da Rapadura, em Fortaleza, estão entre polos tecnológicos nacionais

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO Viajantes do início da década de 1940 que passavam pelas estradas adjacentes à cidade de Santa Clara, na Califórnia, se deleitavam com a paisagem bucólica da região. Uma vista repleta de pomares de damasco e árvores frutíferas era o que encontravam os que se aventuravam na costa oeste do país, oposta à que abrigava o centro financeiro da potência mundial.

"Era uma região agrícola que havia se especializado em produção e processamento de frutas", afirma a historiadora americana Margaret O'Mara. "Era muito, muito rural."

Santa Clara é o coração do icônico Vale do Silício, como ficou conhecida a região sul da baía de San Francisco após o jornalista de tecnologia Don Hoefler assim a nomear em uma série de artigos publicados no jornal Electronic News, em 1971.

A antiga cidade rural hoje é casa da Intel, a famosa fabricante de microchips, tem como vizinha Cupertino, onde está a sede da Apple, e fica a quase 30 km de Menlo Park, que abriga a gigante Meta, dona do Facebook, do WhatsApp e do Instagram.

Décadas depois da transformação da Califórnia, regiões do Brasil tentam repetir o feito. Em pelo menos 21 cidades, há comunidades de empreendedores ou gestores públicos que se reivindicam vales do silício brasileiros.

A lista inclui locais improváveis e propostas curiosas, como Sandwich Valley, em Bauru, no interior de São Paulo, e Vale da Rapadura, em Fortaleza.

O Vale da Eletrônica, no município mineiro de Santa Rita do Sapucaí, foi um dos pioneiros na comparação, em 1985.

A fama da cidade remonta ao final dos anos de 1950, quando ela passou a contar com uma Escola Técnica de Eletrônica —uma grande novidade na época. Já em 1965, antes mesmo de a região começar a concentrar indústrias de microeletrônicos, o município inaugurou o Inatel (Instituto Nacional de Telecomunicações).

A mais recente investida ocorreu no Rio de Janeiro. A ideia do prefeito Eduardo Paes (PSD) é reabilitar a zona portuária da cidade, um projeto que havia sido colocado na gaveta após as Olimpíadas.

O plano do chamado Porto Maravalley, um balcão de 2.800 metros capaz de abrigar 144 startups que lá receberão mentorias, foi anunciado em 2019 e desde o meio do ano passado vem sendo alardeado pelo secretário de Desenvolvimento Econômico e Inovação, Francisco Bulhões. O espaço terá um coworking e receberá eventos.

A antiga promessa de um Vale do Silício na Floresta Amazônica também foi revivida por declarações do ministro da Economia, Paulo Guedes. Durante participação na COP26 (26ª Conferência Mundial do Clima), no ano passado, o ministro defendeu isenção de impostos a big techs, como Google, Amazon e Tesla, e afirmou ser preciso transformar a vocação da região, para que ela se torne a "capital mundial da economia verde e digital".

A proposta revisita a ideia da Zona Franca de Manaus, parque industrial no Amazonas que dá vantagens fiscais a empresas ali instaladas —e ameaçada por Guedes desde 2018. O grosso da produção é de itens como computadores e tablets, embora as fábricas sejam essencialmente montadoras, não produtoras de tecnologia.

Em 2021, o estado concentrou apenas 0,11% dos aportes de capital de risco, responsáveis por financiar inovação.

Para além de promessas e projetos, o Brasil já tem algumas cidades que entregam um ecossistema de inovação tecnológica robusto.

Alguns exemplos são Florianópolis, com uma rede de inovação distribuída na cidade; Porto Alegre, com um parque tecnológico universitário; Recife, com um espaço de inovação na antiga zona portuária da cidade; e São José dos Campos, com alguns dos principais institutos de tecnologia do país.

A corrida pelo título de "vale do silício" tem causado a aprovação de uma enxurrada de leis do setor nas câmaras das cidades pelo Brasil. A reportagem apurou que ao menos 11 leis que se relacionam com o setor foram aprovadas em dez grandes cidades nos últimos cinco anos.

Há ainda os gestores que planejam novas legislações, como o Distrito Federal, que, segundo a sua Secretaria de Inovação, está trabalhando para "passar legislações que reduzam o imposto pago pelas startups".

"Não estamos brincando quando falamos que queremos transformar o Distrito Federal no próximo Vale do Silício", afirma a pasta por email.

No livro "O Código" (Alta Books, 2021), a historiadora americana e professora da Universidade de Washington Margaret O'Mara destrinchou o papel decisivo que o Departamento de Defesa dos EUA desempenhou na ascensão do Vale do Silício.

"O principal fator foi o investimento dos Estados Unidos em tecnologia militar durante a Guerra Fria", afirma O'Mara.

"Foi o começo da indústria de eletrônicos no Vale do Silício, porque havia instalações militares na região, e a Universidade Stanford era muito focada em construir seus programas de ciência e engenharia para conseguir parte do dinheiro que vinha de Washington."

A microeletrônica, tipo de tecnologia desenvolvido ali, atendia perfeitamente os militares: permitiu que os computadores ficassem cada vez menores e mais potentes, base da revolução digital a que o mundo assistiria décadas depois.

As condições ali criadas abriram as portas para uma cultura empresarial muito específica. Por estar longe do grande centro financeiro do país, na costa leste, a região inteira tornou-se altamente especializada nesse tipo de negócio. Grande parte dos estabelecimentos focava o setor, de escritórios de advocacia a fundos de capital de risco —que, amparados pelo investimento e interesse do Estado, tinham mais confiança no investimento.

"Eu odeio a frase: 'Quando o governo não atrapalha, ele já ajuda bastante'. Isso está completamente errado", diz a secretária de Inovação de Curitiba, Cris Alessi. A cidade, que se destacou no início dos anos 2000 por iniciativas no campo da tecnologia, vem tentando retomar seu espaço.

"Só o poder público tem o poder de legislar. Se nós não tivéssemos um programa de incentivos fiscais, Curitiba não teria metade das startups importantes que tem hoje, porque essas startups estariam em outros lugares."

Em 2017, durante o primeiro mandato da gestão atual, foi criado o Vale do Pinhão, projeto que quer colocar Curitiba novamente no mapa da inovação. Em 2018, eles revisaram uma lei de incentivos fiscais de 2006, que abrangia apenas uma parte da cidade, para atender todo o território.

O caminho é oposto ao traçado pelo Porto Digital, parque tecnológico que há 22 anos restaurou a antiga zona portuária de Recife por meio de reduções fiscais.

A ideia de um parque do tipo era bastante inovadora para a época. "Os parques tecnológicos, que são engrenagens de transferência de conhecimento por meio do empreendedorismo, nasceram muito ligados à universidade", diz Francisco Saboya, um dos

Continua na pág. A21

> Construir um polo tecnológico deveria ser construir uma região dinâmica e que ofereça oportunidades para um grande número de pessoas
>
> **Margaret O'Mara**
> historiadora

	Aportes de capital de risco em 2021, em %	Startups por estado, em %	Setores líderes	Onde	O que é
SP	63,42	32,5	Educação	Potato Valley (São Paulo)	A região do Largo da Batata, que é também um dos centros financeiros da cidade, recebeu o apelido após concentrar startups de diversos segmentos –tentativa semelhante já foi feita na República
				Parahyba Valley (São José dos Campos)	A versão em inglês do Vale do Paraíba tem como centro São José dos Campos, que há décadas se destaca como um polo tecnológico no Brasil por abrigar instituições como o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica)
				Agtech Valley (Piracicaba)	Desde 2012, a cidade que é casa da Esalq (Escola Superior de Agricultura da USP) tem um parque tecnológico voltado para a área da agricultura
SC	7,05	12,7	Finanças	Ilha do Silício (Florianópolis)	Desestimulada a abrigar indústria pesada, a ilha se debruçou na tecnologia. Hoje é um dos principais ecossistemas tecnológicos do país
MG	6,02	9,5	Educação	San Pedro Valley (Belo Horizonte)	Belo Horizonte foi a primeira cidade brasileira onde o Google aterrisou após comprar uma ferramenta de buscas do país em 2005. O nome vem do bairro que começou a concentrar startups, São Pedro
				Vale da Eletrônica (Santa Rita do Sapucaí)	A cidade de 40 mil habitantes foi uma das pioneiras em instituições voltadas para o ensino de tecnologia na década de 1950
PR	6,02	6,6	Saúde	Vale do Pinhão (Curitiba)	O nome é uma iniciativa da atual gestão da cidade, que quer colocar Curitiba de volta no mapa da tecnologia
RJ	5,39	7	Educação	Porto Maravalley (Rio de Janeiro)	O nome foi oficialmente escolhido pela prefeitura da cidade para um hub de inovação que é parte da tentativa de restaurar o centro e a zona portuária da cidade
RS	3,53	7,2	Saúde e agronegócio	TecnoPuc (Porto Alegre)	O TecnoPUC é o principal parque tecnológico de Porto Alegre e foi criado a partir de um modelo centrado na universidade em 2002
PE	1,97	1,8	Educação	Porto Digital (Recife)	Recife abriga um dos principais e mais bem sucedidos parques tecnológicos do país, o Porto Digital
BA	1,24	3,4	Saúde	All Saints Bay (Salvador)	O nome de uma das comunidades de startups de Salvador faz referência à Baía de São Francisco –ou San Francisco Bay–, onde fica o Vale do Silício
DF	1,24	1,9	Educação	Parque Tecnológico de Brasília	A atual gestão do Distrito Federal, que quer dar isenção fiscal a startups, tem investido na visibilidade do setor. Em 2018, foi inaugurado um parque tecnológico em Brasília
CE	0,93	2,2	Ecommerce	Rapadura Valley (Fortaleza)	Em 2020, a comunidade que reúne mais de 100 startups da capital do Ceará foi eleita a melhor do ano pela Associação Brasileira de Startups
AM	0,11	1	Varejo e ecommerce	Selva do Silício (Manaus)	Manaus é a principal vitrine da antiga promessa de um Vale do Silício na Amazônia. A ideia é mudar a vocação da Zona Franca da cidade, ideia alardeada pelo ministro da Economia Paulo Guedes
GO	0,93	1,8	Agronegócio		
ES	0,41	2,1	Educação		
AL	0,21	1	Saúde		
MA	0,21	0,8	Educação		
AC	0,11	0,2	Finanças		
MT	0,11	1,1	Educação e agronegócio		
MS	0,11	0,7	Agronegócio		
PB	0,11	1,3	Educação		
PI	0,11	0,9	Finanças		
RO	0,11	0,3	Agronegócio		
RR	0,11	0,2	Não há setor líder		
SE	0,11	0,8	Educação		
AP	0,10	0,3	Educação		
PA	0,10	1,2	Saúde		
RN	0,10	1,3	Saúde, educação e ecommerce		
TO	0,10	0,4	Não há setor líder		

Fontes: Distrito, prefeituras das cidades, Associação Brasileira de Startups

Continuação da pág. A20

acadêmicos que pleitearam o parque em Recife.

"[Ficavam] em um lugar relativamente distante dos centros urbanos, aquele lugar mais idílico, onde os passarinhos cantam, onde tem um laguinho, porque os gênios estão trabalhando."

Nos anos 1990, Saboya e outras lideranças queriam estancar a fuga de cérebros que ocorria no estado com a quebradeira que o país vivia, recuperando o pioneirismo tecnológico que Pernambuco experimentara nos anos 1950 e 1960.

"Nos anos 1990 acontece um paradoxo daqueles que ou você enfrenta para resolver ou você perde a onda", afirma Saboya.

"Ao mesmo tempo que a economia pernambucana tradicional realmente declinava, nasciam as bases de um novo ativo econômico chamado conhecimento. Capital humano qualificado, em especial na área de tecnologia da informação."

Em destaque por seu tamanho, São Paulo não conta com parques tecnológicos tão reconhecidos como outros municípios do país —cidades do interior do estado, como São José dos Campos e Piracicaba, lembrado como o Agtech Valley, ficam com os louros.

Tentativas mais tímidas de união de empresários em um único local, como a Praça do Silício, na República, e o Potato Valley, no largo da Batata, despontam na metrópole de tempos em tempos.

Luciano da Silveira Araújo, diretor do Conecta.Hub.SP —órgão da capital que visa integrar as iniciativas de inovação—, diz que classificaria o ecossistema paulistano como um cluster, uma concentração de empresas que guardam características semelhantes. "São Paulo precisa ter essa estrutura mais descentralizada como um organismo, um tecido urbano", afirma.

"São Paulo tem uma capacidade de criar propriedade intelectual de maneira incrível. Para o desenvolvimento de uma empresa, São Paulo tem absolutamente tudo para fazer essa parte humana de uma maneira exponencial", afirma Araújo, referindo-se à diversidade da população e à quantidade de profissionais na cidade.

"O que faz um ambiente inovador é a multidisciplinaridade."

A despeito do poder de divulgação que um "valley" brasileiro pode ter, a maioria dos entrevistados rejeita a ideia de copiar o modelo do Vale do Silício, que deu luz às companhias mais ricas da história —mas atualmente em crise.

Mark Zuckerberg, dono da Meta, já depôs no Congresso americano quatro vezes em quatro anos, sob críticas de prejudicar da saúde dos jovens à democracia com seu modelo de negócios.

Google e Twitter, também frutos da região, já estiveram na mesma posição. Há ainda as ameaças de regulamentação, especialmente na União Europeia, e do fenômeno das big techs chinesas.

O próprio vale já não é mais o mesmo, diz a historiadora Margaret O'Mara. "Você tem de ser muito rico para comprar uma casa lá e viver confortavelmente. Há uma desigualdade econômica enorme, muitas pessoas sem teto ou vivendo em trailers estacionados na rua", afirma. "A região não funciona mais como funcionava, é mais difícil para pequenas empresas ganhar escala."

"Construir um polo tecnológico deveria ser construir uma região dinâmica e que ofereça oportunidades para um grande número de pessoas. É nesse ponto que o Vale do Silício falhou. Tem seus benefícios econômicos, mas eles não foram compartilhados de forma suficientemente ampla", diz a historiadora.

Empresa do Porto Digital, parque tecnológico na zona portuária de Recife (PE) Leo Caldas/Folhapress

Dois anos de epidemia

Ainda é preciso crescer muito para voltarmos à tendência anterior à Covid

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

O IBGE divulgou na sexta-feira (4) o resultado da atividade no quarto trimestre de 2021. A economia rodou 1,6% acima do mesmo trimestre de 2020 e cresceu 0,5% em relação ao terceiro trimestre. Resultado um pouco acima do que esperava o mercado. Haverá leve revisão para melhor das estimativas para o crescimento em 2022. A equipe do FGV Ibre, liderada pela economista Silvia Matos, foi bem e cravou o resultado.

É útil olharmos o quarto trimestre do ano passado em comparação com o mesmo período de 2019, o último trimestre antes de a epidemia chegar por aqui. A economia rodou 0,5% acima. Dado que a tendência de crescimento observada no triênio de 2017 até 2019 foi de pouco menos de 1,5% ao ano, deveríamos estar, no quarto trimestre de 2021, 3% acima do mesmo período de 2019. Ou seja, estávamos, no quarto trimestre de 2021, 2,5 pontos percentuais abaixo da tendência anterior à epidemia.

Três setores rodaram abaixo dos níveis observados antes da epidemia: indústria de transformação, outros serviços e serviços da administração pública. A indústria tem sofrido muito com a falta de insumos e os problemas de logística em geral. Ainda parece que a queda até o fim do ano passado deve-se mais à escassez da oferta do que à carência de demanda agregada. Mas essa constatação deve deixar de valer ao longo de 2022, com os efeitos defasados da elevação dos juros sobre a demanda.

O item "outros serviços", isto é, entretenimento, alimentação fora do domicílio e serviços pessoais, rodou, no quarto trimestre de 2021, 1,4% abaixo do mesmo período de 2019. Já serviços da administração pública, 1,7% abaixo.

O cenário do FGV Ibre para 2022 é de crescimento de 0,6%. Meu cenário é um pouco mais otimista. Trabalho com expansão na casa de 1% a 1,5%.

O carregamento estatístico de 2021 para 2022 será de 0,3%. Há ainda muito crescimento para que voltemos à tendência anterior à epidemia e, adicionalmente, a política fiscal será fortemente expansionista, tanto da União quanto dos estados e municípios. Temos que lembrar que em 2022 há eleições e o caixa dos estados e municípios em dezembro de 2021 rodava na casa de 2% do PIB. Esse caixa será consumido. Por outro lado, a política monetária contracionista reduzirá o crescimento. A resultante deve ser um crescimento um pouco maior de 1%.

Nesta coluna de análise conjuntural, temos que tratar do câmbio. Entre meados de dezembro último e agora, o câmbio valorizou-se pouco menos de R$ 0,75 por dólar. Esse fortalecimento da moeda é fruto do encarecimento das commodities. Como somos exportadores de commodities, sempre que estas sobem de preço no mercado internacional nossa moeda se fortalece, e vice-versa.

Esse mecanismo deixou de funcionar entre maio de 2020 e novembro de 2021. A partir de dezembro, normalizou-se a gangorra entre câmbio e commodities. É por esse motivo que a eclosão da guerra entre a Ucrânia e a Rússia não teve muito impacto no real. A subida do preço das commodities compensou. Temos que lembrar que, em 2021, o saldo da balança comercial de petróleo e seus derivados foi superavitário em US$ 20 bilhões.

O choque da guerra lembra os anos 1970: após um choque de oferta fortíssimo, a triplicação do preço do petróleo na década de 1970 e agora os choques provocados pela Covid, temos um novo abalo, o segundo choque do petróleo, de 1979 e, hoje, a guerra. A diferença é que lá nos anos 1970 éramos importadores de petróleo e agora somos exportadores.

Por esses motivos penso que a guerra não terá impactos apreciáveis sobre o crescimento, apesar de piorar um pouco o cenário inflacionário. A ver se haverá ou não reflexos sobre a política monetária. Cedo ainda para sabermos.

|DOM. Samuel Pessôa |**SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos** |TER. Michael França, Cecília Machado |QUA. Helio Beltrão |QUI. Cida Bento, Solange Srour |SEX. Nelson Barbosa |SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Governo quer usar fundo para turbinar crédito da casa própria

Medida voltada para baixa renda deve integrar agenda positiva do Planalto

Fábio Pupo e Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O governo Jair Bolsonaro (PL) prepara uma mudança no Fundo Garantidor de Habitação Popular (FGHab) a fim de ampliar o acesso de famílias de baixa renda a linhas de crédito mais baratas para a compra da casa própria.

Além de uma simplificação de regras, o fundo também deve receber um aporte de recursos do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) para ter maior poder de fogo na concessão das garantias. O valor ainda está em discussão dentro do governo.

A proposta deve integrar o cardápio de medidas positivas que está sendo preparado pelo Ministério da Economia para lançamento em breve. A expectativa do time do ministro Paulo Guedes é anunciar uma ação por dia.

A sequência de eventos é planejada no momento em que Bolsonaro se mantém na segunda colocação nas pesquisas de intenção de voto para as eleições de 2022, atrás do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O FGHab foi criado em 2009, pela mesma lei que lançou o programa habitacional Minha Casa Minha Vida —rebatizado de Casa Verde e Amarela pela atual administração. O fundo garante operações de financiamento contratadas por mutuários com renda familiar de até R$ 5.000 mensais.

As coberturas atuais incluem a quitação do saldo devedor em caso de morte ou invalidez permanente e despesas de recuperação em caso de danos físicos ao imóvel.

O fundo também paga as prestações do imóvel em caso de desemprego ou perda de renda, mas apenas de forma temporária: o beneficiário precisa ressarcir o fundo no futuro, em valores corrigidos por juros.

A avaliação dentro do governo é que o desenho atual do FGHab é pouco eficiente, pois a perda de renda nem sempre é o único motivo para a inadimplência das famílias. Além disso, uma operação que envolva a garantia do fundo demora cerca de 80 dias para ser concluída —quase o triplo do tempo de análise de um financiamento pelo Casa Verde e Amarela.

A ideia em estudo, segundo técnicos do governo, é simplificar as regras do FGHab e permitir que ele entre como garantia para casos gerais de inadimplência. A equipe econômica espera que a mudança, embora sutil, ajude a alavancar empréstimos para as famílias de baixa renda adquirirem a casa própria.

Com o acionamento mais fácil das garantias, a avaliação é que os bancos terão maior apetite em ofertar as linhas de crédito a esse público. Os custos envolvidos também podem diminuir.

Para viabilizar as mudanças, o governo também deve fazer um aporte de recursos no FGHab, que hoje tem um patrimônio líquido de R$ 2,8 bilhões. O valor é considerado tímido para o tamanho do alcance pretendido.

O valor do aporte está em discussão, mas, segundo integrantes do governo, pode ser feito com recursos que hoje compõem o FGTS. Ao recorrer ao dinheiro dos trabalhadores, o governo evita impacto em suas próprias contas. Uma das finalidades do FGTS é o financiamento da casa própria.

O FGHab foi usado como garantia em mais de 1,9 milhão de contratos de empréstimo firmados por meio da Caixa e do Banco do Brasil (até setembro, dados mais recentes disponíveis). O valor contratado passou de R$ 150 bilhões, o que representa uma média de R$ 74 mil por família.

O governo tem estudado medidas ligadas ao crédito para movimentar a economia usando a experiência considerada bem-sucedida dos programas criados durante a pandemia, que emprestaram R$ 63 bilhões para mais de 850 mil empresas.

Sem dinheiro no Orçamento, o time de Guedes tem centrado seu poder de fogo em propostas que usem recursos de fundos para alavancar o crédito, minimizando impactos para as contas públicas ao mesmo tempo que busca uma agenda positiva para o governo.

Guedes já anunciou em conversas com o setor empresarial que o pacote a ser anunciado permitirá a contratação de R$ 100 bilhões em novos empréstimos.

Uma das medidas é a concessão de financiamentos para microempreendedores individuais, micro, pequenas e médias empresas por meio do Pronampe (Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte) e do Peac (Programa Emergencial de Acesso a Crédito), dois programas lançados no auge da crise provocada pela Covid-19.

O governo vai permitir a manutenção dos recursos aportados nos fundos garantidores desses programas até o fim de 2023, o que viabiliza novas operações sem a necessidade de o Tesouro Nacional injetar mais dinheiro. Hoje, o Pronampe já é permanente, mas está paralisado pelo esgotamento dos recursos disponíveis. Já o Peac foi encerrado no fim de 2020.

O pacote ainda deve ser reforçado pelo Fampe (Fundo de Aval para a Micro e Pequena Empresa), que receberá um aporte de cerca de R$ 600 milhões do Sebrae.

Outra proposta em discussão é o uso de um fundo garantidor de microcrédito para impulsionar pequenos empréstimos para empreendedores e trabalhadores informais. A ideia é usar entre R$ 3 bilhões e R$ 3,5 bilhões do FGTS para aportar em fundo com essa finalidade.

Para os trabalhadores, uma das medidas mais esperadas é a liberação de uma nova rodada de saques do FGTS. Como antecipou a **Folha**, cerca de 40 milhões de trabalhadores poderão resgatar até R$ 1.000 de suas contas. A iniciativa deve injetar até R$ 30 bilhões na economia.

O governo também deve anunciar uma medida voltada a facilitar o comércio exterior. A Economia planeja permitir que as atuais empresas de portos secos do país (terminais de exportação e importação afastados do mar) ganhem uma licença de pelo menos mais 25 anos para continuar a operar.

Várias das mais de 60 unidades existentes hoje estão com prazo expirado ou prestes a expirar. Hoje, a lei exige que esses terminais voltem a passar por licitação.

Conforme mostrou reportagem da **Folha**, o mesmo tipo de medida foi tomada durante o governo Dilma (PT) e chegou a ser investigada por suspeita de ter sido encomendada por uma empresa. Segundo membros do governo, no entanto, a iniciativa não vai favorecer as atuais empresas porque as novas companhias interessadas nos portos secos ganhariam ampla flexibilização para investir.

R$ 2,8 bilhões

É o patrimônio líquido atual do Fundo Garantidor de Habitação Popular; governo deve fazer novo aporte de recursos

1,9 milhão

É o número de contratos de financiamento em que o FGHab foi usado como garantia

Aula em escola estadual na região do Jardim Ângela, zona sul da capital paulista; desembolso com setor em SP subiu no ano passado Rivaldo Gomes - 2.ago.21/Folhapress

Estados elevam gasto com educação a patamar superior ao do pré-pandemia

Estudo aponta aumento de 18% nas despesas em 2021, com investimentos para a volta às aulas

Ricardo Balthazar

SÃO PAULO Governos estaduais aumentaram de forma expressiva seus gastos com educação no fim do ano passado, elevando investimentos a um patamar superior ao observado antes da pandemia de Covid-19, que levou à suspensão das aulas presenciais em todo o país por mais de um ano.

Estudo da Rede de Pesquisa Solidária, que reúne instituições públicas e privadas e monitora políticas de enfrentamento da Covid-19, indica que a reabertura das escolas no último semestre levou os estados a afrouxar amarras que haviam represado recursos na fase aguda da pandemia.

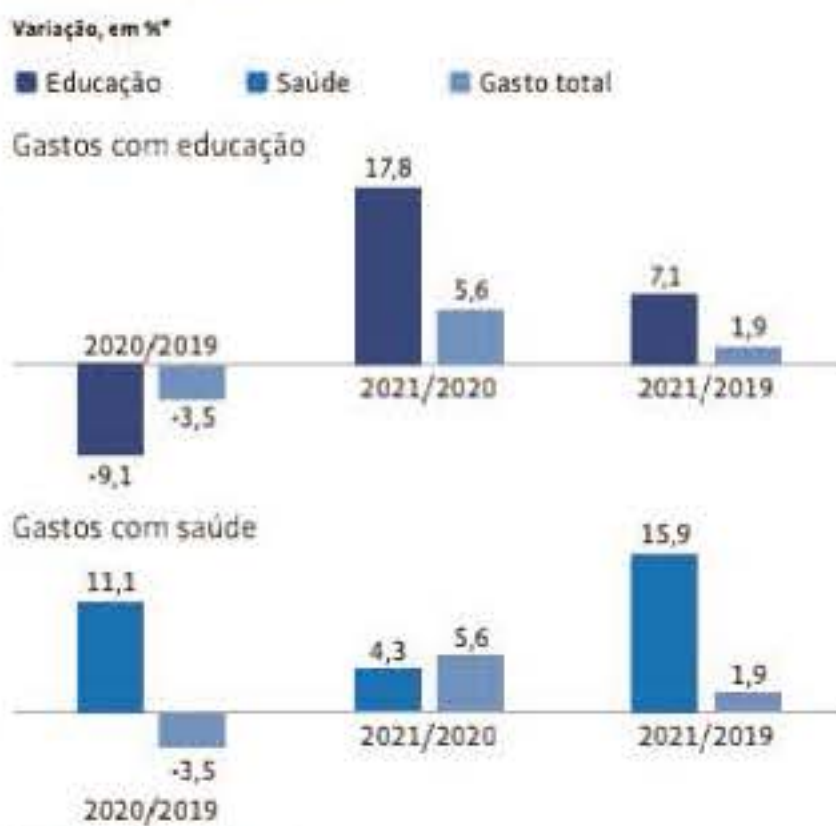
Segundo o levantamento, os 26 estados e o Distrito Federal aumentaram seus gastos com educação em 18% no ano passado, em termos reais, descontada a variação da inflação. Com isso, as despesas atingiram um nível 7% superior ao registrado em 2019, conforme os pesquisadores.

Em 14 das 27 unidades da Federação, o avanço dos gastos com educação foi maior do que o aumento das receitas dos governadores, que cresceram muito com a alta dos preços dos combustíveis e das tarifas de energia elétrica, apesar da lenta recuperação da atividade econômica.

"Os governos estaduais fizeram um grande esforço nos últimos meses do ano, a despeito da ausência de qualquer tipo de coordenação a nível federal das ações necessárias para a reabertura das escolas", diz a economista Úrsula Peres, da Universidade de São Paulo, coordenadora do estudo.

Os gastos dos estados com educação caíram 9% em 2020, quando as autoridades fecharam as escolas para conter a propagação do coronavírus e passaram a oferecer atividades remotas aos estudantes. Muitos alunos não conseguiram acompanhar as aulas, por falta de acesso à internet.

A evolução dos gastos dos estados com educação e saúde na pandemia

Variação, em %*

*Valores corrigidos pelo IPCA
Fonte: Rede de Pesquisa Solidária, com dados do Sistema de Informações Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro (Siconfi) do Ministério da Economia

Transferências emergenciais de verbas federais compensaram perdas de receita causadas pela paralisia da economia no primeiro ano da pandemia, mas a maioria dos estados adotou estratégia conservadora na gestão dos recursos, guardando boa parte do dinheiro em vez de gastá-lo.

A redução de custos com as escolas fechadas e o congelamento de despesas com pessoal também geraram economia para os estados. Especialistas criticaram a demora na realização de investimentos para ampliar o acesso a atividades remotas e preparar as escolas para a reabertura.

A aceleração dos gastos ocorreu no segundo semestre do ano passado, quando as aulas presenciais foram retomadas. O estudo considerou todas as despesas empenhadas até o fim do ano, com as quais os governos comprometeram recursos, mesmo que os pagamentos ainda não tenham ocorrido.

Houve um aumento de 105% no total de investimentos financiados pelos estados desde o início da pandemia, mas os dados disponíveis não permitem saber como os recursos se distribuíram entre saúde, educação e outras áreas. As despesas totais com o sistema de saúde cresceram 16%.

Em São Paulo, os gastos com educação aumentaram 17% em relação a 2020 e 10% em relação a 2019. No ano passado, o governo estadual destinou R$ 1,3 bilhão a um programa que repassa recursos diretamente às escolas, numa tentativa de conferir maior agilidade a compras e reformas.

O valor representa o dobro do que foi aplicado nesse programa no último ano antes da pandemia. Na época da reabertura das escolas, o governo paulista prometeu repassar R$ 1,2 bilhão às escolas por meio do programa em dois anos. A promessa foi cumprida antes do fim do ano.

Em Goiás, as despesas aumentaram 42% em relação ao ano anterior. Segundo a Secretaria de Educação, os investimentos na área foram quintuplicados, com reformas das instalações, aquisição de computadores para alunos e professores e novos equipamentos para atividades remotas.

Em Minas Gerais, o aumento foi de 40% no ano passado e elevou os gastos com educação a um patamar 24% superior ao verificado antes da pandemia. O governo estadual diz ter reformado escolas, comprado computadores e dobrado o volume de recursos destinados à merenda escolar.

Segundo o levantamento da Rede de Pesquisa Solidária, os estados chegaram ao fim do ano passado com R$ 140 bilhões de saldo positivo em caixa, muito superior ao de outros períodos, mas ninguém sabe por quanto tempo as condições financeiras favoráveis poderão se manter.

Na avaliação dos pesquisadores, mesmo que os estados tenham concluído os investimentos necessários para reequipar as escolas na pandemia, será preciso reforçar a capacidade de atendimento do sistema para enfrentar as perdas de aprendizagem causadas pela suspensão das aulas presenciais.

Jovens optam por gestão pública após sentirem falta de políticas

VIDA PÚBLICA

Emerson Vicente

SÃO PAULO A pandemia desencadeou um aumento da crise social e jogou luz sobre a importância de políticas públicas no Brasil.

Órgãos governamentais e iniciativa privada se viram obrigados a terem mais atenção com o tema, procurando suprir demandas da sociedade. Isso também provocou reflexos no perfil dos estudantes de administração-gestão pública que buscam oportunidades no serviço público, no terceiro setor e na iniciativa privada para exercer mais impacto na coletividade.

Políticas públicas mal empregadas, ou até mesmo a falta delas, fizeram parte da vida de estudantes que optaram pela carreira acadêmica. Outros estiveram à margem, o que também despertou a vontade de querer fazer a diferença de alguma forma.

Segundo o Censo da Educação Superior, realizado em 2019 pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), o Brasil conta com cerca de 300 cursos voltados à administração-gestão pública. São aproximadamente 75 mil matrículas em universidades.

As motivações dos estudantes são variadas, mas chama a atenção aqueles que sentiram na pele dificuldades e esperam acrescentar algo à sociedade. É o caso do capixaba Wilson Rocha Filho, 23, estudante do terceiro ano de gestão pública na USP.

"Senti que não dava para entender a política como algo secundário na minha vida. De alguma forma, ela estava circundando toda a minha realidade", diz Rocha. "Dentro do meu círculo familiar, ninguém tinha ingressado no ensino superior. Só de entrar já era um feito muito grande."

Negro, filho de pai analfabeto e mãe que cursou até a 6ª série, Rocha sempre estudou em escola pública. Veio para São Paulo em 2019, após passar no vestibular.

Nos dois primeiros anos, morou em uma república. Seu sustento na cidade foi graças às bolsas de aluguel e permanência que conseguiu na USP — a alimentação era dentro do campus.

Seu objetivo mudou com o tempo. "O que eu tinha era um setor de interesse, sempre uma proximidade maior com segurança pública. Muito por conta do meu contexto. Conforme o tempo foi passando, houve um interesse maior pelo nível operacional e tático."

Já com a baiana Alice Brim, 22, o caminho foi diferente. Filha de pai engenheiro e mãe médica, ela optou pela área após uma excursão com a sua escola, em 2016, até São Paulo.

"Na apresentação da FGV [Fundação Getulio Vargas], eles falaram sobre o curso de administração pública e me vi trabalhando com isso, porque eu queria atuar no terceiro setor", diz Alice, que foi mudando de direção ao longo do curso e com os estágios.

Na contramão de Rocha, Alice teve aporte dos pais para cursar a faculdade. A mensalidade é de R$ 5.100, e aluguel e demais despesas custam, aproximadamente, R$ 2.200.

"Tive de tudo no que tange à educação, mas grande parte dos meus amigos não tiveram a mesma oportunidade."

Segundo Cibele Franzese, coordenadora da graduação em administração pública da FGV, é natural o estudante entrar no curso sem saber ao certo qual caminho seguir.

"A gente tem um perfil principalmente feminino, uma pessoa que quer gerar impacto social, mas que não se decidiu se quer trabalhar no governo, no terceiro setor ou empresa privada."

A mineira Ana Luiza Ferreira, 32, cursa o terceiro semestre de administração pública na Cruzeiro do Sul Virtual. Servidora pública na Câmara Municipal de Confins (MG), ela já tem seu objetivo traçado. "Sempre tive o interesse em políticas públicas e hoje tenho como objetivo trabalhar com gestão de pessoas."

A também mineira Augusta Cora Lama Lopes, 19, aluna de administração pública da Fundação João Pinheiro, em Belo Horizonte (MG), está no quinto semestre do curso e ainda procura um caminho a seguir.

"Estava muito em dúvida do que iria fazer. A mãe de uma amiga me apontou o curso como uma opção. Vi que permite explorar áreas diferentes e dá muita abertura de portas."

A pandemia também trouxe oportunidade para uma tomada de consciência, uma maior pressão por transparência nas políticas públicas, segundo Janice Bogo, chefe do Departamento de Administração Pública do Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas, em Florianópolis. "As pessoas puderam ver com mais clareza a importância das políticas públicas e o impacto daquelas que não existem ou que são malfeitas."

Para professores ouvidos pela reportagem, ainda há preconceito em relação ao curso. "Às vezes, os pais pensam: 'meu filho vai trabalhar em governo? Vai ser mal remunerado, o governo não é um lugar confiável para trabalhar'", diz Cibele Franzese.

Receio dos pais não foi o que ocorreu com a catarinense Kauana Moraes Keitel, 22, que cursa administração pública na Universidade do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis.

"Com eles foi tranquilo, porque, como são empresários, é meio que um caminho contrário. Aqui [no estado] tem muito órgão público, então eles apoiaram", diz Kauana, que participa do programa de residência em gestão pública da universidade, prestando consultoria na Controladoria-Geral de Santa Catarina.

O momento político do país também pesa na escolha dos alunos, como mostra a queda no número de candidatos por vaga para o curso na Fuvest. Em 2021, foram 320 inscritos para 84 vagas, uma média de 3,8 candidatos por vaga. Nos últimos cinco anos, o pico foi em 2020, com 509 candidatos — média de 6,05 por vaga.

"Esses cursos dependem da imagem social que o Estado e o governo têm, sobretudo diante dos mais jovens, influenciados pelos pais na escolha", diz Fernando de Souza Coelho, professor do curso de gestão de políticas públicas da USP.

> Esses cursos dependem da imagem social que o Estado e o governo têm, sobretudo diante dos mais jovens, influenciados pelos pais na escolha
>
> **Fernando de Souza Coelho**
> professor do curso de gestão de políticas públicas da USP

> Senti que não dava para entender a política como algo secundário na minha vida. De alguma forma ela estava circundando toda a minha realidade
>
> **Wilson Rocha Filho**
> estudante de gestão pública

Weverton Silva, 31, no centro de São Paulo, foi vacinado contra Covid em programa de assistência Fotos Marlene Bergamo/Folhapress

Consultório ambulante faz de curativo a teste de Covid

Programa do governo federal leva tratamento de saúde para onde pessoas em situação de rua estão

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO Com mochilas equipadas com kits de primeiros socorros, uma equipe com enfermeira, dois agentes de saúde e um social caminha pelas ruas da Santa Cecília, na região central de São Paulo, para avaliar a saúde de pessoas em situação de vulnerabilidade.

Embaixo do Elevado Presidente João Goulart, o Minhocão, o trabalho é intenso com curativos, medição de temperatura, teste rápido de coronavírus e acompanhamento de doenças crônicas.

O trabalho faz parte do Consultório na Rua, programa federal de assistência à saúde que está em 120 municípios do país, de acordo com o Ministério da Saúde.

Em São Paulo, a iniciativa pública teve de ser ampliada durante a pandemia para dar conta do aumento do número de moradores de rua no período: eram 19 equipes antes da Covid-19 e, atualmente, são 26 que atuam em todas as regiões da cidade, segundo a gestão Ricardo Nunes (MDB).

A efetividade da ação de assistência tem até as bênçãos do padre Julio Lancellotti, da Pastoral do Povo da Rua de São Paulo, uma das maiores autoridades do país em atenção a pessoas em situação de vulnerabilidade.

"Hoje esse programa é uma das coisas mais avançadas para a população de rua", afirma o religioso, que ressalta, porém, a necessidade de avanços no número de equipes.

Logo no início da jornada, que dura cerca de três horas no período da tarde, a equipe encontra, no Minhocão, o padeiro Leandro Lozada, 45, sentado em um colchão, sem camisa, com machucado nas costas e na cabeça. A enfermeira Renata Pontes, 43, coloca luvas de plástico e saca da mochila gaze e soro fisiológico para limpar os ferimentos.

"É um atendimento muito bom, não posso reclamar", afirma Leandro. Ele conta que ficou ferido no dia anterior após brigar com outro morador de rua na estação de metrô Marechal Deodoro.

Leandro ainda cuida da mulher, a dona de casa Andrea Francisco, 48, que sofreu um AVC ali mesmo, debaixo do elevado, há pouco mais de um ano, e ainda vive na rua, utilizando uma cadeira de rodas emprestada. "Eles me trazem pomadas e posso pegar fraldas no posto", afirma ela.

As equipes são compostas de profissionais que fazem acompanhamento com consultas, orientações, curativos, medicações, vacinação e outros procedimentos, segundo André Contrucci, interlocutor técnico de esquipes do Consultório na Rua em São Paulo.

"O objetivo é inserir a população de rua na rede de atenção à saúde. Parte de um trabalho de visitas diárias, inclusive nos feriados, de cadastro e de mapeamento territorial", diz o interlocutor.

Há dez anos em situação de rua, o promotor de vendas Osías Monteiro do Nascimento, 51, anda com seus comprovantes da vacina contra a Covid em uma pequena bolsa que ele leva consigo para todo lugar.

Osías recebeu a dose de reforço na praça Marechal Deodoro, em Santa Cecília, no programa de assistência. Ele é um dos 630 moradores de rua do bairro que recebem atendimento de saúde onde estiver.

"Senti muito alívio ao ser imunizado", diz Osías, que passa por tratamento contra a sífilis com a equipe de saúde.

Até 5 de fevereiro de 2022, foram aplicadas 53.783 doses de vacina contra a Covid-19 em moradores de rua na capital, incluindo doses de reforço, segundo dados da Secretaria Municipal da Saúde.

A artesã Bel, 41, mora em uma casa de lona montada debaixo do elevado e já está imunizada. Ela recentemente recebeu diagnóstico de tuberculose com a intervenção da equipe do Consultório na Rua e recebe o tratamento ali mesmo no viaduto.

"Não sei o que seria sem eles, foram as melhores pessoas comigo, se preocupam e me trazem a medicação para tomar todos os dias."

O Consultório na Rua existe desde 2004 em São Paulo, nascido como A Gente Na Rua. Na esfera federal, foi criado em 2011 na gestão Dilma Rousseff (PT), já com o projeto paulistano como referência, informa o padre Julio.

"Surgiu dentro da atenção primária à saúde e está ligado às Unidades Básicas de Saúde. Agora, ele está no decreto de política nacional, construído a mil mãos", diz o padre.

O religioso destaca outra característica do programa em São Paulo. "Todos os agentes de saúde são ex-moradores de rua ou de casas de acolhida que já estiveram em situação de vulnerabilidade."

André Contrucci, o interlocutor técnico das equipes, afirma que isso permite aproximação maior com a população de rua. "Os agentes de saúde usam os códigos da rua, sabem como abordar aqueles que têm atitude mais ríspida."

Hoje, muitos deles são universitários ou formados, conta o padre.

Parte da equipe em Santa Cecília, o agente de saúde Daniel Cruz, 41, chegou a São Paulo em 2011. Veio do interior do estado para buscar oportunidades de trabalho, mas logo passou a morar em centro de acolhida. Ele ficou um período nas ruas, boa parte desse tempo na praça 14 Bis, na Bela Vista, devido ao vício em entorpecentes.

A história de Daniel mudou em 2019, quando iniciou seu tratamento no Centro de Atenção Psicossocial.

Daniel recebeu em 2020 o convite para trabalhar como agente de saúde no programa para reforçar a equipe na pandemia, e ali ele está há dois anos. "Adoro o que faço."

O ex-padeiro começou a estudar jornalismo em uma universidade privada, com bolsa de 50%. "Pretendo escrever um livro sobre a vida nas ruas." Atualmente, ele mora em um pequeno apartamento na Aclimação, região central.

Outros profissionais que podem fazer parte das equipes são psicólogo, assistente social, cirurgião-dentista, terapeuta ocupacional, agente social e médico.

Mas a pandemia mudou alguns procedimentos. A enfermeira Renata conta que, desde março de 2020, dois itens passaram a fazer parte de sua rotina de visitas: o termômetro e o oxímetro.

"Pacientes que não conseguem sair do território recebem essa atenção na rua", diz a enfermeira da equipe, que realiza ronda diária para fazer curativos e se certificar de que os moradores de rua estejam tomando suas medicações de uso contínuo para tuberculose e HIV, por exemplo.

Renata afirma ainda que desde dezembro o teste de Covid passou a ser feito na rua.

O Consultório na Rua também está em cidades como Porto Alegre (RS), Campo Grande (MS) e Recife (PE). Em 2021, foram repassados R$ 49 milhões para a política pública que atendeu, de janeiro a agosto, mais de 78 mil pessoas no país, segundo a gestão de Jair Bolsonaro (PL).

Em janeiro de 2022, na cidade de São Paulo, foram 18.666 consultas e 14.657 atendimentos, diz a prefeitura.

Apesar de ser só elogios, o padre Julio faz uma ponderação. "Ainda falta a cobertura da saúde mental."

A artesã Bel, 41, abraça a enfermeira Renata Pontes, 43

Ferido na perna, João Bittencourt, 72, recebe atendimento

Agentes amparam o chefe de almoxarifado Paulo Roberto, 66

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Educadora, entregou-se com amor e afinco ao ensino público

EMAIR NUNES DE MATTOS (1933-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO A professora Emair Nunes de Mattos foi vítima do machismo desde pequena. Rejeitada pelo pai por ter nascido mulher, morou até 13 anos de idade com o avô materno, Francisco Antunes Garcia.

Ele tinha uma fazenda no limite entre Espírito Santo do Pinhal e Itapira (a 189 e a 164 km da capital paulista, respectivamente), cidade natal de Emair.

Após perder o avô, de volta ao sítio onde morava a família, o pai a pôs para trabalhar em seu armazém por causa de sua habilidade com contas. Lá, voluntariamente, começou a utilizar um outro talento que já aflorava: o de alfabetizar as pessoas.

O pai não permitiu que continuasse a estudar por ser mulher.

Emair só terminou os estudos como normalista (mulheres que cursavam o Normal com habilitação para o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental) em 1961, já casada com João Sartorelli (1933-2005).

No ano seguinte, mudou-se para a capital paulista e tornou-se professora da rede pública. Começou em Itaquaquecetuba, na Grande São Paulo, e depois passou por escolas de São Miguel Paulista, Penha e Cangaíba, na zona leste da capital.

Formada em letras, chegou a lecionar no Liceu Coração de Jesus por curto período. "Eles não precisam tanto de mim", afirmou ao justificar o motivo de sua saída da rede privada de ensino. Apaixonada pela profissão, Emair era uma educadora dedicada e disciplinada.

Dona de personalidade marcante, gênio forte e muito determinada, a professora viveu à frente do seu tempo.

"Sempre muito atuante, questionava os padrões da feminilidade. Por exemplo, ela andava de calça comprida quando não era bem visto. Ela dizia que era muito pior andar a cavalo de saia. Foi a primeira mulher a trabalhar na família. Minhas tias começaram a trabalhar nos anos 1970. Quando tinha greve dos professores, ela entrava e brigava por salário. Não era politizada, mas defendia seus direitos", conta o professor universitário César Augusto Sartorelli, 60, seu filho.

Emair morreu dia 22 de fevereiro por complicações de pneumonia. Deixa seis filhos, três genros, duas noras, quatro netos e quatro irmãos. "Ela ensinou que o mais importante é quem você beneficia pelo caminho da vida", diz César.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Candidatos fazem fila para entrar nas salas de aula para realizarem o vestibular 2022 da Unicamp, em Campinas (SP) Antonio Scarpinetti - 9 jan 2022/SEC Unicamp

Fundos criados por ex-alunos se espalham por universidades

Verba de 'endowments' é usada para bolsas e projetos de professores e estudantes

Sabine Righetti

SÃO PAULO Com presença cada vez maior no cenário universitário nacional, os fundos patrimoniais criados por ex-alunos têm pipocado em instituições de todo o país, já financiam projetos e colaboram entre si. As iniciativas, no entanto, ainda enfrentam desafios importantes como a falta de estímulos para doação.

Os chamados "endowments" foram regulamentados em 2019. Por lei, definiu-se a possibilidade de criação de fundos obtidos por meio de doações cujos recursos são aplicados no mercado financeiro. Os rendimentos vão para, por exemplo, instituições de educação, ciência e tecnologia. É o caso das universidades.

Fora daqui, a ideia é mais antiga que o próprio ensino superior brasileiro. Esse tipo de fundo é usado há mais de dois séculos em universidades de países como os Estados Unidos (a USP, melhor universidade brasileira em avaliações nacionais e internacionais, ainda não tem nem 90 anos).

Nos EUA, de acordo com levantamento do jornal U.S. News, que elabora um ranking de universidades daquele país há décadas, em unidades de excelência, como Princeton e Dartmouth, metade dos egressos doam a "endowments".

"Há uma cultura de doação nos EUA", diz Henrique Duarte, um dos fundadores e presidente do Reditus, fundo patrimonial de alunos e ex-alunos da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). E também há incentivos fiscais.

No Brasil, ainda estamos tateando a nossa capacidade de arrecadação — e o Reditus tem tido sucesso. O fundo arrecadou mais de R$ 10 milhões no primeiro ano de captação, que coincidiu com o início da pandemia. As doações vieram de mais de 200 pessoas. "Nunca um endowment tinha feito isso no Brasil", diz Duarte.

A ideia começou antes da lei de 2019, há mais de dez anos, com uma espécie de cofinanciamento de bolsas de estudos no exterior. Um egresso da UFRJ pagava a bolsa de intercâmbio de um aluno que, após se formar, pagaria a bolsa de alguém que ainda estava estudando. Depois, resolveram escalar a iniciativa com o fundo.

Quem também se inspirou nas universidades dos EUA foi o fundo Patronos, voltado à comunidade da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). A ideia surgiu durante um intercâmbio: os fundadores do fundo estudaram em universidades com "endowments" bilionários, como Yale e Harvard. Resolveram trazer a ideia para o Brasil.

"O Patronos surgiu de um sonho de ser uma fonte de renda alternativa, independente e perene, focada em investir no desenvolvimento e crescimento da universidade", diz Adriana Fu, diretora do fundo. Hoje, tem um patrimônio de R$ 1,6 milhão, arrecadado com cerca de 200 doadores.

A Unicamp, aliás, tem outro fundo, o Lumina, primeiro no país criado oficialmente pela própria instituição. A doação é gerida e administrada por uma organização gestora, com a qual a universidade firmou parceria e é beneficiária.

De acordo com Cibele Fortuna, responsável pelo fundo no gabinete da reitoria da universidade, a ideia surgiu a partir de um grupo de trabalho da universidade, assistido por uma assessoria especializada, com a finalidade de viabilizar a implantação do fundo patrimonial. Em 2020, o Lumina foi lançado.

> Há receio de que esse tipo de recurso possa abrir uma brecha para aumentar o descompromisso das autoridades públicas com a universidade
>
> **Elizabeth Balbachevsky**
> coordenadora do NUPPs (Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas)

O fundo tem CNPJ e conta própria, assim as doações são totalmente segregadas das contas da universidade. A governança se dá por meio de um conselho de administração, presidido pelo reitor da Unicamp, um conselho fiscal e comitê de investimento.

As buscas por recursos começaram há menos de um ano e estão na fase da chamada captação silenciosa. "Mas adianto que contamos com mais de 130 doações. Nossa meta para os próximos anos é R$ 15 milhões", diz Fortuna.

Desde a regulamentação de 2019, os fundos têm se espalhado em universidades como a PUC Rio, Universidade de Brasília (UnB) e UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Também há fundos em "células" dessas instituições — caso do Sempre Sanfran, da Faculdade de Direito da USP.

Para se consolidar nesse cenário, os fundos têm se ajudado. A Patronos oferece consultoria gratuita para a criação de novos "endowments". "A existência de outros fundos patrimoniais universitários nos ajuda a disseminar a cultura da doação", diz Adriana Fu.

As iniciativas, claro, têm enfrentado desafios. Hoje, o repasse a fundos patrimoniais depende exclusivamente da boa vontade do doador. Isso porque os artigos referentes a benefícios fiscais foram vetados da lei do "endowment".

Sem contrapartida, a captação é feita essencialmente com egressos das universidades. Na Patronos, por exemplo, há 24 ex-alunos recentes da Unicamp contribuindo de forma recorrente.

Os fundos também buscam recursos e parcerias com empresas — caso da Grant Thornton (responsável pela auditoria do Patronos) ou do Pinheiro Neto (que assessora juridicamente o Reditus).

E quem recebe os rendimentos? A decisão é de cada "endowment".

Na UFRJ, 17 projetos de professores e alunos das áreas de tecnologia, matemática e ciências da natureza, selecionados por edital, vão receber R$ 300 mil ao longo do ano. Na Unicamp, os recursos devem ser destinados também a bolsas para permanência na universidade de alunos de graduação com dificuldades financeiras.

Para Elizabeth Balbachevsky, professora associada da USP e coordenadora científica do NUPPs (Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas), a governança é um dos principais desafios desses fundos. E há resistência nas universidades.

"Há uma desconfiança grande das universidades públicas em relação a iniciativas que tenham alguma aparência de privatização", diz. "Há também receio de que esse tipo de recurso possa abrir uma brecha para aumentar o descompromisso das autoridades públicas com a universidade."

Balbachevsky destaca, também, que esse tipo de fundo exige um tipo de governança híbrida. "Qualquer tipo de intervenção externa pode ser vista como ruptura de autonomia da universidade pública."

Ela acredita que as iniciativas devem crescer em universidades comunitárias e filantrópicas sem fins lucrativos.

Justiça de São Paulo condena psiquiatra autora de best-seller por plágio

Rogério Gentile

SÃO PAULO O Tribunal de Justiça de São Paulo condenou por plágio a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do best-seller "Mentes Ansiosas", lançado pela Editora Objetiva em 2011.

Os desembargadores, que mantiveram a decisão de primeira instância, concluíram que a obra reproduziu trechos de um livro chamado "Sem Medo de Ter Medo", lançado em 2006 pelo médico psiquiatra Tito Paes de Barros Neto (Editora Casa do Psiquiatra).

Uma perícia, anexada aos autos, apontou que 28 trechos do livro de Tito foram reproduzidos, de forma parcial ou conceitual, na primeira edição de "Mentes Ansiosas". A segunda edição reproduziu quatro trechos.

"É possível verificar significativa semelhança entre as obras, inclusive com relação aos tópicos e ao modo de abordagem da matéria", afirmou na decisão o desembargador Francisco Loureiro, relator do processo no TJ.

Ana Beatriz foi condenada a pagar uma indenização por danos morais de R$ 20 mil (valor que será acrescido de juros de 1% ao mês desde o lançamento do livro). Também terá de pagar uma indenização por danos materiais, ainda a ser calculada por um perito. Em 2012, quando surgiu a acusação, o mercado editorial avaliava que cerca de 200 mil exemplares de "Mentes Ansiosas" já haviam sido vendidos.

A Editora Schwarcz, que comprou o controle da Objetiva em 2015, também foi condenada a arcar com a indenização e não poderá mais vender a obra com o plágio. A editora argumentou que não teve qualquer relação com a elaboração de "Mentes Ansiosas" e que a responsabilidade é exclusivamente da autora.

Ana Beatriz defendeu-se no processo dizendo que não houve plágio e contestou o laudo argumentando que o perito não possuía formação médica. De acordo com a autora, as conclusões do perito "foram distantes da necessária análise médica e psicológica, envolvendo os distúrbios da mente, que estão no centro da discussão [do processo]".

Ela disse à Justiça que os dois trabalhos têm conceitos e fatos técnico-científicos da mesma área, a neurociência, de modo que seria natural que os livros apresentassem similaridades.

A psiquiatra, que já vendeu mais de 1 milhão de livros, ainda pode recorrer da decisão.

São Paulo busca intérpretes para receber ucranianos

GUERRA NA UCRÂNIA

Matheus Moreira

SÃO PAULO Mais de 1 milhão de pessoas deixaram a Ucrânia durante a primeira semana da guerra deflagrada pela invasão russa. E nenhuma delas chegou a São Paulo até a quinta (3), segundo a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania.

A secretária Claudia Carletto disse à **Folha** que a capital paulista está em busca de tradutores e intérpretes de ucraniano e russo para a eventual chegada de imigrantes.

"Mais importante do que ter expectativa é estar preparado para caso isso aconteça. Nós temos a experiência do fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil. Temos essa experiência de migração em casos de grandes crises humanitárias", afirma.

Carletto diz que a secretaria está em constante contato com a comunidade ucraniana em São Paulo e assim espera encontrar tradutores e intérpretes.

A pasta também prepara um cartaz informativo nos dois idiomas para apresentar àqueles que buscarem o Brasil como refúgio.

A capital paulista tinha em 2020 mais de 290 mil imigrantes. A comunidade ucraniana no município tem cerca de 10 mil pessoas.

O acolhimento de imigrantes na cidade é feito em trabalho conjunto de secretarias, incluindo as pastas da Saúde e de Assistência Social, bem como a de Direitos Humanos, por meio do Crai (Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes).

Há na capital 545 vagas de acolhimento especial para a população imigrante. São locais onde as famílias vivem por tempo determinado até que possam se instalar definitivamente.

Qualquer imigrante tem direito na cidade a se vacinar e a matricular crianças nas escolas municipais mesmo sem ter sua situação regularizada.

Leia mais em Mundo

Adams Carvalho

Tonico com dedo

Nasci com um amor não correspondido pela música

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

No geral, como Mercedes Sosa, sou grato à vida, "que me ha dado tanto", mas tem um porém. Nasci com um amor não correspondido pela música. Sofro silenciosamente essa maldição, como um eunuco num harém.

Estudei bateria na adolescência. Aprendi a tocar bem o suficiente para entender que tocava mal. Entre os quinze e os vinte, tive cabelo comprido e algumas bandas, mas sabia pelo olhar condescendente dos meus colegas que só me aceitavam ali por serem amigos. Depois de virar adulto, admiti minha incompetência e abandonei as ambições ringo-stáricas.

Como sabia Freud, no entanto, tudo o que é recalcado volta, alguma hora. No meu caso, essa hora costuma ser depois da meia-noite, após algumas cervejas. Eu sei, conscientemente, que não posso misturar álcool com percussão, mas é incontrolável. Quando vejo, já peguei um Tupperware na cozinha da festa, já me apoderei de um tamborim esquecido sobre um banquinho numa roda de samba. O que acontece a partir daí é triste —para mim— e trágico —pro resto da humanidade.

Acho que não estou sozinho nessa. É um problema do nosso povo. Todo brasileiro acha que sabe falar espanhol, fazer churrasco e batucar. Modéstia à parte, meu espanhol e meu churrasco são ótimos. En la percusión, sin embargo, no soy ni jamás seré un Naná Basconcechos, un Carlito Brown.

Existem leis, acredite, para proteger o mundo de pessoas como eu. Minha irmã foi uma vez numa roda de samba no sítio do Zeca Pagodinho, em Xerém. Pregada a uma parede, bem visível a todos que chegam, uma folha de caderno traz escritas com esferográfica as onze regras da casa. Regra número 1: "Convidado não convida". Tá certíssimo. Se você é o Zeca Pagodinho, penetra deve surgir no seu quintal que nem aleluia na primavera. É a regra número dois, contudo, que calou fundo em mim: "É proibido tocar triângulo".

O Zeca Pagodinho não tem a menor ideia da minha existência nem dos meus problemas etílico-percussivos, mas escreveu aquilo ali pra mim, eu sei. Nas mãos de um mestre, o triângulo é uma bateria. Nas mãos de um ébrio inapto, é uma arma de destruição em massa. Seus agudos tin-tin-tirilin-tin-tim penetram os tímpanos como bombas de fragmentação. As bombas de fragmentação são proibidas pelas Nações Unidas. O triângulo é proibido pelo Zeca Pagodinho.

Nas noites escuras em que, não podendo bater num pandeiro, me bate a melancolia, tento pensar, como consolo: pelo menos eu sei que sou ruim. Maldição maior é a do cara que não sabe fazer um negócio, não sabe que não sabe —e faz. Acontece com pessoas muito famosas. Ganham atenção demais, mimos demais, começam a se criticar de menos, aí se metem, por exemplo, a pintar. Repara na quantidade de famoso que pinta. O Silvester Stalone pinta. O George W. Bush pinta. O Gugu Liberato pintava. Ou melhor, fazia desenhos colando rolhas.

Reclamo de barriga cheia, eu sei. Devo é ser grato —e sou. "Gracias a la vida que me ha dado tanto/ Me dio el corazón que/ agita su marco/ Cuando miro el fruto del cerebro humano/ Cuando miro el bueno tan lejos del malo/ Cuando miro el fondo de tus ojos claros". Tudo isso é lindo, Mercedes Sosa. Mas se aparecesse agora um diabinho e me oferecesse o talento para a percussão em troca de um mindinho, eu não pensava duas vezes.

Tonico Sem Dedo seria recebido de braços abertos em todas as rodas de samba do Brasil e na parede do sítio, em Xerém, Zeca Pagodinho faria com Bic uma emenda constitucional: "Convidado não convida —com exceção do Tonico Sem Dedo: ele não é convidado, é de casa e pode até tocar triângulo.

DOM. Antonio Prata | SEG. **Marcia Castro**, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

saúde

651.988 mortes
País registrou 645 óbitos entre sexta e sábado

29.030.136 casos
Mais 55.821 infecções foram detectadas em 24 horas

Veja o que se sabe sobre eficácia de vacina infantil ante ômicron

Imunizantes não impedem infecção, mas proteção é alta contra casos graves

Jovem recebe vacina contra Covid no parque do Carmo, na zona leste de São Paulo Rubens Cavallari - 29 ago 21/Folhapress

Ana Bottallo

SÃO PAULO As vacinas contra Covid foram desenvolvidas, testadas em milhares de pessoas e aprovadas em um momento em que a forma do coronavírus circulante era a ancestral ou então cepas de menor preocupação.

A chegada de variantes mais transmissíveis e com escape vacinal, como a ômicron, mostrou que uma terceira dose em adultos é necessária para manter a proteção contra a doença e as suas formas mais graves.

A vacina da Pfizer contra Covid para crianças com cinco anos ou mais, com formulação diferente daquela para o público mais velho, foi aprovada e passou a ser utilizada nos EUA e em outros países no final de 2021. Já para os adolescentes de 12 a 17 anos, o imunizante do laboratório americano tem a mesma dosagem do que o para adultos.

Os resultados de estudos controlados e randomizados de fase 3 da farmacêutica apontaram eficácia de 100% da vacina nos adolescentes e de 90,7% em crianças de 5 a 11 anos.

No Chile, bem como no Brasil, a Coronavac foi aprovada para crianças e adolescentes —de 6 a 17 anos, no caso brasileiro, e para aqueles com 3 anos ou mais, no país vizinho.

Dados da efetividade (ou seja, da eficácia na vida real) dessas vacinas começam agora a surgir, principalmente no contexto da variante ômicron.

Segundo um estudo de pesquisadores chilenos publicado em 22 de fevereiro, a Coronavac induziu uma boa resposta imune tanto de anticorpos quanto de células de memória em indivíduos de 3 a 17 anos que receberam uma ou duas doses da vacina até 31 de dezembro, ainda no início de circulação da ômicron.

Os efeitos colaterais mais comuns foram dor no local da aplicação e dor de cabeça, registrados em maior número pelos adolescentes.

Mesmo com uma queda na capacidade de proteção frente à ômicron, a resposta de anticorpos gerada quatro semanas após a segunda dose foi maior do que a em adultos.

Na última segunda (28), um estudo, coordenado pelo pesquisador Eli Rosenberg, do departamento de saúde do estado de Nova York, indicou uma queda significativa na proteção da vacina da Pfizer em crianças de 5 a 11 anos.

Antes da ômicron, a eficácia da vacina contra infecção era de 68% nesta faixa etária, caindo para 12% no final de janeiro. Já nos adolescentes de 12 a 17 anos vacinados com o imunizante, a proteção teve uma queda de 66% para 51% contra os casos sintomáticos de Covid. Em ambas as faixas etárias, a proteção para hospitalizações e óbitos, porém, manteve-se elevada.

> “As vacinas não impedem a infecção principalmente nas crianças de 5 a 11 anos, mas ao mesmo tempo eles [dados] chegam à conclusão de que a proteção contra as formas graves é elevada
>
> **Juarez Cunha**
> pediatra e presidente da Sbim (Sociedade Brasileira de Imunizações)

A pesquisa, que avaliou dados de 852.384 adolescentes de 12 a 17 anos e de 365.502 crianças de 5 a 11 anos que receberam o imunizante no estado de Nova York, foi divulgada na plataforma de pré-prints online medRxiv e ainda aguarda revisão por pares. O período do estudo foi de 13 de dezembro de 2021 a 30 de janeiro de 2022, portanto, dentro da onda de ômicron.

Além da diferença de efetividade nas duas faixas etárias, os pesquisadores puderam observar que, para uma criança de 11 anos na semana de 24 de janeiro, a eficácia era de apenas 11% contra infecção, enquanto para uma criança de 12 anos na mesma data era de 67%.

Isso indica uma diferença relacionada à dosagem, uma vez que as crianças até 11 anos recebem o equivalente a um terço (10µg) da dose dada em adultos e adolescentes, de 30µg. O resultado aponta, portanto, que essa dosagem pode não ser suficiente para prevenir a infecção.

Segundo Renato Kfouri, pediatra e presidente do departamento de imunizações da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), os dados do estudo feito em Nova York não devem, no entanto, ser extrapolados para outros cenários com outras coberturas vacinais, com intervalos de doses diferentes e com situação epidemiológica distinta, como é o caso do Brasil.

O uso da Coronavac, além da vacina da Pfizer, requer estudos específicos do Brasil para que se possa entender a efetividade das vacinas no público jovem do país. Esses dados ainda não foram publicados por aqui.

Na última terça (1º), o CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA) divulgou dados de efetividade da vacina da Pfizer no público de 5 a 11 anos, de 12 a 15 e de 16 e 17. Segundo o levantamento, que incluiu mais de 40 mil dados de hospitalizações dessas faixas etárias de 9 de abril de 2021 a 29 de janeiro de 2022, a eficácia para todos os grupos apresentou uma redução, mas ela foi menor do que a observada no trabalho de Rosenberg em Nova York.

Nas crianças de 5 a 11 anos, a proteção da vacina para necessitar de atendimento hospitalar ou internação por Covid foi de 46% (de 14 a 67 dias após a segunda dose). No caso dos adolescentes de 12 a 15 anos e de 16 e 17 anos, que foram vacinados há mais tempo, a efetividade foi de 83% e 76%, respectivamente, de 14 a 149 dias após a segunda dose, e de 38% e 46% para os vacinados há cinco meses ou mais.

Nos jovens de 16 e 17 anos que receberam uma dose de reforço, a eficácia da vacina foi, no entanto, recuperada para 86%, uma semana ou mais após a dose adicional.

Para Juarez Cunha, pediatra e presidente da Sbim (Sociedade Brasileira de Imunizações), os estudos reforçam ainda mais a necessidade de vacinar as crianças.

"Os dados apontam para aquilo que já sabemos, que as vacinas não impedem a infecção, principalmente nas crianças de 5 a 11 anos, mas ao mesmo tempo eles chegam à conclusão de que a proteção contra as formas graves é elevada", diz.

Para Cunha, no Brasil, o momento é de atenção. "As crianças estão em risco elevado de infecção porque a cobertura vacinal ainda está baixa", explica o médico.

Cunha lembra ainda que as vacinas foram formuladas em um período com a variante ancestral do vírus em circulação ou outras variantes, como a delta. "Não é só a ômicron, outras variantes também provocaram perda de imunidade, por isso que avaliamos a mudança no esquema vacinal em adultos com o reforço", lembra.

Até quadro leve de Covid pode alterar sistema cardiovascular de jovem

Luciana Constantino

AGÊNCIA FAPESP Estudo conduzido na Universidade Estadual Paulista (Unesp) indica que mesmo a infecção leve a moderada por Sars-CoV-2 pode provocar desequilíbrio no sistema cardiovascular de adultos jovens e sem doenças preexistentes.

A pesquisa concluiu ainda que tanto a obesidade quanto o baixo nível de atividade física são fatores determinantes no pós-Covid que ajudam a alterar o sistema nervoso autônomo, responsável por funções vitais do organismo, como pressão arterial, frequência cardíaca e respiratória.

O trabalho acompanhou pessoas entre 20 e 40 anos antes de serem vacinadas.

"Esses resultados nos dão elementos para incentivar as pessoas para que, mesmo com sintomas leves de Covid, busquem um diagnóstico mais minucioso após a contaminação", avalia o coordenador do projeto, professor Fábio Santos de Lira, do Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp.

Ele é um dos autores do artigo publicado no International Journal of Environmental Research and Public Health (Revista Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública).

O principal achado da pesquisa foi que, mesmo em infecções leves e moderadas, adultos jovens contaminados pelo Sars-CoV-2 apresentaram maior atividade simpática (sistema que ajusta o organismo para suportar situações de esforço intenso e estresse).

Eles também tiveram menor atividade parassimpática (responsável por fazer o corpo se acalmar após uma situação de estresse) e variabilidade global quando comparados aos indivíduos não infectados.

O reflexo dessas variações foi registrado em atividades diárias dos pacientes, como a capacidade de fazer exercícios físicos, subir escadas e até caminhar. Eles relataram cansaço e fadiga. Para detectar o problema, é possível fazer um exame simples, conhecido como teste de caminhada de seis minutos.

ambiente

Topetinho-vermelho, espécie de beija-flor que só existe no Brasil Carole Turek/Hummingbird Spot

Fotógrafa viaja em busca de 365 espécies de beija-flor

Youtuber americana circula pelas Américas registrando passarinhos; pelo Brasil, ela já passou duas vezes

Fernanda Ezabella

LOS ANGELES (EUA) Depois de dois dias acampando em montanhas frias e remotas do norte da Colômbia, a americana Carole Turek atingiu 3.000 metros de altitude e finalmente avistou o que tanto procurava: um passarinho de apenas 12 centímetros, um dos mais raros do mundo, que bebericava flores laranjas sem ligar para a chegada dos visitantes.

O colibri-de-barba-azul era a 150ª espécie de beija-flor registrada pela fotógrafa de então 70 anos. A viagem fazia parte de sua missão de fotografar todas as 365 espécies de beija-flores do mundo, que habitam apenas as Américas, do Alasca (EUA) ao Ushuaia (Argentina). Desde 2018, ela já fez 197 registros em sete países.

"Beija-flores são tão diferentes dos outros pássaros", disse Turek à **Folha** na enorme varanda de sua casa em Studio City, bairro de Los Angeles, enquanto dezenas de beija-flores se alimentavam em seus 16 bebedouros. "Eles voam como insetos, são os únicos que podem voar para trás e até de cabeça para baixo. E você pode aprender a alimentá-los na mão. Há algo certamente mágico sobre eles."

Para ela, "é curiosa a percepção que as pessoas têm dos beija-flores". "Veem neles pequenas fadas graciosas ou mensageiros do céu, quando na verdade eles são agressivos, guerreiros devastadores, criaturas solitárias."

> [As pessoas] veem neles [beija-flores] pequenas fadas graciosas. Eles são agressivos, criaturas solitárias
>
> **Carole Turek**
> anestesista e fotógrafa de beija-flores

A viagem ao norte da Colômbia aconteceu em fevereiro de 2020. O colibri-de-barba-azul era considerado extinto desde os anos 1940, até uma dupla de pesquisadores colombianos encontrá-lo por acaso na Sierra Nevada de Santa Marta em 2015.

Para conseguir fotografá-lo, Turek subiu 30 quilômetros pelas montanhas com uma equipe de oito pessoas e quatro cavalos, numa expedição montada só para ela e com aval da comunidade indígena local.

O resultado da viagem está em detalhes no seu canal do YouTube, Hummingbird Spot.

"Sabia que tinha que achá-lo logo porque não estou ficando mais jovem", disse Turek, que é anestesista em hospitais de Los Angeles. "Tive três meses para me preparar. Comecei a malhar como louca, fazia trilhas todos os dias e arranjei uma personal trainer."

Turek recebeu a reportagem da **Folha** de camiseta estampada com seu beija-flor favorito, o colibri silfide, uma imagem que ela tirou no Peru. O macho tem duas longuíssimas penas que terminam em discos azulados. Na porta do apartamento, o capacho também é temático.

Seu canal do YouTube tem mais de 72 mil assinantes e 5 milhões de visualizações. Ela publica diários de viagens aos domingos, além de ter uma câmera ao vivo exibindo de perto os beija-flores que frequentam sua varanda. Há também um link ao vivo de uma câmera apontada para um ninho.

Para manter seus 16 bebedouros, Turek conta com a ajuda do marido e de uma faxineira. Na época mais movimentada, entre janeiro e fevereiro, chega a usar 40 quilos de açúcar por semana para preparar a água que é o "combustível" dos pássaros.

Ela começou a alimentar beija-flores 25 anos atrás, mas só recentemente tomou gosto pela fotografia. "As pessoas olham minhas fotos e acham que fotografo há 20, 30 anos. A verdade é que faz muito pouco tempo, e a diferença é que tenho muito material para praticar", disse Turek, que comprou a primeira câmera profissional em 2017 e fez cursos online.

"Costumava sentar aqui por horas para fotografá-los e ia testando as configurações da câmera. Você aprende rápido quando realmente se dedica."

Com o tempo, ficou "meio entediada" de fotografar sempre os mesmos visitantes e decidiu viajar ao estado vizinho do Arizona, uma meca de beija-flores nos EUA. De lá, caiu no mundo.

Nos EUA, há apenas 15 espécies de beija-flores, segundo a American Bird Conservancy, contra mais de 40 em Honduras, a primeira parada internacional da missão fotográfica de Turek, em 2018.

O Brasil abriga 84 espécies, 16 delas endêmicas (só ocorrem aqui), segundo o Instituto Nacional da Mata Atlântica.

"Meu marido ficou super preocupado quando avisei que ia sozinha para Honduras, mas ia com um guia local, ele parecia muito bacana e eu ficaria o tempo todo com ele", contou Turek sobre o hondurenho William Orellana, da agência Beaks and Peaks, que acabou virando seu parceiro na missão.

Orellana organiza as excursões e é também cinegrafista e operador do drone nos vídeos do Hummingbird Spot. A dupla trabalha com guias locais para conseguir avistar os beija-flores e, ainda assim, não é sempre tarefa fácil.

"Muito do nosso trabalho é esperar. Sentar e esperar muito", disse, lembrando-se de uma vez na Costa Rica, na reserva El Tapir, quando passou seis horas em frente de umas plantas para conseguir bons registros do beija-flor-de-cabeça-branca, um pássaro vermelho com topete branco.

No Brasil, já passou duas vezes. A última foi em setembro, quando produziu nove vídeos pela Amazônia e registrou 11 espécies de beija-flores.

Entre elas, estavam o colorido topázio-de-fogo, que Turek classificou como o mais lindo que viu no Brasil, e o raríssimo rabo-branco-do-tapajós, do qual até então não havia nenhum vídeo na internet. Para achá-lo, ela contou com a ajuda do especialista brasileiro Jarbas Mattos.

"Carole é muito focada e uma simpatia, não tem medo. É muito prazeroso conseguir mostrar o que ela procura. Ela é apaixonada, fica emocionada, só falta chorar", disse Mattos, biólogo que é guia de observação de aves desde 2012.

"A gente só preserva aquilo que conhece, e ela faz justamente isso nos vídeos", disse Mattos. "Ajuda a preservar criando uma ferramenta de conhecimento fantástica."

Com mais de 150 espécies ainda para fotografar, a americana sabe que tem muitas aventuras pela frente.

"Tem um passarinho bem complicado que só existe na Colômbia, numa região de fazendas de coca", disse Turek. "Acho que os cartéis de drogas não ficariam nada felizes de encontrar uma senhora tirando fotos por lá. Mas darei um jeito."

Como ter um beija-flor feliz

Dicas de Carole Turek

1 - Alimentação
Beija-flores bebem muito néctar e dependem dele para obter energia, mas eles também comem insetos. A água com açúcar é "gasolina" para ir atrás da proteína

2 - Só açúcar branco
Faça néctar com uma parte de açúcar para quatro partes de água. E use apenas açúcar branco puro granulado

3 - Cuidar do néctar
Como qualquer comida, néctar estraga se deixado em temperaturas quentes dias a fio. Bactérias e fungos crescem rapidamente na solução, e você não quer alimentar os beija-flores com isso

4 - Limpar sempre
Toda vez que encher o bebedouro, dê uma boa limpada ou a cada dois ou três dias. Coloque vinagre ou água oxigenada num spray, molhe as superfícies, esfregue e enxágue bem

5 - Briguentos
Uma vez que um beija-flor achar seu bebedouro, ele vai proteger de forma bem agressiva. A solução é geralmente pendurar mais bebedouros, com uma certa distância

Berço em guerra

Ucrânia é berço dos idiomas falados por quase todos os europeus

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Nenhuma desculpinha geopolítica é capaz de me convencer da suposta necessidade ou inevitabilidade da guerra na Ucrânia, nem vai me tirar da cabeça a convicção de que Vladimir Putin não passa de um psicopata. Dói pensar na dimensão ainda desconhecida de uma tragédia que está apenas começando, mas o luto também se estende rumo ao passado, engolfando milhares de anos e a nossa história compartilhada — inclusive a minha e a sua, gentil leitor.

Escrevo isso porque, para todos os efeitos, só falamos português graças ao que aconteceu justamente na fronteira entre a Ucrânia e a Rússia por volta de 5.000 anos atrás. Aliás, essa mesma cadeia de eventos na Europa Oriental pré-histórica foi, em última instância, a responsável por fazer com que as pessoas de hoje falem inglês nos EUA e na Austrália, alemão na Suíça, hindi na Índia e farsi no Irã.

Todos esses idiomas e mais uma penca de outros falares extintos, tão diferentes entre si em vocabulário, sintaxe e maneiras de decodificar o mundo, descendem de um ancestral comum, que os especialistas chamam de proto-indoeuropeu. Das 20 línguas com mais falantes nativos no mundo de hoje, dez pertencem à família linguística indoeuropeia, cuja distribuição geográfica, milênios atrás, chegou a alcançar até o atual território chinês.

Foi graças ao intenso trabalho comparativo entre idiomas clássicos da Europa e da Índia — de início, o grego, o latim e o sânscrito — que pesquisadores começaram a reconstruir essa história compartilhada desde o século 18. Os estudos sobre o proto-indoeuropeu e as línguas derivadas dele se tornaram a base para a compreensão das leis que regem a evolução de todos os demais idiomas.

A hipótese mais aceita hoje para explicar como essa família linguística alcançou uma distribuição geográfica tão ampla foi formulada com base nas transformações que afetaram as estepes ao redor do mar Negro, abrangendo principalmente os atuais territórios ucraniano e russo, nos princípios da Idade do Bronze.

Tudo indica que estamos falando de uma revolução na mobilidade dos povos da região. Esses grupos, conhecidos coletivamente como a cultura Yamnaya, eram seminômades que adotaram o pastoreio como modo de vida, a exemplo de outros grupos da Eurásia nessa época. Criavam vacas e ovelhas e usavam bois para puxar veículos com duas e quatro rodas. Mas a grande inovação cultural é a domesticação dos cavalos (a palavra que designa o animal, aliás, é um dos elementos comuns em muitos dos idiomas indo-europeus).

Nos últimos anos, análises de DNA que compararam o genoma dos antigos habitantes das estepes com os de europeus modernos e pré-históricos mostraram que os membros da cultura Yamnaya, ou grupos muito próximos deles, estão entre os mais importantes ancestrais de quem vive na Europa hoje. Cerca de metade do DNA de ingleses, franceses e tchecos, e porcentagens ainda maiores entre noruegueses e lituanos, parece derivar dos grupos das estepes. (A contribuição deles foi menor, entre um quinto e um quarto do genoma, no caso dos povos do sul da Europa, como portugueses e italianos.)

O uso militar dos cavalos pode ter facilitado essa expansão, assim como epidemias e instabilidade social entre os agricultores que viviam no território europeu antes dos recém-chegados. Seja como for, cinco milênios mais tarde, 2,5 bilhões de pessoas são o resultado biológico e/ou cultural dessa história. Não existe prova mais eloquente de que as fronteiras que dividem entre si os europeus, ou quaisquer outros grupos de seres humanos, deveriam ser vistas como ilusórias.

esporte

Rússia vê debandada de jogadores estrangeiros após ataque à Ucrânia

Brasileiros estão entre os atletas que vão deixando o país governado por Vladimir Putin

GUERRA NA UCRÂNIA

Luciano Trindade

SÃO PAULO Uma semana depois de a Rússia ter iniciado uma guerra contra a Ucrânia, o zagueiro Pablo, 30, tomou a decisão de deixar o país governado por Vladimir Putin.

Contratado pelo Lokomotiv Moscou em janeiro de 2021, o defensor, com passagem pelo Corinthians e pelo futebol da França, passou a ver como um risco sua continuidade no país em meio a sanções que podem afetar diretamente a capacidade financeira dos clubes.

O jogador não descarta que, com o desenrolar do conflito armado, a própria Rússia passe a ser atacada por forças rivais. Por isso, ele entrou em acordo com o clube para rescindir seu contrato.

Pablo não está sozinho em seu movimento. Desde que Putin decidiu invadir a Ucrânia, no último dia 24, um clima de insegurança e incertezas passou a afetar atletas que atuam no futebol russo, sobretudo os estrangeiros.

A guerra em solo ucraniano fez a Rússia ser alvo de várias sanções, incluindo econômicas e esportivas. A Fifa e a Uefa, por exemplo, anunciaram a suspensão da seleção nacional e dos clubes do país de todas as competições internacionais, como as Eliminatórias da Copa do Mundo e a Liga Europa.

A União Russa de Futebol (RFS) criticou as decisões das entidades e disse que elas não possuem bases legais. A federação prometeu entrar com uma ação na CAS (Corte Arbitral do Esporte). "A Fifa e a Uefa não consideraram outras opções possíveis, exceto a exclusão completa dos times russos", afirmou a RFS.

Enquanto isso, federações de outros países começam a agir para tentar receber os jogadores estrangeiros que desejam deixar a Rússia por conta dessa situação. De acordo com o jornal The Guardian, a federação polonesa já enviou à Fifa uma carta na qual solicita a abertura da janela de transferência do futebol russo de forma emergencial.

Atualmente, 16 brasileiros atuam em território russo. No total, são 132 estrangeiros na primeira divisão, segundo o site oGol, especializado em registros de atletas.

Atendendo a um pedido dos jogadores, o Krasnodar informou a suspensão do contrato de todos os estrangeiros do clube. Em nota, o time informou que "os atletas vão treinar por conta própria enquanto seus contratos são válidos". Entre eles estão os brasileiros Kaio, 26, e Wanderson, 27.

"Não tem sido fácil, mas o clube entendeu e liberou alguns atletas para um possível empréstimo. Nós conversamos bastante e entendemos que é o melhor caminho neste momento", afirmou o maranhense Wanderson, que deixou o Brasil sem ter atuado na base de um clube do país.

O atleta, que começou a carreira nas categorias menores do Ajax, da Holanda, deseja agora atuar no futebol brasileiro. "Eu estou muito motivado para isso".

O Krasnodar também confirmou que o técnico alemão Daniel Farke e sua comissão técnica rescindiram os seus contratos com o clube, em comum acordo, antes mesmo de estrearem.

Na contramão do alemão, o técnico italiano Paolo Vanoli, do Spartak, contratado em 2021, afirmou que vai ficar no país "até o último momento, enquanto houver possibilidade", pois ele acredita que "o futebol envia uma mensagem ao mundo".

Além do afastamento de torneios importantes, a capacidade financeira dos times russos também virou motivo de preocupação. As principais agremiações do país são controladas por oligarcas bilionários, que, além de alvos de sanções econômicas ocidentais, estão vendo suas fortunas afetadas pela desvalorização do rublo, a moeda da Rússia.

O bilionário Leonid Fedun, por exemplo, dono do Spartak, já perdeu quase 80% de seu dinheiro desde o início da guerra. O 22º homem mais rico da Rússia, que é também o vice-presidente da petrolífera LUKoil e tinha sua fortuna estimada em US$ 5,72 bilhões (R$ 28,7 milhões), disse ao canal Match TV que, mesmo com a perda, vai continuar a financiar o clube.

CSKA, Zenit, Lokomotiv e Rubin, que completam a lista dos cinco maiores campeões do país, também estão entre as equipes controladas por oligarcas ligados a Putin ou por empresas estatais.

Para Jim Riorda, professor emérito da Universidade de Surrey, na Inglaterra, "alguns oligarcas bilionários veem no futebol uma espécie de véu, como uma forma de limpar suas imensas riquezas". O pesquisador é autor do artigo "Pela Rússia, pelo dinheiro e pelo poder", no qual analisa as ligações de Vladimir Putin com os bilionários russos que controlam equipes de futebol do país.

É justamente por essas ligações com o presidente russo que o futuro dessas equipes no cenário internacional está indefinido e a debandada dos atletas estrangeiros parece inevitável.

O beque Pablo negociou uma rescisão com o Lokomotiv

Action Plus - 30.set.21/D aEsportivo/Folhapress

São Paulo bate o Corinthians na estreia do novo técnico do adversário

SÃO PAULO O São Paulo chegou neste sábado (5) ao sétimo jogo invicto no Campeonato Paulista. No duelo em que o Corinthians promoveu a estreia de seu novo treinador, o português Vitor Pereira, o time são-paulino venceu o clássico disputado no Morumbi por 1 a 0.

Jonathan Calleri, com apenas 52 segundo de jogo, foi responsável por definir o placar que ajudou a equipe tricolor a ampliar uma série invicta contra o adversário.

Desde 2017, os corintianos não vencem o São Paulo na casa do rival. O último triunfo alvinegro por lá foi no dia 16 de abril daquele ano, na semifinal do Estadual, por 2 a 0. De lá para cá, foram nove jogos e agora seis vitórias dos mandantes e três empates.

Apesar da derrota, o Corinthians está em uma situação tranquila na competição, pois já garantiu sua vaga nas quartas de final de forma antecipada. Com 17 pontos, lidera o Grupo A, com cinco vitórias dois empates e duas derrotas.

Já o elenco comandado por Rogério Ceni chegou aos mesmos 17 pontos, também lidera o Grupo B, em situação confortável.

O duelo começou com um atraso de 10 minutos por causa da forte chuva, com granizo, que caiu na capital paulista. Inclusive, houve queda de energia na região do Morumbi, que afetou o funcionamento dos refletores do estádio. Quando a bola rolou, as luzes demoram dez minutos até voltar a funcionar, mas não houve mais problema.

Amor em linhas tortas

Elza Soares e Mané Garrincha protagonizam série que revela uma heroína e um gênio doente e eterno

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Fosse um jogo e ela seria a grande vencedora, porque não apenas uma das maiores cantoras da história da música como alguém que, por amor, sacrificou-se para tentar curar um gênio doente de doença insidiosa, o alcoolismo.

A série em quatro capítulos que está na Globoplay, de autoria e direção de Caroline Zilberman, é dos mais belos e cruéis documentos sobre a lendária Elza Soares e o imortal Mané Garrincha.

Não bastasse recuperar cenas históricas dele nos gramados e dela nos palcos, o documentário é um desfile de depoimentos que reúne outros gênios da raça como Chico Buarque de Holanda, segundo ela essencial na vida do casal no exílio italiano, e Caetano Veloso, ambos aos pés da negra que nunca se curvou diante de todo o sofrimento que enfrentou heroicamente.

Tem também uma tabelinha formidável entre dois colunistas desta **Folha**, *Zeca Camargo, autor da biografia, "Elza", pela editora Leya, e Ruy Castro, que escreveu "Estrela Solitária, um Brasileiro Chamado Garrincha", pela Companhia das Letras.*

Elza partiu, aos 91 anos, no dia 20 de janeiro de 2022, precisos 39 anos depois da morte de Garrincha, aos 49.

Os dois se encontraram e desencontraram numa vida louca, do ponto mais alto que dois seres humanos podem alcançar até a pior das profundezas, marcadas por mortes cruéis da mãe dela, vítima de bebedeira dele, e do filho deles.

José Trajano também está no doc com sua verve e sensibilidade, conhecedor profundo das coisas da música e do futebol, num roteiro, de Rafael Pirrho, que não permite ao espectador desgrudar-se da tela nem por um segundo dos cerca de 200 minutos à altura do casal cuja história é contada com ternura e verdade, sem concessões.

Da imperdível minissérie fica a constatação, para nunca mais ser posta em dúvida, sobre quem foi importante para quem. Mané deve a Elza não só o que ela fez de bem por ele como o mal que lhe causou, gênio que driblou a tudo e a todos, menos a doença do álcool que se acostumou a tomar desde os dez anos de idade.

Elza, filha da fome como se apresentou a Ary Barroso, caiu e deu a volta por cima um sem-número de vezes.

Mané chegou ao ponto mais alto do mundo do futebol entre 1957 e 1962. Jogou 60 jogos pela seleção brasileira, saiu vitorioso 52 vezes e derrotado apenas uma, na Copa de 1966, na Inglaterra, quando já estava em franca decadência, da qual não se recuperaria.

Elza Soares foi perseguida pela ditadura brasileira a ponto de precisar sair do país e, em 1999, foi eleita, numa votação realizada pela BBC de Londres, a Voz do Milênio.

Cartão vermelho

Por falar em José Trajano, saibam a rara leitora e o raro leitor que a partir desta terça-feira (8), sempre às 15 horas, ao vivo, estreará no Canal UOL, do Grupo Folha, o programa Cartão Vermelho, sucessor do histórico Cartão Verde da TV Cultura, com Trajano e este que vos escreve, espaço para se falar de futebol, política e cultura, porque tudo se mistura, e disponível também nas principiais plataformas de podcasts.

Quem nos conhece e gosta sabe o que pode esperar e será muito bem-vindo.

Quem desgosta sabe também o que pode esperar e está convidado a se irritar.

Diversidade de opiniões

Diferentes visões são sempre bem-vindas e engrandecem o futebol, a sociedade e a vida

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

O segundo parágrafo de minha última coluna ficou incompreensível, com uma frase que não tinham nada a ver com o texto. O certo era: "Tite, com razão, criticou as críticas de que Vinicius Junior, na seleção, joga muito recuado para ajudar o lateral. Ele atua da mesma forma no Real Madrid. Marca e ataca. Em algumas ocasiões, isso não será possível, como no jogo do Brasil contra o Chile e no do Real contra o PSG, quando Brasil e Real ficaram acuados, sem contra-atacar".

Neste ano de Copa do Mundo, aumentam os pedidos para a convocação de alguns jogadores, mas não dizem quem deveria ficar fora. Hulk, Pedro e Raphael Veiga são os mais reclamados. Gabigol e Éverton Ribeiro, que têm sido chamados, correm grandes riscos de não ir ao Mundial. Dos que atuam no Brasil, os mais certos são Arana e, principalmente, Weverton.

Alguns comentaristas falam que, se os jogadores brasileiros jogassem nos grandes clubes europeus com a mesma qualidade, seriam chamados. É a realidade. É muito mais difícil brilhar na seleção e nos grandes times da Europa do que nos estaduais.

Raphael Veiga, ótimo jogador, atua na mesma posição de Neymar. Os reservas imediatos são Paquetá e Coutinho. As chances de Veiga são mínimas. Marcos Rocha, que nunca foi pedido, é a melhor opção na lateral direita, depois de Daniel Alves e de Danilo. Rocha tem o estilo parecido com o de Daniel Alves, de ser mais um armador que um lateral que avança pelo lado.

Existem também pedidos para escalar e mudar os esquemas táticos das equipes.

Paulo Sousa fez várias mudanças no Flamengo. Ainda é cedo para dizer se são as melhores opções. No esquema com três zagueiros do técnico, alguns pedem a escalação do trio de atacantes, Gabigol, Pedro e Bruno Henrique, além de Arrascaeta, dois volantes, dois alas e um goleiro. São 12.

Gosto das escalações e das mudanças táticas feitas por Abel Ferreira, de acordo com o momento e o rival. Não gostei da escalação de Rony pela direita, para marcar o lateral do Chelsea, mas dizer que o Palmeiras perdeu porque não tinha centroavante é se descolar da realidade. O Chelsea é muito superior ao Palmeiras e às equipes brasileiras.

O novo técnico do Atlético tem mantido a escalação, as variações e a maneira de jogar de Cuca. Hoje, o Atlético tem mais chance de vencer, mas, como já dizia o filósofo Neném Prancha nos anos 1950, clássico é clássico. Será uma boa chance para avaliar o novo time do Cruzeiro.

O novo treinador do Corinthians, o português Vitor Pereira, deve ter gostado muito da atuação do time contra o Bragantino, que também jogou muito bem. Seja qual tenha sido o resultado da partida contra o São Paulo, penso que, assim como é necessário ter um volante centralizado para proteger a defesa e iniciar as jogadas de ataque com um bom passe, um time precisa ter um centroavante, o que não significa que tenha de ser um jogador fixo. Falta esse atacante ao Corinthians.

Quando opino, não tenho pretensão de ser o dono da verdade. As diferentes opiniões são bem-vindas e engrandecem o futebol, a sociedade e a vida. Aprendo com elas. Precisamos ser melhores profissionais, sem ser reféns da audiência, da radicalização e da ira de muitas pessoas.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Milly Lacombe
folha.com/nossoestranhoamor

Um sentimento chamado Artur

Artur nasceu duas semanas antes do previsto. Um garoto grande que veio ao mundo cheio de saúde e de fome. Mas, ainda na maternidade, Joana e Fabio receberam a notícia que mudaria suas vidas. Os exames feitos durante a gravidez não constataram que Artur tinha síndrome de Down. Como assim, quis saber Fabio. Não estava certo isso. O enunciado era um erro. Olhem aqui para ele, pedia o pai às duas médicas que estavam no quarto. Olhem e me digam se essa criança não é normal! Totalmente normal. Vocês são malucas!

Uma das médicas chegou a pontuar que Artur não era, como o pai sugeria, anormal. Mas não houve tempo para conversa porque Fabio disse a Joana que ela podia ignorar o que os profissionais falavam, que parasse de chorar porque aquilo era um absurdo e que, assim que ele provasse que a criança era normal, processaria o hospital e os médicos.

Fabio trabalhava no mercado financeiro e estava começando a ganhar dinheiro. Triatleta, vivia inundado da certeza que seria incapaz de gerar um filho que não fosse perfeito aos seus olhos. Quando a condição se confirmou, ele se recusou a elaborá-la. Passou a sair de casa cada vez mais cedo e a voltar cada vez mais tarde.

Dedicou-se à carreira de forma absoluta. O casamento sofreu, mas Joana achava que uma separação seria pior para Artur e para os dois filhos mais velhos. Como a mulher estava dedicada a entender a síndrome e vivia de especialista em especialista, Fabio e os outros dois filhos passaram a formar um trio. Os garotos, com três e quatro anos, acompanhavam o pai aos treinos e, às vezes, ao escritório.

Ainda assim, todas as noites Artur sorria vendo o pai voltar para casa. Fabio apenas fazia um carinho na cabeça do garoto e ia jogar PlayStation com os mais velhos.

Não demorou para Fabio ser convidado a se tornar sócio do banco de investimentos para o qual trabalhava como analista. Chegou em casa eufórico, a família fez uma festa: eles, finalmente, passariam a ganhar um dinheiro que consideravam razoável. A carreira seguiu sólida, e Fabio ficou conhecido no meio como um dos mais respeitados analistas do mercado. Motivado e confiante, passou a ousar mais do que o normal. Um dia, acabou escolhendo caminhos errados, o que custou uma exorbitância de dinheiro a alguns grandes clientes. Era a primeira vez que ele errava nesse nível. Os outros sócios o chamaram para uma conversa, Fabio se desculpou pelo fracasso e saiu da reunião humilhado.

Chegando em casa, não disse nada a Joana. Na mesa, se comportou como se tudo estivesse absolutamente normal. Depois do jantar, tentando não pensar na vergonha que sentia, foi jogar videogame com os filhos mais velhos.

Ninguém notou sua tristeza, e isso o deixou aliviado. Passaram mais tempo do que o usual em frente ao monitor até que Joana mandou os filhos para cama. Os dois mais velhos deram boa noite e saíram. Artur, que estava com cinco anos, foi o último. Foi dar boa noite ao pai, mas, antes de beijá-lo, parou sem dizer nada. De frente para Fabio, que estava no sofá mudando os canais da TV, seguiu mudo. Fabio levantou a cabeça e enxergou o filho ali plantado. Irritado, ia mandá-lo para cama quando Artur segurou seu rosto com as duas mãos e disse baixinho olhando em seus olhos: "Não fica triste".

Num ímpeto, Fabio puxou Artur contra seu peito como ainda não tinha feito na vida e, sobre seu pequeno ombro, conseguiu chorar. Nesse exato instante, abraçado ao filho, entendeu que anormal é aquele que tem vergonha de sentir.

Laetitia Vancon/The New York Times

IMAGEM DA SEMANA

Coreógrafa do time de patinação artística ucraniano parte de Odessa com meninas que treinava para um campo de refugiados na Moldávia. A ONU estima que, em nove dias de conflito com a Rússia, mais de 1 milhão de pessoas tenham fugido da Ucrânia

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Um ingrediente do coquetel piña colada **2.** Tirar as asperezas da unha / A região que faz fronteira com Paraguai, Uruguai e Argentina **3.** Estar convencido de que algo é verdadeiro / O ator brasiliense Murilo **4.** As vogais de menos / Subir com a ajuda de mãos e pés **5.** Aquela que dá o que possui, por generosidade **6.** Inclinação, propensão **7.** Baixar / B **8.** O nitroso é outro nome do gás hilariante / (Drive) Um dispositivo de informática usado para manter arquivos **9.** Lago italiano na fronteira com a Suíça / A fábrica do Cronos **10.** Sufixo diminutivo / (Fig.) Pessoa geniosa, difícil de lidar **11.** O neônio, entre os químicos / Os lugares populares de um estádio **12.** Consistência de estrutura **13.** Endurecimento patológico dos tecidos ou dos órgãos animais.

VERTICAIS
1. O músico Valença, de "Sol e Chuva" / Relativo a professores **2.** Escrivaninha com gavetas / Novato, principiante **3.** Estilo musical baiano, de ritmo agitado / 10º / Sigla do estado de Laguna e São Joaquim **4.** Diz-se de livro encadernado com papelão nas faces e no dorso / Nos esportes como o handebol, o ponto obtido **5.** Fôlego, respiração / O meio de transmissão do programa "A Voz do Brasil" / O camisa 10 da seleção tricampeã em 1970 **6.** Vizinhança, contorno / Contundir **7.** Um material isolante / Esmagado **8.** Utilizar habitualmente / Um quarteto inglês dos anos 60 e 70 **9.** Sem rodeios / (do Caixão) Famoso personagem do cinema brasileiro de terror.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1								■	
2						■			
3					■				
4			■						
5		■							
6	■							■	
7							■		
8						■			
9					■				
10				■					
11			■						■
12		■							
13									

HORIZONTAIS: 1. Abacaxi, **2.** Lixar, Sul, **3.** Crer, Rosa, **4.** Eo, Trepar, **5.** Doadora, **6.** Pendor, **7.** Decair, Bê, **8.** Óxido, Pen, **9.** Como, Fiat, **10.** Eto, Peste, **11.** Ne, Geral, **12.** Solidez, **13.** Esclerose.
VERTICAIS: 1. Alceu, Docente, **2.** Birô, Pexote, **3.** Axé, Decimo, SC, **4.** Cartonado, Gol, **5.** Ar, Rádio, Pele, **6.** Redor, Ferir, **7.** Isopor, Pisado, **8.** Usar, Beatles, **9.** Claramente, Zé.

SUDOKU

texto.art.br/fsp
DIFÍCIL

			5					
6	7		2	9			4	
4		3			1			
3		2	8			4		7
				7				
1		7			6	2		9
			3			9		5
	5			1	4		3	6
					5			

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

8	2	1	5	4	7	6	9	3
6	7	5	2	9	3	8	4	1
4	9	3	6	8	1	5	7	2
3	6	2	8	5	9	4	1	7
5	4	9	1	7	2	3	6	8
1	8	7	4	3	6	2	5	9
7	1	4	3	6	8	9	2	5
2	5	8	9	1	4	7	3	6
9	3	6	7	2	5	1	8	4

FRASES DA SEMANA

PANELA DE PRESSÃO
Vladimir Putin
Em reunião parcialmente televisionada, o presidente da Rússia associa, pela primeira vez, sanções econômicas e políticas às quais o país é submetido desde a invasão da Ucrânia a uma escalada da situação

"Não temos más intenções acerca dos nossos vizinhos. Eu gostaria também de aconselhá-los a não escalar a situação, a não introduzir nenhuma restrição. Nós vamos cumprir nossas obrigações e vamos continuar a cumpri-las"

FILA PREFERENCIAL
@nzekiev no Twitter
Em sua conta no Twitter, um estudante nigeriano conta como é tentar fugir da guerra da Ucrânia sendo negro

"Nas estações de trem de Kiev, crianças primeiro, mulheres em segundo lugar, homens brancos em terceiro, depois o restante das vagas é ocupada por africanos.

BOMBA RELÓGIO
Mariana Vale
Pesquisadora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) comentou novo relatório do IPCC (sigla em inglês para Painel Intergovernamental de Mudança do Clima da ONU), elaborado por 270 cientistas, que revisou 34 mil artigos científicos e aponta que as mudanças causadas pelo aumento da temperatura global já estão em curso

"Uma coisa que nos surpreendeu é que diversos hotspots [áreas prioritárias] no Brasil, na Amazônia, mata atlântica e no cerrado, estão entre os mais bem estudados do mundo em termos dos impactos projetados das mudanças climáticas"

1 MILHÃO
Filippo Grandi
Alto comissário da Acnur, agência da ONU para refugiados, comentou o número de 1 milhão de deslocados da Ucrânia após apenas oito dias desde o início da ofensiva russa

"É hora de as armas silenciarem para que a assistência humanitária possa ser providenciada na Ucrânia"

SEGURANÇA EM PRIMEIRO LUGAR
Ron DeSantis
Governador da Flórida, do partido Republicano, ridicularizou alunos de ensino médio por usarem máscaras em um evento na escola, apesar de o número de mortes nos EUA continuar acima de 1.500 por dia

"Vocês não precisam usar essas máscaras. Por favor, tirem. Sinceramente, não estão fazendo nada. Precisamos parar com esse teatro de Covid"

I JUST CALLED TO SAY I LOVE YOU
Michel Temer
Ex-presidente desmente boatos de que esposa Marcela terminou o casamento com uma carta de despedida

"Até liguei para a minha casa [para conversar com a esposa]"

GUARDA COMPARTILHADA
Marcelo Queiroga
Ministro da Saúde disse que conversou com Bolsonaro sobre possibilidade de encarar a Covid-19 como endemia

"É uma discussão que não é só do Ministério da Saúde. Embora seja uma decisão do ministro [da Saúde], é uma decisão que passa por outras pastas"

ÓLEO QUENTE
Jen Psaki
Porta-voz da Casa Branca anunciou na sexta (4) que os EUA estão analisando opções para cortar as importações de petróleo da Rússia

"Estamos procurando maneiras de reduzir a importação de petróleo russo e, ao mesmo tempo, garantir que vamos manter as necessidades globais de abastecimento"

ACERVO FOLHA

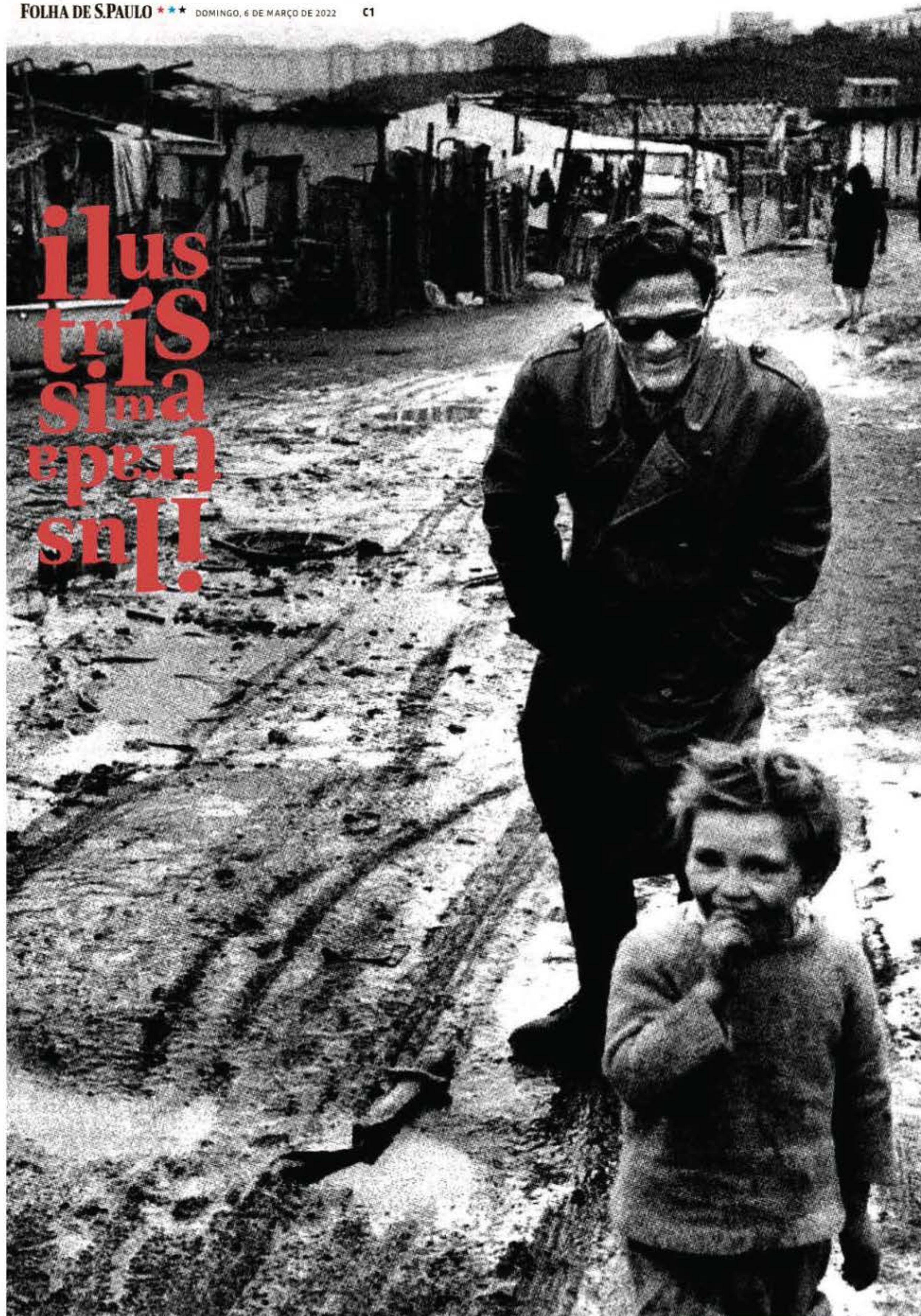
Há 100 anos 6.mar.1922

Operários protestam contra colegas que viajaram para negociar votos

Operários das oficinas da Estrada de Ferro Central, em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, fizeram uma manifestação contra quatro colegas que tinham ido a Minas Gerais negociar os votos dos trabalhadores para a eleição para presidente da República, realizada na quarta-feira (1º).

Durante a manifestação, a polícia cercou as oficinas. Foram enviados para lá o 28º esquadrão de cavalaria, o 45º regimento de infantaria e numerosos agentes.

Políticos mineiros apoiaram na eleição presidencial o candidato Arthur Bernardes, e os fluminenses, Nilo Peçanha. O vencedor da votação ainda não é conhecido.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Pier Paolo Pasolini na periferia de Roma Reprodução

O teorema Pasolini

Cineasta, escritor e intelectual militante, o diretor de 'Salò', que morreu assassinado, é lembrado em seu centenário de nascimento por Carlos Adriano e Inácio Araujo C4 e C5

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Tamara Klink

Tinha que aprender a me frustrar muitas vezes por dia

[RESUMO] Aos 24 anos, a velejadora brasileira mais jovem a cruzar o Oceano Atlântico sozinha prepara um terceiro livro, planeja uma nova viagem, diz que não sente pressão por ser filha de Amyr Klink e comenta relação com o pai: 'Me deu liberdade para construir meu próprio caminho'

Por ***Manoella Smith***

A velejadora Tamara Klink com seu barco Sardinha, em Recife Rafael Bandeira/Divulgação

Tamara Klink diz que se sentiu em um campo minado quando, aos 24 anos, estava a bordo de seu veleiro de oito metros de comprimento no meio do Oceano Atlântico. "É uma região cheia de barcos pesqueiros, onde a profundidade do mar vai de cem para 1.000 metros. Eu não podia dormir porque a qualquer momento um barco poderia avançar em minha direção e não haveria tempo para manobrar e sair", lembra.

*

Filha do navegador Amyr Klink, ela se transformou no ano passado na brasileira mais jovem a cruzar o Atlântico sozinha, ao fazer a rota de Lorient, na França, de onde partiu em agosto, a Recife, onde desembarcou em novembro. Foram três meses só na companhia de seu veleiro chamado Sardinha—o nome, ela conta, foi sugestão da avó materna.

*

No percurso, parou em Lisboa (Portugal), em Mindelo (Cabo Verde) e na região de La Palma, por onde passou na mesma época em que o vulcão Cumbre Vieja entrou em erupção. No mar, explica Tamara, é preciso estar sempre atenta ao que pode acontecer. A velejadora diz que dormiu uma média de três horas por dia, espaçadas em pequenos cochilos—o chamado sono polifásico.

*

Diz que colocava o despertador para tocar de dez em dez minutos, e às vezes até de três em três minutos. "Navegar sozinha é como dirigir um carro numa estrada de barro e pedra", compara.

*

"Ele está trepidando, fazendo barulho, mas chega um momento em que você tem que dizer a si mesma: 'Põe no piloto automático e dorme'. Mesmo sabendo que pode passar uma vaca, que o carro pode sair da estrada. Mas você tem que descansar porque vai ficar na estrada por muitos dias."

*

A velejadora chegou a questionar se deveria continuar na empreitada ao passar pela zona do Equador, uma área de muita instabilidade meteorológica. "Meus equipamentos quebraram com o vento, a chuva e o mar [agitado]. Eu fiquei sem piloto automático, perdi a antena do rádio. As luzes de navegação foram carregadas pelo mar, então eu fiquei invisível e incomunicável. O barco ainda estava seguro, mas a qualquer momento poderia não estar mais", continua.

*

"Eu fiquei com medo e me senti em perigo. Pensei: 'Por que inventei de estar aqui? Pronto, eu desisto, acabou a viagem'. Mas o lugar mais próximo para onde eu podia fugir já era Recife. Até para desistir, tinha que chegar até o fim."

*

Amyr Klink foi a primeira pessoa a fazer a travessia do Atlântico Sul a remo em 1984. "A primeira memória muito forte [relacionada à navegação] que eu tenho é ver o meu pai e a minha mãe trabalhando por meses na preparação do barco. Vínhamos para a Praia do Jurumirim [em Paraty, onde a família tem casa], dávamos tchau da areia e víamos ele sumir atrás dos Montes Verdes, para só voltar meses depois", recorda.

*

Aos oito anos, Tamara, sua irmã gêmea, Laura, e a mais nova, Maria Helena, embarcaram com o pai e a mãe, a fotógrafa Marina Klink, para uma viagem de barco à Antártica. "Foi quando percebi que as histórias que eles contavam eram reais, não eram ficção."

*

Ela diz que não sente pressão por carregar o sobrenome de um dos mais famosos velejadores brasileiros. E conta que Amyr, de certa forma, a libertou de expectativas quando disse que só queria saber de suas viagens depois que tivessem dado certo. "Talvez as pessoas esperassem que ele fosse meu treinador ou patrocinador, mas ele decidiu que não [seria assim]", avalia.

*

Ainda adolescente, Tamara admirava a navegadora Jessica Watson, que deu a volta ao mundo de barco aos 16 anos. Inspirada, ela pediu uma embarcação emprestada do pai—que negou.

*

"Fiquei frustrada, mas foram as regras do jogo que ele colocou. Se eu quisesse fazer minha viagem, que eu não contasse com ajuda material, financeira ou técnica dele."

*

"Eu entendo que isso me deu liberdade para construir meu próprio caminho. Quando eu partisse, não teria mais ninguém no meu barco. Não adiantaria ser filha do meu pai."

*

A primeira travessia solitária de Tamara foi da Noruega à França, em 2020. Naquele ano, ela vivia em Nantes, cidade francesa, onde fazia especialização em arquitetura naval. Namorava, tinha planos de iniciar um estágio na área e uma passagem de avião para passar as férias no Brasil quando a pandemia bateu à porta.

*

"Acabei rompendo com esse namorado com quem eu vivia. Fui dormir na casa de amigos. Todos os voos para o Brasil foram cancelados, então voltar não era uma opção. O estágio que eu estava pleiteando foi interrompido. Os planos que eu tinha foram desmoronando."

*

Tamara decidiu então ir de novo atrás do sonho antigo: viajar pelos mares sozinha. Há tempos buscava patrocínio para construir seu barco e cruzar o Atlântico. Sem sucesso. "Eu falava com várias empresas que gostavam do projeto. Mas ouvia sempre a mesma pergunta, para a qual eu não tinha uma resposta: 'Como vai ficar a imagem da nossa marca se essa menina morrer no mar?'"

*

Ela mantinha um canal no YouTube onde compartilhava vídeos sobre viagens e navegação. E então lembrou-se que um seguidor que a convidara para visitar a Noruega. Não seria loucura aceitar o convite de um desconhecido? "É mais fácil a gente assumir riscos quando a gente tem menos a perder", resume. Para chegar ao país nórdico, pegou carona em um barco de "conhecidos de conhecidos".

*

Seu novo amigo, que era engenheiro naval, virou uma espécie de mentor. Foi ele quem ajudou Tamara a encontrar sua futura embarcação em um site de anúncios. "O barco [que acabou adquirindo] já tinha tido um histórico de incêndio. Havia um problema no motor que cuspia água da refrigeração para um balde que tinha de ser esvaziado a cada duas horas", afirma. E diz, rindo: "É, tinha alguns probleminhas".

*

O dono pedia mais do que ela poderia pagar. Com dinheiro emprestado de seu amigo, Tamara ofereceu pelo Sardinha "o valor de uma bike". Fechou o negócio.

*

Após um mês de preparativos, ela partiu para sua primeira viagem sozinha, num percurso relativamente curto, da Noruega até a França. Avisou a mãe um dia antes de embarcar. "Eu já tinha medos suficientes. De perder o barco, de morrer. Se minha mãe soubesse, poderia projetar os medos dela em mim. Então, eu protegi o meu sonho."

*

O mar da Noruega é conhecido por ter muitas pedras, embarcações e regiões rasas com bancos de areia. "Foi a minha grande escola", diz Tamara. Mais experiente, ela conseguiu patrocínio com marcas como Localiza e Magazine Luiza para realizar seu maior desafio: cruzar o Atlântico.

*

A velejadora embarcou na França em agosto de 2021. Na água, ela se guiava por um GPS e também recebia previsões meteorológicas que eram enviadas via satélite. E que, às vezes, demoravam dias para chegar. Por isso, não era raro que as informações sobre o tempo muitas vezes estivessem defasadas. "Tinha que aprender a me frustrar muitas vezes por dia", diz.

*

Ela também enviava relatos de seus dias no barco a um coletivo de navegadoras. Os textos eram compartilhados em seu Instagram. Foi ganhando seguidores. E hoje tem mais de 122 mil deles na rede social. "Ainda é difícil para mim conseguir enxergar as vidas que existem por trás desses números [de seguidores]. Tento não me apegar e me concentrar nas pessoas com quem eu encontro [presencialmente]."

*

Já em terra firme em Recife, no Brasil, Tamara fez sua última jornada a bordo da Sardinha em janeiro deste ano. Ela desceu a costa brasileira, da capital pernambucana até Paraty, de onde falou com a coluna por videochamada. "Quando cheguei no Recife, o meu pai, numa espécie de provocação, disse: 'Você sabe que só vai ter concluído essa viagem quando chegar no lugar de onde vem'."

*

No trajeto, a navegadora parou em diversas cidades para promover o lançamento de seus dois livros, publicados pela editora Peirópolis. O primeiro volume, "Mil Milhas" é um diário da viagem entre a Noruega e a França. Já "Um Mundo em Poucas Linhas" é um livro de poemas, escritos "no contexto de uma de uma adolescente que estava procurando sua própria voz", diz. Um documentário de dois episódios sobre sua travessia também estreou no Globoplay.

*

A sensação é de encerramento de um ciclo com sua embarcação. "No começo, eram meus conhecimentos que limitavam o quanto eu podia usar o barco", afirma. Com o tempo, a situação se inverteu: Sardinha é que virou um espaço limitador de suas potencialidades.

*

Agora, começa a busca por uma nova embarcação. Tamara já tem um destino em mente, mas prefere manter os detalhes do projeto em segredo "porque as pessoas criam muita expectativa". Ela também vai começar a se dedicar à escrita de seu próximo livro, sobre a travessia do Atlântico.

*

Como qualquer jovem, Tamara tem apreensões e dúvidas sobre o futuro. Mas tenta sempre se lembrar de que "a nossa imaginação pode ser muito potente, tanto para nos levar longe quanto para nos manter presas em gavetas."

Genial e genioso

[RESUMO] Genialidade de Pier Paolo Pasolini, cujo nascimento completou cem anos neste sábado (5), era da ordem da inconveniência, escreve autor. Escritor, intelectual e cineasta, Pasolini foi cristão, marxista e gay e produziu uma obra icônica que, quase 50 anos depois de seu assassinato, permanece como um ímã para o engajamento na arte e a transformação da sociedade

Por **Carlos Adriano**
Cineasta e doutor pela USP, realizou pós-doutorado em comunicação e semiótica pela PUC-SP e dirigiu "O que Há em Ti" (2020) e "Santos Dumont Pré-cineasta?" (2010), entre outros filmes

Nunca pensei que estaria vivo no centenário de nascimento de Pier Paolo Pasolini, que se celebra neste sábado (5).

Há 40 anos, eu era um mero e reles calouro de uma universidade informal de cinema cujo campus paulistano era composto de um circuito esgarçado de cineclubes (Bixiga, Bijou, Fundação Getulio Vargas, Museu Lasar Segall, Museu da Imagem e do Som, Sindicato dos Jornalistas) e das programações da Cinemateca Brasileira instaladas em salas comerciais, como os cines Coral e Metrópole, e instituições como o Centro Cultural São Paulo e o Masp.

Quando entrei no curso de cinema da Escola de Comunicação e Artes da USP, quatro anos depois (1986), eu já havia visto praticamente todos os filmes que os professores exibiriam nas aulas, justamente por ser o que se chamava então "rato de cinemateca".

A vida do cinéfilo hoje é bem mais fácil e cômoda. Além de ter quase toda a história do cinema disponível ao alcance dos dedos de um rato — o mouse do computador—, não é necessário enfrentar as sofríveis condições de projeção dos filmes, exibidos em cópias (em película 16mm e 35mm) que circulavam nos cineclubes após sua expiração de distribuição comercial.

Todo sacrifício era compensado para ver os filmes ansiosamente aguardados — e cultuados virtualmente em páginas de livros e revistas (em sua maioria estrangeiros). Um dos diretores que mais faziam valer a pena o sacrifício, até por seu caráter de mártir, era o italiano Pasolini.

Genial ou genioso? A militância intelectual combativa e a violenta morte trágica de Pasolini fazem pensar na ideia de fama póstuma, descrita por Fernando Pessoa no ensaio inacabado "Heróstrato": "Quanto mais nobre o gênio, menos nobre o destino. Um gênio pequeno alcança a fama, um grande gênio recebe a infâmia, um gênio maior sofre o desespero; um deus é crucificado".

A genialidade ou geniosidade de Pasolini eram da ordem da inconveniência. O gênio é uma falha do sistema (Paul Klee), uma neurose (Gustave Flaubert) e o desespero dominado pelo rigor (Jean Genet). Pasolini talvez seja o caso mais icônico (com todo ranço e clichê que o vocábulo encapsula) da inadequação de um certo tipo de cinema aos tempos de hoje.

O dele era um outro tempo, o dele era um outro cinema; incomparáveis com este nosso tempo e com o cinema produzido hoje. Aliás, é cinema o que se chama hoje de "audiovisual"?

Pier Paolo Pasolini era mais que um autor completo (e complexo) —escritor, poeta, polemista, cineasta. Era cristão, marxista e gay — heresia pura. Encarnação de um tipo emblemático e subversivo dos anos 1960 e 1970, era um intelectual militante, nas hostes da arte e da política, comprometido com o desejo de uma sociedade melhor, mais justa, fraterna e humana.

Pasolini era mais que um autor completo (e complexo) — escritor, poeta, cineasta. Era cristão, marxista e gay —heresia pura. Encarnação de um tipo emblemático e subversivo, era um intelectual militante, comprometido com o desejo de uma sociedade melhor e mais justa

Naquele tempo de minha iniciação cinefílica (em 1980), o assassinato de Pasolini (2 de novembro de 1975) era relativamente recente — talvez por isso, me espanto em estar escrevendo aqui e agora sobre os cem anos dele. O nome de Pier Paolo Pasolini (seu eco de três PPPs) era um ímã, uma senha (palavra-passe de mágica para um mundo que se descortinava?), um chamado de engajamento na arte e na sociedade.

As cópias em frangalhos de suas obras-primas convertiam qualquer sessão de cineclube em uma missão hierática. Ver "O Evangelho Segundo São Mateus" (1964) era como testemunhar o milagre da transubstanciação, escancarado com o impacto de sua trilha sonora, que combinava Bach (Concertos, "Missa BWV 232" e "A Paixão de São Mateus"), Mozart ("Maurerische Trauermusik K. 477") e Prokofiev (trilha de "Alexander Nevsky", 1938, Sergei M. Eisenstein), a cantora afro-americana Odetta Holmes ("Sometimes I Feel Like a Motherless Child"), Blind Willie Johnson ("Dark Was the Night, Cold Was the Ground"), "Kol Nidre" (peça aramaica de tradição judaica na liturgia do Yom Kippur) e o hit da "Missa Luba" do Congo.

Outra experiência dessacralizadora era acompanhar o comediante Totò (ícone das chanchadas italianas) e o ator Ninetto Davoli (signo de um cinema popular idealizado por Pasolini) seguindo um corvo marxista em "Gaviões e Passarinhos" (1966). Essa fábula, talvez ingênua ao olhar cinéfilo de hoje, escandalizaria os ministérios da educação e da cidadania do atual governo brasileiro.

"Teorema" (1968) também seria o horror de Damares et caterva, com sua pedagogia libertária: Terence Stamp é um anjo exterminador da tradição, família e propriedade, que desce da goiabeira para comer uma família burguesa inteira (os filhos, a mãe e o pai patrão industrial) e conclamar à revolução capitaneada por Herbert Marcuse e Wilhelm Reich.

Continua na pág. C5

Terence Stamp e Silvana Mangano em cena de 'Teorema' (1968), de Pasolini
Reprodução

Pasolini entre bombas

[RESUMO] Bombas da extrema direita lançadas durante exibição de 'Salò' me fizeram entender o horror que cineasta retratava nas telas, conta crítico

Por ***Inácio Araujo***
Crítico de cinema da Folha

A primeira vez que me senti realmente próximo de Pasolini foi quando ele tomou posição a favor dos policiais contra os estudantes revoltosos de 1968. Meu sentimento foi mais motivado por ele se opor ao senso comum que por qualquer outra coisa.

Afinal, naqueles tempos, a polícia, ao menos aqui no Brasil (imagino que a italiana fosse um pouco mais delicada), atacava as passeatas com a cavalaria duplicada por pastores alemães, e era preciso correr e encontrar algum refúgio para escapar das pancadas.

Os filmes mesmo de Pasolini eu quase sempre detestava. Ora me pareciam de uma carolice insuportável (vale, sobretudo, para "O Evangelho Segundo São Mateus"), ora desnaturavam Totò ("Gaviões e Passarinhos"), ou, pior, abusavam de um simbolismo quase infantil ("Teorema"), com aquele anjo saltitante que parecia querer tomar o lugar do anjo exterminador de Buñuel.

Dê-se um desconto: eu era apenas um garoto pedante, mas, para ser bem sincero, não vejo as coisas tão diferentes assim. A exceção, a grande exceção, é "Mamma Roma" (1962): alguém mostrou bem como Pasolini, naquele momento em que o cinema italiano surfava nas ondas favoráveis do "milagre italiano", era quem olhava para os esquecidos do milagre.

O tempo seguinte não colaborou para que eu simpatizasse mais com o poeta-cineasta. Pior: seus "Contos de Canterbury" (1972) e "O Decameron" (1971) me soaram tremendamente falsos; aquela felicidade, o gosto da vida que transbordavam desses filmes me pareceram postiços.

Pergunto-me se veria as coisas de outro modo hoje. Lembro-me de que não tinha nenhum compromisso com a crítica de cinema, não precisava prestar contas de ideias, defeitos, de nada que visse nos filmes. Via e pronto. O fato é que nunca mais topei com eles, e também não os procurei demais.

Reação bem diferente tive quando assisti a "Salò, ou os 120 Dias de Sodoma" (1975), em um dia de maio de 1976, em um cinema com uma grande porta de vidro, que na minha lembrança ficava no bairro parisiense de Montparnasse.

Eu havia acabado de chegar a Paris, onde moraria por quase quatro anos. Naquela época, só se falava de "Salò". Depois falo da impressão que me deixou o filme — em todo caso, ela foi tão forte que o estrondo que ouvi durante a projeção me pareceu que vinha da minha cabeça. Por alguns instantes, acreditei nisso, porque ninguém se mexia na plateia.

Apenas no final, ao sair da sala, foi possível topar com os estilhaços da porta de vidro espalhados em parte pelo hall do cinema, em parte na calçada da frente.

Na bilheteria, explicaram que alguém havia passado de carro em baixa velocidade, gritado alguma palavra de ordem de extrema direita e jogado uma bomba na direção do cinema. Uma bomba, foi o que se disse. Uma pedra bastaria, pensei, para arrebentar a vidraça, mas uma bomba daria mais certeza do estrago. A mensagem, em todo caso, era clara: a direita não gostava desse filme.

Entende-se: a República de Salò foi o nome dado à Itália ou à parte da Itália controlada diretamente pela Alemanha nazista, no momento em que os aliados já entravam pelo sul do país durante a Segunda Guerra. Mussolini continuou à frente do governo, mas o controle mesmo cabia aos alemães, com a ajuda das milícias fascistas.

O período foi de bem mais de 120 dias. Estes diziam respeito ao livro do Marquês de Sade que o filme tomou emprestado. Não importa o que no filme pudesse se assemelhar ao livro. Importa, ao menos para mim, que naquele momento percebi a cabeça real de Pasolini, a realidade pantanosa em que sentia viver e que talvez procurasse evitar, recorrendo seja à fé (em Deus e em Marx), seja à crença na beleza e na vida.

Pasolini vivia no horror de "Salò" —o horror, no caso, dos homens ricos da Itália fascista, os senhores desses atos; senhores do corpo dos outros: a baixeza, o suplício, a humilhação, feridas tratadas com sal, a depravação, uma dor sem fim. Penso que tudo isso o ocupava, e apenas assim eu podia entender o que Pasolini levava à tela com tamanha radicalidade. Era uma visão crua do inferno, não menos que isso.

Não sou um bom leitor de poesia, quase sempre não entendo o que dizem os poetas, mas no caso de Pasolini esse inferno irrompe por vezes cristalino: "Basta um pouco de paz pra revelar,/ dentro do peito a angústia,/ límpida, como o fundo do mar/ em um dia de sol. Tu reconheces,/ sem o provar, o mal,/ ali, em tua cama, ombros, coxas/ e pés abandonados".

A paz revela a angústia, diz em seu poema, assim como um pouco de paz desperta a guerra ou um pouco de sol, nossos atos mais vis.

Foi esse tipo de paradoxo que me levou de volta ao primeiro Pasolini, o de "Accatone" (1961), o de "Mamma Roma", que me pareceram a um primeiro (e míope) olhar a expressão de um neorrealismo atrasado. Só então pude vê-los de outra maneira, a começar pela epígrafe do primeiro desses filmes, onde se encontram um anjo do céu e um anjo do inferno. O anjo do inferno grita: "Por que me privas do céu?".

A epígrafe é tirada do "Purgatório" (enquanto "Salò" é o próprio inferno) e diz respeito aos rufiões, a essa malta de inúteis, de lúmpens, incapazes de deixar essa condição parasitária. Ou à valente "Mamma Roma", prostituta em busca de um caminho novo, de uma nova vida, que lhe permita encarar seu filho, a quem tenta evitar que tome contato com sua maneira de viver.

Penso que a epígrafe diz respeito, afinal, a cada humano, feito do alto e do baixo, de céu e inferno, do melhor e do pior. Não se tratava de neorrealismo atrasado, mas, como me revelou alguém, talvez Ignacio Fuentes, crítico colombiano desesperadamente cinéfilo, do último neorrealista. Aquele que, enquanto o cinema italiano nadava nas águas doces do progresso social, voltava-se aos esquecidos do "milagre econômico".

Mas volto ao que senti saindo do cinema após "Salò", ou antes, ao que me ocorreu ao mesmo tempo que atravessava os destroços da porta do cinema de que acabava de sair: "O que mais ele poderia dizer depois disso? O que mais ele poderia ter filmado?".

A sensação era a de um final irrecorrível. Pasolini morrera alguns meses antes daquela exibição. À extrema direita, não bastava sua morte: era preciso amedrontar espectadores ou donos de cinema ou ambos (mas aqueles eram bons tempos, em que os neonazistas mal punham o nariz para fora, as coisas ficaram por isso mesmo).

É curioso como aquele filme me levou quase de imediato ao "Viver a Vida" (1962), de Godard, que por sua vez levava até "A Paixão de Joana D'Arc" (1928), de Dreyer, ao diálogo entre o monge interpretado por Antonin Artaud e Joana d'Arc: "E qual será sua libertação?" "A morte".

A morte de Pasolini, o delito italiano, como afirma Marco Tullio Giordana no título de seu filme de 1995. Uma morte que não podemos encarar sem pensar na baixeza, na vilania, na solidão, na dor infligida ao cineasta-poeta.

A morte como último poema, como um Cristo reencontrado, a lembrar que o fascismo de "Salò" estava, de resto, longe de morrer. ←

Continuação da pág. C4

Pasolini também realizou várias outras obras magníficas, pequenas em extensão e longevas em projeção. Como "A Ricota", episódio do filme "Rogopag" (1963), sobre o faminto figurante de um filme sobre a crucificação de Cristo (dirigido por um cínico Orson Welles). Devastadoramente irônico e simplesmente implacável. Ou "O Artigo dos Vaga-lumes" (publicado no Corriere della Sera de 1º de fevereiro de 1975 com o título "O Vazio do Poder na Itália"), que inspiraria Georges Didi-Huberman a cometer todo um livro e toda uma teoria estética e histórica.

Após abjurar sua chamada "trilogia da vida" —composta por filmes baseados em "O Decameron" (1971) de Boccaccio, "Os Contos de Canterbury" (1972) de Geoffrey Chaucer, e "As Mil e Uma Noites" (1974), celebração da alegria de viver através do prazer sensual e sexual—, a que renunciou por causa da mercantilização de valores populares e autênticos encetada pela sociedade italiana de consumo, realizou o terminal "Salò, ou os 120 Dias de Sodoma" (1975), seu literal filme-testamento, retrato em troncho e escroto de uma república fascista.

Ainda não se esclareceu o assassinato de Pasolini —aliás, quem matou Marielle e Anderson em 2018? Estou com a atriz Laura Betti, que nunca engoliu a malcontada história de que Pasolini teria sido assassinado por um garoto de programa.

Sim, ele foi mesmo morto brutalmente, com requintes de crueldade em uma praia de Óstia em novembro de 1975, por um michê. O libelo de Betti, contudo, defende a ideia de um crime político, pois Pasolini, com seu último filme e seus polêmicos artigos na imprensa, incomodava um largo espectro, da esquerda à direita.

Pasolini ficou mais conhecido por sua atuação como cineasta, mas ele é, primordial e essencialmente, um artista literário, que transborda para o cinema. Não só por sua formação e iniciação na literatura e por seus interlocutores escritores, mas sobretudo por ser a literatura a medida (e a mediadora) de todas as suas coisas. No registro de hotéis, ele costumava se fichar: "escritor". Pasolini foi sobretudo um poeta.

O leitor interessado pode buscar instrução em filmes como "Pasolini, um Crime Italiano" (1995), de Marco Tullio Giordana, e "Pasolini" (2014), dirigido pelo também católico e intransigente Abel Ferrara.

Curiosamente, me desaba uma correspondência (um tanto macabra, um tanto de mau gosto) entre o corpo dilacerado de Pasolini na cena de seu assassinato e as fitas em frangalhos de seus filmes exibidos nos cineclubes brasileiros na virada dos anos 1970 até o começo dos anos 1980. No país, fatos políticos emolduravam aquela apreciação cinefílica de Pasolini: a Lei da Anistia foi sancionada em agosto de 1979, e o atentado do Riocentro explodiu em abril de 1981.

Se os filmes de Pasolini podem hoje ser vistos em canais criteriosos de streaming e ainda garimpados em bolachas digitais de DVDs, o leitor brasileiro está bem fornido de sua literatura. Em 2020, a editora 34 publicou seus "Escritos Corsários", com tradução, apresentação e notas de Maria Betânia Amoroso, autora de "A Paixão pelo Real: Pasolini e a Crítica Literária" (Edusp, 1997) e "Pier Paolo Pasolini" (Cosac Naify, 2002). Em 2015, a Cosac Naify publicou "Pier Paolo Pasolini: Poemas", organizado por Alfonso Berardinelli e Maurício Santana Dias.

Ao tentar botar um ponto final nesse necrológio extemporâneo (tentativa que procrastina talvez outros períodos e outros necrológios), me ocorre: não era propriamente que àquela altura o centenário de nascimento de Pasolini me parecia distante.

Simplesmente eu nem pensava em efeméride centenária (São Paulo era, relativamente, uma efervescente metrópole, ao menos aos olhos de um adolescente) ou nem poderia imaginar que um período tão vital seria enterrado em cova tão vil como a do covil Brasil 2022, escárnio indecente a quaisquer mínimas e dignas exéquias. ←

Quem foi Pasolini

Nascido em 1922, começou a escrever poemas aos 7 anos e se formou em literatura na Universidade de Bolonha em 1945

Em 1950, se mudou para Roma e, em 1955, publicou seu primeiro romance, 'Meninos da Vida'. O governo italiano abriu um processo contra Pasolini e seu editor por obscenidade

Em 1961 —quando já era reconhecido como intelectual da Itália pós-guerra, com sua produção de ensaios, ficção e poesia—, Pasolini lançou seu primeiro longa-metragem, 'Accattone'. Na estreia em Roma do filme, centrado na história de um cafetão e uma prostituta, um grupo de neofacistas promoveu uma manifestação contra o diretor, visto como imoral e atacado por ser homossexual. Agressões desse tipo o acompanharam ao longo da vida

Até sua morte, em 1975, Pasolini realizou outros 11 longas de ficção. A chamada trilogia da vida — composta de 'O Decameron', 'Os Contos de Canterbury' (vencedor do Urso de Ouro no Festival de Berlim), e 'As Mil e Uma Noites'— explora a sexualidade e as interdições religiosas e critica a sociedade de consumo, formando um conjunto de destaque na sua obra

'Salò, ou os 120 Dias de Sodoma' —um dos filmes mais controversos da história, com seu retrato extremo de torturas físicas, mentais e sexuais de adolescentes por autoridades fascistas— foi finalizado semanas antes do assassinato brutal do cineasta

Detalhe de obra da série 'Fotopoemação' (1974), da artista Ana Maria Maiolino, que participou da mostra 'Mulheres Radicais' no museu Hammer de Los Angeles e na Pinacoteca de São Paulo

O fim do primado do falo

[RESUMO] A escritora franco-argelina Hélène Cixous comenta em entrevista seu livro 'O Riso da Medusa', ensaio referencial sobre o feminismo que chega ao Brasil quase 50 anos depois de sua publicação original. Obra convoca as mulheres a escreverem como forma de combater domínio patriarcal e aponta nova visão sobre fundamentos da psicanálise ao desconstruir as ideias freudianas da castração feminina e inveja do pênis

Por **Fernanda Mena**
Mestre em direitos humanos pela LSE (London School of Economics), doutora em relações internacionais pela USP e repórter especial da Folha

"É preciso que a mulher se coloque no texto —como no mundo, e na história—, por seu próprio movimento."

A frase está na abertura de "O Riso da Medusa", ensaio referencial do feminismo escrito pela franco-argelina Hélène Cixous. Poeta e dramaturga, pioneira dos estudos de gênero na Europa, ela é uma das fundadoras da Universidade Paris 8 ao lado de intelectuais como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida.

Publicado em 1975 na França em uma edição da revista L'Arc sobre Simone de Beauvoir, e traduzido meses depois para o inglês, "O Riso da Medusa" convoca mulheres a escreverem —ofício do qual "foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos"— e se inscreverem na vida política e simbólica, rompendo o silêncio ao qual foram submetidas em um mundo dominado por homens.

"As mulheres hoje fazem bastante barulho", diz Cixous. "Por isso, imagino que mulheres mais jovens, dos tempos de #MeToo, tenham dificuldade de imaginar como era 50 anos atrás. Mas, quando eu comecei a escrever e a gritar, eu buscava em torno de mim quem gritasse comigo. Não havia ninguém", lamenta.

Cixous diz ter encontrado em Clarice Lispector (1920-1977) a companhia pela qual tanto ansiava. "No Brasil, havia alguém à frente disso tudo: Clarice Lispector, que não lutou pelo direito das mulheres de escrever, mas cuja escrita tem raízes na sexualidade de homens e mulheres e nos mistérios da alma humana e é sintomática da grandeza da mulher", exalta a ensaísta, que dedicou parte de sua obra à escritora nascida na Ucrânia, o que projetou internacionalmente sua literatura.

"Cinquenta anos atrás, você seria um homem", ilustra Cixous à repórter na entrevista à **Folha**, concedida virtualmente do apartamento em Paris, que divide com seus gatos.

"Eu atacava a intelligentsia que ditava a imagem da mulher e pensava sobre ela, mesmo aqueles que estavam em campos de maior liberdade, como a psicanálise e certo tipo de filosofia", afirma Cixous, cuja obra dialoga tanto com a de psicanalistas como seu amigo Jacques Lacan (1901-1981) e Sigmund Freud (1856-1939), quanto com a de filósofos e seus interlocutores, como Foucault (1926-1984) e Derrida (1930-2004).

"Tudo o que se pensava sobre diferenciação sexual e sobre humanidade estava fortemente enviesado a partir da repressão à mulher. Mesmo meus amigos mais próximos estavam cegos para isso e para o fato de que metade da humanidade era mulher."

Quase 50 anos depois de sua publicação, "O Riso da Medusa" chega agora ao país pela editora Bazar do Tempo, em cuidadosa tradução de Natália Guerellus e Raisa França Bastos.

Para Cixous, a demora na transposição de seu manifesto para diferentes línguas se dá "por motivos políticos e também religiosos" e "pode funcionar como um termômetro do progresso" das mulheres em cada território. No caso brasileiro, fazer essas contas é um exercício tão desconfortável quanto revelador.

"Levamos quase 50 anos para termos esse texto importantíssimo em português, o que revela a invisibilidade de autoras da magnitude de Cixous por aqui", diz a psicanalista Vera Iaconelli, colunista da **Folha**.

Estudiosa de James Joyce (1882-1941), Cixous fez parte de um grupo de feministas e psicanalistas e foi uma influenciadora de Lacan.

"Ela aponta para uma nova visão sobre fundamentos da psicanálise, como a escuta das 'histéricas', colocadas aqui entre aspas, porque são os homens que as nomeiam dessa maneira a partir de uma lógica falocêntrica", explica Iaconelli, para quem essa lógica não é só dos homens, mas também das mulheres que estão alienadas a ela.

Segundo o psicanalista Rafael Kalaf Cossi, Lacan "recebe as críticas dessas feministas, encabeçadas por Cixous, e desenvolve melhor a psicanálise, articulando sua teoria da sexuação". Essa teoria, afirma, ajuda a pensar a diferenciação sexual a partir de uma lógica não binária, na relação de sujeitos que se colocam na posição de homem ou na posição de mulher, sem necessariamente serem homens ou mulheres, biológica ou socialmente.

Cixous diz ter encontrado em Clarice Lispector a companhia que tanto ansiava. 'No Brasil, havia alguém à frente disso tudo: Clarice, que não lutou pelo direito das mulheres de escrever, mas cuja escrita tem raízes na sexualidade e nos mistérios da alma humana e é sintomática da grandeza da mulher'

Autor de "Lacan e o Feminismo: a Diferença entre os Sexos", Cossi aponta uma tensão entre a crítica feminista e a psicanálise no Brasil. "São críticas que nos fazem avançar, mas que não são tão levadas em conta por aqui. Parece que existe uma dificuldade de trazer para cá os livros das feministas que criticaram a psicanálise. Na Argentina, eles foram publicados há muito mais tempo. Por que no Brasil esses livros demoraram tanto para chegar? É algo curioso e diz muito da nossa cultura."

Para Cixous, "ao longo da história, o grande problema estratégico enfrentado pelas mulheres foi o fato de tantas delas serem misóginas e se tornarem suas próprias inimigas, sem coragem e sem generosidade, de tanto que queriam agradar os homens".

"Elas começaram a se juntar muito recentemente e, quando fizeram isso, perceberam que não estão isoladas e que, juntas, são mais fortes", avalia.

Aos 84 anos, Cixous diz assistir às mobilizações de mulheres de hoje com muito interesse. "É a realização da minha profecia", diz, orgulhosa. "Hoje, vejo mulheres em toda parte, mas o que eu espero é que, em algum tempo, seja possível ver homens e mulheres indiferentemente."

No manifesto que chega agora a mais brasileiras, a escritora incita as mulheres a usurpar do domínio patriarcal a linguagem e as representações que sequestraram suas vozes, seus corpos e seu sexo, relegando a elas o lugar de bruxas ou de histéricas. Para ela, as mulheres escrevem e falam com seus corpos. "Ela se expõe. Na verdade, ela materializa de modo carnal o que pensa."

Esse movimento de abandono da posição de objeto e tomada da posição de sujeito é apontado como precursor de outras transformações sociais e culturais para além da oposição homem-mulher, típica do mundo binário, articulada em prejuízo daquilo que é feminino, relegado a uma posição de inferioridade e marginalidade, dos mitos à psicanálise.

Para isso, Cixous lança mão da poderosa figura da Medusa, cujas línguas faziam com que "os homens saíssem correndo" de horror, e que acaba decapitada na lança da espada de Perseu.

"O meu livro influenciou de tudo em toda parte, não porque eu seja um gênio, mas porque o mito da Medusa é tão

Continua na pág. C7

Reprodução

Continuação da pág. C6

poderoso e verdadeiro", afirma. "O fato de ela ser decapitada aponta que ela não pode ter cabeça, não pode pensar."

"A Cabeça da Medusa" é o título de um ensaio, com o qual a autora dialoga, em que Freud faz um paralelo entre o mito e o medo da castração, em um jogo simbólico que caracteriza o genital feminino a partir da ausência de um pênis e que cria as bases para outro fundamento do pensamento freudiano, a inveja do pênis. Trata-se de uma leitura que se convencionou chamar, por motivos óbvios, de falocêntrica.

"A ideia de inveja do falo é ridícula e falsa", ri Cixous, para quem desconstruir essa lógica implica o reposicionamento não só do feminino como também do masculino.

"De tanto afirmar e de implementar o primado do falo, a ideologia falocrática fez mais de uma vítima: sendo mulher, eu pude ser ofuscada pela grande sombra do cetro, e disseram-me: adore-o, esse que você não ostenta", ela escreve. "Mas, com o mesmo golpe, deu-se ao homem esse grotesco e, imagine só, pouco desejado destino de ser reduzido a um só ídolo com bolas de argila. E, como notam Freud e seus sucessores, de ter pavor de ser uma mulher!"

Para Cixous, autora de uma peça de teatro em que desconstrói o caso Dora, de Freud, e a nomeação da histeria feminina, a análise do pai da psicanálise "é certa nisso: o medo da castração é algo que se vê em todo lugar, a todo o tempo, entre os homens comuns".

"Especialmente agora, quando há movimentos de mulheres tão poderosos, homens estão tremendo nas bases porque se sentem realmente castrados. O poder da mulher lhes parece uma ameaça terrível porque eles não foram preparados para isso", sustenta. "Quando crianças, disseram aos homens que o poder era deles. Ou seja, na educação, o mito segue."

A autora aponta como exemplos as reações a mulheres que buscaram o poder, como Angela Merkel (ex-chanceler da Alemanha), Michelle Bachelet (ex-presidente do Chile), Hillary Clinton (ex-candidata à Presidência dos EUA) e Dilma Rousseff. Talvez não seja coincidência que todas tenham sido retratadas como Medusa em algum ponto de suas trajetórias políticas.

"O problema é que os políticos e a esfera política estão muito atrasados. Talvez uns cem anos", diz. "Simplesmente porque querer o poder e lutar por ele, roubar ou ser corrupto são características da cena política que requerem uma veia libidinal primitiva. É por isso que aqueles agraciados com diversão, alegria e riso não enxergam prazer em se embrenhar nessa selva, a não ser que sejam idealistas e acreditem que vão mudar as coisas."

Judia nascida na Argélia, Cixous conta que cresceu sob a urgência do colonialismo e do antissemitismo, em um contexto em que violência sexual e abuso "eram permanentes". "Foi só quando cheguei à França, aos 18 anos, que percebi que o grande inimigo era aquele que subjugava as mulheres. Foi péssimo porque era algo muito primitivo e antigo", afirma.

"Eu não conseguia pensar em um dilema sem outro, sempre multiplicados. Não se pode lutar em um campo só, mas em três ou quatro. O principal deles, para mim, era o campo das mulheres."

Para Aza Njeri, professora da PUC-Rio e pesquisadora de África e Afrodiáspora, o texto de Cixous bebe tanto na "luta anticolonial, que estava a todo vapor" quanto "nos protestos de maio de 1968 na França, do qual Hélène participou ativamente ao lado de outros intelectuais da época". "Com isso, ela nos convida a nos apoderarmos desta força e do nosso corpo para construir uma nova narrativa."

O chamamento da autora para que as mulheres escrevam dá contornos ao que ela nomeia como "escrita feminina", que, ao contrário do que o nome sugere, não é exclusiva das mulheres, mas extrapola a racionalidade engessada do pensamento patriarcal, o mesmo que hierarquiza a diferença sexual, em direção da liberdade de brincar com as palavras e seus efeitos.

"Cixous convoca as mulheres a tomarem a palavra, falando ou escrevendo, para fazer o feminino vigorar —o que não quer dizer que o homem não possa fazer isso também", explica a escritora e psicanalista Betty Milan. "O feminismo dela não implica oposição ao sexo masculino. Por isso, nos anos 1970, defendeu a psicanálise freudiana contra a rejeição das feministas americanas, para quem Freud, por ser homem, deveria ser banido."

Cixous afirma que a escrita feminina "é uma metáfora da abertura para o outro e para tudo o que for possível". "Não se trata de oposição nem exclusão, mas de reunião", diz ela, que empreende no texto um experimento pioneiro de linguagem não binária ao fundir, em francês, os pronomes masculino (ils) e feminino (elles) para criar "illes", traduzido na edição brasileira como "elxs".

"Eu falo em 'elxs'. Não tem porque excluir um do outro. É algo que flui e irriga tudo."

Os experimentos de Cixous com as palavras e seus significados receberam dedicação especial na tradução de Guerellus e Bastos, que pontuam o texto com notas minuciosas sobre os neologismos da autora, entre eles sexto (flexão de sexo e texto) e ginocídio (o genocídio simbólico da mulher).

Ainda que tenha avançado nessa direção, a autora diz ver os imperativos da linguagem neutra do ponto de vista de gênero como um certo exagero do nosso tempo.

"A linguagem inclusiva é um dos sintomas das mudanças radicais dos movimentos nesses tempos —que, às vezes, são radicais demais. A linguagem tem seu próprio desenvolvimento e, na minha opinião, não se pode impor mudanças a ela", pondera. "É um experimento que dá arrepios em muita gente, mas por ora só funciona em pequenos círculos. Pode ser aceito e entrar no mainstream ou não ser aceito e se tornar um fantasma ameaçador para conservadores e reacionários."

Criadora da primeira cadeira de estudos de gênero da Europa, hoje chamado de Centro de Estudos Feministas e de Estudos de Gênero, Cixous afirma ver a recente onda de ataques a esse campo, com demandas pelo fechamento de cursos do tipo nos EUA e na Europa, como um "típico backlash".

"É uma guerra antiga, que existiu ao longo de toda a minha carreira. Fomos reprimidos e abolidos muitas vezes pelo governo francês e tivemos de mudar de nome para resistir", diz. "Agora é diferente: o curso se chama estudos de gênero e é algo mais amplo. Acho que está mais na moda", brinca.

"Primeiro, o curso era composto apenas por estudantes mulheres. Depois, gradualmente, o número de homens foi crescendo até chegar à proporção de metade homens e metade mulheres. Hoje, não é possível diferenciar esses meninos dessas meninas em termos de suavidade e de tranquilidade. Levou 50 anos, e eu tenho certeza que vai continuar."

Ao desatar nós que amarravam as mulheres em um lugar de exclusão e de ausência, a partir de ideias como castração feminina e inveja do pênis, Cixous as liberta para um futuro de protagonismo para a construção de um mundo novo, na linguagem e na vida pública.

"Ela faz frente a uma lógica tecnocrata, que suprime tudo em nós que não temos coragem de reconhecer, que é da ordem do corpo, da poesia, do que sobra. É essa lógica que tem regido as nossas vidas e tem levado o mundo à destruição", aponta Vera Iaconelli. "Cada vez mais estamos precisando de uma expressão que escape da nossa fantasia de controle, de racionalidade que está destruindo o planeta."

Com isso, Cixous subverte a Medusa de horror em esperança, e escreve: "Basta olhar a Medusa de frente para vê-la: ela não é mortal. Ela é bela e ela ri". ←

O Riso da Medusa

Autora: Hélène Cixous. Editora: Bazar do Tempo. R$ 58 (112 págs.); R$ 42,90 (ebook)

Injustiça climática

Sofrimento em Petrópolis deveria romper nossa apatia

Itamar Vieira Junior

Geógrafo e escritor, autor de 'Torto Arado'

Não sei você, leitor, mas há momentos que sinto vontade de me proteger das notícias que nos chegam todos os dias. Na era da informação, elas podem ser acessadas de qualquer lugar e se encontram, literalmente, ao alcance de nossas mãos. Vantagens e desvantagens da tecnologia.

Mesmo que a gente resolva não ter acesso às notícias durante um ou dois dias, certamente haverá um familiar ou um amigo para compartilhar matérias que consideram importantes, e nos levar involuntariamente a querer nos informar, criando um ciclo de atenção ou dispersão, como queiram chamar, sem fim.

Quando escrevo "me proteger das notícias", não quero pregar a necessidade de viver alienado. Talvez seja uma convocação para refletirmos a impossibilidade de acompanhar e saber sobre tudo o que ocorre à nossa volta.

Sem contar no estado mental de cada pessoa, envolvida com problemas da sua esfera doméstica e comunitária, aos quais muitas vezes se sobrepõem às demandas das diversas escalas: do país, das regiões e do mundo.

Por isso, tardei a ler e buscar informações sobre a tragédia que se abateu sobre Petrópolis. Ao saber, meu primeiro sentimento foi de revolta. Uma tragédia anunciada e sobre a qual nada fizeram. Não se tratava de uma catástrofe espontânea, ocorrida sem que fosse possível prever.

Há pouco mais de dez anos, um evento da mesma magnitude devastou a região serrana do Rio de Janeiro, incluindo o município de Petrópolis. O saldo: mais de 900 mortos e de 30 mil desabrigados. Mortes que significaram pouco ou nada para os gestores e formuladores de políticas públicas. Se tivessem despertado compaixão e senso de humanidade, é bem provável que a tragédia atual fosse evitada.

Foi assim que, dias depois, me senti preparado para me informar. As notícias se repetem: há as explicações técnicas e científicas, há as desculpas do poder público para explicar o inexplicável, há até mesmo a descoberta de que os descendentes da família imperial —a monarquia foi extinta há 133 anos— recebem o laudêmio, cobrado pela utilização de terras sob seu domínio direto.

Mas me interessa mais a escala do humano, dos seres, de como pessoas, como eu e vocês, atravessaram os eventos. A avalanche de lama soterrou centenas de casas, vidas e histórias. Famílias, pessoas que tinham vivido o mesmo drama de 2011, voltaram a perder outros familiares, vizinhos e amigos.

Entre tantas histórias trágicas, impossíveis de se recontar neste espaço tão exíguo, está a de Alessandro Garcia, professor e quadrinista. Ele perdeu a esposa, os dois filhos, os sogros, a casa. A devastação percorreu ruas inteiras e trouxe perdas incalculáveis, sobretudo, de vidas.

Acessar a tragédia pela escala do humano é importante para que possamos atravessar a profusão de notícias, que cumprem a função de informar, sem perder a dimensão da existência.

Recordei que, certa vez, conversei com pessoas de uma comunidade que reivindicava a posse da terra onde moravam havia décadas. Quis saber, de maneira subjetiva, o que os habilitava a receber o domínio definitivo do imóvel. Eles me responderam: "nós nascemos e sofremos aqui".

Não foram as festas, os casamentos ou mesmo o trabalho que os tornaram uma comunidade com laços comuns. Foi o sofrimento, sentimento que tentamos evitar sempre que podemos, mas que pode nos dar a dimensão da vida —e isso os tornava detentores daquele direito.

O sofrimento de Garcia e tantos outros deveria nos tirar deste lugar apático em relação às mudanças climáticas e à falta de políticas para mitigar o que está por vir. Segundo o último relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, publicado nesta semana, as desigualdades já afetam quase metade da população do planeta.

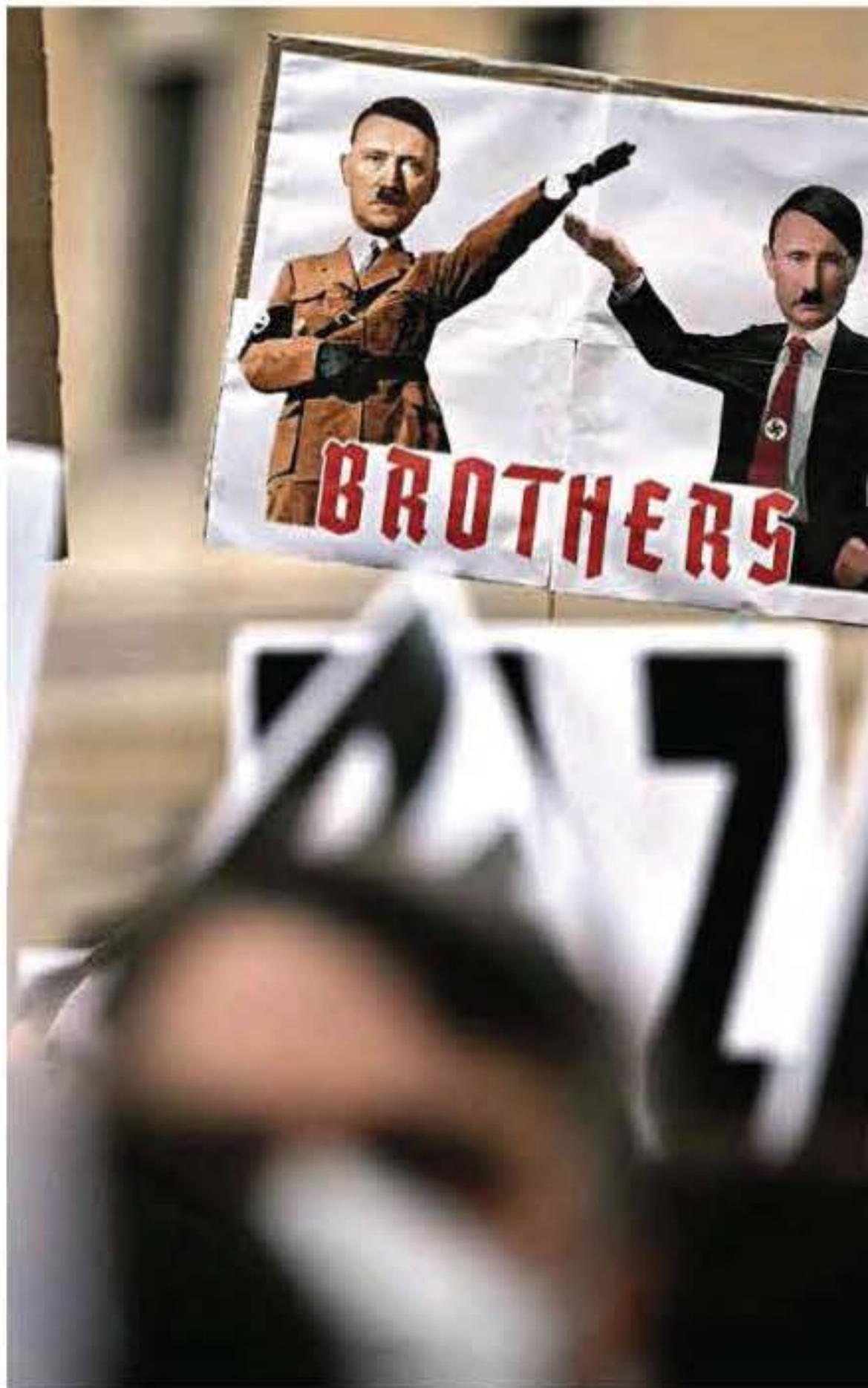
O Brasil integra a área altamente exposta às mudanças, e o caso de Petrópolis, do sul da Bahia e de tantos outros lugares dão conta de que os impactos delas são percebidos pela população desigualmente. A vulnerabilidade social nos indica quem são as prováveis vítimas da injustiça climática.

Mais importante é constatar: não haverá mudanças nesse cenário se não houver engajamento da sociedade. Se aguardarmos pacientemente a iniciativa do poder público, ou pior, elegermos governos, como o atual, que sabotam nossas vidas, teremos o nosso futuro sequestrado.

O nosso tempo é implacável: a tragédia de Petrópolis já foi eclipsada pela guerra na Ucrânia.

[...]

Se aguardarmos pacientemente a iniciativa do poder público ou, pior, elegermos governos, como o atual, que sabotam nossas vidas, teremos o nosso futuro sequestrado

| **DOM.** Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, **Marilene Felinto**

Manifestantes pelo mundo contra a invasão da Ucrânia com cartazes que comparam Putin a Hitler Michal Cizek - 27.fev.22/AFP

Os nazistas da última semana

[RESUMO] Associar Putin ou a Ucrânia ao nazismo é argumentação equivocada e nociva que banaliza uma ideologia nefasta, simplifica as novas faces da extrema direita global e não explica a complexidade de um conflito que incorpora desde agendas geopolíticas mais recentes até reivindicações centenárias

Por **Odilon Caldeira Neto e David Magalhães**

Neto é professor de história contemporânea na UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora). Magalhães é professor de relações internacionais na PUC-SP e na Faap. Ambos são coordenadores do Observatório da Extrema Direita

O discurso de Vladimir Putin transmitido em 24 de fevereiro, ato inaugural da ofensiva da Rússia contra a Ucrânia, trouxe um forte apelo ao contexto da Segunda Guerra Mundial e à "era dos extremos". Entre as tantas alegações apresentadas pelo presidente russo para iniciar a guerra, chamou a atenção o propósito de "desnazificação" da Ucrânia.

Em sentido contrário, a seguir o governo ucraniano intensificou, por meio das redes sociais, os discursos de associação entre Putin e Adolf Hitler. Os dois argumentos convergem para a banalização do nazismo, assim como deixam nítida a necessidade de olhar para essa conjuntura por meio de antigas e novas faces da extrema direita.

O fenômeno da banalização do nazismo e do Holocausto é duplamente equivocado e nocivo. Em primeiro lugar, esse discurso tem o potencial de esvaziamento da perniciosidade do nazismo. Se questões tão corriqueiras, como a vacinação, ou complexas, como a atual crise geopolítica, são imediatamente associadas ao nazismo, este deixa de ser uma expressão política e histórica, tornando-se apenas um adjetivo de desqualificação.

Logo, surgem proposições absurdas, como a suposta legitimidade da organização de um partido nazista, assim como críticas à efetiva dinâmica de desnazificação praticada pela Alemanha no pós-guerra.

Em segundo lugar, esse debate simplifica o terreno da extrema direita global apenas em torno de supostos nazistas versus antinazistas. O extremismo de direita e o populismo da direita radical são fenômenos em franca expansão e diversificação desde a segunda metade do século 20. Isso significa que a relação entre as extremas direitas e o conflito entre Ucrânia e Rússia trazem aportes das novas e velhas facetas da direita radical, mas não exclusivamente nazista.

No caso ucraniano, quando observamos a partir de uma perspectiva de curto prazo, a associação com o nazismo ganha relevância entre 2013 e 2014. Isto é, no contexto em que o governo de Viktor Yanukovich anunciou que havia suspendido os preparativos para a assinatura do Acordo de Associação e Livre Comércio Ucrânia-União Europeia (UE), cedendo às pressões de Vladimir Putin.

Em Kiev, capital ucraniana, multidões se reuniram para manifestar a insatisfação com a ingerência russa e pedir a deposição de Yanukovich, em uma jornada de protestos que ficou conhecida como Euromaidan.

Em um ambiente que exalava um radical sentimento anti-Rússia, diversas organizações extremistas de direita, que até então operavam subterraneamente na Ucrânia, saíram à luz do dia, ganhando proeminência nos atos violentos contra o governo de Yanukovich.

A decisão de Putin de anexar a Crimeia e apoiar separatistas russos em Donbass (leste da Ucrânia) criou o pretexto conveniente para que grupos extremistas, que faziam nítidas apropriações do nazismo, se organizassem militarmente. O caso do Batalhão Azov salta aos olhos. A organização, nascida de "ultras" nacionalistas brancos, utilizava em sua insígnia referência ao batalhão nazista Das Reich der Schutzstaffel (SS), e é liderada por Andriy Biletsky, chefe da Assembleia Nacional-Social.

O Batalhão Azov foi incorporado, em 2014, pelo Ministério do Interior à Guarda Nacional ucraniana para combater os separatistas russos. O abrigo institucional de uma sabida organização neonazista reforça a ideia de que a extrema direita atua como linha auxiliar do governo ucraniano.

Outros movimentos, como o Pravyy Sektor (Setor da Direita), com ambições institucionais mais estruturadas, incorporaram em seus quadros guerrilheiros neonazistas, mas buscaram nortear o discurso político a partir de bandeiras temáticas como o anticomunismo e o apelo religioso. Proposição similar foi trazida por partidos como o Svoboda.

Em geral, o acirramento do campo nacionalista e o discurso chauvinista proporcionaram um espaço para a interlocução e penetração de organizações e grupelhos neonazistas na política ucraniana, especialmente nas zonas de conflito. Contudo, não significou um processo de "nazificação" do país.

É sabido que o governo de Petro Poroshenko, que assumiu o poder logo após a deposição de Yanukovich, deu espaço a lideranças da extrema direita ucraniana. Da mesma forma, o ministro do Interior, Arsen Avakov, não fazia questão de dissimular seus vínculos com o Batalhão Azov. No entanto, sabe-se que os membros da extrema direita não exerceram poder de decisão a ponto de caracterizar o governo como neonazista.

Outro argumento que sustenta essa hipótese é a eleição do presidente Volodimir Zelenski, de ascendência judaica, que construiu uma campanha eleitoral especialmente a partir do discurso antipolítica, moralizante e contrário à corrupção, bandeiras comuns a outras lideranças do populismo de direita radical ao redor do globo.

A associação entre Putin e Hitler é tão frágil quanto equivocada, uma vez que o presidente russo incorpora desde elementos do tradicionalismo até estratégias e feições do populismo de direita

Se questões tão corriqueiras, como a vacinação, ou complexas, como a atual crise geopolítica, são imediatamente associadas ao nazismo, este deixa de ser uma expressão política e histórica, tornando-se apenas um adjetivo de desqualificação

É necessário considerar, assim, que a extrema direita é um fenômeno efetivamente global, de modo que suas ações e articulações não são monopólio do cotidiano político ucraniano. Inclusive, ela pode se orientar tanto em premissas pró-ocidentais quanto pró-Rússia.

A Rússia de Vladimir Putin, sem dúvida, tem sido um ambiente fértil para a organização de grupos de extrema direita desde o fim da União Soviética. Intelectuais como Eduard Limonov e o extinto Partido Nacional Bolchevique buscavam construir uma associação entre modelos totalitários e a construção de uma faceta "pop" ao neofascismo, mas a atividade de grupos neofascistas e neonazistas não alcançou uma efetiva proximidade ao Kremlin.

Nos últimos anos, Putin tem sido constantemente admirado por expoentes do populismo de direita, como Trump e Bolsonaro. Essas afinidades ocorrem principalmente por suas posições de reação a pautas de feministas e de grupos minoritários. Além da agenda de costumes e valores, a aproximação de Putin ao campo global da extrema direita passa por questões religiosas e geopolíticas, por vezes orbitando o núcleo de ideólogos como Aleksandr Dugin e sua

Continua na pág. C9

Gabriel Bouys - 27.fev.22/AFP

Phill Magakoe - 25.fev.22/AFP

Continuação da pág. C8

quarta teoria política, que buscam subsidiar uma ideia e cosmovisão de uma Rússia imperial, situada no eixo eurasiano e remetendo às experiências czaristas e stalinistas.

Seja a partir das raízes do pensamento e da prática política, mas também em relação às ambições, a associação entre Putin e Hitler é tão frágil quanto equivocada, uma vez que o presidente russo incorpora desde elementos do tradicionalismo até estratégias e feições do populismo de direita para a construção de seu modelo autoritário.

Assim, a relação de "desnazificação", "luta contra um líder nazista" ou mesmo a disputa contra um "lado de extrema direita" pouco explica a complexidade de um conflito que incorpora desde agendas geopolíticas mais recentes até reivindicações centenárias em torno de nacionalismos e imperialismo.

Esse esforço de associação entre opositores políticos e expressões do nazismo e do fascismo não é uma novidade no contexto das tensões entre Ucrânia e Rússia. Na realidade, não é exclusividade nem sequer dos conflitos do Leste Europeu, mas sim um fenômeno mais amplo, global e complexo.

Uma consolidada literatura acadêmica observa que o uso do termo fascista como adjetivo de desqualificação política é de livre trânsito e associação ao longo da história, inclusive nos variados espectros políticos.

No âmbito da Internacional Comunista, por exemplo, lideranças como Stálin retratavam a social-democracia como irmã gêmea do fascismo, caracterizando-a como "social-fascismo". Nos últimos anos, setores conservadores e reacionários produzem um esforço na tentativa de associação do fascismo (e nazismo) a qualquer traço de dirigismo estatal na economia. Mais recentemente, grupos negacionistas vêm vilipendiando a memória de milhões de vítimas, relacionando a política de vacinação contra a Covid-19 ao Holocausto.

O que é colocado em primeiro plano, sem dúvida, são os usos políticos do passado. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o nazismo é, merecidamente, alçado à categoria de mal absoluto, inclusive por características como a ditadura, o imperialismo e o racismo. Por outro lado, tachar algo ou alguém de nazista (ou fascista) passa a ser um campo permeado por instrumentalizações políticas e morais.

Nesse embate politizado na arena internacional, à medida que grupos políticos tomam o nazismo por um viés que insiste em tonalidades exclusivamente moralizantes, são deixados de lado debates caros, tais como a centralidade do antissemitismo, suas estruturas e mecanismos de poder, o seu imaginário político, o conspiracionismo, a coerção, sua construção social, assim como a relação da estrutura de extermínio com a modernidade.

Mais que olhar o presente a partir da chave interpretativa, e confusa, do nazismo, é necessário considerar quais esforços a extrema direita global projeta no conflito, inclusive com participação brasileira, seja por meio da política externa de Jair Bolsonaro ou pela ação de outros grupos interessados na tese de "ucranização" brasileira. ←

Sobre neutralidade

Bolsonaro não tem nenhuma sanção a Putin, a Darth Vader ou à Bruxa Má

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Jair Bolsonaro afirmou nesta semana que o Brasil irá adotar um posicionamento neutro na questão da invasão russa da Ucrânia. A propósito da chegada do Exército russo a Kiev, Bolsonaro considerou que é um "exagero falar em massacre".

"Estive há pouco conversando com o presidente Putin, mais de duas horas de conversa. Tratamos de muita coisa, a questão dos fertilizantes foi das mais importantes", disse o presidente. E acrescentou: "Não tem nenhuma sanção ou condenação ao presidente Putin".

Jair Bolsonaro afirmou nesta semana que o Brasil irá adotar um posicionamento neutro em relação à Bruxa Má e à Branca de Neve. A propósito da maçã oferecida pela Bruxa, Bolsonaro considerou que é um "exagero falar em envenenamento".

"Estive há pouco conversando com a Bruxa, mais de duas horas de conversa. Tratamos de muita coisa, a questão dos espelhos foi das mais importantes, pois creio que ela é, de fato, a mais bela do reino", disse o presidente. E acrescentou: "Não tem nenhuma sanção ou condenação à Bruxa".

Jair Bolsonaro afirmou nesta semana que o Brasil irá adotar um posicionamento neutro no litígio entre o Império e a Aliança Rebelde. A propósito da captura da Princesa Leia, Bolsonaro considerou que é um "exagero falar em sequestro".

"Estive há pouco conversando com Darth Vader, mais de duas horas de conversa. Tratamos de muita coisa, a questão da asma foi das mais importantes, pois estou preocupado com a broncoconstrição dele", disse o presidente. E acrescentou: "Não tem nenhuma sanção ou condenação a Vader".

Jair Bolsonaro afirmou nesta semana que o Brasil irá adotar um posicionamento neutro no conflito que opõe o mosquito da dengue e a humanidade. A propósito das picadas em seres humanos, Bolsonaro considerou que é um "exagero falar em infecção".

"Estive há pouco conversando com o pernilongo, mais de duas horas de conversa. Tratamos de muita coisa, a questão das águas paradas foi das mais importantes, uma vez que o mosquito prefere pôr os seus ovos em ambientes com temperatura amena, sombra e resquícios de matéria orgânica, que temos todo o gosto em proporcionar", disse o presidente. E acrescentou: "Não tem nenhuma sanção ou condenação ao mosquito".

Luiza Pannunzio

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. **Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Maria Bopp vive influenciadora assassina em série de comédia

As Seguidoras
Paramount+, 16 anos
Obcecada por ganhar seguidores, uma influenciadora digital acaba se tornando uma serial killer, mas seus crimes podem ser revelados por uma podcaster. Maria Bopp, conhecida pela série "Me Chama de Bruna" e pela personagem Blogueirinha do Fim do Mundo, é a protagonista desta série criada pela colunista da **Folha** Manuela Cantuária e produzida pelo Porta dos Fundos.

Shining Vale
Starzplay, 16 anos
Courteney Cox, a Monica de "Friends", faz uma escritora que se muda com a família para uma mansão em uma cidade pequena. Lá ela tem visões da antiga moradora do imóvel, que teria sido uma assassina. Greg Kinnear e Mira Sorvino também estão no elenco desta série que mistura comédia de terror. Um novo episódio todo domingo.

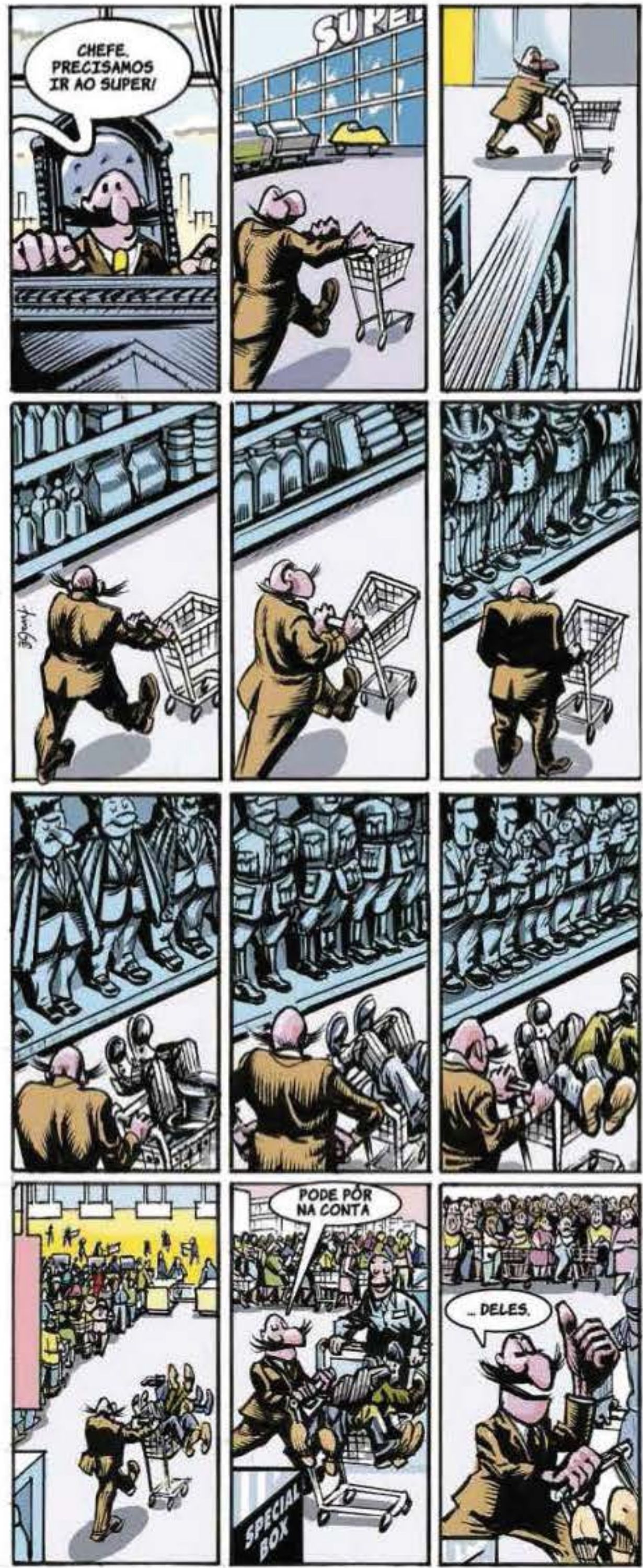
Lakers: Hora de Vencer
HBO, 21h, 14 anos
Adam McKay, diretor de "Não Olhe para Cima", é um dos responsáveis por esta série cômica sobre a ascensão do Los Angeles Lakers, o time de basquete mais popular dos Estados Unido nos anos 1980.

Contra o Gelo
Netflix, 12 anos
Em 1909, dois homens partem para a Groenlândia em busca de um mapa perdido. Filme dinamarquês com Nikolaj Coster-Waldau, de "Game of Thrones".

Star Trek - Picard
Amazon Prime Video, 12 anos
Na segunda temporada da série, o capitão Jean-Luc Picard precisa salvar o futuro, depois que o vilão Q provoca uma ruptura no fluxo do tempo.

Central Park
Apple TV+, 14 anos
Já estão disponíveis três novos episódios da segunda temporada da série em animação sobre a família do gerente do mais famoso parque de Nova York. Um novo episódio toda sexta.

Comer, Rezar, Amar
Band, 15h45, 12 anos
Em crise pessoal, uma escritora passa um ano viajando por Itália, Índia e Indonésia. Julia Roberts faz o papel principal deste filme baseado no best-seller de Elizabeth Gilbert.

QUADRÃO | Luiz Gê

DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, **Ricardo Coimbra**, Angeli, Laerte

'Nomadland' tem exibição gratuita seguida de debate

SÃO PAULO Na próxima terça-feira, às 19h, o Museu da Imagem e do Som, o MIS, exibe o filme "Nomadland", de 2020, de Chloé Zhao.

A sessão marca o retorno presencial do Ciclo de Cinema e Psicanálise, que é uma parceria do MIS com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, a SBPSP, com apoio da **Folha**.

"Nomadland" acompanha a trajetória de Fern, interpretada por Frances McDormand, mulher na faixa dos 60 anos, que perdeu o marido e sua casa após a recessão americana de 2008.

Ela recolhe alguns de seus objetos e parte para viver na estrada, em sua van. O filme conquistou três estatuetas do Oscar em 2021.

Livro 'Quarto de Despejo' é tema de encontro

SÃO PAULO "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", de Carolina Maria de Jesus, estará no centro da próxima sessão do Encontro de Leituras, promovido pela **Folha** e pelo jornal português Público.

O evento acontece nesta terça, 8 de março, a partir das 19h de Brasília (22h de Lisboa), e contará com a participação de Fernanda Miranda e Tom Farias.

A obra é editada pela Ática no Brasil e, em Portugal, "Quarto de Despejo" saiu em 2021 pela editora VS.

O debate com os convidados acontece via Zoom, neste link ou na reunião 863 4569 9958. A senha de acesso é 553074. A participação é gratuita.

'Migalhas', de Luiz Fernando Ramos é lançado em SP

SÃO PAULO O crítico de teatro Luiz Fernando Ramos lança o livro "Migalhas" pela editora 7Letras, que reúne poemas curtos, cheios de referências às artes e em diálogo com a Irlanda do escritor James Joyce.

O lançamento ocorre nesta segunda-feira, a partir das 19h, na Livraria da Travessa na rua dos Pinheiros, 513, zona oeste de São Paulo.

Na apresentação do livro, Ricardo Redisch diz que os textos nos conduzem ao "anseio por uma conexão com realidades ampliadas que estão sempre ao nosso redor, como um desafio ao labirinto cotidiano de nossos silêncios estudados e gestos repetidos".

Três segundos de exercício por dia já fortalecem seus músculos

Pesquisa aponta que quantidades minúsculas de treino com pesos podem trazer benefícios à saúde

SAÚDE

Gretchen Reynolds

THE NEW YORK TIMES Três segundos diários de exercício de resistência podem aumentar nossa força muscular?

A pergunta baseia um novo estudo em pequena escala sobre treino com pesos de duração curtíssima. Nele, homens e mulheres que contraíram seus músculos dos braços ao máximo por um total de três segundos por dia fortaleceram seus bíceps em até 12% após um mês.

As conclusões da pesquisa se somam a evidências crescentes de que mesmo quantidades minúsculas de exercício físico, desde que seja suficientemente intenso, podem beneficiar a saúde.

Outros estudos já mostraram que nossos músculos, coração, pulmões e outras partes do corpo reagem a quatro segundos de treino muito intenso com bicicleta ou dez segundos de corrida intensa.

Mas quase todas essas pesquisas enfocaram exercícios aeróbicos e geralmente envolveram treino intervalado, um tipo de treino em que picos de esforço intenso e rápido são repetidos e intercalados com repouso.

Até agora houve muito menos pesquisas sobre treinos superbreves com pesos ou para descobrir se uma única sessão curtíssima de exercício intenso de resistência podem aumentar a força muscular ou apenas desperdiçar segundos valiosos das nossas vidas.

Para o novo estudo, publicado em fevereiro pelo Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports, cientistas encabeçados por Masatoshi Nakamura, da Universidade Niigata de Saúde e Bem-estar, no Japão, convidaram 39 estudantes universitários sedentários mas saudáveis a fazer três segundos diários de treino com pesos. Eles recrutaram dez estudantes adicionais que não treinaram, para servir de grupo de controle.

Os voluntários que se exercitaram se reuniram no laboratório diariamente de segunda a sexta para fazer provas de força e levantamento de peso. Sentaram-se num aparelho chamado dinamômetro isocinético que possui um braço comprido tipo alavanca que pode ser empurrado e puxado, com níveis diversos de resistência, permitindo que pesquisadores controlem com precisão os movimentos e o esforço da pessoa que se exercita.

Os voluntários manipularam a alavanca com pesos, usando toda sua força, tensionando e contraindo seus bíceps ao máximo. Alguns dos participantes levantaram o peso da alavanca lentamente, como se fosse um haltere, produzindo uma chamada contração concêntrica, o que significa que o bíceps se contraiu com o esforço deles.

Outros voluntários baixaram a alavanca lentamente, criando uma chamada contração excêntrica. Esta ocorre quando a pessoa alonga um músculo, como quando abaixa o haltere, e tende a ser mais extenuante.

Um terceiro grupo de voluntários segurou o peso da alavanca no ar, combatendo a gravidade, num tipo de contração em que o músculo não muda de comprimento.

Cada um dos participantes fez seu exercício de bíceps por um total de três segundos.

Foi esse o total do treino diário deles. Os participantes repetiram esse treino curtíssimo uma vez por dia, cinco vezes por semana, por um mês, chegando a um total de 60 segundos de treinamento com pesos. Eles não fizeram outro tipo de exercício.

Após um mês os pesquisadores voltaram a testar a força dos braços de todos.

Aqueles treinos de três segundos modificaram os bíceps dos voluntários. Os grupos que levantaram os pesos ou que os seguraram no ar estavam entre 6% e 7% mais fortes.

Os que fizeram as contrações excêntricas, abaixando a alavanca do mesmo modo como se abaixa um haltere partindo do ombro, mostraram ganhos nitidamente maiores. Seus bíceps estavam quase 12% mais fortes, ao todo.

Essas melhoras podem parecer pequenas, mas seriam biologicamente significativas, especialmente para pessoas que nunca antes fizeram treino com pesos, disse Ken Nosaka, professor de ciência do exercício e esportes na Universidade Edith Cowan, de Joondalup, Austrália, que colaborou no estudo.

"Muitas pessoas não fazem nenhum treinamento de resistência", ele disse, e começar com treinos muito curtos pode ser uma maneira eficaz de iniciarem um regime de treino de força.

"Cada contração muscular conta", segundo ele, e contribui para o ganho de força, supondo que você levante um peso que é perto do máximo que consegue e que o levantamento dure no mínimo três segundos.

O treino de três segundos pode também ser útil como recurso temporário para conservar ou até aumentar a força dos braços de quem não tem tempo para academia.

Segundo Nosaka, a rotina de exercício é fácil de recriar em casa e não requer dinamômetro. Basta encontrar um halter que seja pesado para você —comece com um de quatro ou cinco quilos, por exemplo, se você nunca antes fez treino com pesos. "Levante-o com as duas mãos", disse Nosaka, e então abaixe-o com uma mão, contando três segundos, para completar uma contração excêntrica curta, intensa e extenuante.

Mas esse método tem algumas limitações evidentes. Os voluntários que participaram do estudo ficaram mais fortes, mas não ganharam massa muscular. "O ganho de força é apenas um dos resultados" dos exercícios de resistência, disse Jonathan Little, professor de ciência da saúde e exercício físico na Universidade da Colúmbia Britânica em Kelowna, que estuda treinos muito curtos.

Os treinos de peso mais tradicionais geralmente também levam ao aumento da massa muscular, que traz benefícios adicionais para o metabolismo e outros aspectos da saúde e do bem-estar no longo prazo.

Vale notar também que o estudo enfocou apenas os bíceps dos participantes. Não se sabe se outros músculos, especialmente das pernas, sairiam fortalecidos após alguns segundos de levantamento intenso.

De modo mais geral, apresentar o exercício físico como algo do qual devemos dar conta no menor tempo possível pode fazer sessões de exercício parecer apenas mais uma tarefa a ser cumprida, e que portanto podemos deixar de lado mais facilmente.

Nosaka disse que ele e seus colegas pretendem estudar se a repetição de contrações de três segundos várias vezes ao longo do dia aumenta a massa muscular, além da força.

E eles estão estudando como traduzir essa abordagem para as pernas e outros músculos do corpo.

Enquanto isso, ele disse, provavelmente devemos pensar em três segundos de treino diário de força como o mínimo que podemos fazer. "É sem dúvida melhor fazer uma contração por dia do que não fazer nada", ele conclui.

Tradução Clara Allain

Mulher se exercita ao ar livre em Balneário Camboriú (SC) Renato Stockler - 20.ago.14/Folhapress

Casos de ansiedade e depressão cresceram mais de 25% na pandemia, segundo a OMS

Nina Larson

GENEBRA | AFP A pandemia de Covid-19 está cobrando um enorme preço à saúde mental, indicou a OMS (Organização Mundial da Saúde) na última quarta-feira (2), ao destacar que os casos de ansiedade e depressão aumentaram em mais de 25% em nível global.

Em um novo relatório científico, a OMS também assinala que a crise sanitária da Covid-19 impediu de maneira significativa o acesso aos serviços de saúde mental em muitos casos, gerando inquietude pelo aumento de comportamentos suicidas.

O relatório, que tem como base a análise e um compêndio de uma grande quantidade de estudos, determinou que houve aumento de 27,6% de casos de transtorno depressivo grave no mundo apenas em 2020.

Durante o primeiro ano de pandemia também foi possível constatar 25,6% mais casos de transtornos de ansiedade a nível mundial.

"Em termos de proporções, trata-se de um grande aumento", advertiu Brandon Gray, do Departamento de Saúde Mental e Uso de Substâncias da OMS, que coordenou o relatório científico.

O trabalho "mostra que a Covid-19 teve forte impacto na saúde mental e no bem-estar das pessoas".

Os aumentos mais importantes foram constatados em lugares bastante afetados pela Covid-19, com altas taxas de infecções diárias e maiores restrições de mobilidade.

Além disso, as mulheres foram mais afetadas que os homens, em particular na faixa entre 20 e 24 anos.

Por outro lado, os dados a respeito de suicídios foram mistos e não apresentaram grandes diferenças em relação às taxas globais desde o início da pandemia.

As estatísticas de alguns países apresentaram crescimentos dessas taxas, enquanto em outras nações houve queda ou os números permaneceram inalterados.

> "Décadas de investimento insuficiente ficam evidentes em nossa falta de preparação para abordar a dimensão do problema
>
> **Brandon Gray**
> membro do Departamento de Saúde Mental e Uso de Substâncias da OMS

Gray advertiu que, com frequência, acontece um atraso na coleta e na análise dessas estatísticas. "Não acredito que estes resultados devam ser considerados como um indicador de que os comportamentos suicidas não sejam uma preocupação", advertiu.

O estudo indica que, desde o começo da crise sanitária, existe maior risco de comportamentos suicidas entre os jovens, o que inclui tanto as tentativas de suicídio quanto as lesões autoinfligidas.

Ademais, ficou comprovado que o esgotamento entre os profissionais de saúde, a solidão e os diagnósticos positivos de Covid-19 aumentaram a possibilidade de ocorrer pensamentos suicidas.

O estudo também concluiu que os indivíduos que sofrem de transtornos mentais têm maior risco de sofrer doenças graves ou morte por Covid. Uma razão, segundo ele, poderia residir no fato de que os que sofrem com transtornos mentais costumam ter um estilo de vida menos saudável e ativo, com taxas mais elevadas de tabagismo, abuso de substâncias tóxicas e obesidade do que a média.

O estudo também mostra que os serviços de saúde mental para pacientes nos ambulatórios foram gravemente afetados em 2020 por causa da pandemia. Em muitos casos, esses problemas foram mitigados pelos serviços de teleatendimento médico.

As dificuldades para responder aos crescentes problemas de saúde mental são, segundo Gray, resultado também da falta crônica de atenção à área. "Décadas de investimento insuficiente ficam evidentes em nossa falta de preparação para abordar a dimensão do problema."

Remédio contra vírus em bebês mostra alta proteção

Medicamento mira principal causador de bronquiolite e pneumonia infantil

SAÚDE

Ana Bottallo

SÃO PAULO A droga nirsevimabe é segura e ofereceu alta proteção contra o vírus sincicial respiratório (VSR) em bebês saudáveis com três meses ou mais de idade durante a primeira estação do vírus vivenciada por essas crianças e por toda a duração do período sazonal.

A proteção para qualquer atendimento médico por doença respiratória nas crianças que receberam o tratamento foi de 74,5%. Para a hospitalização, a taxa de eficácia foi de 62,1%, em comparação com o grupo controle.

Essa é a principal descoberta de um estudo com 1.490 crianças para avaliar a ação do fármaco contra o principal agente causador de infecções respiratórias infantis.

Os bebês foram divididos em três grupos para receber uma injeção única do medicamento com 50 mg ou 100 mg, de acordo com o peso da criança, ou placebo (substância inócua para o organismo). A avaliação de segurança e eficácia do tratamento ocorreu por um período de até 361 dias.

Os resultados do ensaio clínico de fase 3 controlado, randomizado e quádruplo-cego (nem os pesquisadores, participantes, profissionais de saúde e comitê de assessoramento tinham conhecimento de quem recebeu qual substância) foram publicados na revista científica The New England Journal of Medicine (Nejm).

O vírus sincicial respiratório é o principal agente causador de bronquiolite e pneumonia em crianças menores de um ano de idade. Ele é altamente contagioso e pode provocar epidemias sazonais de doenças respiratórias em crianças.

O nirsevimabe é um anticorpo monoclonal que impede a penetração do vírus nas células. A droga foi desenvolvida em parceria pelas farmacêuticas AstraZeneca e Sanofi.

Até o momento, o único remédio disponível contra o vírus era o palivizumabe, produzido pela farmacêutica AstraZeneca, indicado somente para quadros graves de infecções respiratórias, com alto risco de hospitalização.

Os dados do ensaio com o nirsevimabe, assim, são promissores, uma vez que o fármaco apresentou alta eficácia em crianças saudáveis, não só naquelas com risco elevado, e para todas as idades.

Os pesquisadores avaliaram a eficácia do medicamento por faixa etária, com idade menor ou igual a três meses, de três a seis meses e de mais de seis meses.

Para as crianças que receberam o nirsevimabe, 12 de 994 (1,2%) tiveram infecção respiratória por VSR, contra 25 de 496 (5%) daquelas que receberam o placebo.

Ao longo do tempo, o risco de necessitar de atendimento médico por infecção respiratória foi cerca de 77% menor nos bebês tratados com a droga. Isso significa que 8 em cada 10 crianças com infecção pelo vírus tratados com a droga não precisaram de um atendimento médico.

Em relação a uma hospitalização de qualquer causa associada por infecção com VSR, a eficácia do medicamento foi de 59%.

A análise por idade, porém, mostrou uma eficácia menor em crianças com menos de três meses, mas esse dado pode ter sido enviesado pelo número relativamente pequeno de bebês nessa faixa etária ou pelo baixo peso deles, que receberam a dose menor.

> “Em conjunto, os novos dados e os dados disponíveis até o momento sustentam o uso de nirsevimabe para a prevenção de VSR em todos os bebês, daqueles com maior risco para doença grave e aqueles saudáveis
>
> **William Muller**
> pesquisador

Quanto ao perfil de segurança, os efeitos colaterais mais comuns foram leves, e não houve a ocorrência de nenhum evento adverso grave.

Diferentemente das vacinas, os anticorpos monoclonais servem para tratamento após uma infecção —eles não são utilizados para preveni-la ou induzir resposta imune.

Ao contrário da droga palivizumabe, porém, o nirsevimabe manteve elevados os níveis de anticorpos no sangue mesmo 150 dias após o uso.

O pesquisador principal do estudo e professor de pediatria da Escola de Medicina da Universidade do Noroeste de Feinberg, William Muller, disse que os novos achados se somam aos resultados de estudos iniciais do grupo, incluindo um estudo de fase 2 com bebês que nasceram prematuramente, cuja eficácia calculada de prevenção de doença por VSR foi de 70,1%.

"Em conjunto, os novos dados e os dados disponíveis até o momento sustentam o uso de nirsevimabe para a prevenção de VSR em todos os bebês, daqueles com maior risco para doença grave —como os nascidos prematuramente ou com problemas cardíacos congênitos— e aqueles saudáveis", explicou.

O estudo possui algumas limitações. Uma delas é que o ensaio, conduzido simultaneamente em diversos países incluindo Estados Unidos, França, Argentina e África do Sul, foi afetado amplamente pela pandemia da Covid-19.

Muller, no entanto, disse acreditar que isso não deve influenciar a eficácia da droga. "Não há razão para achar que a eficácia encontrada irá mudar nas diferentes partes do mundo", afirmou.

Quanto à busca por um imunizante capaz de prevenir a infecção por VSR, e não apenas tratá-la, o pediatra diz que há esperanças. "Não há uma resposta simples, mas no momento há vários esforços de pesquisa em todo o mundo para desenvolver vacinas contra o vírus sincicial respiratório capazes de prevenir infecção ou pela imunização da mãe, passando os anticorpos pela placenta, ou pela injeção dos bebês diretamente", contou.

O médico espera que o fármaco seja acessível para as populações de todo o mundo.

A pesquisa foi coordenada por médicos do Instituto de Pesquisa em Pediatria Stanley Manne, do Hospital Pediátrico Ann e Robert Lurie, em Chicago (EUA), e tem colaboração de pesquisadores da AstraZeneca e da Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul.

Mulher segura máscara de oxigênio em bebê com Covid-19, em hospital em Kiev Sergei Supinsky - 16.nov.21/AFP

Leucemia e lúpus também podem afetar a saúde dos animais

BOM PRA CACHORRO

Lívia Marra

Duas campanhas marcaram o mês passado e chamaram atenção: Fevereiro Roxo, para conscientizar sobre lúpus e mal de Alzheimer, e Fevereiro Laranja, para alertar sobre a leucemia. São doenças que também atingem os pets.

Mais comum entre cães, o lúpus atinge animais com predisposição genética e se desenvolve pelo uso de alguns medicamentos ou devido a fatores ambientais.

Inflamações na pele, no focinho ou no coração, anemia e insuficiência renal são alguns dos sintomas.

"De acordo com alguns estudos, algumas raças podem ter predisposição para desenvolver o lúpus, como o setter irlandês, o pastor alemão, o poodle e beagle. Mas isso não quer dizer que outras estejam livres, já que é um distúrbio imunomediado multissistêmico. Embora seja uma doença incomum, é importante conhecer esta possibilidade", diz Bruna Fabro, médica-veterinária da Botupharma.

Já a Síndrome da Disfunção Cognitiva, semelhante ao mal de Alzheimer, pode afetar animais idosos. É uma doença neurodegenerativa, que altera as capacidades cognitivas.

Como sintomas, a veterinária cita mudanças no comportamento, como urinar e defecar em locais incomuns e durante o sono, tropeços e desorientação. Ela afirma que é um processo biológico complexo, que resulta em perda gradual de capacidade adaptativa e de memória, incluindo aprendizado.

"Caso identifique alguns desses sinais, consulte um especialista para saber como oferecer melhor qualidade de vida, quais os melhores tratamentos para impedir ou retardar a progressão dos sinais incluindo manejos comportamentais e ambientais."

O cuidado deve ser redobrado no caso da leucemia, já que o tratamento é mais eficiente quando iniciado nos primeiros estágios da doença.

Entre os sintomas estão febre, fraqueza, perda de apetite, gengiva com aparência ruim, hemorragia, respiração ofegante e perda de peso.

O tratamento inclui medicamentos contra dores e sessões de quimioterapia, além do cuidado do tutor para evitar deixar o animal sozinho.

"Cães e gatos podem ter diferentes tipos de leucemias que são classificadas quanto à linhagem celular envolvida, sendo a leucemia linfocítica e a leucemia mielóide geralmente as mais comumente observadas e conforme a progressão e maturação das células comprometidas, em aguda ou crônica", diz Bruna.

É sempre importante observar o comportamento e fazer consultas periódicas ao veterinário para que o diagnosticado precoce e o tratamento adequado ofereçam qualidade de vida ao animal.

Outra doença contemplada no Fevereiro Roxo é a fibromialgia. Nesse caso, pets podem ser importantes para o sucesso do tratamento.

Uma pesquisa da organização Mayo Clinic, dos EUA, separou em dois grupos 221 pacientes com a doença. Um participou de uma sessão de tratamento por 20 minutos com cão terapia e treinador e outro grupo só com o treinador.

O primeiro grupo registrou aumento nos níveis de oxitocina e diminuição dos batimentos cardíacos, ocasionado maior bem-estar e redução das dores.

"A pet terapia pode contribuir de excelente forma no tratamento de pessoas com doenças como depressão ou fibromialgia, pois o ser humano acaba desenvolvendo uma relação que envolve apreço e carinho, beneficiando os pacientes", afirma a veterinária.

Cachorro recebe assistência de veterinário Adobe Stock

Atletas da NBA dizem ter perdido milhões de dólares em golpe

Profissional dos bancos Morgan Stanley e Merrill Lynch foi banido do mercado financeiro após várias denúncias

ESPORTE

David W. Chen

THE NEW YORK TIMES Mais ou menos na época em que Lauren Holiday ajudou a seleção feminina de futebol dos Estados Unidos a vencer a Copa do Mundo em 2015, ela e seu marido, Jrue Holiday, jogador da NBA, visitaram o escritório de um corretor de títulos no sul da Califórnia.

Ele tinha sido recomendado ao casal como um assessor prudente para a realização de investimentos de longo prazo.

O corretor tinha trabalhado por duas décadas para empresas de primeira linha como os bancos Morgan Stanley, Wells Fargo e Merrill Lynch. Ele disse que sua especialidade era assessorar atletas de todos os esportes e que tinha mais de 70 atletas e ex-atletas profissionais em sua lista de clientes.

Mas, em vez de seguir "uma estratégia de investimento entre conservadora e moderada", os Holiday afirmam que o corretor Darryl Cohen direcionou US$ 2,3 milhões (R$ 11,9 milhões) do dinheiro deles a "indivíduos e entidades dúbios" —e agora a maior parte dessa quantia foi perdida.

Outros atletas disseram ter passado por experiências parecidas. Chandler Parsons e Courtney Lee, que também jogaram na NBA, disseram que Cohen e o Morgan Stanley desviaram US$ 5 milhões (R$ 25,8 milhões) e US$ 2 milhões (R$ 10,3 milhões) para investimentos inapropriados, e que a maior parte do dinheiro desapareceu.

Por isso, Parsons, Lee e os Holiday apresentaram uma queixa a uma organização de autorregulamentação financeira, a Autoridade Regulatória do Setor Financeiro (Finra, na sigla em inglês), que fiscaliza as corretoras de valores.

"Sinto-me invadido e que fui vítima de exploração", afirmou Parsons em uma declaração encaminhada ao jornal The New York Times por Phil Aidikoff, um advogado especializado em questões financeiras, de Beverly Hills, Califórnia, que representa os atletas mencionados e mais uma pessoa em queixas separadas apresentadas no ano passado.

Os casos dos atletas ainda estão a meses de distância de uma resolução por meio de acordo ou audiência de arbitragem, mas a Finra tomou medidas drásticas quanto a uma queixa separada, barrando Cohen de continuar trabalhando no mercado de valores mobiliários.

Ao se recusar a cooperar com o inquérito da Finra sobre "uso indevido de fundos de clientes", a organização afirmou, Cohen havia "prejudicado uma investigação sobre delito de conduta potencialmente graves".

Representantes do Morgan Stanley se recusaram a comentar. Porém, em documentos encaminhados às autoridades regulatórias, a empresa informou ter demitido Cohen em março de 2021 em razão de "transações não informadas ou aprovadas pelo Morgan Stanley".

Contatado pelo celular, Cohen respondeu que ligaria de volta. Ele não respondeu a uma mensagem posterior, e seu advogado, Brandon Reif, não quis comentar.

Os casos da Finra tipicamente são confidenciais e a documentação sobre eles não fica disponível publicamente. Aidikoff, afirmando que processos judiciais eram prováveis, não atendeu aos pedidos de entrevistas com seus clientes sobre o caso.

Mas o fato de que os atletas tenham decidido ir a público sublinha sua determinação de "garantir que a mesma coisa não aconteça a outras pessoas", disse Parsons, e de encorajar vítimas a se apresentarem.

Lee declarou em comunicado que acreditava que o Morgan Stanley colocaria os interesses de um cliente como ele, que investia com a empresa há muitos anos, em primeiro lugar. "Eu estava errado", ele declarou.

Os Holiday, conhecidos por seu envolvimento com filantropia, disseram: "Todos estamos expostos a exploração por pessoas como Darryl Cohen. Estamos decepcionados por uma companhia tão conhecida quanto o Morgan Stanley ter permitido que alguém como Cohen se colocasse em posição de transferir dinheiro das contas de clientes da maneira que ele fez".

Não faltam histórias sobre atletas famosos que foram enganados ou se envolveram em esquemas financeiros de alto risco.

Um relatório da Ernst & Young do ano passado informou que atletas profissionais reportaram prejuízos de quase US$ 600 milhões relacionados a fraudes no período 2004-2019. "A incidência de fraude nos esportes parece estar tendendo a piorar", afirma o texto.

Mas Parsons, Lee e os Holiday são um caso diferente, disse Aidikoff, porque eles fizeram o que muitos investidores comuns fazem: recorreram a uma grande corretora e a instruíram a tomar decisões de baixo risco e longo prazo.

> **Sinto-me invadido e que fui vítima de exploração. [...Estou determinado a] garantir que a mesma coisa não aconteça a outras pessoas**
>
> **Chandler Parsons**
> jogador de basquete

Jrue Holiday, 31, conquistou um título da NBA com o Milwaukee Bucks e uma medalha de ouro olímpica com a seleção de basquete dos Estados Unidos em Tóquio, no ano passado. Ele assinou uma extensão de contrato de quatro anos por US$ 134 milhões, em abril de 2021.

Holiday conheceu sua futura mulher, então Lauren Cheney, quando os dois eram alunos da Universidade da Califórnia. em Los Angeles, e a carreira dela no futebol levou a contratos de patrocínio com a Under Armour e a Chobani.

Parsons, 33, um arremessador preciso cujas melhores temporadas aconteceram no Houston Rockets e no Dallas Mavericks, se aposentou em janeiro, dois anos depois de um acidente de automóvel causado por um motorista embriagado. Seu último contrato, assinado em 2016, foi um acordo de quatro anos com valor de US$ 94 milhões, e ele investe em imóveis na região de Los Angeles.

Lee, 36, jogou pelos Mavericks, o oitavo time de sua carreira, em 2020, depois de assinar um contrato de quatro anos e US$ 48 milhões com o New York Knicks em 2016. Ele sofreu uma séria lesão no tornozelo em 2020, mas jogou golfe no ano passado em Thousand Oaks, Califórnia, com Parsons, Aaron Rodgers (o quarterback do Green Bay Packers) e outros.

Os atletas aparentemente obtiveram informações sobre Cohen de outras pessoas no mundo do basquete, entre as quais um ex-jogador da NBA que mais tarde se tornou assistente técnico, disse Aidikoff.

Cohen trabalhava em companhia de seu pai, Marc Cohen, na mesma agência do Morgan Stanley em Westlake Village, Califórnia. O pai dele não foi acusado de quaisquer violações e continua empregado pela firma, segundo mostram os registros.

Os Holiday foram apresentados a Darryl Cohen na metade de 2015; Parsons o conheceu no final do mesmo ano, e Lee em algum momento de 2017, de acordo com as declarações deles à Finra.

Na metade de 2020, um consultor de negócios de Parsons percebeu alguns detalhes estranhos nos investimentos do atleta com o Morgan Stanley.

Depois que Parsons contatou o escritório de Aidikoff, advogados descobriram que Cohen e o Morgan Stanley aparentemente tinham enviado cheques e transferências de dinheiro de contas de Parsons para entidades questionáveis, entre as quais uma suposta organização de caridade que construiu uma quadra de basquete no quintal da casa de Cohen.

Todos os atletas investiram em apólices de seguro de vida com base em informações enganosas fornecidas por Cohen, e usavam um contador recomendado por ele. Mas o contador na verdade era corretor de seguros, e a pessoa que assinava os documentos tributários dos atletas —pai do corretor de seguros— era um advogado que não os conhecia e nunca falou com eles.

Cohen foi alvo de algumas outras queixas, de acordo com os registros regulatórios.

Em março de 2021, Nyjer Morgan, que jogou beisebol por quatro times da Major League, aceitou um acordo no valor de US$ 125 mil (R$ 645 mil) para encerrar um processo sobre uso impróprio de "uma linha de acesso a liquidez usada para emprestar fundos a entidades de negócios externas".

Um ex-cliente de Cohen, também atleta profissional aposentado, disse ao New York Times que havia decidido recorrer ao corretor por referências de amigos e depois de um jantar de vendas no qual Cohen lhe mostrou tabelas de resultados financeiros.

Mas, um ano mais tarde, quando o cliente percebeu transações financeiras que lhe pareceram estranhas —e perdeu dezenas de milhares de dólares como resultado delas—, ele ficou alarmado e instruiu seu agente a encontrar outro corretor.

"É doloroso e algo que você não esquece", disse o atleta, que pediu que seu nome não fosse revelado, para evitar ter de reviver publicamente a experiência.

Tradução Paulo Migliacci

> **Estamos decepcionados por uma companhia tão conhecida quanto o Morgan Stanley ter permitido que alguém como Cohen se colocasse em posição de transferir dinheiro das contas de clientes da maneira que ele fez**
>
> **Lauren e Jrue Holiday**
> atletas

Jrue Holiday, do Milwaukee Bucks, durante partida contra o Dallas Mavericks Kevin Jairaj - 23.dez.21 /USA Today Sports

Pessoas caminham para embarcar em trem que sai de Kiev para Lviv, na Ucrânia Gleb Garanich/Reuters

Ucranianos têm futuro incerto no Ocidente

Cidadãos carregam pouca comida, mas podem contar com solidariedade de compatriotas ao longo da lenta viagem

MUNDO

Valerie Hopkins

VIITIVTSI (UCRÂNIA) | THE NEW YORK TIMES As famílias chegaram a uma pequena pré-escola de duas salas à 1h, exaustas depois da longa viagem de suas casas em Cherkasy, a 480 km de distância. Com medo da invasão russa, decidiram que era hora de partir rumo às regiões mais seguras do oeste da Ucrânia, ao lado de dezenas de milhares de pessoas.

A viagem foi demorada. As estradas estavam congestionadas, cheias de ucranianos partindo no mesmo êxodo. Quando se acomodaram para dormir por algumas horas em camas feitas para crianças de quatro anos, sirenes começaram a tocar no prédio administrativo vizinho, alertando para um ataque aéreo.

Na manhã seguinte, com neve caindo no pátio, Karolina Tupitska, 11, e sua irmã menor, Albina, escovaram os dentes, brincaram com um cachorrinho e prepararam o espírito para mais um longo dia na estrada. Estavam indo para a Polônia com a mãe delas, Lyuba. "Meus avós e meu pai ficaram em Cherkasi", contou Karolina, dizendo que ficara triste por não poder levar seu hamster branco, Pearl.

Na Ucrânia, todos que possuem meios para isso estão na estrada, deslocados por uma guerra que parecia inimaginável, mas que acabou chegando. As pessoas fogem do perigo físico, é claro — os ataques de artilharia que já destruíram hospitais, praças e prédios de apartamentos—, mas também do desespero das condições de guerra evidentes na escassez de alimentos, perda do trabalho e falta de medicamentos.

Mais de 1 milhão de ucranianos fugiram para países vizinhos nos últimos sete dias, segundo a ONU.

Outro milhão está deslocado dentro de seu país. Organizações humanitárias descrevem o que está acontecendo como uma das maiores crises humanitárias na memória recente.

A União Europeia disse na quinta (3) que dará proteção legal temporária a ucranianos para viverem e trabalharem no bloco por até três anos. Os EUA também informaram que oferecerão status protegido temporário a ucranianos.

Irina Boicharenko, 19, que também veio de Cherkasi, dormia numa das salas da pré-escola com sua família. As paredes da escola estavam pintadas com quadrinhos da era soviética: um lobo tocando acordeão, um asno como uma balalaica e um urso usando "vishivanka", um traje ucraniano tradicional.

"Entrei no carro e comecei a chorar", contou Irina. "Comecei a chorar porque me dei conta: estou deixando meu país, fugindo da guerra. É uma sensação horrível."

A principal rodovia nacional em sentido oeste, a E-50, está congestionada. O trajeto de Kiev a Lviv, que normalmente leva sete horas de carro, está levando dias. Os carros precisam passar por dezenas de postos de controle improvisados com barreiras antitanque de aço e postos de observação de concreto.

Partes do leste e sul da Ucrânia estão sendo esvaziadas de seus habitantes. Na quinta, o tráfego estava tão parado que as pessoas estavam tendo que fazer as necessidades fisiológicas numa valeta ao lado da estrada. As prateleiras dos postos de combustíveis ao longo do caminho estavam quase vazias. A maioria das famílias, como a de Irina, levou comida suficiente de casa para lhes durar alguns dias.

Mas ao longo do caminho também se viam alguns sinais animadores. A bandeira ucraniana —amarela para representar trigo, e azul para indicar o céu— era visível em toda parte, numa manifestação de solidariedade e orgulho nacional que tomou conta desse país de 44 milhões de habitantes desde que a Rússia o invadiu pela primeira vez em 2014.

Em hotéis superlotados, famílias locais ofereciam colchonetes e cobertores para viajantes que buscavam espaços para dormir nos corredores.

Em muitas ruas e estradas veem-se outdoors criticando os russos. Uma mensagem comum é uma frase obscena em russo dirigida aos soldados.

É um meme que começou depois de soldados ucranianos numa ilha terem gritado o mesmo xingamento a um navio militar russo. Os soldados foram feitos prisioneiros, mas o incidente, que foi filmado, acabou representando a resiliência com que muitos ucranianos, incluindo o presidente, vêm enfrentando uma guerra que não queriam.

> “
> No começo as pessoas estavam dormindo em cima de caixas de papelão, mas lançamos um pedido de ajuda e, em questão de horas, havia gente doando colchonetes, travesseiros e cobertores. Ninguém consegue ficar indiferente
>
> **Larisa Mahlyovana**
> proprietária de hotel

Em outros lugares, a sinalização de estradas havia sido removida, atendendo às ordens de autoridades municipais, numa tentativa de confundir os invasores russos.

Um viajante, Anton, contou que estava levando sua família de carro de Kiev à cidade de Ternopil, no oeste, depois de terem passado cinco noites num abrigo antibombas.

Como outras pessoas entrevistadas para esta reportagem, Anton só quis informar seu primeiro nome, temendo por sua segurança. Ele disse que estava otimista, apesar das dificuldades, devido à união e à força que o Exército de seu país vem demonstrando contra os russos.

Anton não é o único a acreditar numa vitória da Ucrânia. Simultaneamente ao fluxo pesado de refugiados em direção oeste, o trânsito também era pesado nas pistas em direção leste, rumo a Kiev. Segundo um post no Facebook da agência ucraniana de segurança nas fronteiras, mais de 50 mil cidadãos ucranianos residentes no exterior retornaram ao país para engrossar as fileiras do esforço de guerra.

Num hotel em Viitivtsi chamado Ninho da Andorinha, hóspedes lotavam todos os cantos disponíveis.

Uma mulher e sua filha dormiam num saguão do segundo andar, debaixo de um piano. Do lado de fora, carros faziam fila à margem da estrada.

Com o toque de recolher das 20h chegando perto, seus ocupantes tentavam ver onde poderiam dormir. A proprietária do hotel, Larisa Mahlyovana, disse que antes da guerra o estabelecimento era usado para casamentos. Agora, porém, está lotado de pessoas em busca de abrigo. Ela as está acolhendo gratuitamente.

"No começo as pessoas estavam dormindo em cima de caixas de papelão, mas lançamos um pedido de ajuda e, em questão de horas, havia gente doando colchonetes, travesseiros e cobertores", contou Mahlyovana. "Ninguém consegue ficar indiferente."

Para a mulher dormindo debaixo do piano, Natasha, era a segunda vez que fugia para o Ocidente desde que a Rússia invadiu a Ucrânia em 2014.

Natasha tem 36 anos e veio originalmente de Luhansk, enclave separatista russo no leste do país. Sua filha de 7 anos "nasceu debaixo de bombas", disse ela, que depois disso abandonou a região e radicou-se num subúrbio de Kiev. Conseguiu trabalho como costureira e fez amizade com outra pessoa fugida do outro território separatista, Donetsk. Agora ela está fugindo novamente.

"Já reconstruí minha vida uma vez", disse, enquanto sua filha brincava com uma vela.

Uma sirene tocou, alertando para um ataque aéreo, e todos os presentes desceram por uma escada metálica para o porão gelado. Segurando sua filha no colo, Natasha a beijou e lhe disse que tudo ficaria bem.

Quando saiu do abrigo, ela disse que estava feliz porque, desta vez, pelo menos, o mundo está prestando atenção. "Graças a Deus que agora o mundo inteiro está do nosso lado", comentou.

Tradução Clara Allain

Ucranianos em abrigo improvisado no Torwar Sports Hall, em Varsóvia, na Polônia Slawomir Kaminski/Agencja Wyborcza.pl via Reuters

Embarque em trem de evacuação na estação ferroviária central de Kiev Gleb Garanich/Reuters

Família ucraniana se abraça perto da fronteira de Medyka, na Polônia Fotos Kai Pfaffenbach/Reuters

Confronto divide as famílias que possuem raízes nos dois países

Devido à história interligada, muitos têm parentes em ambos os lados da fronteira, agora opostos no conflito

Emma Bubola

THE NEW YORK TIMES Em sua infância na cidade russa de Volgogrado, Nina Riakhovskaia cresceu com sua prima menor. Brincando de patinadoras, as duas deslizavam de meias sobre o piso de madeira da casa da avó delas. Confiavam seus segredos e amores uma à outra.

Hoje Riakhovskaia tem 40 anos e vive em Kiev com seu marido, ucraniano. Recentemente ela telefonou à sua prima em Volgogrado para lhe dizer que os russos estavam invadindo a Ucrânia. Sua prima não acreditou que havia uma invasão. Disse a ela que a Rússia estava apenas conduzindo uma operação contra nazistas no país vizinho.

Falando por chamada de vídeo de uma casa no campo perto de Kiev para onde fugiu com o marido e o filho de 7 anos quando a invasão russa começou, Riakhovskaia disse: "Isso me faz sentir que estamos distantes para sempre. Não consigo perdoá-los. Não posso perdoar o fato de fazerem parte disso."

Devido à história complexa e interligada de seus países, muitos ucranianos e russos têm familiares de ambos os lados da fronteira e que agora se veem em lados opostos da guerra.

O conflito desencadeado pelo presidente da Rússia, Vladimir Putin, ultrapassou as linhas de frente e invadiu as famílias de muitos ucranianos e russos, tanto em seus dois países como nas comunidades ucranianas e russas pelo mundo afora.

A guerra já criou rixas familiares e levou algumas pessoas a temerem que seus parentes possam ferir uns aos outros na batalha.

"Tenho primos dos dois lados", disse Dan Hubbard, professor da Universidade de Mary Washington, na Virgínia. "Tenho muito medo de eles matarem uns aos outros."

Hubbard, 64, foi criado nos Estados Unidos por sua mãe, que era russa, e por sua bisavó, ucraniana. Ele recorda com saudades de como as duas costumavam dividir uma torta de repolho, jogar baralho e zombar do sotaque uma da outra.

Hoje alguns membros de sua família vivem perto de Moscou, e outros nos arredores de Kharkiv, a segunda maior cidade ucraniana, que está sendo assediada pelas forças russas. Seus primos russos e ucranianos têm idade suficiente para se alistarem no Exército.

Hubbard disse que está evitando assistir aos telejornais porque isso lhe causa sofrimento. "Sinto pelos dois lados, porque os rapazes russos nem sequer sabem por que estão lá", ele disse. "Meus primos estão se matando por causa da fantasia de um louco."

Zoia, 25, trabalha numa empresa de cosméticos em São Petersburgo. Sua mãe é russa e seu pai, ucraniano.

Ela cresceu perto de Moscou, mas sua avó paterna falava com ela em ucraniano, lia para ela poemas ucranianos e cantava canções ucranianas.

"Esse conflito é como quando os nossos pais brigam", disse Zoia, que, como várias outras pessoas entrevistadas para esta reportagem, pediu para ser identificada apenas pelo primeiro nome por temer repercussões na Rússia. "Você não pode optar entre sua mãe e seu pai, porque você ama os dois."

Numa sondagem de 2011, 49% dos ucranianos disseram ter parentes na Rússia. E um estudo de 2015 apontou que havia 2,6 milhões de cidadãos ucranianos vivendo na Rússia.

Com mãe russa e pai ucraniano, Alona Cherkasski cresceu em Moscou, mas passava os verões em Odessa, na Ucrânia, onde moravam seus avós. Adulta, ela se orgulha de sua ascendência dupla. Mas, com a invasão russa, isso virou fonte de sofrimento para ela.

"Sinto como se fosse um ataque muito pessoal", disse Cherkasski, 45, que hoje vive em Londres.

Seu primo Georgi, 44, é russo, profissional de animação e mora em Moscou com a mulher, que vem de Odessa, a cidade litorânea onde a Marinha russa aportou durante a invasão. Ele disse que até recentemente sua esposa não diferenciava sua identidade ucraniana de sua identidade adotiva russa.

"É claro que, desde que começaram a jogar bombas sobre seu país, ela está se vendo mais como ucraniana", disse Georgi.

O vínculo de parentesco entre russos e ucranianos descritos por tantas pessoas de origem mista também é enfatizado por Putin, que já observou várias vezes que os dois países compartilham um passado comum.

Mas, enquanto para muitos essa proximidade torna a invasão ainda mais devastadora, para Putin ela justificou as hostilidades. "Por um lado, nosso presidente nos diz que somos um só povo", disse Georgi, "mas, por outro, ele os está bombardeando".

Olena, filha de mãe russa e pai ucraniano, disse que seus pais estão num subsolo, escondendo-se das bombas russas na região ucraniana oriental de Sumi, perto da fronteira russa.

Ela contou que cresceu nos dois países, falando um misto das duas línguas, lendo literatura de ambos os países e ouvindo um misto de música pop de ambos.

Hoje ela vive na França, lê contos de fadas russos e ucranianos para seus filhos e canta canções de ninar dos dois países. Mas desde a invasão russa, seus filhos começaram a perguntar qual é o país deles.

"Como posso dizer a eles que sou mais russa ou mais ucraniana?" ela perguntou. "Nunca precisei fazer isso."

Na casa onde está abrigada, na zona rural ucraniana, Riakhovskaia disse que está passando muito frio porque, quando saiu de Kiev, estava em choque e só levou roupas de verão. Agora ela passou a ter medo do escuro. À noite, ela e sua família só usam faroletes. Evitam acender as luzes da casa, para não chamar a atenção de tropas russas.

O desentendimento com sua família na Rússia apenas intensificou sua aflição. "É ainda mais difícil, porque você perde seus parentes", disse. "Eles não acreditam em uma pessoa que conhecem desde que éramos crianças. Acreditam na televisão."

Tradução Clara Allain

> Sinto pelos dois lados, porque os rapazes russos nem sequer sabem por que estão lá. Meus primos estão se matando por causa da fantasia de um louco
>
> **Dan Hubbard**
> professor

Refugiados enfrentam o frio enquanto esperam do lado de fora de estação em Lviv

Cerca de 7.000 cientistas escrevem carta aberta a Putin contra a guerra

CIÊNCIA

PARIS | AFP Quase 7.000 cientistas, matemáticos e acadêmicos russos enviaram na quinta-feira (3) uma carta aberta ao presidente Vladimir Putin para protestar "energicamente" contra a guerra na Ucrânia.

"Nós, cientistas e jornalistas científicos que trabalham na Rússia, protestamos energicamente contra a invasão militar da Ucrânia lançada pelo Exército russo", escreveram em uma carta publicada pelo site de notícias trv-science.ru.

Os mais de 6.900 signatários da carta enfrentam multas ou penas de prisão sob a legislação aprovada há alguns anos, que permite que as autoridades russas processem qualquer cidadão que critique o governo.

O Parlamento russo iniciou discussões sobre um projeto de lei que deve endurecer ainda mais as sanções contra aqueles que se opõem à guerra na Ucrânia.

"Os valores humanísticos são a base sobre a qual a ciência é construída. Os muitos anos dedicados a consolidar a reputação da Rússia como um importante centro matemático foram completamente frustrados pela agressão militar sem precedentes realizada por nosso país", lamentam os cientistas.

O Congresso Internacional de Matemáticos, a "conferência de matemática mais prestigiosa do mundo", que aconteceria na Rússia no mês de julho, foi cancelado, de acordo com as denúncias.

Em sua opinião, o objetivo de se tornar uma grande nação científica "não pode ser alcançado quando as vidas de nossos colegas mais próximos —cientistas ucranianos— estão em perigo pelo exército russo".

"Estamos convencidos de que nenhum interesse geopolítico pode justificar as mortes e o banho de sangue. A guerra só levará à perda total do nosso país, pelo qual trabalhamos", acrescentaram.

Série 'Law & Order' volta ao ar após 12 anos

Sam Waterson retoma o incorruptível procurador Jack McCoy e diz que trama policial trará questões sociais atuais

F5

Alexis Soloski

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES "Law & Order" estreou na rede de televisão americana NBC em 1990. Era uma série policial que acompanhava cada história de dois pontos de vista. Na primeira metade do episódio, o foco era a investigação de um crime. Na segunda, o processo judicial contra o acusado.

Entre os membros originais da série estava Michael Moriarty, que interpretava Ben Stone, um procurador assistente de Justiça. Na quarta temporada, ele deixou a série sob circunstâncias controversas.

Segundo conta Dick Wolf, criador de "Law & Order", Warren Littlefield, então presidente da NBC, questionou se a série poderia continuar sem seu protagonista. Wolf acreditava que sim. "Tenho duas palavras para você: Sam Waterston", disse ele ao executivo.

Era 1994, Waterston tinha acabado de encerrar sua participação em "I'll Fly Away", um drama da NBC sobre direitos civis, e não estava interessado em trabalhar em uma série policial. Formado ator clássico, ele nunca teve expectativas de assumir um personagem na televisão.

Mas ainda assim ele aceitou o convite para interpretar o incorruptível procurador assistente Jack McCoy por uma temporada. "Eu não achava que ficaria lá por muito tempo", disse Waterston.

Naqueles anos, "Law & Order" se tornou uma referência cultural e uma franquia que deu origem a numerosos títulos (em uma época em que não era comum que séries policiais gerassem produções derivadas).

Waterston continuou a ser por muito tempo a cara do programa. Quando a NBC cancelou a série, em 2010 por baixa audiência (menos da metade do pico atingido na década anterior), ele primeiro voltou ao teatro clássico e mais tarde retornou às séries com papéis em "The Newsroom", da HBO, e "Gracie and Frankie", da Netflix.

Até que, em uma reviravolta digna de um episódio de "Law and Order", o programa voltou ao ar, mais uma vez com Waterston comandando o lado da Procuradoria.

> **Se você estudar a maneira pela qual os policiais se comportavam no passado, havia muitas ocasiões em que a audiência era convidada a desaprovar sua forma de comportamento. Agora isso está ainda mais presente**
>
> Sam Waterson, que interpreta Jack McCoy em 'Law and Order'

O primeiro episódio do retorno estreou no dia 24 de fevereiro nos Estados Unidos, na NBC. No Brasil, ainda não há previsão de estreia.

Waterston está também em "The Dropout", minissérie do streaming Hulu baseada no escândalo da Theranos, e nos episódios finais da sétima e última temporada de "Gracie and Frankie", que chegam em abril na Netflix.

"É um momento realmente doce para mim", diz o ator, dando um gole cauteloso em uma terrina de canja de galinha. "Eu sempre quis provar que era capaz de fazer muitas coisas diferentes."

Waterston afirma que seu lema é um verso do musical "A Chorus Line", sobre o desejo de um ator de tentar tudo: "Posso fazer isso! Posso fazer isso!" E agora, ele fez.

A conversa com Waterston aconteceu em um dia de chuva no Central Park, em Nova York. Ele estava protegido do dia frio por um chapéu de abas largas, um casaco de couro e um guarda-chuva que manteve fechado.

A pedido do ator, a entrevista seguiu no Delacorte Theater, que abriga o festival Shakespeare in the Park e foi local de alguns de seus triunfos no começo da sua carreira: Benedick em "Muito Barulho por Nada", o duque em "Medida por Medida", e Hamlet em "Hamlet".

Waterston caminhou pelo palco com as bochechas vermelhas e os olhos reluzentes, como se visse ali uma mistura do trabalho que ele realizou nos últimos 60 anos.

"O Delacorte recebeu luz verde para uma reconstrução completa", contou ele. "Isso é simplesmente ótimo."

Waterston, um sujeito franco, brincalhão e com um lado melancólico, nunca precisou de muita renovação, embora tenha se reinventado como ator mais de uma vez.

A visita dele ao Delacorte parecia um esforço para encontrar a linha central de uma carreira frenética. "O que é bacana em envelhecer é que é possível contemplar o passado e perceber que na verdade valeu a pena ter feito tudo aquilo."

Waterston começou cedo, interpretando um pequeno papel em uma peça dirigida por se pai, que era professor em uma escola preparatória em Massachusetts. Em Yale, ele continuou a atuar. Ainda se recorda de uma noite mágica em que interpretou Lucky em "Esperando Godot" e sentiu que ele e a audiência estavam "em uma incrível bolha de comunicação e compreensão mútua".

Ele não era capaz de imaginar uma carreira no show business —"uma profissão para loucos". Em Yale, estudou coisas mais sensatas, como francês e história. Fez um ano na Universidade Sorbonne. Mas não conseguiu se fazer desistir do palco. "É uma diversão interminável. Comparado a outros tipos de trabalho, por que é que eu desejaria fazer outra coisa?", explica.

Inicialmente, os papéis que apareciam eram principalmente cômicos, talvez por conta de sua figura alta e desengonçada e de sua cara de peregrino —rosto longo, nariz adunco, sobrancelhas soberbas. Ele lembra um pouco uma versão bonita de Abraham Lincoln. Waterston contesta a descrição "bonito".

Os papéis dramáticos começaram a chegar anos mais tarde. Depois vieram os filmes, e depois a televisão, na qual ele muitas vezes interpretava papéis baseados em pessoas reais. ("As pessoas sabiam que eu gostava de fazer Shakespeare. E um cara que gosta de fazer Shakespeare deve ser sério", afirma.)

Mesmo que se esforçasse para demonstrar a amplitude de suas capacidades, algumas constantes permaneciam, como o interesse ávido por personagens que vivessem dilemas morais, pessoas com um lado teatral, mas também dotadas de gravidade natural.

"Apesar de todo o seu treinamento, ele tem uma incrível capacidade de ficar em silêncio na tela", disse Elizabeth Meriwether, showrunner de "The Dropout". "O espectador percebe que ele está pensando na tela e isso é realmente raro."

E não importa qual seja o papel, ele sempre pareceu um homem em que se pode confiar. Stephen Colbert certa vez o apresentou como "o sujeito que mais parece confiável nos Estados Unidos".

"Law & Order" surgiu em um momento no qual ele estava começando a se preocupar sobre como bancaria os cursos universitários de seus quatro filhos. Três atores como o pai —James, Katherine e Elisabeth Waterston— e o cineasta Graham Waterston.

O salário era decente e a série era gravada em Nova York, não muito longe da fazenda em que a família morava em Connecticut. "Veio exatamente no momento certo. E me ajudou a evitar problemas. Me ajudou a não fazer coisas realmente estúpidas."

Que coisas estúpidas exatamente? "Bem, sei lá quais teriam sido as coisas estúpidas. Mas todo mundo sabe que coisas estúpidas é o que não falta", resume ele.

"Law & Order" fez mais do que prevenir uma crise de meia-idade para o ator. Popular, influente e respeitosa para com a audiência, a série transformou muitos integrantes de seu elenco em astros. Até mesmo o efeito sonoro que a série empregava para denotar cortes de cena se tornou famoso.

Em pouco mais de dez anos, "Law & Order" tinha dado origem a diversos programas derivados, entre os quais "Law & Order: Special Victims Unit", que superou "Gunsmoke" e se tornou a série mais duradoura de todos os tempos na televisão americana, atualmente em sua 23ª temporada.

A série ajudou a estabelecer Nova York como polo de produção de ficção, aproveitando a ampla disponibilidade de atores de teatro. Qualquer artista medianamente conhecido da cidade certamente tem pelo menos um episódio de "Law & Order" em seu currículo.

O formato de história dupla da série, que Waterston descreve como um mistério criminal seguido por um mistério moral, provou ser indestrutível. Todos os membros do elenco original deixaram a série, mas "Law & Order" continuou. Para os nostálgicos, as temporadas 11 a 20 estão disponíveis no streaming Amazon Prime Video.

Mas ainda assim alguns personagens —o McCoy de Waterston, o Lennie Briscoe de Jerry Orbach (12 temporadas), a Anita Van Buren de S. Epatha Merkerson (17 temporadas)— se tornaram marcos da produção: pessoas trabalhadoras, incorruptíveis, determinadas a fazer justiça.

O formato sempre dependeu de estruturas e ritmos fixos. Nas primeiras temporadas, McCoy tinha cenas parecidas em cada episódio: interrogatórios, reuniões com o juiz, argumentos finais no tribunal. Isso poderia ter se tornado repetitivo, mas nas mãos de Waterston, a fórmula raramente pareceu genérica.

> **Acho que deve existir quem consiga só colocar o velho terno e pronto, cena concluída. Mas acredito que faça bem para um ator estar sempre no limite da incerteza. [...] Se todas as questões sobre como interpretar Jack McCoy já estiverem resolvidas por que fazer o trabalho?**
>
> idem

"Ele torna o seu papel e os diálogos infinitamente interessantes", afirma Dick Wolf. "Isso requer um grau de talento e de humanismo que pouca gente possui."

Depois de 12 temporadas, o ritmo de trabalho parecia fatigante demais para Waterston. Em 2007, ele aceitou com alegria uma mudança para um papel menos sacrificado, o de procurador público, deixando as cenas de julgamento para atores mais jovens.

Às vezes, em suas temporadas finais, Waterston se arrependia de não ter saído de vez da série. "Eu ficava imaginando se não tinha permanecido por tempo demais no baile", lembra. E por fim a decisão de parar aconteceu para a série inteira e não só para ele.

Mas quando "Law & Order" voltou, ele aceitou participar do retorno —em parte como cortesia a Wolf e em parte como uma espécie de comemoração final. "É agradável voltar e poder contemplar aquilo que fizemos", diz.

Caminhar pelos sets reconstruídos, agora instalados em Long Island City, lhe pareceu um sonho, conta. Mas, como fez em 1994, ele assinou um contrato de apenas um ano.

Anthony Anderson, um veterano de temporadas passadas da série, também está de volta, mas os demais integrantes do elenco —entre os quais Hugh Dancy e Odelya Halevi como procuradores distritais assistentes— são todos novatos na franquia.

Halevi cresceu assistindo a Waterston. Ela gostava de fingir que era "a McCoy fêmea", conta. Quando chegou ao set —empolgada, nervosa e esquecendo alguns diálogos—, Waterston a lembrou de que eles estavam lá para se divertir.

Para Waterston, boa parte dessa diversão vem do mistério moral descrito por Wolf e da maneira pela cada episódio se conecta a uma questão social pertinente.

"Já gravamos três episódios até agora", contou Waterston, terminando sua sopa. "E cada um deles é sobre algo que está dilacerando o país. Na atmosfera atual, acho que isso é bacana demais."

A atmosfera atual inclui uma perda de confiança nas instituições do governo, especialmente a polícia. Embora alguns espectadores possam querer debater o ponto, Waterston acredita que havia críticas à polícia incorporadas à série desde o começo.

"Se você estudar a maneira pela qual os policiais se comportavam no passado, havia muitas ocasiões em que a audiência era convidada a desaprovar sua forma de comportamento. Agora isso está ainda mais presente", disse.

Essa tensão está no episódio de estreia. O procurador Jack McCoy diz a um colega mais jovem que "gostemos ou não disso, aquele grande e malvado departamento de polícia é nosso parceiro".

Depois de tantos anos, esse parece o tipo de cena que Waterston seria capaz de interpretar dormindo. Mas essa não é o método dele.

"Acho que deve existir quem consiga só colocar o velho terno e pronto, cena concluída. Mas acredito que faça bem para um ator estar sempre no limite da incerteza", diz.

Além disso, Waterston mudou nos dez anos desde o final da série, o que significa que McCoy também teria mudado. "Se todas as questões sobre como interpretar Jack McCoy já estiverem resolvidas, definidas e acertadas, por que fazer o trabalho?", diz ele.

Tradução Paulo Migliacci

Sam Waterston (terceiro da direita para esquerda) e os demais protagonistas da nova temporada de 'Law and Order' Divulgação/NBC